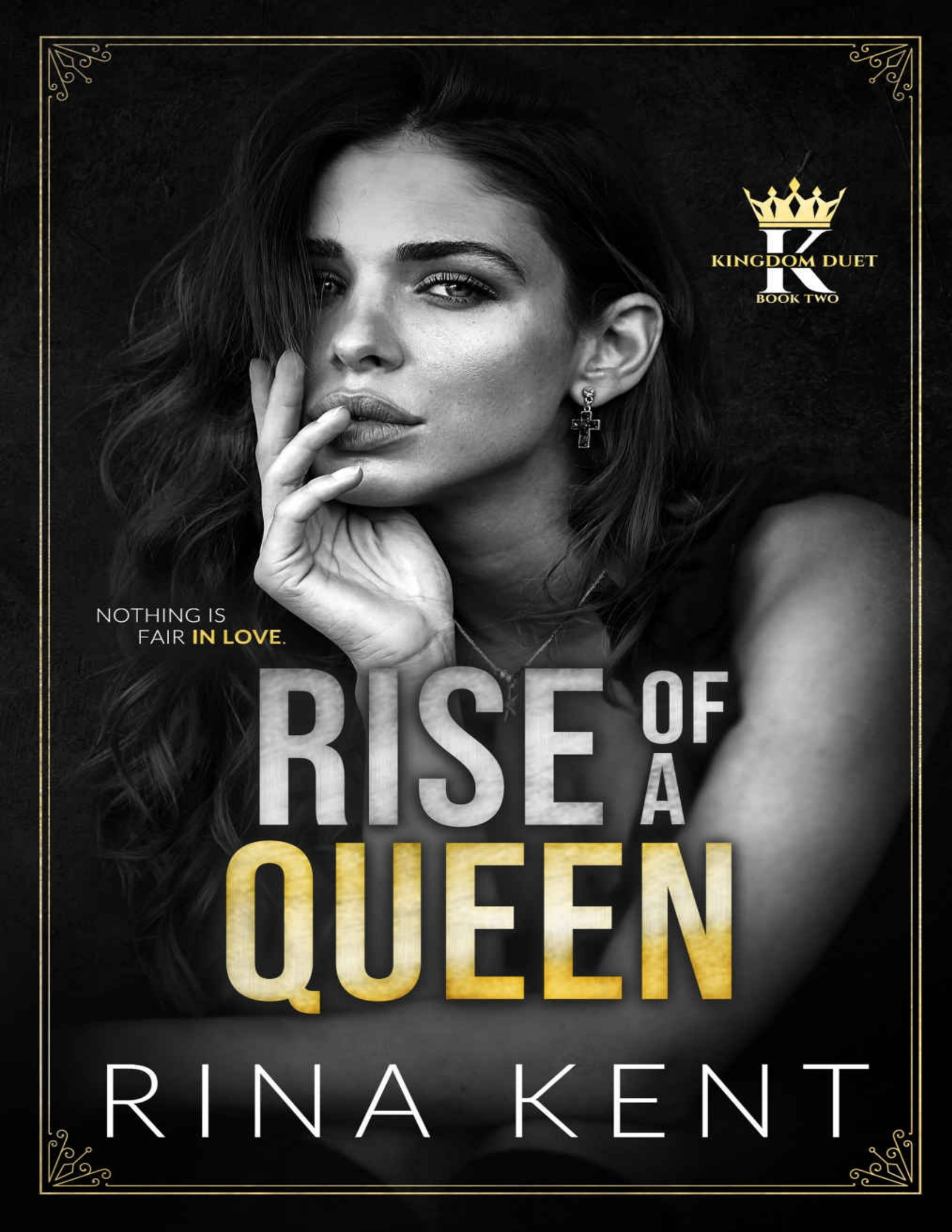
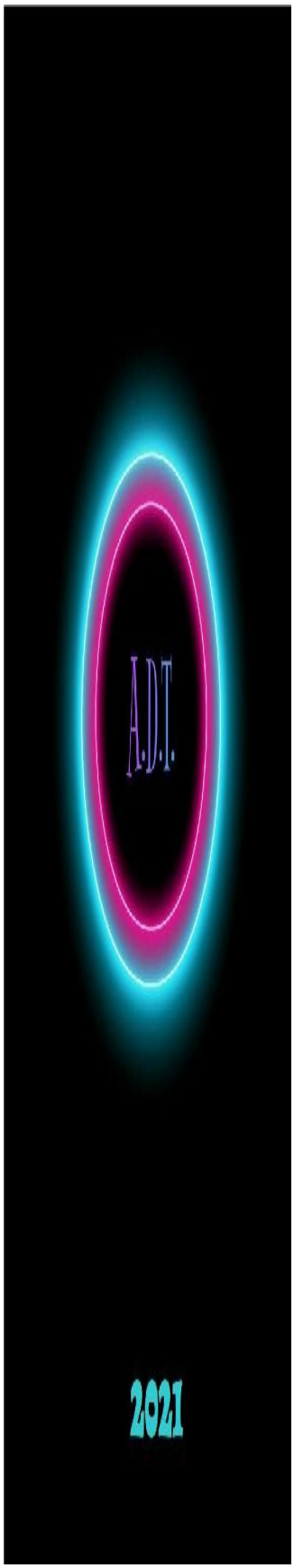

KINGDOM DUET
BOOK TWO
NOTHING IS
FAIR IN LOVE.
RISE OF A
QUEEN
RINA KENT


A.D.T.
2021

Sinopse

Nada é justo no amor.

Este é meu reino. Meu território.

Eu possuo tudo e controlo todos, incluindo Aurora.

Ela não deveria ter invadido meu mundo sem armadura.

Ela não deveria ter chamado minha atenção sem nenhum aviso.

Infelizmente, ela fez.

Então ela pensou que poderia desaparecer.

Se uma batalha é o que será necessário para protegê-la e possuí-la, eu derramarei sangue.

Guerras não são justas, nem eu.

Lançamento
RISE OF A QUEEN
RINA KENT
Distribuído
RULE OF A KINGDOM
RINA KENT
REIGN OF A KING
RINA KENT

Para reis & rainhas.

Playlist

Epilogue – Normandie

What I’ve Done – Linkin Park

Everything I Wanted – Billie Eilish

Broken & Beautiful – Kelly Clarkson

What Have You Done – Within Temptation & Keith Caputo

Valentine’s Day – Linkin Park

In My Remains – Linkin Park

Soul on Fire – The Last Internationale

I Hate Everything About You – Three Days Grace

Demons – Written by Wolves

Bottom Of The Deep Blue Sea - MISSIO

So Cold – Ben Cocks & Nikisha Reyes-Pile

Lonely – Nathan Wagner

Control – Zoe Wees

True Love – Coldplay

Sparks – Coldplay

Til Kingdom Come – Pop Evil

The Reckoning – Within Temptation & Jacoby Shaddix

Prayers For The Damned – Sixx:A.M.

Capítulo Um

Jonathan

Vinte e dois anos atrás

Eu nunca gostei de funerais.

Especialmente quando é da minha mãe.

A pretensão e a falsa simpatia, ou mesmo as lágrimas verdadeiras, são todas inúteis. Por que chorar por alguém que nunca mais voltará? Eles não podem ouvir você, então o ponto principal por trás do choro é o egoísmo.

As pessoas não choram pelos mortos. As pessoas choram por causa da corrida incontrolável de suas próprias emoções.

As nuvens cinzentas se condensam à distância, formando uma camada espessa sobre a outra até o ar ficar quase preto. Parece que o céu também pode começar a chorar.

Mas por que haveria? Ele ao menos conhecia a mulher deitada no caixão?

As pessoas ao redor, jogando suas flores de tulipa favoritas também não a conheciam. Eles fingem que sim, porque ela passou a vida inteira correndo entre instituições de caridade e gastando dinheiro que não tínhamos.

Não que Gregory, meu pai, tivesse dito a ela para fazer o contrário. Ele se importava com o bem-estar dela o suficiente para engolir a faca com seu sangue.

Eu tomo um gole do meu pequeno estoque de uísque que roubei do meu irmão, James, e deixo a queimadura acalmar minha garganta. Ele provavelmente vai me matar, mas eu não preciso dele bêbado neste dia, de todos os dias. Pelo menos estou no controle total de minhas ações e de mim mesmo.

Meu pai está prestes a desmoronar e se James cair também... bem, que se foda, eu posso carregar os dois.

Sento nos fundos do cemitério, em frente a um túmulo que parece ter algumas décadas. Camadas de poeira cobrem a pedra e a escrita foi apagada pelo tempo. Os dejetos das aves grudam nele como uma segunda pele. Um dos mortos esquecidos.

—Aí está você.

Eu não levanto minha cabeça enquanto meu melhor amigo, Ethan, senta ao meu lado. Ele está vestindo um terno preto e seu cabelo claro, que geralmente deixa ao acaso, está estilizado e bem cuidado.

Pelo menos ele se vestiu para a ocasião. Foi preciso um funeral para isso.

Por um momento, ele permanece em silêncio, seu ombro não muito longe do meu enquanto nós dois olhamos para o túmulo esquecido com sua aparência desagradável e os excrementos dos pássaros.

Sou eu quem quebra o silêncio. —Você acha que o túmulo dela será como este daqui a vinte anos?

—Não se você tiver uma palavra a dizer sobre isso.

—Verdade.

—Você vai voltar lá? — Ele hesita, sua voz se transformando em simpatia. —Seu pai e James não estão indo muito bem.

—Quando eles fizeram isso?

—Eles precisam de você, Jon.

—Eles precisam de falsas promessas e de uma máquina para voltar no tempo. Eu não tenho nenhum desses.

—Então você só vai ficar aqui?

—Por enquanto, sim. Cai fora se a companhia te aborrece.

—Vai se foder. — Ele pega minha bebida e dá um longo gole. —Eu nunca te deixaria em um dia como este.

—Deixe o meloso para Agnus.

—Que se foda novamente. Vou te dar um passe para ser um pau hoje.

—Como se eu precisasse do seu passe. — Eu zombo enquanto puxo minha garrafa de volta e bebo o líquido, me deleitando com a queimadura que cobre minha garganta antes de se estabelecer no meu estômago vazio.

Eu mal comi hoje e isso foi apenas porque eu precisava de energia para permanecer de pé. Para mim, comer e fazer atividades físicas não são coisas que eu gosto, mas eu as faço religiosamente de qualquer maneira, porque não preciso que minha saúde atrapalhe as tramas do meu cérebro.

—Tudo bem se você demonstrar emoções, Jonathan. Você não tem que prender tudo.

—O que você faz com as emoções? — Eu inclino minha cabeça para o lado, observando ele. —Você lucra com elas?

Seus olhos claros suavizam nos cantos. —Ela era sua mãe.

—Mostrar emoções vai trazer ela de volta? Devo passar por um episódio como James e destruir a casa inteira, ou devo desmoronar como meu pai, então está escrito em algum registro que eu fiquei de luto por ela?

—Entendi. Você quer ser forte por eles.

—Não é uma escolha, Ethan. Eu tenho. Meu pai não consegue planejar a porra do dia dele sem ela e James sempre foi um filhinho da mamãe. Se eu cair com eles, nada nos fará subir novamente. O banco vai ficar com a casa como garantia se nenhum de nós juntar a nossa merda.

—Droga. Quer que eu ajude?

—Eu tenho um plano.

Ele pega a garrafa e dá um gole. Ethan e eu nunca encontramos problemas em compartilhar coisas. É nosso modus operandi. —Que tipo de plano?

—Você conhece Lorde Sterling?

—Aquele que guarda rancor de seu pai porque sua mãe não o escolheu?

—Sim, aquele. A mãe o abandonou no altar e ele ainda sente a humilhação até hoje. É por isso que ele está atrás de tudo o que o pai construiu, da empresa à casa e até mesmo a casa de verão no País de Gales.

—Desculpe porra. O que você pretende fazer?

—Encontrar sua fraqueza e acertar ele onde dói para que ele dê o fora.

O problema do coração do meu pai não está indo bem. Desde que mamãe adoeceu, é como se ele envelhecesse dez anos todos os dias.

O médico disse a mim e a James para tentar manter ele o mais longe possível de situações estressantes. Eu não poderia fazer nada sobre hoje, mas o futuro é diferente.

Estou tomando as coisas em minhas próprias mãos e vou forçar todos que trouxeram minha família à ruína, a pagar. Em sangue, se for preciso.

—Eu gosto disso. — Ethan sorri. —Estou dentro.

—Ninguém te convidou.

Ele envolve um braço em volta do meu ombro e aperta. —Eu me convidei e você não pode me expulsar. Você está preso a mim para o resto da vida, Jon.

—Esta é a minha punição?

—Vai se foder, companheiro. — Ele se levanta e me oferece sua mão. —

Vamos.

Eu pego, cambaleando e limpando a poeira da minha calça e jaqueta.

Depois de tomar um último gole da pequena garrafa, deixei Ethan jogar fora.

—Vá primeiro, — digo a ele. —Estarei lá em breve.

Ele aperta meu ombro uma última vez em uma demonstração óbvia de conforto antes de me soltar e desaparecer para o outro lado do cemitério. James provavelmente precisa do consolo de Ethan mais do que eu. Meu irmão é do tipo que sente muito, meio como meus pais.

Eu sou como nosso avô. Não é que eu não sinta, é que acho difícil, até mesmo impossível, mostrar esses sentimentos.

Desde que a empresa de meu pai começou a lutar, eu sabia que não tenho escolha em ser quem eu sou. Posso não ter terminado a universidade ainda, mas os cursos de ação que sugeri têm funcionado mais do que o que meu pai vem fazendo há anos.

Ele pode ser suave quando se trata de negócios, e esse é o seu maior erro. Se você não for um lobo, será comido por lobos.

James não está nem aí para os casos. Ele está satisfeito em ser uma estrela do rúgbi e passar sua juventude bebendo e transando com a população feminina.

Eu atravesso a distância do túmulo esquecido para onde o enterro da minha mãe está acontecendo. Eu lamento por ela sozinho, não na frente das pessoas. Lamento o jeito como ela era ingênua demais para este mundo, o jeito que ela pensava que dar aos outros era seu propósito de ser, a ponto de às vezes se esquecer de nós.

Não houve nenhum equívoco sobre quem era o favorito da mãe entre mim e James. Ela sempre olhava para mim com uma ruga entre as sobrancelhas sempre que eu batia nela com fatos que ela não apreciava, como o fato de o pai não

poder mais patrocinar seus eventos de caridade.

Ela não conseguia se relacionar comigo, e continuamos assim. No entanto, ela me amava, eu acho. Como alguém amaria a criança de cuja moral duvida.

Minha mãe achava que eu era muito cruel, quando eu era muito realista para o gosto dela.

Hoje, eu serei a rocha de que James e meu pai precisam, e então protegerei a casa que o vovô nos deixou.

Eu protegerei o legado King.

Meus pés param com um som baixo de choro. Eu fico perto da árvore, meio camuflada pelo tronco, e inclino minha cabeça para o lado.

Uma mulher em um vestido preto e um véu combinando cobrindo os olhos se ajoelha diante do que parece ser um novo túmulo, com lágrimas escorrendo pelo rosto.

Seu cabelo preto está preso em um coque conservador que não combina com as roupas e sapatos de grife que ela está usando.

Ao lado dela está uma menina de não mais de cinco anos. Ela também está usando um vestido preto longo que engole seu pequeno corpo. Um véu semelhante ao da mulher, embora transparente, também cobre seus olhos. Seu cabelo de ébano está preso em rabos de cavalo, caindo de cada lado do rosto.

Enquanto a mulher, sua mãe presumo, chora, a menina brinca com o véu, franzindo o nariz e os lábios se estreitando em uma linha. Alguém não gosta desse véu.

Quando ela finalmente consegue tirar dos ombros, ela o embrulha em suas pequenas mãos, esconde ele nas costas e o joga no chão.

Eu sorrio com o olhar malicioso em seus olhos escuros. Desta distância, não

sei dizer se são marrons ou azuis, ou uma mistura dos dois.

Assim que termina sua missão de se livrar do véu, ela se inclina sobre a mulher e enxuga os olhos com as costas das mãozinhas.

—Não chore, Alicia. Ela vai ficar boa, — diz a menina com uma voz frágil com um sotaque do Norte. Dialeto de Yorkshire? —Nossa mamãe está feliz no céu.

Isso só faz a mulher mais velha chorar ainda mais, seus soluços ecoando no ar como uma ópera que deu errado.

Então, elas são irmãs, não mãe e filha. A diferença de idade é muito grande. A mais velho deve ter pelo menos vinte anos, se não mais.

A menina envolve seus pequenos braços em volta do pescoço da mulher e a aperta. —Eu te amo, Alicia.

—Eu também te amo, Claire. — A mulher, Alicia, consegue dizer entre soluços, seus braços prendendo a menininha contra seu peito.

Elas permanecem assim por um segundo antes que a garota, Claire, se afaste. —Ei, Alicia. Eu vou te fazer feliz.

—Realmente? — Alicia bagunça o cabelo dela, um sorriso triste nos lábios. Seu tom e voz são mais sofisticados do que os da menina mais nova, sugerindo uma criação mais refinada. —Como?

—Eu vou dançar para você. — Ela aponta o polegar para si mesma. —Eu sou a melhor dançarina da cidade.

—Você é.

—Sim. Está certo. — Ela agarra a irmã pelo pulso. —Vamos, me deixe mostrar a você. Não aqui, porque eu não quero que fantasmas vejam.

—Está bem, está bem. — Alicia se levanta cambaleando e segue o exemplo

da garotinha.

Claire discretamente olha para trás, e eu acho que é no túmulo, mas então ela chuta algo no chão. O véu, ela está tentando enterrá-lo.

Seus olhos encontram os meus e ela congela. A cor de suas íris é azul, profundamente escura como o fundo dos oceanos ainda não descoberto. Um sorriso malicioso aparece em seus lábios enquanto ela coloca o dedo indicador neles.

Pisco para ela e seu sorriso se alarga antes que sua irmã a arraste para fora de vista.

Depois que elas se foram, cortei a distância até o túmulo que elas estavam visitando. Sorrindo, eu me agacho e pego o véu minúsculo que está meio enterrado na terra. Meu sorriso desaparece quando leio o nome na lápide.

Lady Bridget Sterling

Amada esposa e mãe

Eu não poderia perder esse nome mesmo se quisesse. Ela era a esposa de Lorde Sterling, aquela que se suicidou não há muito tempo.

Meu olhar segue para o caminho que as duas garotas tomaram. Uma delas é Alicia Sterling, a única filha que Lorde Sterling já teve.

Nesse caso, quem era aquela pequena? Ela chamou Lady Bridget de mãe, então ela é talvez ilegítima? O sotaque do Norte se encaixa nessa teoria se Bridget teve um amante no Norte.

Ela não importa, no entanto. Aquela que compartilha o sangue de Lorde Sterling, sim.

Alicia.

Eu guardo o nome na memória para mais tarde, enfio o véu no bolso e me

junto ao enterro de minha mãe.

As pessoas estão em toda parte como moscas, suas cabeças inclinadas. Alguns estão fungando, outros estão fingindo simpatia que não sentem.

Eu paro na cena na minha frente. James está dando tapinhas nas costas do meu pai rígido, cujo rosto está mais pálido do que a pele de mamãe enquanto ela repousa em seu caixão.

Respirando fundo, eu me junto a eles, ficando do outro lado de meu pai. Gregory King tem um corpo esguio e seu cabelo foi lentamente ficando careca ao longo dos anos. Seus olhos cinza e nariz reto são as únicas coisas que ele compartilha comigo e com James.

Meu irmão mais velho é mais constituído do que eu, com ombros largos para o rugby e uma constituição à altura. Ele também tem uma presença encantadora que instantaneamente o torna o mais acessível de nós dois, embora eu seja três anos mais jovem.

—Você está atrasado, — meu irmão sibila para mim baixinho. —Eles fecharam o caixão dela.

—Eu estou aqui agora. — Não que eu quisesse dizer adeus. Já fiz isso no hospital, depois beijei sua testa e a cobri novamente com o lençol.

Eu não sei como dizer adeus. Não quando o vovô faleceu, e certamente não agora.

—Bem, você poderia ter vindo mais cedo, — James encaixou.

—Ou eu poderia simplesmente ter vindo agora.

—Não brigue na frente de sua mãe. Você sabe que ela odeia isso, — repreende o pai, sem desviar os olhos do caixão que está sendo engolido pelo chão enquanto o padre diz algumas palavras.

Pó ao pó.

Irônico.

O começo é sempre o fim, não é?

Permanecemos muito depois de ela estar quase dois metros abaixo da superfície Todos dizem lentamente suas condolências e vão embora. Em breve, somos apenas nós três.

O que resta da família King, de qualquer maneira.

Ethan disse que vai nos esperar no carro. Estou pronto para ir para casa e começar a agir sobre como devemos prosseguir a partir daqui.

Bem quando estou prestes a expressar esse pensamento, um homem em um terno listrado caminha em nossa direção como se fosse o dono do cemitério e de todas as almas nele.

Lorde Sterling.

James e meu pai ficam tensos com sua visão, mas eu olho para ele, minha mente cheia de todas as maneiras que vou destruir o filho da puta.

—Estou atrasado, — ele fala com seu sotaque exagerado e elegante. —Eu não poderia dizer adeus a Anna.

—Saia, — James rosna para ele.

—Propriedade pública. — Ele encara o pai por baixo do nariz. —Talvez agora ela perceba que cometeu um erro ao escolher você.

—Cai. Fora. — James começa a empurrar ele, mas o pai o impede.

—Não posso fazer. Na verdade... — Ele sorri, mostrando os dentes desiguais. —Você deve esperar uma visita do banco em alguns dias. Estou confiscando a casa que você tanto ama, Gregory. Talvez eu ainda possa sentir o cheiro de Anna nele.

É a minha vez de se elevar sobre a pequena e redonda estrutura do senhor. — Vou destruir todos os ossos do seu corpo antes que você seja capaz de fazer isso.

—Me mostre o que você tem. Embora eu tenha certeza de que não é muito. — Ele faz uma cruz no túmulo da mãe. —Descanse em paz, Anna.

E com isso, ele vai embora.

Eu continuo olhando para suas costas enquanto ele desaparece. Idiota. Eu vou arruinar ele e tudo que ele sempre amou. Eu não me importo se é sua casa, seu negócio ou mesmo sua família.

Eu vou destruir ele.

Um baque soa atrás de mim quando algo grande atinge o solo. Eu congelo, minha respiração parando por um segundo.

—Pai! — A voz de James explode no cemitério vazio.

Eu me viro e a vida como a conheço acaba.

Meu pai está no chão, segurando o coração, o rosto azul, e ele não está respirando.

Enquanto James grita, pragueja e tenta trazer ele de volta sem sucesso, eu juro uma coisa.

Lorde Sterling será erradicado da maneira mais feia possível.

Tudo com que ele se importa será levado, assim como tudo foi tirado de mim.

Ele acabou com minha família e eu vou acabar com a dele.

Ou o que resta dela.

Capítulo Dois

Jonathan

Presente

Quando algo ruim acontece, eu sinto de antemão.

É um dos sentidos adicionais que tenho além de prever a receita monetária e os valores dos mercados internacionais.

Ninguém acreditou em mim quando disse a eles, décadas atrás, que os chineses e os russos eram o futuro. É por isso mesmo que tenho os parceiros mais fortes nesses países.

No momento em que deixei a empresa, senti que algo estava errado. Eu verifiquei Levi e Aiden, ao verificar, quero dizer, Harris confirmou que meu filho estava em uma aula na universidade e meu sobrinho estava em um treino de futebol.

Sim, tenho pessoas seguindo meus herdeiros para garantir sua segurança. Sempre tive, desde que eram crianças. Já perdi membros da família suficientes para uma vida inteira e não serei pego de surpresa novamente.

Eu entro na casa silenciosa. Sua atmosfera estranhamente calma é quase como o cemitério daquele dia, no exato momento antes de meu pai ter uma parada cardíaca e falecer. No dia do funeral da minha mãe.

Ele morreu de angústia, de medo de perder esta casa que seu pai o deixou e a última lembrança da presença de mamãe.

Tapetes persas se estendem em minha visão e o piso de mármore grego brilha sob meus pés. Os tetos abobadados e os ornamentos feitos à mão que decoravam

a entrada e o resto das portas da casa não eram algo que poderíamos pagar quando meus pais estavam vivos.

Eu fiz isso.

Retornei esta casa à sua glória inicial de quando meu avô ainda era vivo. Gregory e James King não protegeram o legado da família, eu sim.

Depois que todos começaram a duvidar de nossa posição, fui eu que transformei o nome King em algo que as pessoas respeitam e falam em tom abafado, seja por medo ou admiração.

Chegar até aqui não foi feito com gentilezas ou sendo gentil. A única razão pela qual eu consigo sentar no trono é porque eu matei todos que olham para ele, muito menos ousam se aproximar dele.

Já vi homens adultos tremerem e quase mijarem nas calças quando adquiri suas empresas. Eu os fiz abrir processos contra mim, apenas para que eu os esmagasse no tribunal e levasse tudo o que eles tinham e muito mais. Alguns homens me ofereceram suas esposas e filhas se eu deixasse suas empresas em paz, e tive o prazer de apagar seus nomes do mundo dos negócios.

Compromisso e misericórdia são termos que aboli do meu dicionário no dia em que meu pai caiu morto sobre o túmulo fresco de minha mãe.

Se eu quero algo, eu pego. Que se foda o mundo e seu povo fraco. Se eles escolheram estar em uma posição que eu possa explorar, é exatamente o que eu faço.

Se eu encontrar uma chance de fazer crescer o nome King, as consequências que se danem.

Só uma coisa importa: minha família.

Então, por que diabos estive pensando em Aurora desde que esse sentimento sinistro se apoderou de mim?

Ela não é família. Longe disso.

Ainda assim, passo mais tempo com ela do que jamais passei com Aiden e Levi.

Seu rosto é o único para o qual eu acordo todos os dias e adormeço olhando todas as noites.

Ela é aquela cujas mechas pretas eu acaricio quando suas pupilas se movem sob suas pálpebras e ela é atingida por um pesadelo.

É quando ela está mais vulnerável e não pode erguer suas paredes ou se esconder de mim. Eu posso testemunhar ela nua.

Quanto mais vejo, mais quero.

Quanto mais eu cavo meus dedos nela, mais fundo eu quero ir.

Pode ter começado com seu corpo, mas é sua mente que eu quero invadir e conquistar.

O que não deveria acontecer, porque tenho como missão não me interessar por nenhum outro ser humano.

Eu não me inscrevi para ser consumido por Aurora, e vou acabar com isso... eventualmente.

Eu verifico as notificações no meu telefone. Já que Harris, o Executivo Chefe de Operações, e eu passamos o dia inteiro trancados em meu escritório examinando possíveis empresas para adicionar ao nosso arsenal, não tive tempo de enviar a ela um e-mail ocasional que geralmente indica como vou transar com ela naquela noite.

Além disso, ela é quem queria um encontro, então pensei que seria ela quem entraria em contato.

Há apenas uma chamada perdida dela de manhã.

Não faz sentido, considerando que ela nunca me liga quando está no trabalho.

Algo me diz que ela também não está em casa. Caso contrário, haveria alguma música tocando no corredor. Ela faz muito isso, principalmente quando a amiga faixa preta está por perto.

—Jantar, senhor?

Eu levanto minha cabeça do meu telefone e mudo minha atenção para Margot. Ela está de pé com as mãos entrelaçadas em uma pose respeitosa sobre o avental branco.

—Vamos comer fora. — Coloco o telefone de volta no bolso. —Você viu Aurora?

—Ela não voltou para casa, senhor.

Hã. Já passa das sete. Ela não poderia ter ficado no trabalho até tarde, especialmente porque ela insistiu em um encontro.

—Se não há nada que você precise... — Ela balança a cabeça.

—Onde está o Tom? — Ele é um mordomo decente, mas geralmente está pendurado nas vestes dela, esperando por uma ordem. Vou mandar ele para o apartamento de Aurora e Moses irá para o trabalho dela, já que ela não tem outro lugar para ir.

Mas também há o restaurante da família Layla. Harris irá para lá. É melhor ela não estar com os irmãos de Layla, ou a noite terá uma virada dramática que terminará com minha marca de mão em sua bunda.

Não tolero outras pessoas ao seu redor, nem mesmo pessoas em quem confio, como Harris e Moses. Não importa que ela conheça os irmãos de Layla há muito tempo, como ela gosta de me lembrar. Eles não entraram em sua vida primeiro, eu sim.

—Tom saiu para uma missão, senhor. Posso fazer alguma coisa em nome dele?

—Faça com que ele me encontre assim que voltar.

—Sim senhor. — Enquanto Margot desaparece, pego meu telefone e ligo para Aurora novamente. Ela ainda não está respondendo.

Eu digito um e-mail.

De: Jonathan King

Para: Aurora Harper

Assunto: Onde você está?

Devo te lembrar de quem exigiu um encontro esta noite? Meu tempo é ouro, Aurora, então atenda a porra do telefone.

Assim que clico em Enviar, a tela acende com uma chamada de Harris.

—Você chegou bem na hora. Eu quero que você vá para...

—Temos um problema, — ele me interrompe. Harris nunca me interrompe, o que significa que isso é sério.

—E?

—Acabei de me atualizar quando saímos da reunião. Maxim Griffin está dando uma entrevista pela primeira vez desde sua captura.

—O que?

A voz de Harris continua em um tom sombrio. —Pelo que eu vi, ele está acusando a filha, dizendo que é hora de ela ser levada à justiça também. Há um alvoroço das famílias das vítimas e da mídia sobre isso. Não parece bom.

Porra!

—Onde está Aurora?

—O que?

—Ela deve ter visto e é por isso que ela desapareceu. Encontre ela. Agora. — Eu saio. Moses está saindo do carro, mas quando vê a expressão em meu rosto, ele desliza de volta para dentro.

—Vou entrar em contato com meus homens. Me dê dez minutos.

—Você tem cinco, Harris. Eu não me importo com o que você tem que fazer para encontrar ela. Preciso que um local seja enviado a Moses imediatamente.

Eu desligo sem ouvir sua resposta. De jeito nenhum vou deixar ela escorregar entre meus dedos agora.

Aurora Harper vendeu sua alma ao diabo. Nem é preciso dizer que ela nunca conseguirá escapar de mim.

Capítulo Três

Aurora

Desaparecer não é fácil.

Eu tentei antes e foi como arrancar meus próprios dentes da boca. Não se trata de mudar de nome e ficar loira por alguns anos. Não se trata de cortar meu cabelo e escolher um estilo de roupa diferente. Não se trata nem de perder meu sotaque do Norte.

Essas são as partes mais fáceis de desaparecer. Tudo o mais que é difícil de mudar é o problema.

Se trata de alterar minha maneira de andar para que as pessoas não me reconheçam de longe.

Estou me forçando a me tornar uma pessoa destra depois de viver dezesseis anos como uma pessoa canhota. É por isso que minha letra é uma porcaria, e quando estou exausta, volto para a minha mão esquerda sem perceber.

É me impedir de comer a comida que mais gosto, então não sou reconhecida por ela. Com o tempo, perdi toda a alegria de comer e isso se tornou uma tarefa árdua.

É sobre apagar meus hábitos e tudo que eu costumava considerar garantido, um por cada um.

O desaparecimento é sobre renascimento.

Quando escapei do Programa de Proteção a Testemunhas, fiquei olhando por cima do ombro e embaixo de cada cama em que dormia. Procurei nos guarda-roupas e instalei três fechaduras nas portas. Nunca dormi com a janela aberta, mesmo que isso significasse me afogar em meu próprio suor devido ao calor do

verão. Por alguns meses, mudei de um motel para o outro e cobri meus rastros para o caso de alguém de minha casa estar me seguindo.

Eu parei de ser Clarissa e joguei tudo sobre a vida dela para trás. Parei de acreditar em super-heróis e no amor. Parei de dançar e cantar no chuveiro.

Eu parei de viver.

Então, quando me encontro no local do meu renascimento novamente, não fico surpresa.

Depois de assistir ao trecho da entrevista de papai, ser atacada por Sarah e ouvir a mensagem que Alicia deixou sobre sua própria morte, eu não tive presença de espírito real para pensar.

Eu ainda não consigo.

Meus dedos tremem, meus joelhos, lábios e palmas ardem. Não parei para ir ao banheiro e sobrevivi com uma garrafa de água durante todo o trajeto de quatro horas até aqui.

Eu voltei para onde nasci e renasci.

A cabana no meio da floresta.

O local do assassinato do papai.

Na internet, há artigos sobre como esse lugar é assombrado e muitos adolescentes curiosos se filmam dentro dele para provar que não têm medo.

Há alguns anos, desisti da propriedade de nossa casa na cidade. Eu a entreguei a uma associação de caridade e eles agora a estão usando como um centro para crianças com deficiência. Pedi ao meu advogado que tomasse todas as providências para que ninguém soubesse que eu estava por trás disso.

No entanto, eu não desisti desta casa. Primeiro, não vale muito a pena e, como naquela época, é como se uma parte da minha alma ainda estivesse presa

lá, junto com os corpos das mulheres mortas.

Está preto lá fora, exceto pela lua prateada. Seus dedos fantasmagóricos se arrastam entre os galhos imóveis e a terra negra e silenciosa. O silêncio é assim no cemitério, longo e ensurdecedor em seu silêncio ininterrupto.

Um arrepio sobe pela minha espinha enquanto vejo o lugar onde muitas perderam suas vidas sem serem ouvidas. A morte cheira a cada pedra e a cada árvore. Do céu e da noite. Eles são testemunhas de quando tudo começou e terminou.

O luar lança uma luz prateada e sombria sobre a arquitetura antiga que papai construiu com suas próprias mãos. Ele era tão bom com elas, suas mãos.

Ele sabia como quebrar pescoços e depois me preparar o café da manhã. Ele sabia como armar armadilhas para animais indefesos e depois escovar meus cabelos como se fosse o pai mais apaixonado do mundo.

Já se passaram onze anos, mas é quase como se eu tivesse visto meu pai arrastando uma mulher morta pelo chão ontem.

O tempo é... incomensurável neste lugar. Ele tem suas próprias métricas e suas próprias memórias assombradas.

Já se passaram algumas horas desde que cheguei, mas ainda não saí do carro. Meus dedos continuam traçando meu relógio, para frente e para trás, como se isso fosse me preencher com a coragem necessária. Disse a mim mesma que sairia quando pudesse controlar o tremor de meus membros, mas isso não aconteceu.

Minha mão ainda está tremendo quando abro a porta e saio. Eu sigo a trilha do luar, meus saltos instáveis esmagando as pedras.

Meu tornozelo lateja de dor. Eu provavelmente torci quando Sarah me empurrou para o chão.

Eu manco meu caminho para a cabana, então paro na frente da porta. A necessidade de destruir ela ou melhor ainda, queimar vem à tona no meu cérebro.

Mas isso não trará de volta as mulheres que morreram. Não vai trazer de volta minha vida ou tudo que perdi naquele dia.

Eu faço um desvio e manco para trás da cabana. Quando vim para cá, há onze anos, este lugar estava cercado por fitas da polícia. Todas as oito sepulturas foram abertas e os cadáveres levados para autópsia e, por fim, as mulheres tiveram um enterro respeitoso. No entanto, apenas sete cadáveres foram encontrados, incluindo a mulher que vi naquele dia. Ela foi a última adição à coleção do papai.

A oitava sepultura estava vazia. Ele já estava procurando alguém para preencher ela e eu o denunciei antes que ele pudesse.

Agora todos os túmulos estão fechados. A sujeira preta é ainda mais escura sob o luar prateado. A atmosfera estranhamente silenciosa não sugere que a Terra foi virada de cabeça para baixo para esconder assassinatos.

Eu manco até onde me lembro de estarem os túmulos. Onze anos atrás, eu estava ao lado de cada um e disse seus nomes. Pedi desculpas por não ter libertado elas antes e prometi me livrar de tudo que eu tinha em comum com Maxim Griffin. Nome, hábitos, tudo até qualquer tipo de comida que já compartilhamos. É por isso que eu quase não como mais.

Eu faço o mesmo agora. Meus membros lutam para me manter de pé quando paro na primeira sepultura e falo em um tom baixo e frágil. — Sinto muito, Marissa Loyd. Eu não te conhecia, mas sei que você tinha um futuro brilhante pela frente. Lamento muito que ele esteja fazendo você se virar sua nova sepultura ao fazer essa entrevista. Se alguém deve ser enterrado aqui, é ele.

Arrasto meu tornozelo torcido até a próxima sepultura e a próxima e a

próxima. No momento em que digo todos os seus nomes, a exaustão afeta minhas terminações nervosas e estou prestes a desmaiar.

Estar aqui é como reviver o passado e permitir que ele rasteje pelos poros da minha pele.

Nunca esqueci os nomes das vítimas. Marissa, Giselle, Caroline, Selena, Mari Jane, Hope e Nora.

Eles estão gravados em minha mente como tinta indelével.

Posso até esquecer meu próprio nome, mas nunca esquecerei os nomes das mulheres indefesas que meu pai enterrou em túmulos sem nome como se não fossem ninguém, apagando sua existência.

Meus pés param em frente à oitava sepultura e meu coração dá um pulo quando agulhas pinicam a minha pele.

Está aberta. A sepultura que deveria estar fechada como todas as outras está aberta.

Oh, que se foda.

Ah Merda.

Por que... por que está aberta? Não deveria estar. É como onze anos atrás, quando...

Um farfalhar vem de trás de mim e me viro.

Mas é tarde demais.

A última coisa que vejo é uma máscara preta antes de algo bater no meu rosto.

Eu caio de costas na sepultura.

Exatamente como naquela época. Como quando quase fui enterrada viva.

Posso ter conseguido escapar daquela vez, mas agora é diferente.

Finalmente acabou.

O mundo escurece enquanto uma lágrima desliza pela minha bochecha.

Por que, papai? Só por que?

Capítulo Quatro

Aurora

Onze anos atrás

O suor escorre pela minha espinha enquanto passo por cima das placas amarelas.

A lanterna que está presa com força na minha mão descreve um caminho claro na terra preta. Os pios distantes de uma coruja ecoam na noite silenciosa.

Já se passaram alguns meses desde a descoberta dos assassinatos, então a polícia acabou baixando a segurança em torno da cena do crime. Atualmente, é quase como se nada tivesse acontecido aqui.

Quase.

Agora que Maxim Griffin foi condenado a passar o resto de sua vida na prisão e as famílias das vítimas puderam dar a elas um enterro adequado, não sobrou nada aqui.

Nada, exceto a fita amarela ‘Não Ultrapasse.’

Eu cruzo, não porque estou decidida a quebrar as regras, mas porque se eu não fizer isso agora, não poderei no futuro.

Meu cabelo gruda no rosto por baixo do boné de beisebol que estou usando para esconder minha identidade. Eu fui de um ônibus para outro para finalmente chegar onde estou agora.

As poucas centenas de libras que tenho de minhas economias serão capazes de me dar um quarto de motel e uma passagem de avião para que eu possa voar para fora da Inglaterra. Não muito longe. Talvez Irlanda do Norte ou Escócia. Já

que terei dezessete em breve, terei que descobrir uma maneira de forjar a nova identidade que recebi no Programa de Proteção a Testemunhas.

Eu vou descobrir. Eu tenho que descobrir. É a única maneira de escapar do inferno que tenho vivido nos últimos meses.

É a única maneira de começar de novo.

Eu enrolo o casaco em volta do meu corpo quando um arrepio passa por mim, e aperto a lanterna com mais força. Os túmulos em que papai enterrou as mulheres ainda estão abertos.

Lágrimas escorrem pelo meu rosto enquanto converso com elas e peço desculpas como fiz a suas famílias.

Isso é tudo que tenho feito durante os testes, me desculpando. Não importa o quanto eu faça isso, não parece ser o suficiente.

Às vezes, quando eles batem ou me insultam, em algum lugar do meu cérebro, sinto que mereço. Eu sou aquela que sorriu, riu e dançou com o monstro que acabou com a vida de suas filhas, esposas e mães.

Eu é que não vi o diabo, embora ele estivesse bem na minha frente.

Se eu tivesse pesquisado antes, olhado antes, talvez eu tivesse percebido. Talvez eu pudesse ter impedido ele.

Mas é inútil agora. Já está feito, então tudo que posso fazer é me desculpar.

Quando chego ao túmulo vazio, chuto terra nele. Minhas pisadas são alimentadas com a raiva e a injustiça que tenho vivido. A mentira. A fumaça e os espelhos.

—Eu te odeio, pai! — *Pisada. Pontapé.* —Eu te odeio tanto! Eu gostaria que você tivesse me matado primeiro. Eu gostaria que você nunca me deixasse ver você assim. Eu gostaria de nunca ter sido sua filha.

Minha garganta arde com a força das minhas palavras, mas as lágrimas não param de encharcar minhas bochechas e escorregar em minha boca, me fazendo sentir o gosto de sal.

Eu jogo minha cabeça para trás e olho para a noite, assim como fiz naquele dia em que implorei para que tudo isso fosse uma mentira. Uma estrela cadente cruza o céu sem lua e, em vez de encontrar a beleza nele, uma onda de tristeza me atinge novamente. Minha irmã adorava estrelas cadentes, mas agora ela não está mais aqui para apreciar elas. Alicia costumava me dizer para fazer um pedido sempre que víamos uma, mas eu disse que não se realizava, porque papai nunca me deixou acreditar em ilusões. Ele nunca me deixou acreditar no Papai Noel ou no bicho-papão ou na Fada do Dente.

Ele me forçou a viver na realidade e me disse que monstros reais são mais assustadores.

No entanto, ele me fez acreditar nele, meu super-herói sem capa. Então ele puxou o tapete debaixo dos meus pés e me deixou como uma casca de pessoa sem nada atrás ou na minha frente.

Eu não sei mais no que acreditar. Meu próprio senso de identidade está começando a desaparecer e nem mesmo tenho Alicia para conversar.

Lá estão Jonathan e Aiden...

Eu balancei minha cabeça freneticamente com o pensamento. Eu não vou trazer minha bagagem para a vida do meu sobrinho. E Jonathan é assustador, ele provavelmente seria aquele que me expulsaria.

À medida que minha birra contra papai se esvai, apenas um sabor amargo permanece, o fato de que estou verdadeiramente sozinha no mundo agora.

O som do esmagamento de folhas ecoa atrás de mim. No início, acho que é um dos animais noturnos que vagueiam por aqui, mas então ouço de novo.

Na época em que eu costumava caçar com papai, ele me ensinou como reconhecer os barulhos que os animais fazem. Éramos perseguidores maravilhosos e podíamos encontrar uma presa em um piscar de olhos.

Agora que sei por que ele era assim, quero clarear essas memórias da minha cabeça.

Há algo desigual no som que vem dos arbustos. É um pouco como... hesitação.

Claro, poderia ser um animal, mas os movimentos frenéticos de um animal seguiriam um padrão. Se estivesse com medo, já teria funcionado. Este não está funcionando. É mais como se ele estivesse... perseguindo. Semelhante à quando papai e eu costumávamos fazer isso no passado. Se qualquer coisa, ele está se aproximando.

Uma sombra passa entre as árvores na velocidade da luz. Dou um passo para trás, meu tênis velho esmagando os seixos.

Não pode ser a polícia, pois eles já teriam me pego por invadir a cena do crime. Ou pior, me mandar de volta ao Programa de Proteção a Testemunhas, onde ouvi os policiais discutindo sobre mim de forma desfavorável.

Eu não confio neles.

Eu não confio em ninguém. Assim como papai sempre insistiu que eu não deveria. É irônico que eu tenha voltado às suas palavras agora.

Isso deixa apenas algumas outras possibilidades. O mais provável é que possa ser um familiar da vítima. Ou talvez uma das muitas pessoas que simpatizaram com as vítimas e tornaram o período de julgamento um pesadelo.

Eu inalo profunda e lentamente, deixando meus ouvidos capturarem seus movimentos. Eles estão atrás da árvore. Mas a questão é que meus ouvidos não são confiáveis com a quantidade de zumbido neles.

Espere. Eu poderia estar imaginando os ruídos?

Por meses, não me lembro de dormir uma noite inteira. Um, tenho medo de que eles me ataquem durante o sono. Dois, sempre que fecho minhas pálpebras, tudo que posso ver são os rostos das vítimas, fita adesiva, olhos vazios e sangue.

Muito sangue.

A privação do sono brinca com o cérebro. Às vezes, tenho medo de que papai ou as famílias venham atrás de mim.

Esta noite, pode ser a última.

Aponto a lanterna na direção das árvores, onde suspeito que a sombra esteja à espreita. —Quem é você?

Sem resposta.

—Se você quiser me dar um soco, saia. Você não é o primeiro nem o último. — Estou orgulhosa de como minhas palavras são firmes e confiantes.

Tenho certeza de que não estou confiante agora.

Essas pessoas e o ódio em seus olhos me assustam. Eu sempre sinto como se eles quisessem minha cabeça em um pedaço de pau ou que eu estivesse enterrada a dois metros como aquelas vítimas.

—Estou aqui! — Minha voz se eleva. —Estou aqui, então se você quiser...

Minhas palavras são cortadas quando a sombra corre em minha direção em velocidade supersônica.

Eu levanto meus dois braços para proteger meu rosto. É isso que eles procuram mais, o rosto. É como se eles quisessem apagar qualquer coisa que se pareça com seu rosto. Principalmente os olhos. O fato de eu ter os olhos do meu pai me tornou um monstro como ele.

Algo se aperta contra minha caixa torácica. No início, eu fico olhando com

estupefação, a expressão congelada, sem saber o que aconteceu.

Então a dor explode em meu lado e um líquido quente derrama de mim, encharcando meu casaco, e quando eu olho para cima, vejo a forma sombria de um homem mascarado pegando uma faca. Um rastro de sangue flui da ferida e goteja no chão escuro. O brilho fraco da minha lanterna torna a vista horrível, até mesmo assustadora. O sangue é quase preto, como o de um demônio.

Incapaz de carregar meu peso, minhas pernas tropeçam e eu torço meu pé enquanto a dor se espalha pelas minhas terminações nervosas e vai direto para o meu cérebro.

Então estou caindo.

Para me impedir de cair, meus dedos cavam em sua máscara e eu puxo, minhas unhas arranhando sua pele.

Eu vejo uma tatuagem na lateral de sua cabeça careca. Um dragão.

Ele bate na minha mão e a lanterna escorrega dos meus dedos trêmulos. Eu sigo logo depois. Minha energia me falha e eu caio para trás.

Direto para a oitava sepultura.

Minha cabeça atinge a terra, e um gosto metálico enche minha boca antes que o sangue jorre.

A sombra escura está sobre meu túmulo, a luz da lanterna formando um halo ao redor dele. Suas mãos enluvadas pretas repousam uma sobre a outra, o sangue na faca que ele ainda segura brilhando sob o luar.

Ele está me olhando tão atentamente, como se ele fosse meu pai e eu fosse uma das vítimas que ele sufocou até a morte. Ele não se move, não faz barulho. Ele apena ... observa.

Meus olhos rolam para trás, fechando lentamente. As últimas palavras que

ouço são do papai.

Quando eu te ver de novo, ou eu te mato ou você me mata.

Capítulo Cinco

Jonathan

Aurora está de volta em sua antiga casa.

Não seu apartamento, mas a porra do lugar de onde ela escapou quando adolescente para ter seu renascimento.

Porra.

Levamos uma hora para voar em meu jato particular de London Heathrow para o aeroporto de Leeds Bradford. Uma hora que eu não tenho de sobra. E atualmente, Moses está nos levando direto para aquela casa, o que está levando mais trinta minutos que eu não tenho.

Por que ela viria aqui, de todos os lugares? Se isso é uma manobra para escapar de mim, então ela não sabe com quem está lidando. Ela deve ter sentido que tinha alguma margem de manobra só porque passou alguns meses comigo.

O fato de que eu a reivindiquei como minha significa algo simples, ela não tem permissão para desaparecer.

Nem mesmo se for para enfrentar seus fantasmas.

Essa parte ainda não faz sentido. Considerando a maneira como ela se excluiu completamente da vida de Maxim, ela não deveria ter retornado aqui de boa vontade.

É como se ela estivesse se destripando com as próprias mãos.

Eu sei com certeza que ela desistiu da propriedade de sua casa em Leeds, então por que diabos ela voltaria?

Afrouxando minha gravata, puxo meu telefone e ligo para Harris. —O que

mais você sabe sobre ela desde o momento em que ela abandonou o Programa de Proteção a Testemunhas?

Esse período de sua vida ainda é um borrão e eu preciso descobrir tudo o que há para saber sobre isso. Se ela está mantendo isso em segredo, algo importante aconteceu. Algo que ela gosta de manter entre ela e ela.

Mas aqui está o problema, ela não tem permissão para esconder nada de mim, incluindo seus demônios.

O tom não afetado de Harris vem ao longo da linha. —Eu disse a você, ela forjou uma identidade e sua idade e depois voou para a Escócia.

—O que aconteceu exatamente entre o final dos julgamentos e a Escócia? Há tempo que não foi contabilizado. Uma semana para ser exato.

—É... — Ele parece verificar algo. —Desconhecido.

—Então faça isso conhecido, Harris. Preciso de um relatório de cada movimento dela desde então. — O fato de ela ter conseguido forjar uma identidade e fazer dezoito anos já impressiona para uma garota dessa idade. E não qualquer garota, uma garota protegida. Ela não vivia nas ruas ou tinha uma vida difícil antes da prisão de Maxim, de modo que o instinto de sobrevivência não seria fácil para alguém com sua origem.

Mas algo me diz que não foi só isso que ela passou.

E eu preciso saber tudo sobre ela, o essencial, o bom, o ruim.

Cada. Porra. De. Coisa.

—Aguente. — Há papéis virados do lado dele. —Ela foi capturada pela câmera de segurança de uma farmácia perto de Bradford alguns dias antes de sua viagem para a Escócia.

—Me envie a filmagem.

Eu desligo e, quase imediatamente, minha tela se ilumina com um vídeo de Harris.

A filmagem em preto e branco mostra uma garota vestida com um capuz escuro, seu cabelo saindo de um boné de beisebol que cobre metade de seu rosto. No entanto, eu a reconheço, embora ela esteja se escondendo.

Ela está segurando seu lado e ligeiramente inclinada para que o balcão carregue seu peso. Quando uma funcionária se dirige a ela, Aurora conta algo.

Como não há áudio, espero para ver o que ela pediu. A funcionária retorna e coloca alguns itens no balcão. Pausando o vídeo, eu amplio. Bandagens, um frasco de antisséptico e o que parece ser antibióticos.

Aperto o Play novamente, e minhas suspeitas são confirmadas quando Aurora empurra uma nota por cima do balcão com as mãos trêmulas e praticamente sai correndo de lá, ainda segurando seu lado. Então, na entrada, ela para e agarra a porta para se equilibrar.

Ela permanece lá por alguns segundos, suas costas se curvando e sua mão envolvendo sua cintura, antes de levantar a cabeça e sair da farmácia. O vídeo para com ela segurando a porta para uma senhora idosa. Parte do rosto de Aurora foi capturado pela câmera e seus lábios estão... ensanguentados.

Ela estava ferida e, se meus cálculos estiverem corretos, ela está segurando a mesma parte do lado direito onde está a cicatriz da faca e a tatuagem do olho fechado.

A lesão era daquela época, quando ela tinha dezesseis anos. Aurora foi esfaqueada e teve que se automedicar e provavelmente se suturar. É por isso que a cicatriz está um pouco bagunçada.

A sensação de orgulho que sinto por sua força é apagada pela necessidade de arruinar o filho da puta que ousou colocar as mãos sobre ela.

E daí se ela for filha de Maxim? Ela não é ele. É um fato que aparentemente preciso incinerar na mente das pessoas da maneira mais difícil.

O carro diminui a velocidade e os seixos são esmagados sob os pneus em frente à cena do crime. Esta é a cabana onde Maxim costumava sufocar mulheres com fita adesiva, antes de Aurora denunciar ele.

O ar da noite é frio e penetra por baixo do meu terno quando eu saio. Moses o segue, segurando uma lanterna. Sua outra mão está na arma em sua cintura.

Ele é um ex-agente de inteligência e trabalha como meu motorista e segurança, se necessário. Por todos esses anos, ele tem sido eficiente em afastar atenção indesejada e conto com suas habilidades caso algo aconteça.

Existem apenas duas pessoas em quem confio, Harris e Moses. Não aconteceu de forma arbitrária, porque sou naturalmente desconfiado. Testei sua lealdade com métodos dissimulados mais de uma vez. Fiz ofertas por meio de meus sócios de negócios e dei a eles a chance de me apunhalar pelas costas e ir embora, mas eles nunca aceitaram. É por isso que eles estão comigo há mais tempo.

Empurro a porta da cabana e um cheiro podre me atinge no rosto. Quando Moses direciona a luz para dentro, vemos os cadáveres de um rato e um coelho, em decomposição e quase irreconhecíveis, com as entranhas saindo.

Visto que Aurora não está lá, faço um gesto para que Moisés me siga atrás da cabana até onde aconteceu o enterro.

A primeira coisa que vejo é uma sombra negra inclinada sobre um buraco no chão. Ao ver a luz, ele pula e corre na direção do bosque.

—Siga ele! — Eu lati para Moses.

Ele entra em ação, suas pernas correndo atrás da sombra.

Eu ligo a lanterna do meu telefone e acelero meu passo para o buraco em que

ele estava empoleirado. Meu sentido extra entra em ação e eu sei, só sei que algo está errado.

Com certeza, a visão que encontro no buraco me faz parar, meu peito se contrai.

Aurora está deitada de costas no túmulo, com as pernas e os braços pendurados em posições estranhas.

Seu vestido rosa está enrolado no meio das coxas, coberto com sujeira e... sangue.

Está tudo em suas roupas e sua pele translúcida. Seus joelhos estão ralados, as palmas das mãos estão sangrando e seu lábio está cortado.

Seus olhos estão fechados com muita força, como se ela estivesse suportando a dor.

Porra!

Porra, porra!

Se eu soubesse que ela faria isso, teria segurança para seguir ela o tempo todo.

Deixando o telefone no limite, pulo até o túmulo e seguro sua cabeça em minhas mãos. Sujeira e sangue seco mancham a pele macia de seu rosto.

O corpo de Aurora estremece em meu aperto e ela começa a me arranhar, lutar e me afastar.

Me foda. Mesmo inconsciente, essa mulher tem a força de uma guerreira. Ela pode se proteger, e ela pode fazer isso tão bem. Mas isso não me impede de querer tirar toda a dor para que ninguém se atreva a chegar perto dela novamente.

Para que ela não precise mais de proteção.

—Eu... eu... d-desculpe... — ela murmura. —D-D-Desculpe... Não... Me machuque... Não...

—Ninguém vai te machucar mais, Aurora. Não na porra do meu relógio. — Eu corro meu dedo no corte em seu lábio. O fato de ela ser marcada dessa forma brutal me parece errado.

Parecer errado? Isso é um eufemismo. A fúria que pulsa dentro de mim é como uma besta sem restrições.

Eu quero trazer o inferno para o mundo que a fez se desculpar por coisas que ela não fez, porra. Quero erradicar as pessoas que a julgaram sem conhecer sua história.

Ela tinha dezesseis anos. Com apenas dezesseis fodidos anos, ela abandonou a única família que tinha porque acredita na justiça acima de qualquer coisa.

Ninguém, e quero dizer, ninguém tem permissão para tratar ela como se ela fosse o autor disso.

Moses retorna sozinho, franzindo as sobrancelhas. —Eu o perdi, senhor. Ele… parece bem ciente da área.

Pego Aurora no colo e ela choraminga, os lábios tremendo. Ela deve estar tendo outro pesadelo. É quando ela está mais vulnerável e suas paredes desmoronam uma após a outra. Quando ela os tinha enquanto dormia em meus braços, ela se segurava em mim, suas unhas cravadas no meu peito como se procurasse por uma âncora que ela nunca teve.

O fato de que ela foi uma solitária durante toda a sua vida é tão semelhante a mim. A única diferença é que usei para me levantar, enquanto ela precisava correr. Ela teve que sofrer em silêncio, inclusive durante o sono.

Em breve, farei todos os seus pesadelos desaparecerem, mesmo que seja a última coisa que eu faça.

—Ligue para Harris, — digo a Moses. —Precisamos organizar uma reunião clandestina.

Se o filho da puta que a atacou hoje, o que eu presumo que seja a mesma pessoa que a esfaqueou onze anos atrás, pensa que pode escapar de mim, ele não tem ideia de contra quem está lutando.

Ele pode enganar o próprio destino, mas nunca pode me enganar.

Eu vou encontrar a escória que fez isso com ela e vou gostar de acabar com a vida dele da maneira mais lenta possível.

Aurora é minha e eu vou trazer o caos ao mundo para proteger o que é meu.

Capítulo Seis

Aurora

Dedos carnudos envolvem minha cintura e me arrastam pela terra. A sujeira negra e impiedosa.

Agora é a minha vez.

Eu vou morrer hoje.

Mas por que? O que eu fiz?

Tento lutar, me contorcer, gritar, mas nenhum músculo do meu corpo se move. Estou presa em minha própria pele, onde nenhum som sai.

Enquanto o arrasto continua, minha cabeça bate no chão duro.

Ele está aqui.

Não importa que eu não possa ver ele. Eu sei, sem dúvida, que ele voltou para mim, e desta vez, ele não vai me deixar ir. Desta vez, estou absolutamente perdida.

—Aurora…

Aquela voz.

Meus músculos relaxam na sujeira enquanto ela passa pelos meus ouvidos. Não é do papai. É... de outra pessoa.

Alguém em quem não deveria estar pensando, mas o restante da minha energia está correndo para a superfície para que eu possa reconhecer ele.

Há algo sobre essa voz. Sua presença e toda a sua aura.

Ele é uma ilusão?

Meus ombros tremem. —Aurora!

Eu me assusto nas garras da vigília. Meus olhos se abrem e, por um momento, estou congelada no lugar. Estou naquela cova e agora vou ser enterrada viva. Eu serei…

Meus olhos encontram o olhar de aço com o qual me acostumei nos últimos dois meses. Seu cinza é mais duro e inegociável agora, só que não parece ser direcionado a mim.

Jonathan passa os dedos pelo meu cabelo, acariciando ele para trás, e eu quase quero ronronar como um gatinho.

Eu não estou naquele túmulo. Eu não estou nem perto disso. Não há sombra negra atrás da minha vida.

Acabou.

A sensação de alívio me atinge como uma onda calmante e luto contra a vontade de fechar os olhos e mergulhar na sensação do toque de Jonathan.

É reconfortante e gentil, e eu sei com certeza que ternura não é coisa dele, então eu deveria mergulhar neste momento o máximo que puder.

Enquanto relaxo no colchão familiar da minha cama, observo o resto do meu quarto, as cortinas macias e a grande lâmpada na mesa lateral. Tento não pensar muito sobre o fato de que ele me trouxe ao meu quarto, não ao dele. Afinal, ele precisa de uma punição para me deixar intervir.

—Você está bem? — Ele pergunta naquele tom sensato dele. Leva tudo em mim para não zombar. Apenas Jonathan perguntaria se você está bem ao ser autoritário.

Ainda sem encontrar minha voz, eu aceno.

—Você não parece bem. — As carícias param e eu gemo antes que possa me

conter.

Jonathan está sentado na minha cama, seu grande corpo pairando sobre o meu pequeno, tanto como um conforto quanto uma ameaça. Os sinais mistos me dão uma chicotada, mas eu não consigo pensar sobre isso enquanto ele pega um pequeno kit de primeiros socorros da mesa de cabeceira.

Ele toca o dedo na minha boca e eu estremeço quando sua pele se conecta com o meu corte. —Cobri os arranhões em seu joelho e palmas das mãos. Eu ia passar pomada no seu lábio quando você acordasse.

Com certeza, minhas palmas têm pequenas bandagens. Já que as cobertas estão puxadas até meu pescoço, eu dou uma olhada embaixo delas. A primeira coisa que noto, junto com a bandagem no joelho, é que estou vestindo uma camisola.

—Você... você me vestiu? — Minha voz está um pouco rouca, um pouco fraca, mas não é nada que eu não esperava.

—Quem mais teria? — Sua expressão é imutável enquanto ele aplica a pomada em um cotonete. —Não é nada que eu não tenha visto antes.

Eu aperto meus lábios antes de começar a argumentar que estava inconsciente, e odeio não ter acordado para ver como ele me despiu.

Droga. Definitivamente, há algo errado comigo.

Jonathan passa a pomada no meu lábio cortado e eu faço uma careta com a pontada de dor. Ainda assim, fico completamente imóvel, com medo de que qualquer movimento indesejado estrague este momento.

Ver o lado gentil de Jonathan sempre me atinge profundamente. É como testemunhar a passagem de um unicórnio e eu preciso absorver isso. Talvez da próxima vez, eu possa filmar e assistir secretamente ou algo assim.

Depois que ele termina, ele traça a ponta dos dedos sob o corte, então ele está

quase tocando meus lábios, mas não realmente. Eu respiro quando arrepios começam uma guerra na minha pele, debaixo das cobertas e sob minhas roupas.

Ele retrai a mão mais rápido do que eu quero e organiza a pomada e o algodão de volta no kit de primeiros socorros. A sensação é estranha. Não sendo tocada por ele, quero dizer.

Não que eu já tenha me acostumado a ser tocada, mas desde que ele invadiu meu mundo, comecei a aceitar isso como um dado. É estranho que ele esteja ao meu lado, seu perfume masculino amadeirado e picante me envolvendo, mas ele não está me tocando.

Quero pegar sua mão e colocar ela no meu rosto novamente ou voltar a dormir com a mesma mão em volta da minha cintura.

No entanto, há algo atrás da minha cabeça que me impede. Não tenho ideia do que, parece que estou perdendo alguma coisa.

Mas o que?

—Agora. — Ele levanta a cabeça, seu olhar impiedoso se concentrando em mim e me segurando como um vício. —Me diga por que diabos você voltou para Leeds.

Meus lábios tremem quando as memórias me atingem no lugar vazio do meu coração.

A entrevista. O ataque de Sarah. Mensagem de Alicia...

Meus olhos se arregalam enquanto eu encaro Jonathan com o que tenho certeza que parece ser uma expressão horrorizada.

Jonathan tem me envenenado, Claire.

Eu pulo para a posição sentada e meus ombros batem na cabeceira da cama enquanto puxo meus joelhos para cima e puxo o lençol até o pescoço. Estou

prestes a fazer qualquer coisa para colocar alguma distância entre mim e ele.

Oh Deus.

É por isso que saí. É por isso que eu não deveria ter sido encontrada. Até mesmo o ataque empalidece em comparação com o homem sentado na minha cama. O homem a quem eu voluntariamente dei meu corpo e estava em processo de dar mais do que isso. Eu barganhei porra para me inserir em sua armadura.

Pelo menos o ataque foi direto. A sombra negra era alguém que se sentiu injustiçado por meu pai e descontou em mim.

Isso, entretanto?

Este homem estava me dando sinais de segurança, e não importa o quão fodido e errado parecesse, comecei a acreditar em Jonathan King. Eu até comecei a acreditar que poderia de alguma forma desbloquear seu cofre emocional.

Quão ingênua eu poderia ter sido?

Ele matou minha irmã.

A compreensão me atinge como uma tempestade, como naquele dia em que caí de joelhos no meio da estrada, lutando para respirar em meio às lágrimas.

Mas desta vez, eu não me incomodo em olhar para cima e pedir para que tudo isso acabe. Não vai.

Essa é a realidade que tenho que enfrentar. O fato de que o homem a quem tenho me dado todos os dias é o assassino da minha irmã.

O que o está impedindo de matar você também?

Um arrepio junta meus ombros e a transpiração cobre minha pele, fazendo com que a camisola grude na minha pele.

—O que há de errado com você? — A sobrancelha de Jonathan se franze.

Seu belo rosto se contorceu em desaprovação. Essa cara é do diabo. Assim como o do papai.

—N-Nada. — Se ele sabe o que está acontecendo na minha cabeça, ele vai acabar comigo mais cedo ou mais tarde. Preciso ser tão inteligente para à minha sobrevivência como sempre fui.

—Não parece nada, Aurora.

—Isto é.

Ele me agarra pelo tornozelo e eu grito quando caio, minhas costas encontrando o colchão macio. Estou esparramada na frente de seus olhos selvagens enquanto ele planta a mão ao lado do meu rosto e fala em um tom baixo e arrepiante. —Melhores oponentes tentaram me enganar, e sempre falharam. Então que tal você me dizer por que diabos você fugiu de mim agora?

A necessidade de lutar contra ele pulsa em mim como uma segunda natureza. O instinto de sobrevivência que tem sido meu modus operandi desde que eu tinha dezesseis anos avança para a superfície. No entanto, não ajo nisso por duas razões simples. Um: Jonathan me dominará facilmente. Dois: estou ferida e lutar seria a atitude mais idiota.

Inteligente. Eu tenho que ser inteligente.

—Eu... eu só preciso descansar.

—Tente de novo, selvagem. — Ele parece cortado e feroz. Ele sabe que estou mentindo para ele e, honestamente, não tenho ideia de como enganar alguém como Jonathan ou se é possível fazer isso.

Tudo o que sei é que preciso ficar longe dele, porra. Não vou acabar como Alicia. Não vou deixar ele sugar minha vida e, eventualmente, me matar.

Eu escapei de um dos mais notórios assassinos em série, e posso escapar dele também.

Suavizando meu tom, digo. —Eu realmente só quero dormir. Estou exausta.

Seus dedos tocam minha testa e eu respiro por meus dentes e solto pelo nariz.

Para minha consternação, não é por causa do medo. Longe disso. Meu corpo não recebeu o memorando de que Jonathan é um perigo real para a minha vida e eu preciso ficar longe dele. Minha pele estúpida ainda está formigando como sempre que ele me toca. Ainda estou sendo pega em sua órbita como se fosse o único lugar para estar.

Uma linha se forma lentamente entre suas sobrancelhas. Se é por preocupação ou porque ele não aprova minha expressão, eu não sei. Pode ser ambos.

—Você está um pouco quente, mas a pílula fará efeito em breve.

—Q-Que pílula? — Oh meu Deus. Ele já começou a me envenenar?

—Analgésicos. O médico da família veio ver você mais cedo e prescreveu. Ele também disse que o hematoma na parte de trás da sua cabeça não é sério e vai acabar desaparecendo.

Agora que ele mencionou, algo formiga sob meu cabelo na minha nuca. É de quando fui atingida, mas me esqueci de tudo isso. Comparado com o perigo real pairando sobre mim, aquele nem mesmo registra.

É triste considerar um ataque menos perigoso do que esta situação? Provavelmente, mas meu cérebro foi treinado para sobreviver, então o perigo imediato sempre chama minha atenção primeiro.

—Posso dormir? Deve ser tarde, certo?

—Três da manhã.

—Você trouxe o médico tão tarde?

—É o trabalho dele, e ele conhecia minhas demandas quando concordou em

se tornar o médico da família.

—Existe alguém que você considera um humano em vez de algo que você compra? — Não sei por que fiz a pergunta quando meu foco principal deveria ser tirar ele daqui.

—Você. — A palavra, embora dita com calma, incendeia cada parte de mim. Não apenas minhas bochechas e meu peito, mas também a coisa que está batendo forte dentro do referido peito.

—Você já me comprou, — murmuro.

—Foi o que eu pensei também. Acontece que está longe da verdade. — Ele se endireita, e odeio como lamento a perda de sua proximidade e a maneira como me agarro a seu perfume sensual e arejado.

Tudo vai embora com o tempo. Eu tenho que acreditar nisso.

—Vá dormir. — Sua voz é calmante, quente. Provavelmente o mais caloroso que já ouvi dele. —Estarei aqui.

—Não, você não precisa…

—Eu vou ficar. Sem negociações, — ele me corta. —Além disso, você vai me dizer por que diabos você voltou lá.

—Eu só quero ficar sozinha.

—Todos nós sabemos o que aconteceu da última vez que você foi deixada sozinha, então a resposta é não. — Suas feições endurecem, escurecendo a cada segundo. Ele enfia a mão no bolso e quando fala de novo, sua voz está a ponto de se soltar. —O pensamento do que aquele filho da puta poderia ter feito se não tivéssemos chegado a tempo...

Ele para de falar como se as palavras lhe faltassem para descrever essa possibilidade.

Um arrepio me agarra pela garganta ao pensar no que poderia ter acontecido. Eu estaria dormindo aqui se aquela sombra negra tivesse conseguido o que queria? Eles tentaram me enterrar viva no passado, então talvez eles quisessem terminar o que começaram desta vez.

Jonathan se joga na cadeira. —Vou ficar.

Merda.

Ele realmente vai, e eu realmente preciso ir. Eu não sei onde, mas eu vou descobrir assim que eu sair daqui.

Eu sempre faço.

Minha mente fica acelerada tentando pensar em maneiras de fazer ele ir embora. Água e uma tigela coberta do que suponho ser sopa estão na mesa de cabeceira, então não posso pedir nada disso.

Pense, Aurora, pense!

—Meu travesseiro, — eu deixo escapar.

Jonathan ainda está me observando com aquele foco enervante que me faz sentir como se estivesse sob o microscópio de um pesquisador. —O que há de errado com seu travesseiro?

—Eu quero o do seu quarto. Este não é macio.

—Você costumava dormir bem.

—Isso foi há muito tempo atrás. Não estou mais acostumada com isso. — Então eu falo em um tom ligeiramente malcriado, indo para o golpe baixo. — Minha cabeça dói.

Isso funciona.

Ele se levanta, mas ao invés de sair, ele se inclina e escova seus lábios contra minha testa. Uma onda de choque agarra meus membros e leva tudo em mim

para não derreter. Essa é... essa é a primeira vez que ele faz algo assim.

Há uma intimidade incomparável sobre um beijo na testa, a sensação de seus lábios na minha pele, o cuidado nisso.

Deus. Por que ele está fazendo isso agora, mais do que nunca?

—Estou feliz por estar lá antes de você se machucar gravemente. Não significa que eu vou deixar isso passar, no entanto. — Ele se endireita, a expressão em branco. —Eu volto já.

Eu vejo sua forma recuando, mesmo depois que a porta se fecha atrás dele. A pele onde ele me beijou ainda formiga, queimando e me enviando todos os sinais errados.

Balançando minha cabeça, eu pulo. O mundo começa a se inclinar, mas eu planto meus pés bem separados até que a tontura lentamente diminua.

Eu não tenho tempo a perder. Jonathan voltará em breve, e não posso estar por perto quando ele voltar.

Como a porta não tem fechadura, cortesia do tirano, empurro a mesinha de centro contra ela. Minhas palmas doem e o sangue encharca as bandagens, mas não paro até que esteja firmemente fixado contra a porta.

Enfio os pés no primeiro par de sapatos que vejo e rapidamente faço uma corda com qualquer lençol que consigo encontrar.

Usar a porta da frente está fora de questão. Jonathan é o tipo de aberração que tem câmeras nos corredores e, como tenho certeza de que há alguém que os está observando o tempo todo, não há dúvida de que eles vão me pegar.

Minha varanda, no entanto, dá para o jardim, de onde a entrada dos fundos da equipe é visível. Durante minhas sessões de espionagem, não encontrei nenhuma câmera piscando por aqui.

Depois de prender a corda ao pé da cama e testar se ela aguenta meu peso, jogo ela no chão. Não chega ao solo, mas está perto o suficiente. Vou pegar qualquer coisa que encurte a distância da minha queda.

Esta não é a primeira vez que faço isso. Eu escapei dessa forma de muitos motéis na Escócia. Muitas vezes, eu não tinha dinheiro para pagar a noite e não havia nenhuma maneira no inferno de eu dormir nas ruas ou parques onde alguém pudesse me encontrar e me atacar.

Depois que cresci, mandei cheques para aqueles motéis, mas, na época, pular do segundo e do terceiro andar fazia parte da minha vida cotidiana. Estou um pouco sem prática, mas posso fazer isso.

A maçaneta da porta se move e eu fico rígida.

Ele voltou.

Não que eu não suspeitasse que ele faria, mas merda, é muito cedo. Eu tenho que fazer isso agora.

—Aurora. Abra! — Sua voz explode do outro lado e, em seguida, um estrondo soa na porta de sua tentativa de abrir ela.

Minha coluna estala na vertical como se estivesse prestes a quebrar.

É agora ou nunca.

Pego a ponta da corda e, assim, salto.

Minhas mãos e pernas envolvem o lençol em um aperto letal enquanto eu lentamente deslizo em direção ao chão. Eu não olho para baixo, porque isso vai me encher de medo pior do que o que já está girando dentro de mim.

Demoro mais do que estou acostumado em minha missão para deslizar pela corda. Parte porque a maldita mansão de Jonathan é muito alta e parte porque faz muito tempo desde a última vez que fiz isso.

Minhas palmas gritam de dor, o sangue encharca os lençóis e meus joelhos queimam quando o ar frio da manhã me atinge em meus ossos.

No momento em que chego ao final dos lençóis, minhas pernas balançando para baixo e minhas mãos segurando-o com força, sei que não tenho escolha a não ser pular.

É íngreme e minhas pernas vão doer pra caralho. Mas se eu fizer isso direito, não vou quebrar nenhum osso. *Esperançosamente*.

Embora um osso quebrado valesse a pena se isso significasse que estarei fora daqui.

Inalando uma respiração profunda, fecho meus olhos e o solto.

É isso.

Estou livre e viva e ninguém vai tirar isso de mim.

Eu lutei tanto para chegar aqui, e se eu posso fazer isso aqui, eu posso chegar em qualquer lugar.

Então, em vez de sentir a dor aguda das minhas pernas batendo no chão, sou envolvida por braços de aço.

A sensação de fracasso se infiltra diretamente sob minhas costelas e aperta meu coração.

Minha respiração engata quando encontro os olhos cinza furiosos de Jonathan. —Fascinante, Aurora. Fascinante, de fato.

Capítulo Sete

Aurora

Pela primeira vez na minha vida, meu plano de fuga falha antes mesmo de começar.

Enquanto eu olho para a fúria que emana das feições de Jonathan, eu sei, eu simplesmente sei que não há nenhuma maneira no inferno de eu ser capaz de escapar.

Vou acabar como Alicia.

Vagando pelos corredores. Alucinando. Envenenada.

Morta.

Uma onda de vida dispara por minhas veias borbulhantes e eu empurro seu peito com as palmas das mãos ensanguentadas, meus membros se debatendo. Estou agindo por raiva irracional e pela necessidade de permanecer viva. Meu lado lógico e estratégico se foi, ele foi morto quando eu não atingi o solo e caí de volta na gaiola de Jonathan. —Me deixa ir!

Minha luta é inútil. É como se ele não sentisse meus punhos contra sua camisa ou meus arranhões contra a pele de sua clavícula. É quase como se ele estivesse esperando meu acesso de raiva diminuir e eu afrouxar.

Eu não deixo.

Eu me contorço, balanço, empurro e soco. Eu uso todos os truques sob o sol para escapar de suas garras impiedosas.

O tratamento silencioso me cumprimenta enquanto ele me leva de volta para a casa.

Não, não…

Minha energia aumenta e eu chuto meus pés no ar na tentativa de fazer ele soltar.

Tudo que consigo é um aperto forte na parte externa da minha coxa. *Ai*.

Passamos pela estátua da Virgem Maria carregando o anjinho enquanto os dois choram, e uma sensação assustadora de mau presságio passa por mim.

Uma realização também.

Essa estátua representava a vida de Alicia na mansão King. Ela estava chorando e ninguém a viu. Ela sofreu e ninguém a ajudou.

Na verdade, seu marido e companheiro de vida a envenenou. Ele a matou.

Ele *matou* minha irmã.

Lágrimas de raiva enchem meus olhos enquanto eu acotovelo e agarro seu lado. Eu sei que não vai me levar a lugar nenhum com sua força, mas enquanto eu puder respirar, eu lutarei.

Eu sou uma lutadora. Uma sobrevivente. Eu vim até aqui e não vou permitir que Jonathan dite meu fim.

Não importa que minhas palmas continuem sangrando. A picada e a queimadura irão eventualmente embora assim que eu sair daqui.

Margot aparece na entrada, vestindo uma longa camisola. Ela deve ter saído da cama devido à comoção.

—Me ajude, Margot! Socorro! — Eu grito no topo dos meus pulmões.

Ela abre a boca, depois fecha enquanto assiste a cena como se fosse um show de horrores. Estou lutando nas mãos de Jonathan enquanto seu rosto está frio como uma pedra, como se fosse feito da porra do granito.

—Senhor…? — Ela pergunta, quase incerta.

—Volte a dormir Margot,— ele diz a ela em um tom firme que não aceita negociações, sua atenção voltada para a frente.

—Não! — Eu me contorço. —Nãão!

Eu fico olhando para Margot atrás de mim, esperando contra toda esperança que ela me siga e de alguma forma me ajude a sair das garras do tirano.

Ela não está lá.

Ninguém está.

Somos apenas eu e ele.

Quando chegamos ao meu quarto, minha energia diminuiu, mas isso não me faz parar. Eu não consigo parar. Se eu fizer isso, significa que estou admitindo a derrota, e eu nunca faria isso.

Odeio a facilidade com que Jonathan me domina com um aperto de sua grande mão em volta da minha coxa ou braço. Eu odeio ser tão pequena em comparação com seu corpo.

Eu o *odeio.*

Eu o odeio tanto, não só por causa do que aconteceu com Alicia, mas porque eu estava prestes a depositar minha confiança nele.

Eu estava me apaixonando por ele, e para quê? Por essa traição. Por essa... desolação.

É como se meus sentimentos estivessem presos em um estado de hiper consciência e é quase impossível classificá-los.

Tudo que sei é que preciso ir embora. *Agora.*

—Você terminou? — Ele pergunta naquele tom fechado dele. Suas feições

estão em branco e a falta de reação, o fato de que eu não consigo ler além de sua fachada, é mais assustador do que se ele tivesse me atacado.

Jonathan não é um homem para ser considerado levianamente, e ser pego sob seu controle significa perigo. No entanto, isso não impede minha necessidade inata de correr.

—Eu nunca vou terminar. Me tranque novamente e tentarei escapar até que finalmente o faça. — Eu o soco mais uma vez para garantir.

Ele me coloca na cama e eu me afasto como um animal ferido.

Na verdade, sou.

As ataduras que cobrem minhas palmas estão encharcadas de sangue. Meus joelhos e lábios ardem, e minha nuca lateja.

No entanto, isso não é nada comparado a ser esfaqueada, rastejar para fora da cova e me suturar.

Se eu pude suportar aquilo, então eu posso suportar isso.

Jonathan está de pé na frente da cama, ambas as mãos nos bolsos, parecendo um senhor da guerra analisando seu prisioneiro de guerra. Existem algumas marcas de arranhões em seu pescoço e clavícula, e manchas de sangue em sua camisa azul clara.

Tento manter meu ódio por ele, mas não gosto de infligir dor aos outros. Isso é tão parecido com meu pai, e eu prometi a mim mesma nunca ser como meu pai.

Não.

Estou apenas me defendendo como qualquer animal ferido tentando escapar. É natural que eu arranhe, morda e arranhe.

Jonathan me encara com seu nariz arrogante. A tempestade se formando em

seu olhar cinzento é uma força que não deve ser considerada. —As medidas já estão em vigor, então você não será capaz de escapar, e mesmo se você fizer isso, eu vou te encontrar em um instante, Aurora. Agora, por que você não para de brincar e me dizer o que há com o show que você está apresentando.

Eu levanto meu queixo, me recusando a responder.

—Você não vai falar? É isso? — Jonathan abaixa os joelhos na cama, mergulhando o colchão.

Eu mantenho minha posição, encontrando seus olhos insensíveis com toda a amargura e ódio nos meus.

Seus joelhos estão de cada lado das minhas pernas enquanto ele me prende e levanta meu queixo com dois dedos magros, me prendendo com seus olhos selvagens.

Em um momento ingênuo, imaginei que estava me vendo naqueles olhos. Isso está longe de ser preciso.

De jeito nenhum eu seria capaz. Seu olhar é brando, sem vida e preenchido apenas com o propósito de ferir ou ser obedecido.

Ou ambos.

Sua filosofia é que ele vai machucar quem não o obedecer. Que ele os fará desaparecer como se nunca tivessem existido.

Foi isso que aconteceu com Alicia?

Apesar de minhas tentativas de regular minha respiração, ela está cortada e estou ofegante como se tivesse acabado de voltar de uma caminhada.

—O que foi toda essa manobra, Aurora?

—Eu quero sair, — eu deixo escapar.

—Sair para onde?

—Eu quero ir visitar Layla.

—Às três da manhã vestida assim?

Eu olho para mim mesma e percebo que estou vestindo apenas uma camisola fina que delineia meus seios e para acima dos joelhos. Eu não tinha pensado nisso antes, mas agora estou começando a me sentir constrangida. Preciso de tudo para falar em um tom semi neutro. —Ela é uma coruja noturna. Ela não se importaria.

—Tente novamente.

—Apenas me deixe ir, Jonathan!

—Não é assim que funciona. Você mora aqui, e isso inclui cumprir minhas regras. Isso significa, não pule da porra do segundo andar quando estiver ferida. Na verdade, mesmo se você não estiver. Esse absurdo não vai acontecer novamente.

A raiva em seu tom atinge minha pele como chicotes. É ainda mais doloroso do que sua força na minha mandíbula.

Ele me libera e eu sugo grandes goles de ar. Não dura muito enquanto ele puxa o kit de primeiros socorros e desfaz as ataduras da palma da minha mão. Estremeço quando o pano ensanguentado é arrancado da minha pele. Apesar de sua expressão letal, ele não é duro com isso, mas a carne está cortada mais profundamente do que eu esperava.

—Você estava pensando, porra? — Ele examina minhas palmas com desaprovação enquanto as embebe com o desinfetante.

A dor me faz afundar meus dentes na almofada do meu lábio inferior e eu inalo pelo nariz até que eles estejam finalmente limpos. Existem alguns cortes posicionados diagonalmente e horizontalmente.

Jonathan coloca novas bandagens em torno das feridas e eu fico olhando para

ele por baixo dos meus cílios, meu corpo apertando para o próximo modo de lutar ou fugir.

Eu tive muitas ondas de adrenalina para um dia. Eu sinto que vou desabar com a força deles.

Mas não é como se eu pudesse ordenar que meu corpo desligasse. A sobrevivência sempre foi meu dom natural.

Depois que ele terminou com minhas palmas, ele verifica meu joelho. Parecendo satisfeito com o curativo, ele o deixa sozinho e empurra a caixa para longe. No entanto, ele continua pairando sobre mim como uma ameaça, suas sobrancelhas ainda franzidas e sua expressão é de destruição.

É como quando eu o reencontrei. Quando eu não confiei nele. Por que diabos eu pensei que poderia confiar nele?

—O que está acontecendo, Aurora?

—Nada.

—Você quer me dizer que fugiu para a porra de Yorkshire, foi atacada, me empurrou e depois pulou por uma corda feita de lençóis por nada?

Não encontrando nada para dizer, eu franzo os lábios.

—Achei que sim, — ele continua, sua proximidade fazendo uma merda para mim que eu não deveria sentir agora. Por que diabos eu continuo inalando ele?

E por que diabos eu quero apagar essas marcas de arranhões em seu pescoço? Ele as merecia.

Certo?

Ele agarra meu queixo, quase engolindo na palma de sua mão. —É assim que vai, Aurora. Você vai me dizer a verdade e eu decidirei como lidar com você depois.

Eu aperto minha boca fechada.

—Última chance. — Seus dedos cavam em minhas bochechas. —Você não vai gostar de como eu vou reagir se você continuar com essa birra.

—A única verdade que você precisa saber é que eu te odeio.

—Resposta errada. — Ele me solta com um empurrão e eu caio sobre os cotovelos.

Meu coração martela com a promessa sombria em sua voz, e prendo a respiração, esperando seu próximo movimento.

Ele vai me punir?

Me espancar?

Eu odeio como minhas coxas latejam com esse pensamento. Que se dane e que se dane ele. Estou saindo daqui na primeira chance que tiver.

Pode levar um ou dois dias, ou o tempo que for, mas não é como se Jonathan fosse permanecer ao meu lado por toda a eternidade.

Ele é um viciado em trabalho. Quando a manhã chegar, não tenho dúvidas de que ele vai se irritar para ferrar com mais vidas. Essa será minha chance de escapar.

Jonathan está na frente da minha cama, sua máscara de monstro de volta enquanto ele desliza a mão no bolso. —Você permanecerá nesse quarto até falar.

—O-O quê?

—Você é quem vai escolher se vai demorar horas, dias ou semanas. — Ele inclina a cabeça para o lado. —Ou mesmo meses.

—Você não pode me trancar. Isso é sequestro!

—Se é isso que você deseja rotular. — Ele se vira para sair, mas para e joga

por cima do ombro. —E não tente pular da varanda novamente. Eu tenho minha segurança em torno do perímetro.

—Você não pode me manter aqui, Jonathan!

—Então, porra, fale. — Seu tom ameaçador bate em mim e permanece atrás dele enquanto a porta se fecha.

É quando eu ouço. O som da minha liberdade sendo arrancada.

O som de uma fechadura.

Merda. Porra.

Eu corro para a porta e testo a maçaneta, e com certeza, ela está trancada.

Depois de chutá-la, corro até a varanda onde o lençol de corda ainda está pendurado e, com certeza, dois homens musculosos vestidos de preto estão lá.

Minhas pernas falham e eu escorrego para uma posição sentada. Duas percepções me atingiram de uma vez.

Um. Fracassei na única saída que poderia ter tido daqui, porque agora que Jonathan sabe de minhas intenções, ele vai se certificar de que eu nunca tenha a chance de repetir.

Dois. Tenho uma sensação estranha de que estou revivendo o destino de Alicia novamente.

Capítulo Oito

Aurora

Eu não durmo a noite inteira.

Eu não posso.

É como se eu tivesse sido empurrada de volta para onze anos atrás, para aqueles esconderijos e sob custódia da polícia. Meu corpo está arranhado e minha existência é humilhada.

Naquela época, eu não conseguia dormir muito e agora é a mesma coisa.

A sobrevivência é uma merda.

No momento em que entra em ação, tudo que seu cérebro está sintonizado é a necessidade de apaziguá-lo. Para sobreviver, porra.

O jogo que rezei para nunca mais jogar está de volta e, desta vez, não posso sair do Programa de Proteção a Testemunhas ou forjar uma nova identidade.

Estou presa em uma gaiola dourada e, se ficar aqui por mais tempo, meu destino será igual ao de Alicia.

Esse é o único pensamento que meu cérebro é capaz de invocar. Que se eu não sair daqui, vou morrer.

Eu passo o longo amanhecer e as primeiras horas da manhã procurando ao redor do quarto por uma saída.

Meu telefone não está aqui. Eu perdi em algum lugar. O telefone fixo está ocupado, o que significa que Jonathan deve ter bloqueado ele. Eu deixei meu laptop no carro, então está fora.

De vez em quando, espio os caras peludos pela janela, caso eles mudem de posição e eu tenha a chance de escapar.

Eles não fazem. Ambos permanecem parados como estátuas.

Não que eu esperasse menos do nível de controle de Jonathan.

Por volta das oito da manhã, estou no meu guarda-roupa, procurando algo, um dispositivo moderno ou qualquer coisa que possa usar para pedir ajuda.

A porta se abre e eu me assusto, meu joelho machucado batendo no painel de madeira. Eu estremeço, usando minha outra perna para ficar de pé e dobrando a ferida.

Jonathan valsa para dentro, carregando uma bandeja de comida e vestindo seu terno impecável como se esta fosse uma manhã comum.

Não posso deixar de sentir alívio ao ver como sua camisa está limpa, não manchada de sangue como antes. Ele esconde a maioria dos arranhões, mas há um longo que aparece pela ponta do colarinho.

Eu engulo com a vista. Está avermelhado em comparação com a última vez que o vi. Não que eu deva lamentar. É ele quem está me mantendo contra a minha vontade.

—Você não dormiu. — Ele coloca a bandeja no meu console de maquiagem, vira a mesa de centro que usei para bloquear a porta durante a minha fuga fracassada, em seguida, desliza o prato sobre ela.

—Você tem uma câmera aqui, ou algo assim? — Eu estudo os cantos do quarto porque não ficaria surpresa se ele o fizesse.

—Atualmente não, não. Mas é uma boa ideia.

Droga, lá vou eu colocando ideias na cabeça confusa dele. Eu mordo minha língua para parar de falar coisas sem sentido. Isso apenas lhe dará mais

vantagem do que já tem.

—Sente. — Ele aponta para o sofá com uma inclinação de seu nariz arrogante. —Coma.

—Não.

—Você quer que eu enfie a comida em sua garganta, é isso?

—Eu quero que você me deixe ir.

—Você vai se sentar e comer, ou terei que fazer isso?

Levanto meu queixo e percebo meu erro tarde demais. Jonathan me alcança em alguns passos longos e me joga por cima do ombro como se eu fosse um saco de batatas. Um grito sai de mim quando meu mundo vira de cabeça para baixo, meu cabelo caindo na altura de suas coxas. O sangue corre para minha cabeça a partir desta posição, e eu bato em suas costas uma e outra vez, ignorando como minhas palmas doem.

—Pare com isso ou reabrirá suas feridas.

—Então me deixe ir. — Eu bati nele um pouco mais.

Tapa.

Eu congelo quando o fogo explode na minha bunda. Minhas coxas se contraem e posso sentir a umidade cobrindo minha calcinha.

Merda. Porra. Não.

Isso não pode estar acontecendo. Por que diabos eu ainda estou excitada com isso? Eu não deveria estar. Ele... ele vai me machucar, me matar. Como ele fez com minha irmã.

No entanto, uma parte do meu cérebro está entorpecida para esse fato como se ele não existisse. Uma parte do meu cérebro me horroriza porque aquele idiota não acha que Jonathan jamais me machucaria.

Essa parte não sentiu nenhuma ameaça quando Jonathan entrou no quarto. No mínimo, foi algo completamente diferente que não gosto de nomear.

—Pronto. Boa menina, embora você não esteja agindo como tal ultimamente. — Ele me deixa cair lentamente no sofá e eu vou até a borda, puxando a camisola para baixo, quase rasgando as alças.

A cabeça de Jonathan se inclina para o lado, os olhos devorando meu peito dessa forma puramente luxuriosa. —Eu gosto da vista.

Eu olho para baixo com horror e com certeza, na minha tentativa de cobrir minhas pernas, expus meus seios e um mamilo duro e rosado aparece. Eu deixo o pano se encaixar de volta no lugar e olho para Jonathan, que parece... ligeiramente desapontado.

O momento termina quando ele aponta para a comida.

—Não.

—Você não come desde ontem.

Meu estômago ronca como se concordasse com sua declaração. Eu ignoro isso e o constrangimento que vem com isso.

—Eu não estava brincando sobre enfiar na sua garganta, Aurora. Você sabe que eu posso fazer isso, então não me faça agir sobre isso.

—Você não pode me manter contra a minha vontade e depois me obrigar a comer como se fosse uma prisioneira, certo?

—Você não é uma prisioneira. Você pode sair daqui a qualquer segundo que quiser, se me contar o que diabos há de errado com você desde a noite passada. — Sua voz se torna letal a cada palavra e eu sei que ele está perdendo a paciência.

Jonathan e a paciência não estão nos melhores termos, mesmo nos dias bons,

muito menos nos dias ruins. Ele está acostumado a conseguir o que quer com um estalar de dedos e agora que não está, ele vai ficar mais implacável a cada momento que eu permanecer em silêncio.

Mas, por outro lado, se eu contar a ele sobre a mensagem que Alicia me enviou, nunca vou divulgar isso. Isso é como acusar ele de assassinato, e alguém como Jonathan não vai deixar ninguém jogar algo assim por aí. Ele vai sufocá-lo em um momento.

Esqueça o negócio de seis meses. Ele vai me fazer seguir minha irmã assim que julgar necessário.

—Então, o que vai ser? — Ele pergunta com aquele tom afiado.

Eu fico olhando para ele, confusa.

—A comida, Aurora. Você vai comer ou devemos seguir meu plano?

Eu olho para ele enquanto pego um pedaço de torrada. Se vou sair daqui, vou precisar de toda a minha energia, então não vou recusar a comida que é capaz de me dar forças.

Minha palma dói quando fecho o pão e o flexiono um pouco para aliviar a dor.

Jonathan parece notar isso também. Ele se senta ao meu lado e tento fugir, mas já estou no limite. Sua coxa toca a minha e tento ignorar o calor ou o cheiro amadeirado que emana dele como se fosse sua segunda pele.

Ele tira a torrada dos meus dedos, passa manteiga como eu costumo fazer e depois a leva à minha boca. Tento pegar ela de volta, mas ele a mantém fora de alcance.

—Eu posso comer sozinha.

—Não depois que você feriu as palmas das mãos e reabriu as feridas.

—Mas…

—Pare de ser teimosa. Abra essa boca e coma.

Eu franzo os lábios, mais uma vez me sentindo como uma criança sendo repreendida. É o maldito tom autoritário, eu juro. A maneira como ele ataca com aquela firmeza sempre me afetou.

Decidindo escolher minhas batalhas, eu lentamente abro e dou uma mordida experimental na torrada para não acionar o corte no meu lábio. Jonathan também detecta esse fato, pois o coloca de volta no prato.

Deus. Existe algo que este homem não percebe? Ele está tão atento aos detalhes, é insano.

Ele usa a faca para cortá-la em pequenos pedaços, mas não usa o garfo para me alimentar. Não, ele vai com as próprias mãos. Cada vez que ele desliza algo em minha boca, seus dedos magros e masculinos arranham minha pele, e um arrepio toma conta de mim.

É como se estivéssemos de volta aos dias em que costumávamos tomar café da manhã juntos, enquanto ele arrancava um orgasmo de mim após o outro.

Eu odeio estar pensando nisso.

Eu odeio que pareça estranho não sentar em seu colo como de costume.

Saia dessa, Aurora.

A comida derrete na minha boca antes mesmo que eu seja capaz de mastigar corretamente. Meu estômago para de fazer barulho quando Jonathan o enche com tudo que está no prato.

Ele continua me alimentando e eu continuo comendo. Digo a mim mesma que é para recuperar minhas forças, mas cada vez que seus dedos roçam minha pele, eu estremeço.

—É por causa do ataque? — Sua voz fria flutua ao meu redor como uma canção de ninar.

O que? Uma canção de ninar? Jonathan? Deve ser a falta de sono falando. Jonathan e as canções de ninar estão tão distantes quanto poderiam estar.

Continuo mastigando um pedaço de ovo para me dar uma desculpa para não falar. Minhas mãos estão moles no meu colo como se não soubessem o que fazer. Normalmente, elas estariam escolhendo comida enquanto os dedos de Jonathan estão ocupados com outras partes do meu corpo.

O equilíbrio está desequilibrado e o fato de que nunca mais será o mesmo me enche de uma súbita sensação de tristeza.

—Ou é a entrevista de Maxim?

Meu sangue gela com isso, e eu paro de mastigar por um segundo antes de retomar. Claro, Jonathan não perde.

—Presumo que sejam os dois. — Ele inclina a cabeça para o lado. —Você acha que é elegível para ter outro renascimento para escapar disso?

Eu aperto meus lábios fechados.

—Você não pode renascer quando não terminou o primeiro, Aurora.

Minha voz está calma, considerando minha bagunça interna. —O que você sabe sobre renascimentos quando você nasceu com um berço de ouro?

Ele zomba. Jonathan zomba. Todo o movimento é tão estranho que demoro um pouco para guardá-lo na memória. —Se alguém aqui nasceu com um berço de ouro, é você, selvagem. Só porque aquele berço foi arrancado de você na adolescência, não significa que nem sempre esteve lá. Maxim deu a você tudo que você queria, não deu? Você era sua princesinha mimada.

—Pare com isso.

—É por isso que você falhou em seu renascimento, Aurora, — ele continua como se eu não tivesse dito uma palavra. —Você não pode renascer se ainda não consegue sair de sua sombra.

—Eu não estou em sua sombra.

—Parece que sim. O que eu disse a você sobre como ele vai reaparecer? Que ele não gosta de ser esquecido. Você está surpresa por ele estar arrastando você com ele? É a maneira dele de retaliar pelo que você fez onze anos atrás, e se você continuar dando a ele uma vantagem, ele não hesitará em usá-la contra você.

Suas palavras têm o impacto de um desastre natural. Súbito e devastador. Não é que eu não tenha pensado nisso antes, é que sempre pensei que escaparia do meu pai. Que eu não vivo na sombra que ele lançou sobre minha vida.

É por isso que mudei tudo que costumávamos fazer juntos. Eu até pintei meu cabelo de loiro em algum momento, e eu odeio o meu eu loira. Ela era uma covarde e uma ladra que pulava de quartos de motel.

—E quanto a você? — Minha voz está firme, mas com o volume baixo.

Ele faz uma pausa para cortar um abacate. Está secretamente se tornando minha nova comida favorita. —Eu?

—Se eu continuar lhe dando uma vantagem, você também não vai usar contra mim?

—Eu não quero, mas vou se você me forçar.

—Eu? Forçar *você*? Você é quem está me forçando agora.

—Fale baixo.

—Ou o que?

—Você não quer saber a resposta para isso. — Ele enfia um pedaço de

abacate na minha boca, fechando meu protesto. —E eu não estou forçando você. Se eu fizesse, você não teria escolha, mas você tem.

Eu engulo o pedaço, comemorando seu sabor na memória. Quem sabe se ele vai tirar esse pequeno luxo? Jonathan aplica o tipo mais sádico de crueldade. Ele faz você se acostumar com as coisas, depois as arrebata como se nunca tivessem existido. —É isso que você diz a si mesmo para dormir melhor à noite?

—Estou bem ciente de quem e o que sou. Não preciso me iludir, Aurora. Você faz.

—O-O quê?

—Você tem se contorcido e esfregado as coxas desde que me sentei ao seu lado. Não importa o quanto você diga a si mesma que não me quer ou que não quer sair dessa situação. Você e eu sabemos que seu corpo não mente.

—Isso não é verdade. — Agradeço que minha voz não me trai.

Jonathan inclina a cabeça, e espero que ele tente provar que estou errada como sempre faz.

Empurrar meus botões e consolidar sua supremacia é um de seus métodos de controle que ele não hesita em usar.

Então, fico surpresa quando ele se levanta. —Me siga.

—Para onde?

—Eu preciso jogar você por cima do ombro de novo?

Eu me levanto, não querendo sentir o que diabos eu fiz quando ele bateu na minha bunda mais cedo.

Ele entra no banheiro e eu paro na soleira.

—Você está esperando um convite? — Ele pergunta em uma voz cortada, suas narinas dilatadas.

—Porque estamos aqui?

Ele alcança o armário e pega outro kit de primeiros socorros. Agora que penso nisso, ele parece ter isso em todos os lugares. Quase como se ele estivesse esperando se machucar em cada cômodo em que entra. O que é estranho, considerando que Jonathan está longe de ser o tipo desajeitado.

Ele pega algo da caixa e fecha. —Você precisa tomar banho.

—Eu posso fazer isso sozinha.

—Não com seus ferimentos.

Antes que eu pudesse protestar, ele aparece na minha frente e envolve o que parece ser uma bandagem de plástico à prova d'água em minhas palmas.

Ele então se ajoelha e eu fico momentaneamente chocada com o fato de Jonathan estar ajoelhado aos meus pés de bom grado. É uma visão que eu nunca pensei que testemunharia em toda a minha vida.

Seus dedos prendem uma coisa semelhante de plástico em volta do meu joelho. Eu resisto à vontade de fechar meus olhos enquanto sua pele permanece na minha por um segundo a mais.

Então ele abre a torneira da banheira, e eu fico lá, dividida entre escapar de volta para o quarto e ter ele me perseguindo e inevitavelmente arruinando qualquer lado gentil que ele está mostrando e ficar lá.

Ele derrama o produto de banho, aquele com aroma de maçã, e o cheiro enche o espaço do banheiro.

Quando ele está satisfeito com a temperatura, ele deixa a água correr. Ele me encara enquanto tira o paletó e a gravata, pendura no cabide de toalhas e enrola as mangas da camisa até acima dos cotovelos.

Ele mal mostra a pele, mas ver ele revelando seus braços é como um

programa pornô sozinho. A única razão pela qual não desvio o olhar é porque me recuso a perder meu terreno.

Ou é o que eu digo a mim mesma, de qualquer maneira.

—Remova a camisola.

Eu levanto meu queixo e não obedeço. Se eu seguir sua ordem, parecerá que estou concordando com qualquer loucura que ele esteja planejando.

—Se você quer algo feito, faça você mesmo.

—O que eu disse sobre essa atitude, Aurora?

Eu bufo, mas o som logo desaparece quando ele agarra as alças, seus dedos deslizando sobre minha pele junto com eles enquanto ele as abaixa pelo meu corpo.

Encarando um ponto fixo no banheiro, finjo que minha carne não está formigando e meu rosto não está esquentando com o mero efeito de sua presença.

Em um instante, a camisola caiu aos meus pés. Seu olhar desliza para baixo em minha nudez como se fosse a primeira vez que ele me viu.

Seus dedos acariciam minha cicatriz e a tatuagem, e algo em seus olhos e a forma como seus cílios vibram contra sua bochecha me diz que ele sabe exatamente como eu consegui.

O peso de sua atenção sobre aquela parte de mim é como reviver a época em que lutava para me mover de um canto a outro para chegar à farmácia, comprar remédios e suturar o ferimento.

Estava uma bagunça, mas consegui fechar ela. No entanto, quando ficou pior, não melhor, eu não tinha ninguém como ele para cuidar disso, e eu não fazia ideia sobre o autocuidado naquela época.

—Você mesmo fechou. — Seu polegar desliza pela pele com uma ternura enganosa. —Você também teve uma infecção. Deve ter doído. Você deve ter tido febre.

—C-Como você sabe disso?

—É o mesmo atacante, não é? — Sua atenção se desvia da minha cicatriz para o meu rosto.

A maneira como ele está olhando para mim, esse foco e a raiva que... de alguma forma não parece ser dirigida a mim, me derruba.

Eu o afasto e corro para a banheira. Na minha pressa de entrar e esconder minha cicatriz e a tatuagem, escorrego.

Meu grito enche o banheiro, mas em vez de bater minha cabeça contra a borda, sou mantida firme por uma mão forte.

—Calma. — O tom de sua voz é de preocupação.

Não. Ele não deveria se importar. *Ele não faz.*

Eu caio sob as bolhas, escondendo minha nudez de vista. A água está boa na minha pele, nem muito quente nem muito fria. É a temperatura perfeita, como de costume.

Jonathan fica em silêncio enquanto pega o shampoo com aroma de maçã e o derrama na minha cabeça.

Tento me desviar, mas a maneira como seus dedos deslizam pelo meu cabelo em movimentos lentos e medidos me tira o fôlego.

Ele nem parece incomodado com os nós teimosos na parte de trás da minha cabeça. Como meu cabelo é comprido, sempre tenho dificuldade em lavá-lo.

No entanto, ele leva seu tempo com os nós, um por um, até que meu cabelo caia suavemente nas minhas costas. Ele o segura acima da água enquanto o

enxágua e o amarra no topo.

Jonathan não é o tipo de mostrar ternura, então, definitivamente, não deve ser dado como certo quando o faz.

Mas agora que ele está fazendo isso nessas circunstâncias, não sei como reagir. Isso é uma manobra? Um jogo?

Ele pega a esponja e a usa para ensaboar meu corpo. Ele não se demora em meus mamilos e mal me toca entre as minhas pernas. Sua única intenção parece ser me dar banho. Isso é tudo. Sou eu que luto para não fechar minhas coxas quando seus dedos percorrem minha barriga.

O banho termina cedo demais e ele me enxágua, me levanta e depois me envolve em uma toalha limpa e macia.

É muito duro contra minha pele aquecida. Ele pode não ter me tocado de forma sexual, mas meu corpo já recebeu os sinais. Meus mamilos estão duros e pontudos, e meu núcleo continua pulsando loucamente.

Pare com isso, maldito seja.

Enquanto ele me seca, Jonathan leva seu tempo passando a toalha contra meus mamilos doloridos. Eu quase caio enquanto engulo os gemidos que tentam escapar.

O brilho em seus olhos sugere que ele sabe exatamente o que está fazendo comigo e está fazendo de propósito.

—Você vai falar, Aurora. Se eu tiver que usar seu corpo contra você, eu o farei.

Capítulo Nove

Jonathan

Se você quer algo feito, deve sujar as mãos.

Eu não faço isso, normalmente. Não tenho nenhum problema em esmagar as pessoas com métodos legais. Gosto até de vê-los lutar para transformar a lei a seu favor e fracassar.

A lei está com os mais fortes. E neste mundo, sou eu.

No entanto, quando os métodos legais não funcionam, é hora de ir para o outro lado da parede.

Harris não conseguiu descobrir a identidade do agressor de Aurora, mesmo usando as informações fornecidas a ele por nossa empresa de segurança de primeira linha.

Uma vez que a equipe de segurança cumpridora da lei não trouxe nada, acabo na propriedade Rhodes.

O duque da casa, Tristan Rhodes, concordou com minha oferta, como deveria, considerando que dei a ele um desconto que não daria a ninguém. Sua família está voltando aos negócios em um futuro próximo e ele precisa de todo empurrão que puder dar na direção certa.

Estou disposto a entrar em uma parceria lucrativa com ele pelo que ele vai me dar em troca.

Enquanto Moses dirige pela estrada longa e ondulada, Harris observa pela janela, seu olhar calculista se demorando nos incontáveis guardas de segurança posicionados em cada canto cobrindo quase todas as superfícies da propriedade.

Seus rostos sombrios e o metal brilhando de seus lados indicam o dano que podem causar se decidirem atacar.

—Isso é como a casa de um senhor do crime, não a de um duque. — Harris me encara, seu tablet deitado em seu colo pela primeira vez em... bem, nunca. — Talvez devêssemos considerar outras maneiras.

—Sua semelhança com a residência de um senhor do crime é o que o torna útil. Não vou perder mais tempo.

O homem que esfaqueou Aurora vai cair de joelhos na frente dela, mais cedo ou mais tarde.

Harris folheia seu tablet. —Certo, vamos examinar as informações que temos mais uma vez. Tristan e seu primo, Aaron Rhodes, são os únicos membros remanescentes da outrora poderosa família Rhodes. Eles passaram a maior parte de sua infância e adolescência em um internato após um incêndio que matou o resto de sua família, mas há rumores.

—Que eles foram traídos e o incêndio foi provocado. Essa informação está se tornando viral na comunidade aristocrática. Muitos dizem que Tristan e Aaron estão de volta para se vingar.

—Correto, mas eu tenho feito mais pesquisas e... — Ele levanta a cabeça e reajusta os óculos com o indicador e o dedo médio. — Há rumores de que eles são treinados em combate, o que não deveria ser o caso, já que nunca estiveram no exército.

—Perfeito. Isso significa que Tristan conhece as pessoas de que preciso e não vai perder meu tempo.

—Isso significa que eles são perigosos, senhor. Fazer negócios com eles é uma coisa, mas se envolver em suas vidas secretas é um território totalmente diferente.

—Se conseguir o que quero, não me importo.

—Que tal o seu princípio de não tomar decisões arriscadas?

—Às vezes, decisões arriscadas precisam ser feitas para melhores oportunidades. Além disso, Tristan é um empresário antes de mais nada. Ele sabe falar a linguagem do lucro.

O carro para e eu saio, abotoando meu paletó.

Esta não é a primeira vez que venho aqui, mas geralmente venho para a propriedade Rhodes como convidado ou com a presença indesejada de Ethan para concluir negócios.

Um segurança gesticula para que eu vá para a ala norte. Existem quatro alas na propriedade, e Tristan sempre recebe seus convidados nesta.

As outras alas assentam majestosamente à distância leste, oeste e sul, formando uma forma retangular maciça. Apesar do esforço que Tristan e Aaron fizeram para transformar este lugar no que parecia um palácio, há uma certa qualidade obsessiva na propriedade Rhodes.

Provavelmente é por causa do incêndio e do número de pessoas que perderam suas vidas nele.

Isso cheira a morte. Posso sentir o cheiro, não importa quantas flores e perfumes sejam usados para mascarar isso.

Uma estátua de um cavaleiro em um cavalo preto está majestosamente no meio do salão de recepção. Outra estátua, um jaguar preto com joias azuis como olhos, olha fixamente para mim.

Essa é outra peculiaridade estranha dos Rhodes. Na verdade, eles criam onças vivas como animais de estimação.

Eu sigo o segurança pelas escadas de mármore até chegarmos ao escritório de

Tristan. Ele para, se endireitando como se precisasse estar apresentável para a tarefa, antes de bater na porta.

—Entre, — a voz nivelada de Tristan nos alcança de dentro.

O homem musculoso abre a porta e acena para eu entrar. Assim que eu entro, a porta se fecha. Não tenho dúvidas de que o membro da equipe de segurança ficará na frente do escritório, caso eu represente uma ameaça para seu empregador.

Não que eu fosse. Ele é um aliado, e eu cuido bem dos meus aliados.

Tristan não está atrás de sua grande mesa. Ele está casualmente sentado na sala de estar, lendo um jornal. Ele está vestindo um terno listrado azul escuro. Italiano. Interessante. Os nobres geralmente preferem ternos com corte inglês, mas Tristan é uma exceção ao seu título em muitos aspectos.

Ele e seu primo têm cabelos pretos e olhos escuros que os diferenciam na multidão. Embora Tristan esteja em seus trinta e poucos anos, ele tem a mente de alguém muito mais velho. A parte mais fascinante é que ele não gosta de demonstrar, quase como se estivesse vivendo uma vida secreta, como sugeriu Harris.

Após a minha chegada, ele dobra o jornal cuidadosamente e o desliza sobre a mesa, exibindo o anel com o brasão de sua família que fica em seu dedo indicador. Sem pressa, ele se levanta e abotoa a jaqueta. —Jonathan, bem-vindo.

Eu pego sua mão em um aperto de mão firme. —Sua Graça.

—Nós superamos a bobagem dos títulos. Tristan é o suficiente. — Ele aponta para o sofá Chesterfield em frente a ele. —Por favor.

Desabotoo minha jaqueta e me sento, notando que o contato que ele disse que estaria esperando por mim não está aqui.

—Você quer algo para beber?

Meu olhar discretamente leva ao meu redor, então eu analiso os detalhes, caso haja a necessidade de um plano de fuga. Posso considerar Tristan um aliado, mas nunca me permito ficar muito confortável. —Vou tomar conhaque com gelo.

—Excelente escolha. — Ele vai até o minibar e serve uma bebida para nós dois. E embora eu saiba que ele prefere scotch, ele retorna com dois conhaques.

Essa é uma boa tática para mostrar como ele tem a mente aberta e para me deixar à vontade em troca. Apenas, eu nunca me deixo desprotegido.

Ele faz uma pausa perto da varanda aberta que está diretamente em frente a mim antes de se sentar na minha frente. Bem, bem…

—Eu apareci mais cedo? — Eu tomo um gole da minha bebida.

—Não, não mesmo. Sincronismo perfeito, como sempre, Jonathan. — Com a bebida na mão, ele apoia os cotovelos nos joelhos. —Eu só pensei que poderíamos conversar sobre suas necessidades antes de colocá-la em contato com meu homem.

—Eu preciso que alguém seja encontrado.

Sua expressão não muda, mas eu sinto como sua mente é calculista. Ele é um pouco como eu na forma como ele domina quais emoções mostrar e quais manter enterradas. —Precisamos de mais do que isso. Antecedentes?

—Não muito, exceto que ele deve ter vivido em Leeds ou North Yorkshire por um tempo, ou ele poderia visitá-los com frequência. — Afinal, Moses perdeu todo o rastro dele porque conhecia a área mais do que Moses.

—Que tal sua razão para querer encontrá-lo? — Ele mexe no meu pescoço. —Tem a ver com isso?

O arranhão que Aurora deixou em meu pescoço. Era como um gatinho encurralado tentando encontrar uma saída.

—Poderia ser.

—E?

—É necessário saber a razão?

—Eu receio que sim, Jonathan. Digamos apenas que meu homem não gosta... — ele faz aspas —... missões ‘chatas.’

—Está relacionado aos assassinatos de Maxim Griffin. — Isso é tudo que ele precisa saber.

Tristan levanta uma sobrancelha, parecendo impressionado. —Isso certamente não é chato.

—Suponho que você já ouviu falar sobre Maxim.

—Quem não tem? Vamos apenas dizer que ele é fraco para escolher vítimas indefesas.

—Estou dentro. — A voz me alcança antes que um homem passeie pela varanda. Achei que alguém estava lá fora, mas pensei que poderia ser um dos intermináveis seguranças de Tristan.

O homem parado na minha frente tem uma aura sofisticada. Ele está vestindo uma camisa e calças de grife. Sem paletó ou gravata, o que significa que ele não é um empresário, mas gosta de elegância. Seu cabelo é estiloso e seus traços são nítidos, mas não de uma forma criminosa, mais parecida com a aparência de modelos. Ele certamente não é o que eu esperava do que Tristan disse sobre ele.

De acordo com o duque, este homem foi um jogador-chave na máfia russa em Nova York. O que achei impressionante em seu histórico é o fato de que ele matou para viver por muito tempo e sua especialidade é rastrear e encontrar.

Seu rosto definitivamente não é o que eu tinha em mente. Achei que fosse encontrar um homem forte com feições angulosas e mesquinhas.

Ele certamente não é isso. Além disso, ele parece ser mais jovem do que Tristan, mal na casa dos trinta. A única coisa que indica sua verdadeira natureza é o brilho em seus olhos azuis claros. Mencionar o nome de Maxim é um selador de negócios para ele.

Os assassinos e sua necessidade de enganar uns aos outros é uma tradução de seus egos. Eles gostam de saber que são os mais inteligentes e fortes vivos.

É algo que vou usar para meu total proveito.

—Jonathan, este é Kyle. — Tristan faz um gesto para ele. —Um velho associado meu.

—Associado? — Kyle zomba. Seu sotaque é o inglês padrão, mas há algo em seu tom que não consigo identificar. É como se ele tivesse aprendido a falar assim, mas teve que abandonar outro sotaque. Um nortista, talvez? Escocês? Irlandês? —Pare com essa bobagem e diga a ele que costumávamos matar juntos.

—Kyle. — Tristan olha para ele.

—O que? — Kyle se senta ao lado dele e pega sua bebida. —Eu não sabia que era segredo.

—Está seguro comigo, — eu digo. Não que eu não suspeitasse disso. A família Rhodes sempre emitiu vibrações, especialmente o primo de Tristan, Aaron.

—É melhor que seja. — Kyle leva tempo para saborear sua bebida. —Ou então teremos que... você sabe... calar sua boca com outros métodos.

—Você não tem permissão para ameaçar meus convidados, Kyle.

—Estou apenas colocando isso para fora. — Kyle é do tipo que fala com total indiferença, parecendo quase entediado, mas sabe exatamente o que está fazendo.

Não que ele me chateie. Ninguém faz.

Ou, mais precisamente, ninguém além da mulher que está trancada em seu quarto porque ela estava tentando escapar.

Eu não posso acreditar que ela tentou correr logo depois de ser atacada. Meu peito se contrai sempre que penso no que poderia ter acontecido se Moses e eu tivéssemos nos atrasado alguns segundos.

Ou se eu não estivesse lá para pegar ela.

O fato de ela ter mudado tão repentinamente está enviando minha mente à loucura. Eu mal dormi noite passada. Cada vez que fechava os olhos, seu estado vulnerável de desmaio vinha à mente.

Não ajuda que minha cama pareça vazia sem ela. Não deveria, mas é verdade.

Empurrando esse pensamento da minha cabeça, eu me concentro em Kyle. — Você pode encontrar quem estou procurando?

—Eu posso encontrar qualquer um.

—Tristan irá encaminhar a você todas as informações que temos. — Eu tomo uma bebida. —Eu o quero vivo.

Tristan e Kyle sorriem para isso. Mas o sadismo que brilha nos olhos de Kyle não é nada como eu já vi antes. É quase como se ele encontrasse um prazer doentio nisso. —Eu adoro quando eles estão vivos... no início.

—Qual é o prazo? — Eu pergunto.

—Por quanto tempo for necessário. Entrarei em contato quando encontrar o seu garoto ou garota, nunca se sabe.

—Diga seu preço e eu pagarei.

—Eu não preciso de dinheiro. — Ele se levanta. —Assim que a missão for

concluída, receberei o pagamento na forma de um favor.

Eu não gosto dessa ideia. Dinheiro é mais para cortar pontas soltas, mas um favor pode ser qualquer coisa. No entanto, como minhas escolhas são limitadas, eu aceno.

—Perfeito. Ansioso por isso. — Ele vai para a varanda. —E aqui eu achei a Inglaterra chata.

—Há uma porta, — Tristan diz em um tom semi-exasperado e semi-resignado.

—As portas são sem graça. — E com isso, Kyle pula da varanda.

Tristan balança a cabeça e sorri para mim. —Você pode confiar em Kyle com isso. Ele é um dos melhores.

—Estou contando com isso.

—Posso perguntar o que você pretende fazer com este homem assim que o encontrar?

—Fazer ele desejar nunca ter estado vivo.

Porque ninguém, e quero dizer ninguém, toca o que é meu e vive.



Chego em casa depois das sete. Harris permanece na empresa para me enviar atualizações sobre uma futura fusão.

Normalmente, eu ficaria com ele, mas minha atenção é constantemente roubada pela presença selvagem que deixei em casa. Embora haja segurança e Margot traga refeições para Aurora, não acredito que ela não fará algo estúpido.

Aurora não é apenas como um animal ferido. Ela também está presa, e eles tendem a morder sempre que podem.

Uma mulher pequenina com roupas largas grita com o guarda do portão da frente. Layla. Claro. Eu sabia que ela apareceria aqui e criaria uma confusão sobre o desaparecimento de sua amiga.

Eu aceno para Moses parar, e ele obedece. O guarda do portão da frente acena para mim em reconhecimento.

Ela aponta o dedo para si mesma. —Estou falando com você. Preste atenção, ou melhor ainda, me deixe entrar.

—Não vai acontecer, Senhorita Hussaini, — eu falo com ela através da minha janela.

Ela se vira e estreita seus olhos ferozes em mim. —Johnny! Onde está Aurora? O que você fez com ela?

—Fiz para ela? O que te faz pensar que eu fiz alguma coisa com ela?

—Ela nunca faltaria um dia de trabalho sem me avisar primeiro, e ela não atende minhas ligações e mensagens de texto há mais de quarenta horas.

—Isso é estranhamente preciso.

—Isso é porque ela nunca fez isso.

—Ela está um pouco indisposta e precisa descansar.

—Indisposta como?

—Doente, cansada ou ambos.

—Então diga ao seu cara aqui para me deixar entrar para que eu possa ver como ela está.

—Temo que não seja possível no momento.

—Por que não? A menos que você tenha feito algo com ela! — Ela engasga. —Juro que se você não me deixar ver ela, vou chamar a polícia.

—Você não poderá fazer nada comigo, Senhorita Hussaini, mas se você for estúpida o suficiente para chamar a polícia, eu vou trazer sua família para o chão.

Ela levanta o queixo. Layla é amiga de Aurora, tudo bem. —Eu não tenho medo de você.

—Você deveria ter. — Eu deixei a janela subir, lentamente silenciando seus gritos. Ela está gritando sobre como levará isso para a mídia social e cuspindo todas as ameaças sob o sol.

O portão se abre e Moses entra. O guarda segura Layla enquanto ela tenta fugir atrás de mim.

Há lealdade naquela mulher. Eu gosto disso. Mas eu também quis dizer sobre esmagá-la se ela for contra mim.

Eu entro na casa, pronto para encontrar Aurora e fazer ela falar. Já passou muito tempo. Certamente, ela também não gosta de ficar longe de sua empresa e de sua amiga estranha.

—Senhor?

A voz hesitante de Margot me para na base da escada. Ela está lá com um Tom silencioso.

—Sim?

Sua pele está pálida e ela engole algumas vezes, mas não diz nada.

Meus alarmes internos disparam ao mesmo tempo. —O que está acontecendo, Margot? Aconteceu alguma coisa com Aurora?

Eu verifiquei há algumas horas para me certificar de que ela almoçou, e Margot não mencionou nada.

—O que está acontecendo? — Eu digo com uma voz severa quando nenhum

deles fala.

É Margot quem finalmente o faz. —Depois que eu trouxe o almoço, a Senhorita Aurora foi... foi...

—O que?

—Gritando. Quebrando coisas. Os estrondos podiam ser ouvidos lá embaixo. Ela se acalmou um pouco agora, mas era tão parecido com...

Tom balança a cabeça para ela, e ela aperta os lábios.

Mas eu sei com quem ela iria compará-la, mesmo que ela não dissesse as palavras.

Tão parecida a Alicia.

Porra.

Eu afrouxo minha gravata enquanto subo as escadas, em seguida, giro a chave na fechadura. A cena que vejo na minha frente é o caos total.

A mesinha de centro está virada de cabeça para baixo, as roupas são jogadas no chão, algumas rasgadas, e o abajur quebrado ao lado da cama.

Eu entro e fecho a porta, guardando a chave.

Já que Aurora não está em lugar nenhum, espero que ela esteja no banheiro. Estou dando alguns passos quando ela dispara atrás de mim, em direção à porta.

Eu a agarro pelo pulso, com cuidado para não machucar suas palmas feridas. As bandagens já estão ensanguentadas, o que significa que ela reabriu as feridas.

Novamente.

Não que deva ser uma surpresa com a quantidade de danos que ela causou. Essa porra de mulher não se preocupa de forma alguma com sua própria segurança.

Ela se debate contra mim, com o rosto vermelho e o cabelo preto solto voando em todas as direções.

Eu a agarro pelo pescoço e a empurro contra o colchão. Meu corpo domina o dela enquanto eu pairo sobre ela. —Pare.

Ela se contorce, uma de suas mãos me acertando no peito, mas a outra permanece inerte ao seu lado. Seu rosto está pálido, sem as bochechas coradas. Seus lábios estão rachados e perderam a cor rosada natural, e o corte na lateral deles também está ensanguentado. Seus profundos olhos azuis estão frenéticos, as pupilas dilatadas, pode ser devido à falta de sono ou seu ataque de raiva ou ambos.

—Você está reabrindo suas malditas feridas, Aurora. O que há de errado com você?

—*Você*. — Ela está respirando com dificuldade, tanto que suas palavras são abafadas por sua respiração. —Se você não me deixar ir, você vai se arrepender.

—É assim mesmo?

—Não me subestime, Jonathan. Eu vivi nas ruas por muito tempo. Eu posso causar danos a você.

—Então por que você não está?

Ela levanta a mão que estava mole ao seu lado há apenas alguns momentos. Achei que ela só estava sangrando porque reabriu a ferida, mas descobri que ela estava apertando um caco de vidro. Ela aponta para o meu pescoço, sua respiração ainda entrecortada e irregular, mas seus olhos estão brilhando com determinação.

Essa porra de mulher não pensa em sua segurança de forma alguma, se ela estava segurando um caco de vidro contra sua palma já ferida. Ou talvez uma lesão ou duas não importem para ela, contanto que ela consiga correr.

Ela é uma especialista nisso.

Fugindo pra longe.

—O que você vai fazer com isso, Aurora? Você vai cortar minha garganta?

—Eu vou, se você não me deixar ir.

—A única maneira de deixar você sair é se você falar, porra, então você pode muito bem ir em frente.

—Eu não posso ficar aqui.

—Por que não?

—Eu simplesmente não posso. — Sua voz falha.

—Tente novamente.

—Me deixe ir, Jonathan, por favor.

—Não.

—Vou te ferir.

—Faça.

—Eu realmente vou.

—Fodidamente faça isso então.

Ela empurra o fragmento contra minha garganta e vejo seus olhos se arregalando antes de sentir a picada do corte.

Então meu sangue flui para o rosto dela.

Capítulo Dez

Aurora

O líquido quente cai em minha bochecha, nariz, boca e sinto o gosto de metal.

Metal *sangrento*.

Oh meu Deus. Oh meu Deus.

Minha mão treme incontrolavelmente e eu solto o caco de vidro, deixando ele cair no colchão. O sangue mancha os lençóis brancos, encharcando eles de vermelho.

Não, não…

Flashbacks daquele dia me atingem. Os olhos injetados de sangue, o olhar vazio, o sangue que escorria por seus braços.

Está acontecendo de novo. Ele está voltando.

Jonathan me empurra, sentando na cama, gemendo. Isso finalmente consegue me tirar do meu torpor.

Oh meu Deus. Eu fiz isso com Jonathan. Eu... eu cortei sua garganta.

—Oh meu Deus... — Eu respiro alto enquanto monto em seu colo e envolvo uma mão trêmula no ferimento em seu pescoço. —Eu sinto muito, sinto muito, eu... eu n-não quis dizer isso, eu só queria... sinto muito...

—Eu vou sobreviver, — ele diz com facilidade suficiente para me acalmar. Não importa. Tudo em que consigo me concentrar é no sangue escorrendo pelos meus dedos, cobrindo eles. Eu fiz isso. Assim como papai.

Eu sou como papai.

Oh Deus.

Eu vou vomitar.

—Ei... — A voz calmante de Jonathan ecoa no ar. —Olhe para mim.

Eu não posso. Toda a minha atenção está no rastro de sangue que escorre por seu corte e desliza entre meus dedos. O sangue que eu tirei. O que eu estava pensando? Este é Jonathan. Como eu poderia cortar ele?

—Aurora. — Seus dedos acariciam meu cabelo, em seguida, deslizam lentamente para o meu queixo, levantando e me guiando suavemente para olhar para ele.

Estou presa naqueles olhos em que passei semanas e meses me perdendo. Olhos que eu ia fazer ficar vago, assim como meu pai fez com aquelas mulheres.

—É apenas um arranhão.

—Não é! — Minha voz se quebra, as lágrimas caindo pelo meu rosto. —Eu sou igual a ele, não sou?

—Não, você não é.

Ele pega um lenço de papel da mesa lateral, remove minha mão e enxuga o pescoço. —Veja, parece pior do que é.

Agora que não está coberto de sangue, o corte não é longo, mas está lá e ainda está sangrando. Quanto mais sangue sai, mais as lágrimas deixam meus olhos.

—Eu vou consertar isso, — eu digo entre fungadas. —Eu sei como.

Eu rastejo para o kit de primeiros socorros na mesa de cabeceira, em seguida, volto para sentar no colo de Jonathan. Embora eu espere que ele me afaste, e ele tem todo o direito, ele não o faz.

Jonathan se inclina por um lado enquanto a outra volta a acariciar meu cabelo.

Pego o desinfetante e limpo o ferimento com as mãos mal firmes. Não consigo parar de chorar, mesmo quando o sangue seca. No momento em que coloco a gaze em sua pele, estou uma bagunça chorando.

Jonathan me empurra de volta para que eu fique sentada sobre suas coxas e muda minhas bandagens. Ele encara o corte na palma da minha mão quando agarrei o caco de vidro antes. O fato de ele desaprovar a forma como eu reabri minhas feridas, e depois as tornei piores, fica claro em seu olhar escuro.

—Se machuque de novo e eu vou te amarrar pra caralho, Aurora.

Uma fungada é minha resposta. Eu não poderia falar mesmo se quisesse. Minha atenção continua voltando para a gaze em seu pescoço, para o sangue que está ensopando a gola de sua camisa.

—Como você sabe fazer isso? — Ele pergunta em um tom baixo.

—O-O quê? — Eu consigo através das lágrimas.

—Você disse que sabe como consertar. — Ele derrama desinfetante na minha palma, mas eu nem estremeço. Ele tem um cuidado especial para limpar o sangue entre meus dedos e debaixo das minhas unhas.

Isso me faz chorar ainda mais, sentimentos de vergonha e arrependimento assombrando minhas palavras enquanto tento falar. —Fui esfaqueada quando era jovem e suturei minha ferida.

Não sei por que estou dizendo isso a ele. Talvez, como ele, eu esteja tentando tirar minha mente do presente.

—Por que você não foi à polícia?

Eu balanço minha cabeça freneticamente. —Eu não confiava neles. Eu ainda

não confio. Eles me odiavam e provavelmente me acusariam de fazer isso comigo mesma. Eu... é por isso que também não fui ao hospital, porque eles iriam me denunciar. Além disso, se o autor do crime fosse a família da vítima, eu não queria machucá-los. Eles sentiram dor suficiente para a vida toda.

—Pronto. — Ele deixa cair minhas mãos enfaixadas no meu colo, e eu mergulho na sensação confortável quando as feridas param de pulsar. Ele então limpa o que eu tenho certeza que é a bagunça no meu rosto com um pedaço de algodão molhado.

Minha testa franze. —O que?

—Esta é a razão pela qual você não é Maxim. Ele não daria a mínima se as pessoas sofressem enquanto ele tivesse sua gratificação. Você foi esfaqueada e permaneceu quieta para proteger os outros.

—Mas eu c-cortei você. — As palavras queimam na minha garganta.

—Você foi encurralada e tenho certeza de que não fará isso de novo.

—Como você pode ter tanta certeza?

—Eu apenas tenho.

Meu queixo treme. —Eu-Eu sinto muito, Jonathan.

—Pare de se desculpar.

—Mas...

—Se você não fizer isso, vou bater em você.

Minhas entranhas se derretem com essa promessa. Esse sentimento de total rendição à luxúria que tenho por Jonathan é a razão de eu ter destruído tudo. Tentei chamar a atenção de alguém para que abrissem a porta e eu pudesse fugir.

O fato de que ele pudesse usar meu corpo contra mim me assustou. Ainda faz, mas agora, sinto que estou suspensa em uma realidade alterada. Agora, não

tenho o direito de pensar em nada além do fato de que o magoei.

Eu poderia ter matado ele.

Eu poderia ter perdido ele de uma vez por todas.

—Jonathan, eu...

—Cale a boca, Aurora.

—Mas eu...

Sua mão envolve minha garganta e seus lábios capturam os meus. Minhas palavras e lágrimas param e meus pensamentos se perdem no ar. Algo me diz que eu não deveria fazer isso, mas essa razão pode ser condenada.

Eu gemo em sua boca enquanto ele me reivindica inteira. Ele tem gosto de conhaque e café. Eu amo tanto esse gosto nele. O fato de estar misturado com seu aroma amadeirado e picante parece como se eu estivesse mergulhando fundo nele.

Minha língua encontra a dele, acompanhando seu ritmo ou tentando, de qualquer maneira. Ele é muito intenso para eu manter o mesmo ritmo. Ter seus dedos em volta do meu pescoço aumenta a sensação letal de sua presença absoluta em torno de mim como um vício.

Ainda me beijando, ele me vira para que eu fique deitada de costas no colchão no meio do caos de roupas, toalhas e lençóis jogados.

Sua boca deixa a minha e eu respiro pesadamente, meus lábios estão inchados e em carne viva, mas quero mais. Eu preciso da confirmação de que ele me perdoa, que ele vê que eu não tive a intenção de machucar ele.

Os dedos de Jonathan apertam em volta da minha garganta, e eu agarro sua mão, não para remover ela, mas para manter ela como uma alavanca. Eu preciso me agarrar a algo, e é estranho que ele seja a única coisa a quem posso recorrer.

—Não chore de novo. — Sua voz é dura, mas terna ao mesmo tempo. — Esses olhos não são feitos para lágrimas.

Antes que eu possa entender suas palavras, ele rasteja pelo meu corpo e joga a camisola até minha cintura.

Eu não me incomodei com roupas íntimas depois do meu banho matinal, e estou feliz por não ter feito isso.

Um gemido de apreciação vem dos lábios de Jonathan enquanto ele desliza seus dedos por minhas dobras. Eu esqueci como é estar morta lá embaixo. Jonathan me fez enterrar essa parte de mim com cada orgasmo que ele arrancou de mim.

Agora, eu nem preciso de dor. Eu só preciso de sua presença e meu corpo inteiro volta à vida.

Ele libera minha garganta e, antes que eu possa protestar, ele se ajoelha ao pé da cama e começa a abrir minhas pernas.

Elas se alargam por vontade própria enquanto seus dedos deslizam do meu núcleo para a parte interna das minhas coxas, deixando um rastro úmido.

Estou caindo nessa sensação quando a língua de Jonathan dá um longo golpe. Minhas costas arqueiam para fora da cama enquanto uma onda de prazer desce pela minha espinha.

Ele segura minhas coxas em um aperto impiedoso enquanto enfia sua língua dentro de mim. No início, é lento, quase como se ele estivesse me provando.

Eu nunca permiti que ninguém caísse em mim. Parecia muito íntimo e simplesmente não era algo que eu estava disposta a desistir. Assim como, antes de conhecer Jonathan, eu nunca tinha ficado de joelhos para chupar um homem. No entanto, Jonathan acabou com minhas inibições uma por uma como se fosse um direito dado por Deus.

A sensação estranha faz com que meus lábios se abram em um gemido necessitado.

—Porra. — Sua cabeça aparece por entre minhas pernas. —Você é a melhor coisa que já provei.

E então ele voltou a festejar comigo. Seu ritmo sem pressa se foi. Jonathan empurra para dentro e para fora de mim com um ritmo que liquefaz meus membros. Meus mamilos se transformam em seixos duros, lutando contra o material da camisola.

Eu agarro seu cabelo com as duas mãos, os dedos cavando em seu crânio enquanto ele me devora impiedosamente. Não há outra descrição para isso. Jonathan não apenas me come, ele me reivindica. Ele é dono do meu corpo, mas ele não para por aí. De certa forma, é como se ele também estivesse atrás da minha alma.

A detonação se aproxima de mim e me agarra em suas garras implacáveis. Eu seguro os lençóis para alavancar, as unhas afundando no pano enquanto mais da minha excitação cobre seu rosto.

Se isso o incomoda, ele não demonstra. Nem um pouco. Jonathan continua e continua lambendo sua língua contra minha parte mais íntima. A sensação de sua barba por fazer adiciona atrito que eu não sabia que seria tão prazeroso. Ele faz uma longa varredura da parte inferior da minha fenda até o topo, então ele faz de novo.

Ele não para até que eu esteja uma bagunça trêmula na cama. —Ohh... J-Jonathan... Aaah...

Minhas palavras terminam em um som sem sentido quando gozo em toda a sua boca. Minhas pernas estão desossadas e minha espinha formiga devido à força do meu orgasmo.

Jonathan sobe em cima de mim, sua mão envolvendo minha garganta enquanto seus lábios encontram os meus novamente. É quase como se nossas bocas nunca estivessem separadas. Desta vez, sua língua mancha a minha com meus próprios sucos.

A intimidade me mata, mas não é só isso. É o fato de que Jonathan está me beijando sem que eu tenha que manipular ele de alguma forma.

É o fato de que ele me comeu mesmo depois que eu o machuquei.

É tudo dele.

Meus dedos enrolam em seu cabelo, segurando ele com tanta força quanto ele está segurando meu pescoço.

Ele remove minha palma, acariciando suavemente a bandagem e balançando a cabeça. —Você vai reabrir sua ferida.

Uma fungada rasga minha garganta enquanto murmuro contra sua boca. —Por que você se importaria?

Sua expressão não muda. —Por que eu não o faria?

As palavras me deixam em um sussurro atormentado. —Porque você matou minha irmã.

Capítulo Onze

Aurora

No momento em que digo as palavras, elas ficam suspensas entre nós como a lâmina de uma guilhotina.

Por um minuto, eu fico olhando fixamente para Jonathan, sem saber por que eu acho que ele vai cortar minha cabeça.

Espera. Ele está indo?

Sua expressão não muda, mas a luxúria que cobria suas feições desaparece. Em vez disso, sou confrontada com sua expressão fria como pedra. O cruel.

Aquele destinado a machucar.

Eu instintivamente empurro de volta contra o colchão. Posso não ter medo de Jonathan, mas seu silêncio une minhas omoplatas. É como se eu não pudesse respirar normalmente quando ele está tão perto, mas parece distante.

Tão longe.

Sua mão ainda está em volta da minha garganta e eu engulo em seco, esperando que ele aperte a vida fora de mim.

Mas aquela parte, aquela pequena parte estúpida que está devorando meu coração lentamente, é serena, quase pacífica. Essa parte acredita que Jonathan nunca me machucaria. Afinal, ele me atacou por agravar minha ferida. Ele não faria nada comigo.

Mas essa parte continua esquecendo o que Jonathan fez com Alicia.

—Do que você está falando? — O tom neutro de sua voz e o fato de que ele não está saindo de mim estão empurrando meus pensamentos em todas as

direções. Não sei se ele está blefando ou perguntando genuinamente.

Eu poderia desviar ou recuar, mas alguém com uma forte percepção como Jonathan iria ler através de mim.

Sem saber o que dizer, eu viro minha cabeça e olho para a lâmpada quebrada ao lado da cama. Talvez, se eu a estudar bastante, Jonathan se entedie e me deixe em paz.

Eu zombo internamente. A chance de Jonathan me deixar em paz é provavelmente tão impossível quanto a probabilidade da lâmpada se consertar magicamente.

Seus dedos acariciam a pulsação no meu pescoço em um tipo enganoso de suavidade. Não tenho dúvidas de que ele vai apertar a qualquer hora que quiser.

—Seu tempo acabou, Aurora.

Meu olhar frenético desliza de volta para o dele. —A-Acabou?

Ele vai me matar?

—Parei de esperar você falar. Você vai fazer isso agora.

Oh, então não é realmente 'acabou' como eu pensava. Uma onda de alívio me inunda, e odeio como meu peito está leve.

Quando permaneço em silêncio, os dedos de Jonathan apertam levemente, quase como se ele estivesse me lembrando de seu poder. —Se você não falar, estou liquidando a H&H.

O alívio se instalando na parte inferior do meu estômago desaparece lentamente. —Você não pode fazer isso!

—Eu posso e vou. Só para constar, sua amiga faixa preta esteve aqui antes e cometeu o erro de me ameaçar, então posso estar com vontade de arruinar a vida dela.

Oh meu Deus. Lay! Eu deveria saber que ela afiaria suas garras se eu desaparecesse para ela. Não que suas garras possam fazer algo a um homem como Jonathan. Ela só vai acabar se machucando.

Merda.

Conhecendo Jonathan, ele também irá atrás da família dela para esclarecer o assunto.

—Eu te odeio, — eu rosno para ele.

—Você não me odiou quando gozou na minha língua.

Minhas coxas apertam com a lembrança do prazer que ele trouxe para fora de mim não muito tempo atrás.

—Agora a porra da conversa, Aurora. Que absurdo há sobre Alicia?

—Tudo bem, me deixe levantar.

—Então você vai ter uma de suas birras? Não.

—Estou desconfortável.

—Mentirosa. — Seus lábios se contraem. —Você tem esfregado as coxas.

—O que significa que estou desconfortável.

—Você está excitada, não desconfortável. Você acha que eu não posso dizer a diferença?

Maldito seja ele e como ele é observador.

Respiro fundo, mas sai cortado e quebrado, assim como todo o caos em meu peito.

Estar encurralada é um dos sentimentos que mais detesto. Eu lutei tanto para escapar da sombra do meu pai, mas nunca consegui.

Mesmo que Jonathan tenha ameaçado tudo que é precioso para mim, há uma necessidade vil de contar tudo a ele. Para simplesmente derramar e... estar lá pela primeira vez na minha vida.

Eu sei que é perigoso e que provavelmente vai voltar e me morder na bunda, mas estou tão exausta. Meu corpo está cheio de hematomas, cortes e uma cicatriz curada que ainda dói.

Pode ser devido à dor física, à falta de sono ou a ambos, mas murmuro. —Desde o primeiro dia que vim aqui, tenho recebido mensagens de Alicia.

—Que tipo de mensagens?

—Gravações em pen drives. Parecia o testamento dela para mim. No início, ela disse que se eu os recebi, isso significava que ela estava morta. Então ela passou a me dizer que alguém queria matar ela. Ela também disse que nossa mãe disse a ela para cortar todos os contatos comigo. Na última mensagem, ela estava chorando e me disse...

—O que? — Espero que ele aperte minha garganta para uma boa medida, mas seus dedos se afrouxam até que ele está quase me acariciando.

—Ela... ela disse que você a estava envenenando. Você estava tentando matar ela.

Espero que ele negue, diga que estou errado, mas ele continua me estudando com aquele olhar calculista dele. Eu espero por suas palavras com a respiração suspensa, mas elas nunca saem.

—Então? — Eu sussurro.

Seu rosto está coberto por aquele vazio que eu não consigo superar, não importa quanto tempo eu passe com ele. —Onde estão essas gravações?

—No meu carro.

—Onde no seu carro?

—No meu porta-luvas. — Estou confusa. —Por que esse é o ponto principal aqui?

Ele se afasta de mim, e a pele onde seus dedos estavam em volta do meu pescoço fica de repente vazia e desolada.

O fato de ele ter parado de me tocar tão de repente parece errado. Por que parece tão errado?

Tento não me concentrar nisso enquanto sigo seus movimentos e me sento na beira da cama ao lado dele. Jonathan coloca um telefone no ouvido. —Moses. Procure no porta-luvas do carro de Aurora e me traga os pen drives.

Por que ele precisa deles?

Espere... —Você vai se livrar das evidências?

Jonathan desliga, mas mantém o telefone na mão. Sua expressão ainda é branda, mas algo me incomoda. As emoções que ele está escondendo atrás de sua fachada parecem erradas. —Não há evidências, porque esse absurdo não aconteceu.

—Alicia disse que você a envenenou para matar ela. — Eu provavelmente não deveria estar acusando ele abertamente, mas está aí agora, então eu posso muito bem ouvir sua opinião sobre isso.

—Eu quero ouvir por mim mesmo.

—É mais como se você quisesse destruir as evidências.

—Se eu quisesse matar Alicia, o teria feito logo depois que ela deu à luz Aiden. Eu não teria esperado até oito anos depois.

—Por que você iria querer matar ela? Ela era a pessoa mais suave do mundo.

—Ela era, e aquela suavidade a arruinou. — O calor em seu tom me

surpreende. É a primeira vez que ele realmente fala sobre Alicia sem seu toque impessoal de costume.

—O que aconteceu, Jonathan?

—Por que você quer saber? — Ele estreita os olhos em mim. — Então você pode me gravar em sua cabeça como o assassino da sua irmã?

É exatamente o oposto. Apesar de ouvir a mensagem de Alicia, uma parte rebelde de mim se recusa a acreditar que Jonathan a machucou ou iria me machucar. É por isso que quero que ele fale, para que eu possa matar essa parte de mim.

—Eu contei a você meu lado da história. É a sua vez, Jonathan.

—É por isso que você fugiu e tentou escapar?

Eu mordo meu lábio inferior.

—Você não confia em mim? — Embora sua voz esteja calma, há um tom de raiva nela.

—Eu confio na minha irmã.

—Você não deveria. Pelo menos não cegamente. Ela não estava mentalmente bem.

Eu sopro meu peito. —Minha irmã não era louca.

Sua boca se contorce no canto. —E você se pergunta por que eu a chamo de selvagem. Você está certa agora.

—Se você espera que eu fique quieta enquanto você fala mal de minha irmã, você tem outra coisa vindo.

—Eu não estou falando mal dela. Estou afirmando fatos que ela tentou ao máximo esconder de você e do mundo.

Eu me aproximo dele até minha coxa quase tocar a dele. —O que você quer dizer?

—O pai de Alicia era o arqui-inimigo da família King. Lorde Sterling estava decidido a destruir meu pai e qualquer legado que ele deixou para trás, porque minha mãe não o escolheu. Após a morte dos meus pais, decidi destruir ele.

Eu suspiro. —É por isso que você se casou com Alicia? Por vingança?

—Sim.

—Como você pôde fazer isso com ela? Seu tirano! Bruto! — Eu enrolo minha palma para socar ele.

Jonathan me lança um olhar penetrante. —Reabra suas feridas e eu vou amarrar você, Aurora. Eu quis dizer isso antes.

A ideia de estar desamparada me causa um arrepio. Eu deixei minhas mãos caírem para os lados, mas ele não para de olhar para mim, o sentimento de injustiça em nome da minha irmã me envolvendo por inteiro. —Por que você faria isso com ela?

—Ela sabia.

—O-O quê?

—Eu disse a ela sobre meus motivos desde o início.

—E... ela concordou?

—De fato.

—Mas por que ela fez isso?

—Porque ela odiava o pai pela morte de sua mãe e queria derrubar ele. Ela não tinha poder suficiente para fazer isso, então eu emprestei a ela esse poder e dei a ela a capacidade de ver seu pai de joelhos. Ele veio à nossa porta, implorando que lhe emprestássemos dinheiro para salvar seu negócio. Eu me

certifiquei de que ninguém mais faria, então sua única solução fomos nós.

—E? — Eu corro para o lado e, desta vez, minha coxa toca a dele. Quero observar sua expressão de perto enquanto ele me conta sobre o passado. Mas não muda muito, exceto a parte em que ele parece preso em outra linha do tempo.

—Ela deu dinheiro a ele.

—Oh.

—Ela foi que suave.

—Você... — eu paro, a pergunta presa na minha garganta.

—Vá em frente, pergunte. Se você não expressar sua pergunta, talvez nunca saiba a resposta.

—Você alguma vez a amou? — Minhas palavras são pequenas, quase inaudíveis.

—Achei que sim, à minha maneira. Alicia era minha esposa, mãe de meu único filho, e ela fazia tudo que eu pedia sem me dar uma atitude a respeito. — Ele me encara de cima a baixo, mostrando o que quer dizer.

—Bem, desculpe, não sou uma réplica dela.

Seus lábios se contraem no que parece um sorriso. —Isso, você não é. Tão longe.

—O que você quer dizer com até agora?

O telefone de Jonathan vibra e o nome de Moses pisca na tela.

Ele põe o telefone no ouvido, escuta sem falar e desliga. A linha entre sua testa se enruga enquanto ele me encara de uma forma estranha.

É a segunda vez que Jonathan me olha assim, como se estivesse vendo um fantasma. A primeira vez foi no casamento de Aiden.

—O que é isso? — Eu murmuro. —Por que você está olhando assim para mim?

—Não havia pen drives no carro.

—Claro que havia. Eu mesma os coloquei lá. Tem certeza de que Moses não se livrou deles?

—Moses nunca faria algo sem minha ordem.

—Eles estão no porta-luvas. Eu vou checar.

Ele me agarra pelo braço, me impedindo de sair do seu lado. Sua expressão cai, quase como se ele estivesse desapontado, mas em quê? E por que diabos eu odeio que ele esteja direcionando essa expressão para mim?

—Por que diabos você continua me olhando desse jeito? — Eu estalo.

—Tem certeza de que recebeu essas mensagens? — Seu tom, embora não severo, parece um tapa na minha cara.

—Claro que sim! Você acha que eu… eu inventei ou algo assim?

Ele não diz nada, mas essa expressão não desaparece. Na verdade, a linha em sua testa se aprofunda.

—Recebi gravações da Alicia, Jonathan. Eu fiz!

Quando ele continua seu silêncio irritante, lágrimas se formam em meus olhos, lágrimas de raiva. Por que diabos sua descrença está me afetando tanto? Tudo que eu quero é estender a mão e apagar aquele olhar de seu lindo rosto. Eu não quero que ele me considere assim, não agora. Nunca.

—Paul! — Eu pego seu telefone. —Vou ligar para o concierge do meu prédio. Ele é quem me contatava sempre que eu tinha um pacote de madeira que continha um pen drive. Vou colocar no viva-voz para que você possa ouvir que estou certa.

Bolhas de energia em minhas veias enquanto eu desbloqueio o telefone usando a impressão digital de Jonathan e digito o número de Paul. Eu aprendi de cor pelo quanto eu verifiquei maniacamente para ver se havia recebido uma nova mensagem.

Jonathan não me impede quando coloco o telefone entre nós enquanto toca.

—Alô, — a voz de Paul vem do outro lado.

—Ei, Paul. Aqui é a Aurora do 19.

—Olá, Senhorita Harper.

O que há com a formalidade em seu tom? Enfim, isso não é o que importa agora. — Paul, lembra quando você costumava me ligar sempre que eu recebia uma caixinha de madeira?

—Me desculpe, senhorita?

—As caixas, Paul. Aquelas que você puxou de debaixo do balcão e disse que não tinham o endereço do remetente e normalmente as encontrava na frente do prédio.

—Infelizmente, não sei do que você está falando, senhorita. Nunca vi esses pacotes. Além disso, você já encaminhou todos os seus pacotes para o seu novo endereço.

—Havia caixas. — Minha voz aumenta conforme meu aperto em torno do telefone aumenta. —Recebi a primeira há dois meses e a última veio ontem.

—Não a vi ontem, senhorita. Tirei o dia de folga para minha consulta no dentista.

Não, não, não…

—Pare de brincar comigo, Paul. — Minha voz está quebradiça, mas também está prestes a quebrar o inferno.

—Com licença senhorita?

Jonathan tira o telefone dos meus dedos, enquanto tento lutar por sua posse. —Obrigado.

Uma palavra. Uma simples palavra e então ele desliga. Seu olhar sobe para o meu rosto como se eu fosse um animal ferido em seu leito de morte.

—Pare de me olhar assim. — Minha voz falha.

—Como o quê?

—Como se você pensasse que eu sou louca. Eu não sou.

—Tudo certo.

—Eu não sou. Recebi esses pacotes.

—Certo.

—*Pare* com isso. — Eu bato em seu peito. —Pare! Pare! Eu não sou louca, certo?

Jonathan prende minhas mãos contra seu peito, parando minha birra. Eles ficam moles em seu aperto, exaustão e confusão crescendo em minhas terminações nervosas.

—Você precisa descansar, Aurora. Você não dorme direito há dois dias.

Ele se levanta e estende a mão para mim, e eu me afasto, me apoiando nas mãos.

—Você vai agravar sua ferida. — Ele coloca uma mão nas minhas costas e a outra embaixo das minhas pernas e me carrega em seus braços.

Eu não luto. Eu sinto que se eu fizer isso, eu realmente serei rotulada de louca.

E eu não sou. Eu tinha aquelas mensagens vocais de Alicia. Eu não me

importo com o que Jonathan ou qualquer outra pessoa diga sobre isso.

Ele rapidamente cruza a distância entre o meu quarto e o andar de cima. O tempo todo, fico observando seu rosto, a forma como aquela linha permanece entre suas sobrancelhas.

Maldita linha. Por que diabos não está desaparecendo?

Jonathan me coloca em sua cama, então puxa suavemente a coberta até meu queixo.

Mas ele não se junta a mim. Ele nem mesmo tenta. E a percepção de que ele não vai dividir a cama comigo me corta mais profundamente do que eu gostaria de admitir.

—Durma, Aurora.

—Eu *não* sou louca.

—Eu nunca disse que você era.

—Mas você acredita. Você está pensando nisso agora. Eu posso dizer. — Eu aperto meus lábios para não soltar todas as bobagens com que meu cérebro está borbulhando. Isso tornará meu caso mais difícil, não mais fácil.

— Falaremos de manhã.

—Onde você vai?

—Eu preciso fazer algumas ligações de trabalho.

Chamadas de trabalho, minha bunda. Mais como se ele estivesse me evitando. Ele nem vai olhar mais para mim como antes, vai?

Me recusando a pensar sobre isso, direciono meus pensamentos para outra coisa.

—Eu quero Layla. — Eu empurro meu queixo. —Você disse que eu poderia

sair e encontrar quem eu quisesse.

—Ela estará aqui quando você acordar de manhã. — Ele estende a mão, o que geralmente significa que ele vai tirar uma mecha de cabelo do meu rosto, mas em vez disso, ele reajusta o lençol, sem tentar me tocar. Então ele retrai a mão e sai.

Quando a porta se fecha atrás dele definitivamente, uma lágrima desliza pelo meu rosto.

Eu *não* sou louca.

Capítulo Doze

Aurora

Ela é como Alicia.

Assim como Alicia.

Você se lembra de quando ela costumava inventar coisas?

Não é apenas uma semelhança em suas características. Elas devem ter herdado os genes errados de sua mãe.

As vozes entram em colapso e se misturam. Acho que posso pegá-las, mas no momento em que estendo a mão, eu caio.

Para baixo.

Para baixo...

Eu acordo, o suor cobrindo minha pele. Por um segundo, não consigo descobrir onde estou, mas então, logo, o cheiro sensual familiar enche minhas narinas. Bosque e arejado. Uma estranha sensação de paz me envolve como um casulo.

Quarto de Jonathan. Está escuro porque as cortinas estão fechadas, mas posso sentir sem ter que procurar muito.

Me lembro vagamente de braços fortes me envolvendo por trás no meio da noite. Ou foi também uma brincadeira da minha imaginação?

Minha respiração fica difícil e superficial quando lembro o que aconteceu na noite passada e a maneira como Jonathan olhou para mim.

Por que ele me olhou assim?

Eu sinto que vou ficar velha e grisalha e nunca vou esquecer a decepção em seus olhos, e foi também... nojo?

A porta se abre e eu aperto os olhos quando a luz do corredor me atinge.

—Seu cavaleiro de armadura brilhante está aqui, companheira!

Eu sorrio apesar de mim mesma com a voz de Layla. Nunca estive tão feliz em ver ela em minha vida como estou neste momento.

Ela está vestindo calças largas e um moletom com a inscrição: *Se você está feliz e sabe disso, fique longe*. Sua expressão cai quando ela se concentra em mim. —O que aconteceu com suas palmas e lábios?

—Eu caí.

—F isso. Foi Johnny, não foi? Eu vou processar a bunda dele. Estou arrastando aquele ditador para o tribunal.

—Não foi ele.

Ela estreita os olhos, se aproximando lentamente de mim. —Você está protegendo ele ou algo assim?

—Porque eu faria isso? Agora venha aqui. Senti sua falta.

Ela praticamente corre em minha direção, então me envolve em um abraço. É a primeira vez que Layla inicia um abraço e eu sei que não devo levar isso de ânimo leve.

—Eu estava tão preocupada com você, — ela fala em meu pescoço. —Eu estava planejando realmente apunhalar Johnny na garganta para que eu pudesse ver você.

Eu já fiz isso.

Meu coração cai com a lembrança de sangue e o corte e tudo mais. Circulando meus braços em volta de suas costas esguias, eu a abraço e

permanecemos assim por um tempo enquanto eu luto contra as lágrimas que tentam escapar.

Eu fungo e Layla se afasta. —Ei, o que há de errado?

—Tudo?

—É aquele pedaço de M, Johnny, não é? Eu estou totalmente chutando ele no nariz.

—Pare com isso, Lay.

—O que você quer dizer com parar? Ele prendeu você!

—Não, quero dizer, sim, mas era complicado. Eu preciso te perguntar sobre uma coisa.

—Não há nada complicado em trancar alguém. Essa merda não é boa, cara. E então o babaca me proíbe de vir aqui? Sim, não vai acontecer. Não nesta vida.

—Lay, foco.

—O que?

—Quando fui morar com Jonathan pela primeira vez, contei a vocês sobre os pacotes sem remetente que costumava receber no endereço do meu antigo apartamento?

—Acho que você disse algo sobre mudar seu endereço de correspondência porque era chato ir e voltar.

—Não é disso que estou falando. Eu mencionei um pen drive e as mensagens de Alicia? Eu disse que concordei com o acordo de Jonathan porque queria saber a verdade por trás de sua morte.

—Você fez, totalmente, e eu disse, não faça isso, mas você continuou com isso de qualquer maneira. Ninguém escuta Layla.

—Você se lembra das mensagens. — Minha voz está tão cheia de esperança, é patético.

—Não tenho ideia de nenhuma mensagem. Você disse que guarda rancor de Johnny porque acha que sua irmã morreu por causa dele.

—Nunca mencionei as mensagens de voz que recebi?

—Não.

—Merda.

—Quais mensagens de vozes? — Ela sussurra, como se isso fosse uma teoria da conspiração.

—N-Nada. — Não quero que Lay também pense que sou louca.

Eu sou? Eu não sou, certo?

Ela me fixa com aquele olhar exageradamente dramático que aprendeu nos programas de detetive. —O que você está escondendo de mim? Derrame.

—Eu vou. S-Só não agora, certo? — Faço uma pausa, então deixo escapar para desviar sua atenção, —Jonathan ligou para você?

—Sim. Sete da manhã como um maldito alarme, não que eu tenha dormido. Passei a noite inteira planejando sua morte. Ele pensou que poderia te prender e ter seu felizes para sempre? Nuh-uh, não vai acontecer.

Não que ela pudesse ter feito algo com ele, mas o fato de que ela não desistiu de mim aquece meu coração.

—Eu até trouxe reforços.

—Que tipo de reforço?

Ela sorri com pura malícia. —Johnny não pode me expulsar, então me chame como se eu fosse seu cachorro de colo.

—O que você fez, Lay?

—Relaxe. Eu apenas embaralhei suas cartas com a pessoa que ele odeia.

O reconhecimento se instala. —Você não fez.

—Totalmente fiz. — Seu sorriso se alarga. —Eu trouxe meu papai.

Eu pulo de pé. —Lay! E se eles forem um contra o outro?

—Você acha que eles fariam? Oh, puxa, eu deveria ter ficado para assistir.

—Você é... — Eu aponto o dedo para ela, sem palavras.

—A melhor? — Ela agita seus cílios. —Seu correr ou morrer?

—Eu vou lidar com você mais tarde.

—Cara, espere! — Ela chama atrás de mim, mas eu já estou voando escada abaixo, sem me preocupar com os sapatos.

Se minhas vagas lembranças da noite passada fossem reais, Jonathan mal dormiu. Era quase quatro da manhã quando ele me acariciou por trás. A última coisa que ele precisa é uma briga com Ethan no início de seu dia.

Não tenho dúvidas de que eles irão atacar um ao outro. Ethan pode parecer legal, mas ele não hesita em dar um soco em Jonathan, na verdade, ele faz disso sua missão. Quanto ao meu tirano, bem, ele não tolera Ethan de forma alguma e não tem medo de mostrar isso.

Ele até projeta essa hostilidade em Elsa, apenas pelo fato de ela compartilhar DNA com Ethan.

Com certeza, vozes cortadas se filtram da área de estar principal na entrada da mansão King.

—Você não é bem-vindo aqui, Ethan. Vá embora.

—Layla está preocupada com Aurora e não posso ir embora sem ter certeza

de que ela está segura.

—A segurança dela e toda a sua existência não são da sua porra da conta. — A voz de Jonathan fica estranhamente calma, mas com um tom ameaçador. — Não olhe para ela. Não fale com ela. Não respire perto dela.

Uma risada vem de Ethan. —E se eu recusar?

—Que a resposta seja uma surpresa.

—Você está me ameaçando, Jon?

—Não me chame assim.

—O que? Jon? É assim que eu costumava chamar você antes.

—Você perdeu o direito de me chamar assim há muito tempo, seu bastardo de merda.

—Eu também perdi minha esposa. — O tom de Ethan endurece.

—Não antes de ela trancar e torturar meu filho, a quem, devo lembrar, você sequestrou.

—Isso é porque *você* queimou toda a porra da minha fábrica, Jonathan. Pessoas morreram. Aiden, não.

—Alicia fez.

—Abigail também. Eu também, por nove anos, caso você tenha esquecido.

Chego a tempo de encontrar os dois homens frente a frente. Jonathan é o primeiro a olhar na minha direção.

Seus olhos escurecem instantaneamente para uma cor assustadora. Eu permaneço congelada no lugar pela mera força disso.

O que? O que é isso?

Eu olho para mim mesma e percebo que não apenas desci descalço, mas também estou usando a camisola frágil da noite passada. Meu cabelo deve estar uma bagunça, assim como meu rosto.

Na minha tentativa de parar qualquer guerra que eles iriam desencadear, eu apareci assim.

Layla me alcança, ofegante. —Pessoas com pernas longas são uma droga.

—Por que você não me disse que eu vim assim? — Eu assobio para ela.

—Eu tentei. Você não ouviu.

Estou prestes a dizer mais alguma coisa quando uma grande presença aparece na minha frente.

Jonathan.

Eu não sei por que meu coração pula uma batida violenta sempre que ele olha para mim com aqueles olhos de aço. É como se eu fosse a única coisa importante em seu ambiente e ele não hesita em mostrar isso.

Então por que ele me considerou ontem à noite como se eu fosse louca?

Afastando esse pensamento, paro um momento para apreciar o quão elegante e maior do que a vida ele parece em seu terno preto sob medida. Sério, se ele alguma vez considerar uma carreira de modelo, ele vai pegar isso como tudo em sua vida, basicamente.

Eu nunca soube que tinha uma queda por homens de terno até que Jonathan apareceu. Ou, mais precisamente, ele é o único homem de terno por quem tenho uma queda.

Embora uma coisa seja para dizer o mínimo. Meus mamilos se contraem contra a camisola fina na vista, e algo me diz que não é por causa do ar frio que vem da entrada.

Jonathan tira seu paletó e o envolve em volta dos meus ombros, então ele me pega e me carrega em seus braços.

Bem desse jeito.

Assim como é um dado.

Um suspiro suave me deixa, mas o som é engolido por quão quente ele se sente, quão bom ele cheira.

Será que algum dia vou me acostumar com isso? Pior, algum dia esquecerei disso?

Layla faz uma careta nas costas de Jonathan, obviamente ainda guardando rancor sobre a maneira como ele a expulsou. Os lábios de Ethan se abrem em um sorriso misterioso enquanto ele nos observa como um gato que pega um rato.

Jonathan me leva de volta para a sala, seus passos firmes e decididos. Ele anda com a mesma confiança que exala, não há sombra de dúvida. Mas desta vez, é quase como se ele estivesse com raiva.

Ele me abaixa no chão, meus pés descalços sendo engolidos pelo tapete felpudo, então ele chuta a porta fechada.

Quando ele me encara, estou imobilizada pela escuridão em seu olhar.

É quase como se ele estivesse salvando e agora estivesse liberando.

Quando ele fala, sua voz está cortada e inegociável. —Você nunca, e quero dizer, nunca, apareça vestida assim na frente de Ethan ou de qualquer outro homem. Isso está entendido?

A possessividade em seu tom deixa minha pele quente e formigando.

—Porra, eu disse isso está entendido Aurora?

Tudo o que posso fazer é acenar com a cabeça.

Parecendo satisfeito com a resposta, a borda deixa um pouco suas feições. — Por que você desceu?

—Eu... eu não queria que você brigasse com Ethan na primeira hora da manhã.

A ligeira facilidade desaparece e ele se fecha como o cofre que é. — Preocupada com ele? — Quando eu não respondo, ele me alcança em duas longas passadas e envolve a mão em volta da minha garganta. —Você está?

—Não.

—Então, o que é?

—Eu... você... você mal dormiu na noite passada. — Meus lábios tremem. — Certo?

Sua expressão é ilegível e espero que ele confirme que estou louca, mas ele afrouxa o aperto em minha garganta. —Certo.

Certo. Eu não inventei isso. Ele dormiu ao meu lado. Ele não estava com nojo de mim a ponto de não querer me tocar.

Isso significa que eu também não inventei essas vozes?

—Vamos. — Ele me pega pelo pulso para não machucar a palma da mão. — Me deixe ajudar com o banho para que você possa se arrumar.

—Me arrumar para o quê?

—Você não tem que ir trabalhar?

Um longo suspiro me deixa. Não porque ele está me devolvendo a liberdade, porque, de certa forma, eu sabia que Jonathan manteria sua palavra, mas por causa do fato de que ele não mencionou a parte em que pensa que eu sou louca.

Mas então ele me encara por cima do ombro e me lança aquele olhar novamente.

A pena.

A decepção.

Ele... ele vai se livrar de mim, não é?

Assim como Alicia.

Capítulo Treze

Aurora

Mesmo que eu vá trabalhar, não consigo me concentrar.

Só fico pensando nessas vozes me irritando e sussurrando coisas como:

Ela está perdendo a cabeça, assim como Alicia.

O que torna tudo pior é a maneira como Jonathan olhou para mim. E então ele não tentou me tocar durante o meu banho hoje. Seus movimentos eram tudo menos sexuais com o único propósito de me ajudar a tomar banho.

Normalmente, suas mãos vagam por todo o meu corpo e ele exige que eu implore que me toque ou me leve ao orgasmo.

Hoje não. Ele não tinha interesse em mim, mesmo quando eu estava totalmente nua na frente dele. Eu finjo que isso não me corta e deixa uma ferida pior do que as que cobrem meu corpo.

Ser o único foco de seu toque apenas para perdê-lo de repente é mais duro do que eu jamais pensei.

Depois do banho, ele me ajudou a me vestir e desapareceu.

Bem desse jeito. Sem palavras. Sem pedidos para mais tarde como de costume.

Nada.

A frieza que senti quando ele saiu pela porta foi como ser empurrada para um freezer e trancada lá dentro.

É isso que ele também fez com Alicia quando ela começou a enlouquecer?

Não que eu seja. Eu *não* sou.

Embora vir até aqui para provar minha teoria provavelmente esteja forçando-o.

Fui ao meu antigo prédio durante a minha pausa para o almoço, onde Paul insistiu que não havia pacote e ele não me viu naquele dia. Shelby, meu vizinho mal-humorado, não estava lá para mim para mantê-lo como testemunha. Quando perguntei a Paul onde ele estava, ele disse que estava tendo problemas com a lei e que estava resolvendo na delegacia.

Então, depois que eu saí, um pensamento assustador me assaltou. E se o ataque com Sarah nunca aconteceu? Quero dizer, como ela saberia onde eu morava, mesmo se ela me viu naquele evento de caridade?

Ela me viu? Ela estava lá ou eu a inventei?

Todos esses pensamentos têm me confundido. Eu sinto que existo fora do meu corpo e não consigo encontrar uma maneira de voltar para dentro.

Exceto por essa ação estúpida e irracional.

Estou em frente à casa de Aiden e Elsa em Oxford, a mão segurando meu relógio. Elsa me enviou o endereço quando a vi pela última vez, na tentativa de me convidar para jantar. Eu sempre recusei porque Aiden parece que quer cortar minha cabeça.

Hoje, dirigi todo o caminho até aqui. E embora eu tenha passado quase duas horas na estrada, ainda não consegui exatamente organizar meus pensamentos.

A chuva cai como se o céu se revoltasse contra o mundo. O crepúsculo veio e se foi, e o início da noite aumenta a escuridão da forte chuva.

Eu fico encharcada em segundos durante a pequena viagem do meu carro até a porta da frente. Meu cabelo gruda nas têmporas e a água forma riachos pelo meu rosto.

Quando tive essa ideia, meu único ângulo era que, além de Jonathan, Aiden conhecia Alicia melhor. Ele teria notado se houvesse algo errado com sua mãe.

Aperto a campainha com dedos hesitantes enquanto as dúvidas surgem, a mais proeminente de todas é que Aiden não gosta de mim. Por que ele falaria sobre Alicia na minha frente quando ele pensa que sou uma impostora?

Afinal, era uma má ideia. Se eu sair agora, eles provavelmente vão atribuir o toque do sino a uma brincadeira de criança.

Antes que eu possa fugir, a porta se abre. Elsa aparece na soleira vestindo shorts e uma blusa sem mangas. Seu cabelo comprido está preso em um rabo de cavalo bem cuidado e seu rosto é macio e bonito, mesmo sem um grama de maquiagem. Ao me ver, seus lábios se alargam em um sorriso lindo.

—Aurora! Que surpresa adorável. — Ela me envolve em seus braços em um abraço, sem se importar com o fato de que eu estou encharcada.

—Lamento ter vindo sem aviso prévio.

—Não seja ridícula. Você é sempre bem-vinda aqui. — Ela me conduz para dentro. —Entre. A chuva te pegou.

—Obrigada. — Permaneço na entrada para não pingar no piso de madeira brilhante.

A casa deles não se parece em nada com a mansão King. É menor, mais aconchegante e tem uma decoração elegante, mas pessoal, como as pequenas estatuetas da casa e a pintura de Aiden e Elsa no dia do casamento. Astrid deve ter feito isso, tem seu toque especial e não convencional.

O tamanho e a sensação da casa me fazem pensar se Aiden gostaria de trocar a grande, vazia e fria mansão King por um lugar que ele considera um lar. Um lugar onde ele pode começar de novo com Elsa.

—Por que você está parada aí? — Elsa faz um gesto atrás dela. —Entre.

—Estou bem aqui. — Eu limpo minha garganta. —Aiden está por aí?

—Sim, ele...

—Querida? — Sua voz é filtrada do topo da escada. —O que eu disse sobre abrir a porta? Eu sou o único que faz isso. Ninguém consegue olhar para você com essas roupas minúsculas.

—Ali está ele. — Elsa balança a cabeça e sussurra. —Desculpe por isso.

—Você não precisa se desculpar. — Um pequeno sorriso roça meus lábios, lembrando como Jonathan agiu esta manhã na frente de Ethan.

Tal pai tal filho.

Meu sorriso cai quando Aiden se junta a sua esposa e me olha com uma testa franzida. Como ela, ele está vestindo calças de algodão e uma camiseta branca simples. Seu cabelo preto está despenteado, e eu não posso deixar de olhar para a pequeno sinal no canto do olho direito a única característica física que ele herdou de Alicia.

Ele coloca um braço em volta da cintura de Elsa e a puxa para o seu lado, quase como se quisesse proteger ela de mim. —O que você está fazendo aqui?

Ela dá uma cotovelada nele. —É uma maneira de tratar o nosso hóspede? Ela veio de Londres durante essa chuva.

—Ela não é minha convidada. — Ele continua a me estudar, provavelmente esperando uma resposta para sua pergunta.

—Eu... eu quero te perguntar uma coisa.

—Não temos nada para conversar.

Elsa se afasta de seu aperto, olhando ele para baixo, embora ele seja muito mais alto do que ela. Ela então pega minha mão e me leva para dentro e me senta no sofá, apesar da minha tentativa de protestar.

No momento em que ela traz uma toalha fofa e envolve em volta dos meus ombros, Aiden vem atrás, com as mãos nos bolsos. Seus olhos cinzas se estreitam em mim como se eu fosse uma responsabilidade da qual ele precisava se livrar.

—Eu vou pegar algo quente para você beber. — Ela sorri para mim, então olha para Aiden. —Seja legal.

—Eu sou tudo menos legal, lembra? — Ele dá a ela um olhar indecifrável e, embora eu não consiga ler, as bochechas de Elsa ficam vermelhas.

É fascinante como eles podem se entender com um simples olhar.

Foi assim que Jonathan me fez sentar em seu colo ou deitar de bruços. Às vezes, ele não precisava dizer uma palavra, e mesmo que o fizesse, era porque eu estava agindo para ouvir seu tom de comando.

Eu fechei a porta para esse pensamento e para ele. Jonathan é a última coisa que preciso em minha mente agora.

Ele não quer mais me tocar. Ele acha que eu sou louca.

Idiota.

Tento apagar isso me concentrando na cena à minha frente.

Elsa passa os dedos pelo peito de Aiden e sussurra algo em seu ouvido. Seu olho esquerdo se contrai, mas sua expressão permanece a mesma quando ela desaparece na esquina.

Aiden olha para ela, então sua atenção se volta para mim, escura e ilegível. Assim como seu maldito pai.

Ele se senta à minha frente e eu aperto a toalha com mais força.

—Vá em frente, — ele fala em seu tom frio de pedra. —Quanto mais rápido você fizer, mais cedo você estará fora daqui.

Que grande anfitrião. Mas eu não digo isso. —Quando você era mais jovem, você notou algo errado com Alicia?

Tenho quase certeza de que ele ficou surpreso com a pergunta, mas suas feições voltaram rapidamente à sua frieza normal. —Do que se trata?

—Margot disse que Alicia tinha episódios em que vagava pela casa durante a noite e inventava coisas. Ela também rabiscou livros e paredes e...

—Cale-se. — A mandíbula de Aiden aperta.

—Me diga por favor. Eu preciso saber.

—Por quê? Então você pode ter pena dela? Sentir muito por não estar lá? Qual é o seu ângulo exatamente?

—Porque eu posso estar me tornando como ela, — as palavras saem da minha boca em um sussurro atormentado.

Meus dedos tremem até que a toalha quase cai. Meus dentes começam a bater, mas não é por causa do frio.

Aiden me olha por um segundo a mais, sem falar. Não tenho certeza se ele está pesando as palavras que vai dizer ou apenas entendendo as minhas.

—O que te deu essa ideia?

—Acho que estou tendo alucinações. As coisas que juro que aconteceram não são reais, e estou começando a duvidar das coisas que aconteceram.

—Isso soa como Alicia. — Sua voz é calma, baixa. Ele apoia o cotovelo no apoio de braço e apoia a cabeça nos nós dos dedos. —Ela tinha noites em que insistia que via fantasmas. Ela escreveu sobre eles e até cantou uma canção de ninar. Levi e eu achamos divertido, mas tio James, e especialmente Jonathan, nos proibiu de ver ela quando ela estava naquele estado.

—Foi... ruim?

—Não quando eu era jovem, não. Ela costumava ler para mim e circular palavras que considerava interessantes. Acho que ela ficou muito ruim muito rápido enquanto eu crescia. — Seu punho se fecha. —E Jonathan não fez nada para ajudar ela.

Eu vejo então. O rancor. A dor.

Foi imperceptível no início porque, como seu pai, Aiden prende seus sentimentos em um cofre. Pode ser devido à sua infância anormal, perder sua mãe enquanto era tão jovem, ou ter sido criado por um maníaco por controle como Jonathan. Pode ser todos eles.

O fato é que Aiden culpa seu pai pela morte de Alicia. Exatamente como fazia no passado. Eu pensei que ele não a protegeu e que, por causa de seu descaso, minha irmã morreu muito cedo.

—Jonathan foi muito negligente?

—Para suas necessidades físicas? Não. Mas para as emocionais dela? — Ele zomba como se essa fosse toda a resposta de que preciso.

—Eu sinto muito.

Ele faz uma pausa, levantando um pouco a cabeça. —Por que você está se desculpando?

—Não estar lá quando ela saiu. Teria sido diferente.

—Não se iluda, — diz ele, mas não há rudeza por trás disso. —Não teria sido.

—Seria. Para nós dois.

Talvez se eu estivesse lá, de alguma forma, teria preenchido a lacuna emocional entre ele e seu pai. Talvez eles pudessem ter me ancorado depois de perder as duas únicas pessoas que eu considerava família.

Talvez são muito cruéis.

O fato de que essas coisas não aconteceram e nunca vão, doem mais do que a dor física.

—Você não é ela, — sussurra Aiden.

—Eu sei. Eu nunca quis ser.

—Não. Você não é ela. — Não há acusação em sua voz. É mais como... tristeza? —Você não vai cair como ela caiu.

—O que te faz pensar isso?

Ele hesita. É a primeira vez que vejo Aiden hesitando. —Jonathan nunca olhou para ela do jeito que ele olha para você.

Minha respiração diminui com as palavras dele, mas antes que eu possa dizer qualquer coisa, Elsa entra carregando uma caneca de chocolate quente e a coloca entre meus dedos rígidos. O calor dissipa um pouco do frio, mas não luta contra os tremores.

Não perco como os olhos de Aiden seguem cada movimento de Elsa como se ela fosse o ímã para seu aço. É como se ele fosse fisicamente incapaz de desviar a atenção dela.

—Você tem que trocar de roupa para não pegar um resfriado, — ela me diz. —Temos tamanhos diferentes, mas vou ver o que posso encontrar.

—Não, é melhor eu ir. — Eu começo a me levantar, mas ela gentilmente me senta de volta.

—Absurdo. Você não pode dirigir de volta tão tarde e no meio da chuva. Passe a noite aqui.

—Eu vou ficar bem.

—Jonathan não vai se importar se você passar a noite fora. — Elsa espia o

marido e pergunta em tom inseguro. —Certo?

—Ele faria. — Aiden levanta um ombro. —Mas fique assim mesmo.

Elsa e eu congelamos, sem saber se o ouvimos corretamente. Aiden acabou de me dizer para ficar aqui?

Elsa é a primeira a se recuperar e sorri amplamente para ele, com o nariz franzido. —Totalmente. Me deixe pegar algumas roupas secas.

Quinze minutos depois, estou usando um dos vestidos de Elsa. Ela é um ou dois tamanhos menor e eu sou mais alta do que ela, então o material de algodão se aperta em volta dos meus seios, estômago e quadris, e nem chega aos joelhos.

Ainda melhor do que roupas molhadas. Também troco minhas ataduras por outras secas. A voz de Jonathan sobre não reabrir minhas feridas ecoa em meus ouvidos o tempo todo.

Então ele olhou para mim dessa forma. Como se ele pensasse que eu estava louca. Como se ele estivesse desapontado comigo.

Não consigo tirar esse olhar da minha cabeça, não importa o quanto eu tente. Eu também não consigo parar de pensar em seu toque platônico esta manhã.

Pode ser que eu esteja sendo mesquinha, mas opto por não dizer a ele onde estou. Ele não é meu guardião. Ele não precisa saber onde vou passar a noite.

Eu me junto a Elsa na cozinha e, para minha surpresa, ela é apenas a subchefe de Aiden. Seus movimentos são organizados e precisos e ele conhece bem tudo.

—Você sempre cozinha? — Eu tento, esperando que ele me ignore.

Ele acena, mas mal me dá atenção. Bem, isso é um começo, eu acho.

—Vou lhe contar um segredo, — Elsa se inclina para sussurrar. —Eu não cozinho, nada. Aiden não me deixa.

—Bem, eu não sou muito boa em cozinhar, — murmuro de volta. —

Ninguém deve permitir que eu chegue perto de uma cozinha.

Nós duas rimos, e Aiden lança um olhar que sugere que ele não está feliz por ser deixado de fora da nossa conversa.

Tentamos ajudar ele, mas ele nos enxota, então fazemos a mesa, que fica perto da sala.

Elsa e eu sentamos lá, bebendo vinho e olhando pela grande janela que dá para a mesa de jantar. As gotas de chuva que escorrem formam longas filas e os postes de luz dão um toque aconchegante à vista.

É uma noite tranquila e eu deveria aproveitar ela. Eu poderia se meu coração parasse de afundar como um navio abandonado.

—Lamento se interrompi seus planos, — digo a Elsa.

Ela desliza a taça de vinho sobre a mesa. —Mais parecidos com os planos de Aiden, mas são planos diários, então ele pode esperar.

—Tem certeza de que ele não vai me odiar mais?

—Ele não te odeia. — Ela morde o lábio inferior. —Quero dizer, você é a mulher que domesticou Jonathan King. Qualquer um respeitaria você por isso, Aiden incluído.

—Eu não o domestiquei. — Longe disso. Na verdade, tudo o que tínhamos foi destruído desde minhas alucinações.

—Você viu como ele é possessivo com seu tempo e atenção?

—Isso é porque ele é um maníaco por controle.

—Bem, ele é, mas é mais. Eu posso dizer.

—Você pode dizer, como?

—Está nas pequenas coisas, sabe?

—As pequenas coisas?

Ela toma um gole de seu vinho e encosta a cabeça na palma da mão. —Certo, então aqui está uma. Quando nos sentamos para os jantares em família, Jonathan não tocava em sua comida até que tinha certeza de que você não só estava acomodada, mas também começou a comer.

—Ele simplesmente gosta de todos sentados.

—Jonathan? — Ela ri, o som gutural. —Ele não se importava menos conosco. Ele só começou esse hábito quando você se juntou aos nossos jantares.

—Oh.

—Há também a maneira como ele observa você para que você coma ou como ele ataca Aiden ou Levi sempre que eles se dirigem a você. É como se ele não quisesse que sua atenção fosse separada dele.

—Ele ataca todo mundo.

—Normalmente não. Jonathan é o tipo que dá ordens da maneira mais calma e assustadora. E ele não se irrita com Aiden e Levi, pelo menos, não quando Astrid e eu estamos lá. — Ela sorri. —Você trouxe cores para seu mundo antes sombrio. Eu posso sentir isso.

As palavras dela deveriam melhorar meu humor, mas acalma com a lembrança do que aconteceu recentemente.

Antes que Elsa possa continuar, Aiden se junta a nós com pratos de massa e almôndegas.

As bochechas de Elsa estão vermelhas, e as minhas também devem estar, considerando que esta é nossa segunda taça de vinho.

Ela fica na ponta dos pés e beija Aiden na boca, sorrindo. Ele aprofunda, indiferente por me ter como público. Seus braços envolvem sua cintura e ele a

agarra pelas costas enquanto a lambe com intensa paixão.

Eu suspiro em minha taça de vinho, observando eles provavelmente como uma canalha. Pelo menos Aiden mostra suas emoções livremente na frente de Elsa. Seu pai é frio como uma pedra e exige punição por cada beijo e noite em sua cama.

Ele te beijou e dormiu com você sem punição na noite passada.

Isso foi antes de ele me olhar daquele jeito, então não conta.

Elsa se afasta, com as bochechas vermelhas. Os olhos de Aiden estão brilhando como se ele fosse empurrar ela na mesa e tomar ela aqui e agora. Esse era provavelmente o plano deles para a noite antes de eu interromper.

Como se interpretando suas intenções, Elsa se joga em seu assento, forçando Aiden a fazer o mesmo. No início, a refeição é passada em um silêncio constrangedor, mas Elsa menciona a universidade e um clube de debate que Aiden e seu melhor amigo chamado Cole frequentam.

Ela reclama que eles estão lá apenas para tornar a vida de todos um inferno.

Aiden rebate que nem todo mundo é entediante como seus colegas politicamente corretos.

Isso faz com que os dois conversem e discutam de uma forma adorável. Ou melhor, argumenta Elsa. Aiden parece irritá-la de propósito apenas para irritá-la.

—Você acredita nisso? — Elsa me pergunta. —Você tinha gente assim na universidade?

—Minha melhor amiga, Layla. Você a conheceu naquela instituição de caridade. Ela é tão argumentativa e não gosta de ser ignorada. Ela é minúscula, usa um lenço religioso e parece sem noção e suave, então, quando ela fazia barulho em debates, todos olhavam para ela com admiração.

—Ela parece tão legal, — diz Elsa.

—Ela é. — Estou tão orgulhosa dessa pequena amiga.

Aiden dá uma mordida em sua comida. —Convide ela para jantar no Jonathan algum dia.

—Ela e Jonathan não se dão bem. — Eu pego minha massa. —Ela está sempre ameaçando praticar seu caratê faixa preta com ele.

Ele sorri. —Melhor ainda.

—Ela faz isso? — Elsa fala com uma voz ligeiramente assustada.

—Sim, eu juro que ela não teme por sua vida.

Elsa está prestes a dizer algo, mas a campainha toca. Ela começa a se levantar, mas Aiden se levanta primeiro, coloca as duas mãos em seus ombros e a senta de volta.

—De jeito nenhum alguém vai te ver bêbada.

—Não estou bêbada, — ela argumenta.

Ele belisca sua bochecha avermelhada. —Uh-huh.

Aiden desaparece ao virar da esquina antes que ela possa dizer qualquer coisa.

Ela se inclina. —Me conte mais sobre a sua amiga que Jonathan ainda não matou.

—Ela o chama de Johnny. — Eu rio, em seguida, coloco a mão sobre minha boca. Aparentemente, também estou bêbada.

Tento nunca ficar bêbada, porque isso mexe com meus sentidos, e não posso me proteger se preciso, mas acho que me sinto segura aqui.

Isso é... estranho e reconfortante.

—De jeito nenhum! E ele deixa acontecer? — Seu olhar segue atrás de mim. —Jonathan.

—Ele realmente não pode impedir ela. — Eu rio de novo e não me preocupo em suprimir isso. —Ela é destemida.

—Não, — sussurra Elsa. —Jonathan está aqui.

Eu me viro e, com certeza, meu tirano veio me encontrar.

Capítulo Quatorze

Aurora

Por um momento, acho que é um jogo da minha imaginação.

No entanto, a imagem se forma clara na minha frente. Minha visão embaçada lentamente o leva de baixo para cima. Os sapatos sofisticados, o terno bem passado, o relógio grande e masculino que exala a mesma vibração dura que ele.

E então seu rosto. Essas características nítidas e queixo definido que foram feitas para cortar. Seu cabelo parece levemente úmido, o que significa que ele foi pego na garoa lá fora.

É só quando estou presa em seus olhos de aço que finalmente respiro. Ou talvez eu pare de respirar completamente.

Cortei o contato visual antes de ver aquele olhar. O que ele me deu ontem à noite e esta manhã. O olhar que me abre sem ele ter que dizer uma palavra.

Jonathan desliza para a cadeira ao meu lado com total confiança, como se a mesa de jantar de Aiden e Elsa fosse uma extensão da mansão King. Leva tudo de mim para não olhar para ele mais um pouco, me perder nele um pouco mais. Apenas mais.

Aiden se junta a sua esposa, mas antes que ele possa se sentar, o tom autoritário de Jonathan o faz parar. —Onde está meu prato?

—Você não foi convidado. Não há mais comida.

Elsa começa a empurrar seu macarrão na direção do sogro. —Você pode ter o meu.

Aiden pressiona a palma da mão sobre a dela, parando ela suavemente. —

Absurdo. Vou pegar um prato para ele.

Jonathan levanta uma sobrancelha perfeita. —Achei que não havia mais comida.

Seu filho estreita os olhos por um instante antes de ele desaparecer na cozinha.

—Como você me achou? — Eu sussurro o que estou pensando.

Esta é outra razão pela qual eu não bebo. Minhas inibições meio que desaparecem e, às vezes, não sei quando estou pensando em voz alta.

—Eu sempre sei onde você está. — Ele tira o paletó, coloca na cadeira ao lado dele e afrouxa a gravata. —Você realmente não acha que pode escapar de mim, acha?

Eu deveria me concentrar no que ele está dizendo, mas toda a minha atenção é roubada pela maneira como seus dedos magros e masculinos deslizam sobre a gravata, envolvendo-a. Puxando nele.

Por que não sou essa gravata?

Como se respondendo ao meu pensamento, os nós dos dedos de Jonathan deslizam sobre minha bochecha, aumentando o calor um pouco. —Você está quente. Você andou bebendo?

Eu aponto para o meu terceiro copo meio vazio. —Um pouco?

Seu olhar segura o meu, e estou enjaulada no momento. É como se ele estivesse me fazendo refém e eu não pudesse, em hipótese alguma, encontrar uma saída.

Não que eu queira.

Aiden se junta a nós e coloca o prato na frente de seu pai, não tão gentilmente, devo acrescentar. Jonathan leva um momento antes de tirar a mão

da minha bochecha.

—O que é isso supostamente? — Jonathan pergunta enquanto olha para o macarrão com almôndegas.

—Comida. Coma. — Aiden faz uma pausa. —Ou não.

—Você fez isso?

—E daí se eu fiz?

—É comestível?

—É sim, — Elsa e eu dizemos ao mesmo tempo, então caímos na risada.

Jonathan me lança um olhar indecifrável antes de dar uma mordida hesitante em sua comida. Embora Aiden finja estar focado em seu prato, seu olhar continua voltando para seu pai.

Este último nada diz, mas continua comendo, o que significa que gosta. Jonathan é um tirano e exigente em tudo, inclusive nos alimentos. Ele não teria continuado se não gostasse.

Elsa pede a Aiden para passar o sal para ela, e ele diz que não porque não é bom para sua saúde. Elsa diz que ele está sendo demais.

Enquanto eles estão ocupados discutindo, eu me inclino para Jonathan até que seu cheiro amadeirado me sufoca e murmuro. —Diga a ele que você gostou.

Ele vira a cabeça para que seus lábios fiquem a poucos centímetros dos meus. Sua atenção permanece na minha boca enquanto ele sussurra de volta. —O que foi isso?

Eu engulo o olhar aquecido em seus olhos. É tão diferente do que ele me deu esta manhã. Talvez aquele nunca mais apareça? Ou isso é ilusão porque estou bêbada. —A massa. Diga a Aiden que você gosta. Isso significaria muito para ele.

—Como você sabe disso?

—Eu só sei.

Mesmo que ele não demonstre e nunca demonstraria, Aiden se preocupa com a aprovação de seu pai, de certa forma. Há apenas um buraco profundo entre pai e filho que é quase impossível de consertar, e depois de falar com Aiden, tenho certeza de que começou após a morte de Alicia. Em vez de satisfazer as necessidades emocionais do filho Aiden, Jonathan o criou para ser igual a ele. Impenetrável, duro, controlador. Em sua mente, ele provavelmente queria que seu filho fosse o melhor, como tudo em sua própria vida. No entanto, não acho que Aiden saiba disso. Eu sinto que ele pensa que seu pai não se importa com ele de nenhuma outra forma, exceto pelo fato de que ele é seu herdeiro.

Jonathan, entretanto. Eu o ouço todos os dias pedindo atualizações sobre Aiden e Levi a Harris. Do lado de fora, pode parecer uma extensão de sua natureza maníaca por controle e, até certo ponto, é, mas ele também garante que eles estão bem e protegidos. Jonathan é o tipo que derruba o mundo se alguém incomoda sua família. Ele simplesmente não expressa isso. Por sua vez, Aiden não sabe disso. Há uma enorme lacuna entre pai e filho, e vai demorar muito para resolver a pilha de falhas de comunicação desordenada em seu relacionamento.

Mas passos de bebê, certo?

Eu me afasto antes que Jonathan toque seus lábios nos meus. Pela maneira como ele está me olhando, não tenho dúvidas de que ele pode realmente fazer isso.

Não é apenas por causa da demonstração pública, mas também estou meio preocupada com minha reação em meu estado de embriaguez. Quem sabe se vou começar a arranhar suas roupas bem na frente de seu filho e sua nora?

—É diferente de Margot. — Jonathan para de comer para se servir de uma

taça de vinho. —É bom.

Elsa e Aiden param de brincar sobre o sal e olham para Jonathan como se ele tivesse crescido algumas cabeças.

Eu não ficaria surpresa se esta fosse a primeira vez que o tirano elogiava Aiden. Ele pode ser tão cruel às vezes.

Certo, na maioria das vezes.

Aiden limpa a garganta, mas permanece em silêncio.

É Elsa que sorri como uma mãe orgulhosa. —Ele cozinha a melhor comida de todos os tempos.

—Talvez ele possa cozinhar algo para o jantar em família da próxima vez. — Jonathan está falando com Aiden, mas ele me encara por cima do copo e finjo que não sou o objeto de sua atenção.

—Só se Levi fizer, — Aiden diz.

—Faça disso uma competição, então. — Jonathan toma um gole de seu vinho. —Aurora e eu seremos juízes.

Elsa aponta sua taça de vinho para si mesma. —E quanto a mim?

—Seus votos e de Astrid não são subjetivos. Você está proibida de votar.

Ela parece desapontada, mas toca o bíceps do marido. —Tenho certeza de que Aiden vai vencer.

—Veremos.

Estou prestes a repreender Jonathan por ser seu sempre indiferente, mas a centelha sádica nos olhos de Aiden me impede. Ele gosta do desafio que seu pai está lançando para ele e para Levi.

Os homens King certamente pensam de forma diferente. É como se eles se

unissem em batalhas e guerras.

Como uma confirmação da minha teoria, depois do jantar, Aiden lava os pratos e depois se senta com Jonathan em torno de uma mesa de centro na qual há um tabuleiro de xadrez de vidro. É parecido com o de casa, onde Jonathan me ensinou a jogar.

Ou tentei, de qualquer maneira. Eu geralmente acabo montada em seu colo ou espalhada por todo o tabuleiro enquanto ele me fode.

Eu luto contra o rubor que cobre minha pele, mas falho. Graças a Deus pelo vinho, caso contrário, minha excitação seria clara.

As posturas de Jonathan e Aiden são semelhantes, seus olhos cinzas se aguçam enquanto pensam em maneiras de derrubar o outro.

Enquanto Elsa e eu terminamos nosso copo de vinho sem ideia de quantos, minha atenção é roubada pela beleza masculina pura de Jonathan. Ele apoia os cotovelos nos joelhos e forma uma torre no queixo com os dedos. Aqueles dedos longos que eu não consigo parar de olhar ou para ele.

Os dois levam muito tempo para fazer um movimento porque, presumo, eles calculam como o diabo antes de tentar. Quando Jonathan desliza uma peça para frente, ele fica tão seguro e confiante. Não há dúvida de que ele vai ganhar. Aiden pode representar uma ameaça, mas ainda é muito cedo para ele bater em seu pai.

Isso não impede o King mais jovem de tentar, no entanto. Ele cresceu para ser uma força com a qual não se deve brincar.

Tenha orgulho, Alicia. Seu menino agora é um homem.

—Eles são tão parecidos, — sussurra Elsa ao meu lado. Estamos aconchegadas no sofá em frente a eles, compartilhando um cobertor macio.

—Eu sei, — murmuro de volta. —Jonathan sempre vem jogar com Aiden?

—Estamos morando aqui há quinze meses e esta é a primeira vez que Jonathan entra em nossa casa. Achei que ele nunca teria vindo, então, obrigada por trazer ele. Eu sei que significa muito para Aiden.

—Eu não o trouxe.

—Sim, você fez. — Ela sorri e parece infantil, considerando seu estado de embriaguez. —Te disse. Você é a cor da vida dele.

Eu sou, entretanto?

Afinal, ele está decepcionado comigo desde a noite passada. Mesmo o álcool não é capaz de me fazer esquecer essa parte.

Nós os observamos mais um pouco enquanto conversamos sobre a universidade e as diferenças entre minha experiência e a dela.

Quando meus olhos caem, Elsa me leva para cima e para o quarto de hóspedes em que troquei de roupa mais cedo.

Há uma cama, um guarda-roupa antigo meio vazio e uma lâmpada lateral alta. É simples, bonito e aconchegante.

—Desculpe, não é muito. — Elsa tira cobertores do guarda-roupa. —Não tive a chance de decorar ele adequadamente. Aiden disse que nunca teríamos convidados, porque ele os expulsaria.

—Parece Aiden.

—Me conte sobre isso. — Ela revira os olhos e gesticula para as toalhas limpas e a camisola de seda na cama. —Me avise se precisar de mais alguma coisa.

—Obrigada.

—Eu sou aquela que deveria te agradecer por entrar em nossas vidas. — Ela me abraça, seu cheiro de coco misturado com o vinho. —Muito obrigada por dar

a Aiden a chance de não apenas seguir em frente com Alicia, mas também de encontrar um meio-termo com seu pai.

—Eu não fiz nada.

Ela se afasta com um sorriso no rosto corado. —Sim, você fez. Aiden tinha um relacionamento estranho com Jonathan e, no fundo, é por causa da morte de Alicia. O fato de você estar tentando consertar significa muito para ele. Ele não sabe como ser grato, então farei isso em seu nome.

A devoção e o carinho que ela tem pelo marido aquecem meu coração. A idade realmente não importa. Eles podem ter apenas vinte anos, mas eles compartilham a conexão de um casal de idosos em completa harmonia. —Aiden tem muita sorte de ter você em sua vida, Elsa.

—E Jonathan tem sorte de ter você na dele.

Eu não teria tanta certeza disso.

Depois que Elsa vai embora, tiro o vestido e a calcinha para vestir a camisola. Demoro vários minutos devido ao meu estado de embriaguez. Eu tropeço e me seguro, apenas para tropeçar novamente.

—Roupas estúpidas, — murmuro.

Você sabe o que? Quem precisa de camisola? Minha pele está pegando fogo de qualquer maneira.

Chuto todas as roupas, deslizo para baixo das cobertas e fecho os olhos.

Muito melhor.

Não demoro muito para adormecer. Eu sonho com mãos fortes torcendo meus mamilos e dedos deslizando em minha boceta. Minhas costas arqueiam para fora da cama enquanto um gemido sai dos meus lábios.

Os dedos angulam dentro de mim, atingindo meu ponto ideal. Eu me

contorço em seu aperto impiedoso, precisando de mais.

Oh. Lá. Bem ali.

Ele enrola os dedos mais profundamente dentro de mim. —Aqui?

Meus olhos se abrem com a voz familiar.

Não é um sonho. É Jonathan.

Capítulo Quinze

Aurora

Minha boca se abre em um 'O' quando caio na presença de Jonathan.

Ele está me acariciando por trás, seu peito nu e firme cobrindo minhas costas. As pontas de seus dedos traçam minha aréola com uma lentidão de especialista. Meus mamilos estão tão duros que doem com a necessidade de ser estimulados.

Sua outra mão paira sobre minha boceta, provocando minhas dobras molhadas, mas sem tocar. Minha pele está quente e formigando, e não é por causa do álcool, pelo menos, não por causa disso.

—Jonathan? — Eu expiro. —O que você está fazendo aqui?

—O que parece que estou fazendo? — Sua voz está rouca de luxúria enquanto ele enfia dois dedos dentro de mim de uma vez e puxa um mamilo.

Eu arqueio contra ele, minha respiração estalando enquanto um gemido rasga o ar. Meu gemido. Não importa o estado em que estou. Meu corpo está tão sintonizado com o dele, tão acostumado com seu toque dominador que ganho vida em um instante. Isso é normal, não importa o quão fodido isso seja. É por isso que o tratamento platônico desta manhã bagunçou minha cabeça.

—Não... eu... eu quis dizer a-aqui... neste quarto?

—Aparentemente, Aiden tem um quarto de hóspedes e ele acha que isso é demais. — Ele faz uma pausa e quase amaldiçoo minha pergunta idiota. —Por quê? Você tem uma objeção?

—N-Não... — minha voz termina em um gemido enquanto ele enrola os dedos dentro de mim, desencadeando uma vibração baixa na parte inferior do

meu estômago.

—Eu pensei assim. — Ele libera meu mamilo tenso para puxar meu cabelo para o lado. Seus lábios quentes trancam no oco da minha garganta, sugando a pele sensível em sua boca molhada. Uma onda de prazer dispara direto entre minhas pernas, como se ele estivesse se deleitando com minha boceta.

—Oh... Puta... merda... J-Jonathan...

Eu não sei se é o álcool ou seu toque ou a maldita fricção, mas meu corpo inteiro está tão excitado e prestes a explodir com todo o prazer sexual pulsando dentro de mim.

—Você fez algo errado, Aurora, — ele fala contra minha pele, sua barba por fazer aumentando a estimulação insuportável.

—Eu-Eu fiz?

—Você fugiu de mim.

—Eu-Eu... N-Não.

Ele morde a pele da minha garganta e eu empurro de volta contra ele precisando de mais. —Você está em Oxford, o que significa que sim.

—C-Como você me encontrou, afinal? — Duvido que Aiden tivesse ligado para ele.

—Eu tenho meus caminhos.

A realização se infiltra em meu cérebro confuso. —Você... você tem pessoas me seguindo como você faz com Levi e Aiden?

Não tenho ideia de por que não pensei sobre isso depois que ele magicamente me encontrou em Leeds. Apenas, não há nada mágico sobre a situação. Foi tudo calculado. Jonathan e seu cérebro metódico e louco por controle não conhecem limites.

—Você realmente achou que eu iria te deixar sozinha depois que você foi atacada?

—Não?

—Não. Eu persegui você antes e irei te perseguir novamente se for necessário.

—Você me perseguiu. — Não sei por que repito as palavras. É quase como se eu estivesse tentando guardar elas na memória.

—Eu fiz.

—P-Por quê? — Eu aperto em torno de seus dedos quando ele os puxa, mas ele só faz isso para que possa empurrar eles de volta.

—Porque você é minha. — Seu sussurro rouco contra a concha da minha orelha me leva ao limite.

Bem desse jeito. Nenhum aviso. Sem preparação.

Este orgasmo não é lento ou submerso. Não. Explode por toda a minha pele e detona dentro de mim.

Eu inclino minha cabeça para trás e capturo os lábios de Jonathan quando a onda me invade. Pode ser o álcool ou as explosões de excitação que ele iniciou em mim, mas não paro para pensar em minhas ações enquanto o beijo.

Ou melhor, é ele quem assume o controle total. O beijo do homem é tão dominante quanto ele. Sua língua gira contra a minha, dominando cada respiração minha e confiscando meus pensamentos no processo.

Ele provavelmente vai me punir por iniciar o beijo mais tarde, mas eu não me importo. Agora não. Ele está olhando para mim com luxúria em vez de decepção e eu quero me afogar nisso. Eu quero arrancá-lo e escondê-lo em algum lugar.

Seus dedos ainda estão dentro de mim, seu polegar acariciando

preguiçosamente meu clitóris. Pequenas rajadas de prazer causam um arrepio que me atinge.

Ele não para de me beijar, é como se fosse a primeira vez que ele estava fazendo isso. Ao contrário da maneira como ele lida com meu corpo, os beijos de Jonathan não são tão experientes. É quase como se ele não gostasse de beijar antes. Eles são firmes, porém, seus beijos, e cheios de tanta confiança que me deixam sem ossos.

A necessidade de se perder nele fica ainda mais quente e brilhante. Eu chego atrás de mim e envolvo meus dedos em torno de seu pau que está aninhado contra minhas costas.

Jonathan agarra um punhado da minha bunda com sua grande mão antes de dar um tapa nela. Eu grito, meus lábios deixando os dele momentaneamente. —Você não pode fugir de mim novamente, Aurora. Está entendido?

—Mmm, — eu murmuro, fechando os olhos para que eu possa voltar a beijar ele. Estou viciada em seus lábios, na forma como ele beija, selvagem e devorador. Como se ele pretendesse nos fundir.

Ele me bate novamente e meus olhos se abrem. —Porra, isso está entendido?

—Mmm, — eu lamento desta vez.

—Eu quero dizer isso, Aurora. Se você partir de novo, não irei te perseguir apenas até Leeds ou Oxford. Vou virar o mundo de cabeça para baixo para encontrar você.

—E se você não conseguir me encontrar? — Minha voz ainda está excitada, mas é baixa conforme meus medos arraigados gotejam. —E se eu desaparecer?

—Então eu vou queimar o mundo que a forçou a desaparecer e ressuscitar você das cinzas.

—Você irá?

—Você acha que eu não sou capaz?

—Não é isso. — Se alguém é capaz disso, é Jonathan. Não tenho dúvidas de que ele fará tudo o que desejar.

—Você não parece entender o que significa ser minha. Não se trata apenas de como você pertence a mim, ou que vou cortar o pau de qualquer bastardo que olhar em sua direção e enfiar na bunda dele. É também sobre como irei te proteger do mundo e de você mesma, se for preciso. É sobre queimar seus obstáculos para que você possa deixar as sombras e brilhar como sempre foi feito para fazer. Você pode me provocar ou me testar ou até mesmo me dar essa porra de atitude, mas você não consegue fugir de mim.

Lágrimas se juntam em meus olhos e eu as pisquei para longe, sussurrando. —Certo.

—Certo o que?

—Certo, eu não vou fugir de você, Jonathan. Parece que estou presa a você.

—Você com certeza porra está. — Sua voz está cheia de possessividade e algo mais enquanto ele agarra minha bunda com mais força.

Eu amo a sensação dele atrás de mim, me envolvendo, quase como se ele estivesse me prendendo do mundo.

Mas... esta noite, e depois do que ele disse, preciso de mais. Eu não quero ficar presa em uma posição onde ele mal, ou nunca, veja meu rosto.

Colocando a mão em sua bochecha, eu me viro e estou surpresa que ele afrouxe seu controle sobre minha boceta e bunda para me deixar. Normalmente, sempre que tento me esquivar, ele me segura no lugar e me fode por trás.

É a única posição que ele costumava me levar.

Nossas cabeças repousam no mesmo travesseiro. Meu nariz quase toca o

dele, e meus mamilos roçam os pelos finos de seu peito com cada respiração torturante de meus pulmões.

Por um momento, nós olhamos um para o outro em silêncio, mas meu coração bate mais forte, vibrando mais rápido contra minha caixa torácica. É quase como se quisesse partir e ir para ele o homem cuja atenção total está em mim.

Seu pau se aninha no fundo do meu estômago, duro, enorme e tão pronto. Ele me agarra pelo quadril e me puxa contra sua virilha.

—O que você quer, Aurora? — A excitação com a qual ele diz meu nome arranca um gemido de mim.

—Serei punida por isso? — Eu sussurro.

—Nós dois sabemos que espancar não é um castigo para você. Você vai adorar.

—Então por que você me puniu com isso?

—Porque você fez o acordo.

—Eu não quero que isso seja para punição. — Minhas palavras são tão baixas e... vulneráveis.

—Então como você quer?

—Faça porque você também quer.

—Fazer o que?

Eu escovo meus lábios contra os dele, então murmuro contra eles. —Me foder enquanto eu olho para você.

Um momento às vezes é muito longo.

Mas outras vezes, um momento é o suficiente para que uma mudança ocorra.

Jonathan me vira para baixo dele e minhas pernas se separam por conta própria. Então ele me agarra pela garganta e empurra profundamente dentro de mim.

Eu empurro para fora da cama devido à força disso, os olhos rolando para a parte de trás da minha cabeça. Não importa o quão molhada ou pronta eu esteja. Jonathan é grande e ter ele dentro de mim sempre dói muito.

Há muito poder e energia reprimida em seus ombros. É quase como se ele estivesse esperando por este momento há tanto tempo quanto eu.

Minhas pernas envolvem sua cintura magra, minhas mãos agarrando seus pulsos para manter o equilíbrio.

Tento atender às suas estocadas, subindo enquanto ele desce, mas é impossível. Há uma necessidade animalesca em seus movimentos, uma corrente, uma tempestade que não pode ser interrompida ou evitada.

Estou presa no caminho de seu desastre natural, em como ele me faz sentir inteira, mesmo sem tentar. Ele só precisa ser ele mesmo com seu eu controlador, sem remorso e estranhamente protetor.

Só *ele*.

Jonathan diminui suas estocadas, saindo quase inteiramente antes de voltar a atacar. Pontos brancos se formam no canto da minha visão enquanto um brilho de suor cobre minha pele.

—Você é minha, Aurora?

—Mmmm, s-sim... sim! — Eu administro através do pequeno espaço aéreo que ele está me dando.

—Agora, goze. — Ele dá um tapa na minha bunda, apertando a mão com mais força em volta da minha garganta.

Um gemido alto enche o ar enquanto eu caio em pedaços ao redor dele, as ondas espalhando-os ainda mais.

Isso me assusta e me consola.

Por um lado, sei que Jonathan não vai me impedir de juntar essas peças. Se qualquer coisa, ele ajudará a montá-las novamente. Por outro lado, reconheço que não quero que ninguém além dele toque em minhas peças nunca mais.

Não que eu tenha permitido alguém no passado.

Jonathan grunhe enquanto se derrama dentro de mim, sua semente aquecendo minhas paredes. Desta vez, ele não xingou porque gozou dentro de mim ou não usou camisinha.

Desta vez, ele beija meu nariz. —Boa menina.

Capítulo Dezesseis

Jonathan

Durante o próximo jantar de família, Aiden e Levi cozinham, e eles dão tudo de si também, bagunçando a cozinha de Margot no processo.

Eles nem mesmo permitem que suas esposas os ajudem. Enquanto todos nós nos sentamos para o jantar, meu filho e meu sobrinho se encaram do outro lado da mesa com aquela veia competitiva que sempre existiu na casa dos King.

James e eu competíamos com tudo quando éramos mais jovens. Então, à medida que crescemos, ele se tornou enfadonho e começou a desistir. É por isso que encontrei minha posição competitiva em Ethan, cuja garganta irei cortar se ele aparecer aqui novamente.

O fato de ter visto Aurora em sua camisola é seu primeiro e último golpe. Ninguém consegue olhar para ela vestida assim. Na verdade, mesmo que ela usasse roupas religiosas tradicionais como a faixa preta, eu ainda não gostaria que alguém olhasse para ela.

Ela está sentada à minha esquerda. Levi só desistiu de seu lugar depois de algumas reclamações dramáticas sobre como ele sempre é empurrado para fora e algumas outras bobagens.

Eu a estudo de perto enquanto ela dá uma mordida na carne. Não é sobre como seus lábios envolvem o garfo, embora isso em si seja um espetáculo para ser visto.

Desde que voltamos da casa de Aiden há uma semana, não consigo parar de observar ela. Não que eu já tenha sido capaz. Mas agora é diferente. O fato de que ela poderia e iria cair em um buraco negro é uma possibilidade que pode se

tornar realidade.

Eu poderia culpar a maneira como ela confundiu os fatos com a falta de sono ou o ataque em Leeds. Afinal, ela passou por muito estresse durante aqueles dias. O que está me preocupando, no entanto, é como ela insistiu histericamente que tudo aconteceu.

Foi assim que a dizimação de Alicia começou. Ela disse que alguém a estava seguindo, então aquele ‘fantasma’ como ela o chamava, enviou mensagens de voz e sussurrou coisas para ela. No entanto, sempre que eu pedia a ela para me mostrar, ela não conseguia encontrá-los.

O médico disse que eram alucinações devido ao estresse. Ela se tornou neurótica e, gradualmente, sua saúde mental piorou. Ela escondeu seus comprimidos e isso só piorou seu estado.

Ao contrário de Aurora, Alicia não insistiu que ela não era louca. Ela não gritou comigo ou me bateu ou qualquer coisa assim. Ela apenas... se afastou. Com o tempo, ela parou de falar completamente e mergulhou em seu mundo interno, onde ela nunca permitiu que ninguém realmente entrasse, exceto talvez Aiden às vezes.

Meu filho acha que eu poderia cuidar dela emocionalmente, mas ele não sabe que ela nunca me permitiu chegar perto. Só porque ela o deixou entrar, não significa que ela me deixou. Ele acha que ela chorou por causa da minha negligência, mas ela chorava sempre que eu tentava falar com ela. Ela chorou quando lhe pedi que tomasse os comprimidos. Ela chorou quando voltou de Leeds e escreveu em seus diários esparsos que já sentia falta de Clarissa. Que ela queria sequestrar sua irmãzinha e levar ela junto com Aiden para um lugar onde ninguém pudesse encontrar eles.

Ela disse que os três seriam felizes sem o 'fantasma.'

Em seguida, ela queimou esses diários sem motivo aparente, como se não

quisesse que ninguém os lesse.

Ela ficou paranoica a ponto de às vezes se recusar a comer por dias inteiros porque o ‘fantasma’ poderia ter colocado algo em sua comida.

Nenhuma vez em nossa vida de casado Alicia veio até mim, ou mesmo tentou falar comigo. Esqueça o aspecto físico. Devido ao seu estado mental e aos medicamentos, ela se tornou assexuada e se afastou de mim. Ela me disse para ter amantes, mas eu nunca tive, porque isso significava desrespeitar a mãe do meu filho.

As únicas mulheres que toquei foram muito depois de sua morte.

A única presença em que Alicia se apoiava era Aiden. Ele era sua âncora, de certa forma, e quando ele desapareceu por causa de Abigail, seu estado de espírito saiu de controle e então... ela morreu.

Que simples.

Eu poderia ter feito melhor? Provavelmente. Mas havia uma parede entre mim e Alicia, às vezes eu pensava que ela não era a mesma mulher que vi pela primeira vez no cemitério, e outras, ela parecia exatamente como ela, quebrada e perdida.

Tenho muitos arrependimentos quando se trata de Alicia, e de jeito nenhum vou repeti-los com Aurora. Não importa que ela esteja mostrando os sinais.

Desta vez, eu não vou embora, mesmo que ela me empurre.

—Então? — Levi se inclina para a frente como se estivesse prestes a pular sobre a mesa.

—Fora com isso. — Aiden parece mais impaciente do que animado. —E antes de dizer qualquer coisa, lembre que você passou a noite na minha casa.

—Ei! — Levi estala os dedos para ele. —Não é justo. Ela poderia ter

passado a noite na minha.

Meu filho o encara com raiva. —Quem falou em justo? Eu vou esmagar você, Lev.

—Reduza suas pílulas delirantes, pequeno primo.

Depois de comer em ambos os pratos, Aurora limpa os lábios com o guardanapo. —Eu vou com nada.

—Você não pode ir com o zero, — protesta Levi.

—Sim, escolha um. — Aiden faz um gesto para o da direita, o dele. — Aquele.

—Eu sinto muito. Eu não posso escolher. — Ela sorri de forma suave e brilhante. —Ambos são um dos melhores bifes que já comi.

Levi estufou o peito, mas logo depois, a atenção dele junto com a de todo mundo se voltou para mim. Cinco pares de olhos me observam enquanto saboreio a carne. Eles são bem cozidos, no nível que eu prefiro, então isso é um ponto para ambos.

—Qualquer dia agora, Jonathan. — Aiden bate os dedos na superfície da mesa, deixando transparecer sua impaciência.

Ele me puxa nesse departamento, nunca fui de paciência. O problema de Aiden é que ele pode ser volátil. Não tanto quanto Levi, mas está lá. Ele aprenderá a ensinar melhor sua reação à medida que crescer.

—Sim, tio. Suspense não combina com você. — O senso de sarcasmo de Levi é muito semelhante ao de James. Às vezes, parece que meu irmão está sentado ao meu lado, não seu filho.

—Nenhum, — eu digo.

As expressões de Elsa e Astrid caem. Elas esperavam o resultado tanto

quanto seus maridos.

Aurora me chuta por baixo da mesa. Duro. A parte pontiaguda de seu salto cava na minha panturrilha e permanece lá, mas um sorriso se forma em seu rosto para que todos possam ver.

Me foda. Esta mulher tem um fogo dentro dela, e ela não tem medo de mostrar isso sempre que achar necessário.

Eu suprimo um gemido quando coloco meu garfo na mesa. —Ambos são bons. Eu não vou escolher um.

O salto de Aurora se solta de mim, mas não antes que ela esfregue sua perna contra a minha como se ela estivesse aliviando a dor. Seu toque é gentil, atencioso, outro lado dela que eu estou irritantemente acostumado.

Antes que eu possa agarrar sua perna e manter ela lá, ou melhor ainda, fazer ela sentar no meu colo, ela se afasta de mim e se concentra nas outras.

Levi sorri para Astrid, que acaricia seu ombro como se tivesse orgulho dele. Elsa pega a mão de Aiden na dela e um olhar presunçoso preenche seu olhar. — Embora, para que fique registrado, Jonathan gostou do meu macarrão da última vez. Isso me torna o vencedor.

—Absurdo. — Levi aponta o dedo para mim. —Você vai passar a noite na minha casa da próxima vez, tio. Não aceito não como resposta.

—Você também, Aurora. Por favor venha, — Astrid diz a ela.

—Nós adoraríamos, — diz Aurora.

Não, eu não adoraria. A única razão pela qual passei a noite na casa de Aiden foi porque ela estava lá.

Ironicamente, é assim que ela me fará passar a noite na casa de Levi. Não tenho certeza se ela está fazendo isso de propósito, mas as menores maneiras que

ela está afetando minha vida estão começando a ter um impacto muito maior.

É como se ela tivesse entrado nesta família com um propósito e não vai parar até que o alcance.

Depois do jantar, Aiden e Levi insistem em me fazer assistir ao jogo de xadrez. Eles não desistirão até que um deles seja considerado o vencedor esta noite. A vitória está no sangue deles, e estou orgulhoso da maneira como eles cresceram, contratempos e tudo.

Me sento em frente a eles em uma cadeira na área de estar. Cada um deles ocupa um sofá, com o tabuleiro de xadrez de vidro entre eles. Estou vagamente focado em seus movimentos. Embora nenhum deles ganhe contra mim, seus jogos são esporádicos. Normalmente, o menos distraído ganha do outro.

Um copo de conhaque está aninhado entre meus dedos, mas eu não tenho bebido. Meu foco está na mulher que está de pé sobre a mesa na outra parte da sala. Seu vestido verde escuro se apega a seu corpo esguio e aquela bunda que eu bati antes do jantar. É parte da razão pela qual ela está de pé, não sentada.

Foi devido à atitude dela após uma troca de e-mail.

De: Jonathan King

Para: Aurora Harper

Assunto: Não use o batom vermelho para o jantar hoje à noite.

Consulte o assunto.

De: Aurora Harper

Para: Jonathan King

Assunto: Não use o batom vermelho para o jantar hoje à noite.

Não.

De: Jonathan King

Para: Aurora Harper

Assunto: Não use o batom vermelho para o jantar hoje à noite.

Não me empurre, porra, Aurora. Esse batom vermelho é feito para mim e apenas para mim. Ninguém mais tem permissão para ver, nem mesmo meu filho e sobrinho.

De: Aurora Harper

Para: Jonathan King

Assunto: Não use o batom vermelho para o jantar hoje à noite.

Ops.

Em anexo está uma foto dela mesma. Ela não estava apenas usando o batom vermelho, mas ela também estava mordendo o lábio inferior enquanto usava um vestido revelador que mostrava muito de seu decote, ela quase me mostrou seus mamilos.

Um, fiquei duro como uma rocha.

Dois, planejei o assassinato de cada bastardo que pudesse ver ela assim.

Poderia, porque não havia nenhuma maneira de ela sair daquele jeito na frente de ninguém.

De: Jonathan King

Para: Aurora Harper

Assunto: Não use o batom vermelho para o jantar hoje à noite.

Troque de roupa e retire o batom. Agora.

De: Aurora Harper

Para: Jonathan King

Assunto: Não use o batom vermelho para o jantar hoje à noite.

Ou o que?

De: Jonathan King

Para: Aurora Harper

Assunto: Não use o batom vermelho para o jantar hoje à noite.

Ou essa bunda ficará vermelha. Se você estiver com vontade de se sentar hoje à noite, mude.

De: Aurora Harper

Para: Jonathan King

Assunto: Não use o batom vermelho para o jantar hoje à noite.

Eu acho que você tem que voltar para casa e me obrigar.

Fui para casa e fiz exatamente isso. Então eu a agarrei pelo pescoço e a fodi contra a parede, espalhando o batom por todo seu rosto até que ela gritou meu nome.

Eu também não perdi o jeito como ela chama minha casa de casa agora. Para alguém que nunca pertenceu a lugar nenhum, é um grande negócio ela escolher meu lugar como sua casa.

Talvez ela quisesse dizer o que me disse uma vez a parte sobre não fugir mais. Mas, por alguma razão, não consigo confiar totalmente nessa promessa.

Ela está conversando com Elsa e Astrid. Embora a conversa delas esteja longe o suficiente para não atrapalhar o jogo dos meninos, quase posso ouvir Aurora falar sobre seu próximo projeto.

Ela tem se concentrado nisso ultimamente, trabalhando em casa até tarde e

até mesmo convidando a faixa preta. Ela disse que seu comportamento peculiar é uma de suas inspirações. Às vezes, eu a pego observando meu pulso ou medindo meus relógios como se planejasse algo.

Olhando de fora, parece que ela está passando do ataque, o reaparecimento de Maxim e tudo o que aconteceu depois.

Mas é muito cedo. A possibilidade de que ela esteja engarrafando algo ou tudo por dentro é o que me mantém no limite. Isso nunca é um bom sinal e acabará por sair pela culatra.

—Sua obsessão está aparecendo, Jonathan. — Aiden se concentra em mim por um segundo, sorri, então desliza sua atenção de volta para o tabuleiro.

—Você pode culpar ele? — Levi balança as sobrancelhas. —O que há com o joelho dela?

—Por que diabos você está olhando para o joelho dela? — Eu rasgo meu olhar longe dela para encarar meu sobrinho.

—É inocente, tio.

—Inocente ou não, não olhe para ela. Isso se aplica a você também, Aiden.

Meu filho levanta o ombro. —Eu não recebo ordens, Jonathan.

—Bem, você vai agora. Isso está entendido?

—Isso significa que você vai bater nele? Posso assistir? Ou talvez participar? — O olhar de Levi acende.

Aiden mostra o dedo discretamente, mas eu vejo isso.

—Eu devo admitir. Gosto desse lado seu, tio. É mais humano. Você não era assim com Alicia.

—Não, ele não era. — Não há maldade na voz de Aiden, como se ele apenas pretendesse relatar fatos. —É verdade que ela está se tornando como Alicia?

Aurora, quero dizer.

Tomo um gole da minha bebida, deixando a queimadura se instalar antes de falar. —Como você sabe disso?

— Ela mesma me disse isso.

—Desde quando vocês dois começaram a conversar?

—Já que eu posso usar ela para derrubar você.

Meus lábios se contraem. —Talvez na próxima vida, filho.

—Tanto faz. — Aiden gira uma peça de xadrez do cavalo entre os dedos. — Então ela está?

—Possivelmente.

—Bem, merda. — A voz de Levi abaixa. —É genético?

—Nenhuma pista ainda, mas provavelmente.

—Estou surpreso que você não a tenha levado ao médico. — Aiden mata um dos peões de Levi com seu cavalo.

—Sim, tio. Os médicos são o seu modus operandi, não são? Primeiro Alicia, depois papai, depois eu.

—Se houver necessidade de ajuda externa, é exatamente isso o que acontecerá. — Tomo outro gole do meu conhaque.

—Por que você não fez isso com ela, então? — Aiden acena com a cabeça na direção de Aurora.

—Ela teria um acesso de raiva.

Levi ri. —Uau. O grande Jonathan King finalmente encontrou seu par?

—Parece que sim. — Aiden me lança um olhar indecifrável.

—Você não tem um jogo para se concentrar? Seu direito está exposto, Aiden. Sua rainha está em perigo, Levi.

Os comportamentos de ambos se intensificam à medida que sua atenção se volta para o tabuleiro de xadrez. Agora que eles perceberam que a outra parte está ciente de sua fraqueza, eles precisam dar tudo para ganhar o jogo.

As mulheres logo se juntam a nós. Elsa desliza ao lado de Aiden, e seus olhos azuis brilham. Ela é como Ethan, eles parecem recatados, mas no fundo anseiam por desafios e guerras. Seu pai é muito pior, no entanto.

Astrid se senta perto de Levi e aponta para uma peça de xadrez. Mesmo que ele esteja se concentrando, ele responde a cada uma de suas perguntas.

Há um momento de hesitação antes de Aurora ficar ao lado de minha cadeira. Ela está longe o suficiente para que seu cheiro de maçã mal se perceba. Esse cheiro, ao qual eu nunca prestei atenção antes, se tornou uma porra de um vício. Cheirar significa que ela está lá, perto e toda minha para ser tomada. Ter tudo sobre a minha cama significa que ela está ao meu lado, me segurando com suas mãos delicadas como se ela precisasse de mim.

Eu a agarro pela cintura e a puxo para perto. Ela engasga enquanto cai na ponta da minha cadeira. Ela tenta se esquivar, porque em sua mente politicamente correta, ela não gosta que as crianças nos vejam de perto. Ela sente que está assumindo um papel que não é dela.

Se eles têm um problema com ela, é problema deles, não meu. Aurora está aqui para ficar. Eu não me importo com o que as pessoas dizem ou pensam.

Meus dedos cavam na carne de sua cintura, e ela deve perceber que não há como escapar de mim, porque ela solta um longo suspiro e permanece imóvel.

Em breve, ela vai parar de lutar ou de tentar fugir de mim.

Em breve, ela estará a salvo do mundo e de si mesma.

Mas para que isso aconteça, posso ter que tomar uma medida que ela não goste.

Capítulo Dezessete

Aurora

Algo está errado.

Esse sentimento tem sido uma constante nos últimos dias. Pode ser porque Jonathan não me bateu com força suficiente e desapareceu do meu lado quando eu acordo pela manhã. Ele geralmente fica lá a noite toda, às vezes me segurando depois dos meus pesadelos, e outras vezes me olhando como se estivesse se certificando de algo. O quê, eu não sei.

Desnecessário dizer que, depois daquela noite na casa de Aiden, estive dormindo na cama de Jonathan. Meu quarto foi limpo e parece como novo. No entanto, cada vez que vou lá, mesmo para pegar minhas coisas, Jonathan me agarra pela mão e me leva de volta para seu quarto.

Não que eu quisesse passar nenhuma noite sozinha depois daquelas vozes com que sonhei.

Ele ainda me bate como ‘punição, ’ mas nós dois sabemos que é muito mais do que isso.

É nossa conexão.

É algo que enche seus olhos de possessividade e os meus de luxúria crua.

Às vezes, acordo com o rosto dele enterrado entre minhas pernas. Outras vezes, ele me fode no colchão com a mão em volta da minha garganta. Ele então dorme com seu pau bem dentro de mim apenas para que ele possa continuar de onde parou no meio da noite.

Ele me esgota, mas ao mesmo tempo me completa da maneira mais estranha

possível.

Não há como obter o suficiente de Jonathan. Quanto mais ele desconta em mim, mais eu o encontro de frente. Se ele é um furacão, eu sou o vento que sopra sobre os danos que ele causa.

Mas nem sempre é prejudicial, e é isso que me deixa confusa. Depois que ele marca minha bunda com sua marca de mão e arranca um orgasmo após o outro de mim, Jonathan não se levanta e sai como quando eu entrei em sua vida.

Ele não olha para mim como se eu fosse um aborrecimento ou algo que ele está decidido a quebrar. Há aceitação em seus olhos de aço agora, o tipo que me assusta e me intriga. Receber a atenção de Jonathan é como viver em um modo de alerta vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana.

Então ele faz coisas que me fazem parar.

Todos os dias, ou ele nos faz tomar banho juntos ou me prepara um banho e tem um cuidado especial em lavar meu cabelo. Se tornou tão um hábito que fico furiosa quando tenho que fazer isso sozinha.

Ele também fica frustrantemente protetor sempre que me machuco de alguma forma.

Com o tempo, ele acabou deixando de ser um quadro em branco na frente de seus filhos. Jonathan sempre será Jonathan, no entanto, ele às vezes segue minha liderança e não age propositalmente como um bastardo.

Eu posso estar viciada em sua aspereza, mas sua ternura atinge uma corda completamente diferente dentro de mim. Uma parte de mim está deixando meu corpo lentamente e rastejando para o lado dele, e embora eu esteja ciente disso, não há como impedir.

Ele é um penhasco íngreme e eu continuo rolando para baixo, aproveitando cada solavanco e batida.

No entanto, hoje, há algo errado.

Quando ele me lançou um olhar indecifrável esta manhã, eu ignorei. Jonathan observa e observa muito, e nem todas as suas expressões podem ser explicadas.

Afinal, ele não me deu aquele olhar de novo, aquele ‘Você é louca.’ Já passamos dessa fase, certo? De jeito nenhum ele vai trazer isso de volta.

E, no entanto, isso não alivia a tensão que afunda no fundo do meu estômago. Eu me peguei tocando meu relógio com mais frequência hoje e mal consegui aguentar as reuniões.

Saio do trabalho mais cedo, optando por ir para casa. Não que Jonathan esteja lá neste momento.

Meus pés param na frente do meu carro. Acabei de chamar a casa de Jonathan de casa? Desde quando comecei a considerar ela como tal?

Eu balanço minha cabeça, não querendo pensar sobre isso. Bem quando estou prestes a abrir a porta, uma sombra escura passa na minha visão periférica.

Minha mão congela enquanto procuro ao meu redor.

O estacionamento da H&H não é tão grande, mas ainda é subterrâneo e silencioso. O único som é o zumbido de uma das luzes de néon com defeito.

Desta vez, eu não fico lá esperando o golpe.

Eu destravo meu carro e estendo a mão para abrir a porta. Quando uma mão vem atrás de mim, eu me assusto, acertando cegamente.

É como se eu tivesse sido empurrada de volta para aquele dia há onze anos. Em breve, haverá o barulho da lâmina contra meus ossos, depois sangue, muito sangue, seguido de dor.

Dor incontrolável.

Eu serei enterrada viva em uma cova. Serei como aquelas mulheres, onde

ninguém ouvirá meus gritos.

—Não! — Eu grito, então enfio minha mão na minha bolsa e pego o spray de pimenta que comecei a manter comigo desde o meu ataque mais recente.

Eu me viro e aponto para a sombra. Eu não me importo se ele é um membro da família da vítima. Eu não deveria ser o alvo de sua ira.

Minha voz é forte e vem do fundo do meu intestino. —Se você quer atacar alguém, vá esfaquear o filho da puta do Maxim!

—Uau.

Meu aperto vacila no spray de pimenta quando fico cara a cara com ninguém menos que Ethan Steel.

Minha respiração áspera desacelera e olho para trás como se esperasse encontrar a sombra. Com certeza, há o que se assemelha a uma sombra, mas é apenas Agnus.

—Desculpe. — Eu coloco a garrafa de volta na minha bolsa. —Eu pensei que era outra pessoa.

—Está bem. — Ele sorri e é meio acolhedor. Mais ou menos, porque há algo mais por trás disso que não consigo identificar.

—Posso te ajudar em algo, Ethan?

—Sim, e eu não posso exatamente visitar você na casa de Jonathan ou ele vai me perseguir com uma espingarda. — Ele aponta para seu carro. —Você tem um momento?

Hesito por um instante. Não é apenas devido aos avisos de Jonathan sobre ficar longe de Ethan e de toda a população masculina, de acordo com suas palavras. Eu também quero ir para casa esta noite. Parece crucial que eu esteja lá.

Parecendo sentir minha hesitação, Ethan diz. —É sobre Jonathan.

Isso chama minha atenção. Não importa o quanto Jonathan diga que odeia Ethan, ele já foi seu melhor amigo. De uma forma ou de outra, ele o conhecia melhor do que ninguém.

Eu sigo para o carro de Ethan e Agnus se junta ao banco da frente ao lado do motorista. Ele é como Harris de certa forma, mas sem as travessuras estranhas e o senso de humor esnobe deste último. Ele meio que cresceu em mim. Até o silêncio de Margot e Tom cresceu em mim também.

Tudo o que eu estava desconfiada sobre a comitiva de Jonathan finalmente se infiltrou em minha vida. Antes que eu percebesse, eles se tornaram uma parte inseparável.

O carro rola pelas ruas. As luzes brilhantes da cidade e o tráfego infinito são visíveis através da janela escura. Não tenho ideia de por que tudo isso me dá uma premonição horrível.

—Sobre o que você quer falar? — Eu pergunto a Ethan.

Ele apoia um cotovelo no apoio de braço entre nós e me imobiliza como um pesquisador de laboratório faria com sua cobaia. —Por que você não me diz, Aurora? Qual é o seu segredo?

Meu coração bate com força com essa palavra. *Segredo*. Sempre que alguém diz isso, sinto que meu passado virá correndo e arruinará qualquer tipo de estabilidade que venho construindo há anos. Não que Ethan soubesse algo sobre isso.

Certo?

Adotando meu tom indiferente, digo. —Meu segredo a respeito de quê?

—A respeito de como Jonathan trata você. Ele nunca mostrou seus verdadeiros sentimentos sobre ninguém, pelo menos não até que ele os esmague.

Inferno, ele nem mesmo agia assim com seu pai e irmão quando eles estavam vivos.

—Ele estava... próximo deles?

—Sim, especialmente James.

Meu peito cai com o que Jonathan deve ter sentido quando perdeu seu único irmão. Eu sei que ele morreu de um acidente que também tirou a mãe de Astrid, mas não é tudo. Ele era um viciado antes disso. Eu quase podia imaginar Jonathan querendo ajudar ele e não encontrar a maneira certa de fazer isso, porque ele é péssimo em oferecer suporte emocional.

—No início, pensei que você estava segurando algo sobre a cabeça dele. — Ethan bate os dedos no apoio de braço. —Mas nós dois sabemos que Jonathan é o tipo que coloca as coisas sobre a cabeça das pessoas, e não o contrário.

—Você pode dizer isso de novo.

—Então o que é? O ângulo de Alicia?

—Eu não sei. Você mesmo pode perguntar a ele se está tão curioso.

—Isso colocaria minha cabeça em uma bandeja, e eu meio que preciso disso. Minha cabeça, quero dizer.

Eu limpo minha garganta. —Posso te perguntar uma coisa?

—Claro.

—Elsa mencionou que Jonathan e você se separaram porque ele o culpa pela morte de Alicia. É esse o caso?

—Não inteiramente. Essa foi a gota d'água. — Ele suspira, e seu olhar parece estar preso em algum lugar no passado. —Tudo começou com nossa rivalidade e jogos odiosos. Costumávamos jogar muitos deles quando éramos mais jovens. Jonathan se recusou a perder e eu era o mesmo. Quando nos formamos na

universidade e cada um de nós assumiu o controle de parte dos negócios da família, competíamos entre si em margem de lucro e valor das ações. Em seguida, se estendeu a outras coisas. Jogos de azar. Propriedade. Mulheres.

—Mulheres?

—Sim. Nós compartilhamos mulheres. Ocasionalmente, ao mesmo tempo.

—Oh. — Meus lábios se abrem. Eu meio que acho difícil imaginar Jonathan e Ethan fazendo sexo a três.

—Algum problema?

—Não, é só que Jonathan é possessivo.

—De você, e de sua esposa, talvez, mas ele não era do passado. Ele não se importava o suficiente com ninguém para ser possessivo.

—Então você, tipo, fez sexo a três... certo? — Eu sussurro, não tenho certeza se Agnus e o motorista deveriam estar a par desta conversa.

—Nós fizemos. Não me interprete mal, não nos tocamos, mas começamos as mesmas coisas. Sem mencionar que, de alguma forma, sempre fomos atraídos pelo mesmo tipo de mulher.

—Parecidas?

—Não. — Um sorriso malicioso aparece em seus lábios. —Em termos de personalidade. Ambos podíamos sentir seus demônios, suas cicatrizes mentais, e acho que fomos atraídos pelos lados quebrados delas.

—É por isso que ele se casou com Alicia? Além da vingança, quero dizer.

—Você sabe disso.

—Ele me disse.

Ele concorda. —É parte do motivo, sim.

—E você se casou com a mãe de Elsa.

—Correto. Ambas as mulheres eram... como dizer? Lindamente quebradas. Pelo menos, Abby era. Alicia lentamente se desintegrou para Jonathan.

—O que?

—Ela se afastou dele após o nascimento de Aiden. Ele se tornou seu mundo e Jonathan era o segundo.

—Não foi isso que Aiden disse. Ele mencionou que foi Jonathan quem se afastou.

—Aiden era apenas uma criança. Ele não tinha ideia do que estava acontecendo entre seus pais.

—E você sabe?

—Apesar da nossa rivalidade, Jonathan e eu continuamos amigos. Nós conversamos.

—Você continuou a compartilhar?

Ele ri, o som é leve e divertido. —Nossas esposas? Absolutamente não.

Ufa. Então, tudo o que Layla ouviu sobre a esposa de Ethan tendo um caso com Jonathan deve ter sido um boato estúpido o tempo todo.

—Então o que aconteceu? O que fez com que vocês dois lutassem um contra o outro?

—Os dois foderam tudo, — diz Agnus do banco da frente, tornando sua presença conhecida.

Ethan solta um suspiro que parece exasperado, mas ele concorda. —Nós fizemos. Por motivos de rivalidade de lucro líquido, Jonathan providenciou para que alguém incendiasse minha principal fábrica de carvão em Birmingham. Devido a um erro de cálculo, a fábrica pegou fogo enquanto as pessoas estavam

dentro e muitas faleceram.

—O Grande Incêndio de Birmingham, — eu suspiro. Estava tudo nas notícias naquela época. Não posso acreditar que Jonathan estava por trás disso.

—Então você sequestrou Aiden como retaliação? — Eu pergunto.

—Correto. Porém, devido a outro erro de cálculo, ele foi torturado por mais de uma semana por minha esposa doente e quase morreu. Alicia percebeu que ele estava conosco e dirigiu para encontrar ele, e foi assim que ela sofreu o acidente.

—É por isso que Jonathan culpa você. — Tudo faz sentido agora. Sua agressão para com Ethan é alimentada pelo passado e, embora o homem na minha frente seja indulgente com ele, há algo mais nisso.

Ele não é tão fechado quanto Jonathan e também não guarda rancores por muito tempo. A razão pela qual ele tem sido um espinho no lado de Jonathan é provavelmente porque traz de volta as memórias de quando eles eram rivais ou amigos ou qualquer que fosse seu relacionamento.

—Você quer ser amigo dele de novo. — Não exprimo isso como uma pergunta, porque tenho quase certeza de que é o caso.

—Amigos? — Ele ri. —Estamos falando do mesmo Jonathan?

—Ele não é uma pedra e você sabe disso.

—Mas ele é perfeito em simular uma.

—Isso é porque você continua provocando ele.

—A única maneira que ele reage.

—Sim você está certo. — Eu sorrio. —Mas não acho que ele seja tão imune às emoções. Ele pode não sentir elas como todo mundo, mas elas estão lá, e tenho certeza de que ele também se lembra da sua amizade.

—Eu não apostaria nisso.

—Eu iria, e você sabe o quê? Eu vou ajudar.

Ele levanta uma sobrancelha. —E como você vai fazer isso?

O carro para em um posto de gasolina para reabastecer. Meu sorriso vacila enquanto eu olho pela janela para o rosto muito familiar na tela da TV dentro da loja.

Ethan está falando, mas eu não estou ouvindo. Como uma mariposa atraída por uma chama mortal, abro a porta com dedos trêmulos e saio.

Meus ouvidos zumbem e, quanto mais perto estou da loja, mais todo o resto é apagado do meu entorno. É como se não houvesse ninguém e nada. Sem cheiros, sem visões.

Nada.

Estou flutuando no ar, incapaz de sentir minhas pernas. Quando chego ao balcão, onde o caixa e alguns clientes estão concentrados nas notícias, acho que posso cair.

Eu não caio.

Meus pés me mantêm plantada no lugar enquanto o zumbido em meus ouvidos dá lugar à voz do apresentador do noticiário masculino.

—A turbulência estourou no sistema jurídico hoje, quando o juiz Huntington aprovou a audiência de liberdade condicional de Maxim Griffin. — A imagem vai da âncora a uma filmagem de arquivo de quando a polícia prendeu papai pela primeira vez. Ele estava voltando para casa depois daquela ligação que fez para mim quando a polícia o agarrou. Enquanto o levavam para o carro, um sorriso presunçoso apareceu em seus lábios. *—O mais notório assassino em série da história recente do Reino Unido assassinou sete mulheres identificadas e outras dez continuam sendo suspeitas. A idade de suas vítimas variava de dezenove a*

trinta e todas apresentavam a mesma descrição física. Griffin é rotulado como o assassino da fita adesiva porque ele raptou suas vítimas e as sufocou usando fita adesiva de prata por longos períodos de tempo que variaram de várias horas a um dia antes de ele enterrar elas atrás de sua cabana. Sua filha, com dezesseis anos na época, foi quem relatou ter visto seu pai arrastando um cadáver para fora de sua cabana de caça. O julgamento foi confuso e teve muita atenção do público, tanto dentro quanto fora da Grã-Bretanha.

A tela pisca novamente para mostrar o pai durante sua recente entrevista.

Algumas semanas atrás, Griffin deu uma entrevista pela primeira vez e acusou sua filha de ser cúmplice. Ele afirma que o único motivo pelo qual a polícia o prendeu foi por ter sido traído por sua parceira no crime. O Crown Prosecution Service anunciou que reabrirá uma investigação em relação a Clarissa Griffin, que também passa a ser a única suposta testemunha dos crimes de Maxim Griffin. A filha do assassino em série deve ter vinte e sete anos agora. Em um comunicado exclusivo, o advogado de seu pai, Stephan Wayne, diz que ela adotou uma nova identidade e atualmente mora em Londres. É notável mencionar que Clarissa desapareceu logo após a sentença de seu pai e escapou do Programa de Proteção a Testemunhas. — Uma foto minha de onze anos atrás aparece na tela. Mesmo que seja antigo, se alguém olhar com atenção o suficiente, eles vão me reconhecer. —*A questão permanece. Vítima ou agressor?*

Minhas pernas tremem, incapaz de me carregar quando a tela muda para uma declaração feita pelo advogado, Stephan.

Tento me concentrar, mas o mundo está se fechando sobre mim e tudo que posso ouvir é o apito em meus ouvidos e o aperto em meu coração.

A atenção do caixa muda para mim e eu me afasto. Deus. Eles vão me reconhecer. O pesadelo vai começar tudo de novo.

—Posso te ajudar, senhorita? — O caixa me observa de perto.

Eu abaixo minha cabeça enquanto a voz de papai sai da TV. —*No tempo que passei no confinamento, comecei a acreditar na justiça, em suas regras e em como ela deve ser aplicada. Eu amo minha filha, mas ela precisa pagar pelo que fez. Justiça, Clarissa. Eu te ensinei isso.*

Se alguém o esfaqueia uma vez, esfaqueie-o dez vezes.

Isso é o que ele me ensinou. Essas foram as palavras exatas que meu pai disse para mim, aos seis anos, quando vim chorar sobre uma menina que roubou minhas canetas na escola. Ele continuou repetindo elas até que se tornaram meu mantra.

O caixa ainda está olhando para mim, mas antes que ele possa me reconhecer, eu giro e corro para fora da pequena loja. Eles saberão quem eu sou agora, e tudo começará de novo.

Os xingamentos, os julgamentos, o mau tratamento policial, os olhares acusatórios.

Tudo.

Uma mão me agarra pelo braço e eu grito, parando bruscamente.

Ethan.

Suas sobrancelhas franzem. —Você está bem?

Não. Absolutamente não.

Ele segura meu telefone que deixei no carro, no qual há cinco chamadas perdidas.

—Jonathan tem telefonado sem parar. — Seu olhar vagueia atrás de mim. — Além disso, por que todo mundo está olhando para você?

Não, não...

Agnus pula para fora e meio que me empurra em direção ao carro.

—O que está acontecendo? — Ethan pergunta, mas ele segue de qualquer maneira.

—Ela precisa sair dos olhos do público. — As feições de Agnus permanecem estáveis. —Agora.

Ethan e eu estamos dentro quando o carro liga o motor. Então o pai de Elsa pergunta. — Você vai elaborar, Agnus?

—Ela faz parte de um julgamento público.

Novamente. Eu faço parte de um julgamento público novamente.

Eu mal sobrevivi ao primeiro. Eu não posso passar por aquele pesadelo novamente.

Capítulo Dezoito

Aurora

Estou tremendo quando o carro para. Não tenho ideia do destino. Só sei que devo ficar longe daquele lugar, daquelas pessoas.

De tudo.

Ethan não tentou falar comigo, e estou feliz por isso. Eu não seria capaz de conversar com ele, mesmo que minha vida dependesse disso.

Estou de volta a ser aquela adolescente que se sentava em um canto escuro nas casas seguras para as quais a polícia me levou. Puxei meus joelhos até o peito e tremi a noite toda, incapaz de tirar os rostos das vítimas da minha mente.

Em cada julgamento, suas famílias trouxeram suas fotos felizes, seus álbuns de crianças, suas memórias de formatura, todas as coisas que os tornaram humanos.

Eles os jogaram na minha cara e exigiram que eu visse como suas vidas foram roubadas e nunca poderiam ser recuperadas.

Naquele canto escuro, orei por suas almas. Eu até pedi perdão em nome de papai, mas com o tempo, parei tudo completamente.

Acho que uma parte de mim morreu durante aquelas semanas terrivelmente longas. A cada tentativa, a cada fuga da mídia e a cada olhar nos olhos desolados de papai, pedaços de minha alma lentamente se partiam e depois se espalhavam.

Por onze anos, venho tentando reunir eles novamente, e apenas quando eu pensei que finalmente poderia, o pesadelo voltou.

A porta se abre e eu me assusto, empurrando para o lado de Ethan. E se eles

me encontraram tão cedo e agora vão terminar o que começaram há onze anos?

Talvez meu agressor tenha retornado e ele me arrastará de volta para a oitava sepultura.

Um suspiro me deixa quando eu fico presa naqueles olhos cinza. É uma estranha sensação de alívio, algo que nunca pensei que sentiria ao ver Jonathan.

Há uma ruga no meio de sua testa como se ele não aprovasse a cena. Como prova, ele me agarra pelo cotovelo e me puxa para fora do carro. Eu tropeço, mas ele me segura contra ele, seu braço envolvendo firmemente minha cintura.

Ele se inclina para trás no carro para olhar para Ethan. —Saia da minha propriedade e não mostre sua cara aqui de novo.

—Um obrigado seria bom, — Ethan atira de volta.

—Você tem sorte de não estar colocando você e seu carro em chamas.

—Se não fosse por mim e meu carro, Aurora não teria chegado a tempo.

Eu engulo em seco, imaginando o que poderia ter acontecido se eu tivesse sido pega lá sozinha. Claro que eu poderia ter escapado, mas eles poderiam ter me reconhecido primeiro, ou pior, me filmado e causado algum tipo de tumulto na mídia.

—É por isso que estou permitindo que você saia intacto. — Jonathan bate a porta.

Ethan abaixa a janela. —Cuide-se, Aurora.

E assim, o carro acelera na estrada.

—Aquele filho da puta. — Jonathan olha para o veículo em retirada.

Ainda estou tremendo e, por mais que queira, não consigo parar. Não há nada que eu queira mais do que me recompor e então... o quê? Correr? Desaparecer? Isso ainda é uma opção?

Jonathan me segura pelos ombros a um braço de distância e se inclina para me olhar nos olhos. Há uma ligeira ruga em sua testa, apenas, não é sua desaprovação usual, é algo semelhante a preocupação. —Você está bem?

Lágrimas se acumulam em meus olhos enquanto eu balanço minha cabeça freneticamente. Não tento falar, porque não tenho ideia do que dizer, e algo me diz que eu explodiria em soluços.

Eu não quero que Jonathan ou qualquer um, me veja assim.

—Você ficará. — Seu polegar desliza sob meus olhos, juntando as lágrimas não derramadas e enxugando elas. —Você confia em mim?

Eu fico olhando para ele, surpresa com sua pergunta repentina.

Se ele tivesse me perguntado isso no passado, minha resposta teria sido um não definitivo, especialmente depois que ouvi a mensagem de Alicia. No entanto, desde que isso acabou por ser nulo, tem havido algo mórbido crescendo dentro de mim para este homem. Talvez a confiança faça parte disso?

Quando não respondo, ele me agarra pela mão, onde a ferida está quase curada. —Você vai ter que confiar em mim.

Antes que eu possa entender o que ele quis dizer, Jonathan me arrasta até o carro. Assim que entramos, Moses sai em alta velocidade. Eu fisicamente empurro as almofadas do assento com a força disso.

Jonathan coloca o cinto de segurança em meu peito e pergunta a Moses. — Está tudo pronto?

—Sim senhor.

—Harris confirmou?

—Sim, o voo está programado para a sua chegada.

—Uau. Espere. — Eu fico olhando entre a careca de Moses e Jonathan. —

Que voo? Onde estamos indo?

—Longe daqui, — Jonathan diz simplesmente.

—Longe, onde?

Ele passa os nós dos dedos pela minha bochecha, e eu resisto ao desejo de fechar os olhos e me inclinar ao seu toque. Ele sempre me atinge quando faz isso. —Um lugar onde eles não podem te encontrar.

—E-Eles?

—Meus recursos me dizem que o promotor emitirá um mandado para te trazer para interrogatório e pode haver uma proibição de viagens.

—Eles podem me encontrar?

—Se o advogado de Maxim pode, eles também podem. Além disso, foi ele quem revelou sua nova identidade.

—Não serei, você sabe, considerada uma fugitiva se deixar o país?

—Não há proibição de viagens no momento. Isso é completamente legal, mas mesmo se não for, quem se importa? Não vou deixar que eles a mantenham sob custódia até o julgamento, isso está fora de questão. Além disso, você precisa limpar sua cabeça. — Sua mão agarra as minhas antes que ele as levante e beije meus dedos. —Você não parou de tremer.

Estou sem fôlego, pega em um transe pela forma como seus lábios deslizam sobre as costas das minhas mãos. Ele não está apenas beijando, mas do seu jeito, ele também está me confortando.

Quem diria que haveria um dia em que Jonathan King me confortaria?

—Aí. Isso é muito melhor. — Ele embala minhas mãos, que pararam de tremer, em seu colo.

Leva tudo de mim para não envolver meus braços em torno dele em um

abraço. Ele está me oferecendo uma atenção que eu nunca pensei que alguém, muito menos ele de todas as pessoas, iria me mostrar.

—Então o que? — Murmuro agora que estou em um estado mais calmo.

Seu polegar traça as costas da minha mão, provocando pequenas explosões de conforto. —Vou descobrir, mas, por enquanto, precisamos ficar longe da turbulência da mídia. Quando descobrirem que você não está mais aqui, o advogado de Maxim vai jogar um jogo de mídia e expor totalmente sua nova identidade. Não estamos falando apenas de onde você mora e de sua empresa, mas tudo que ele já sabe será discutido por todo o país.

—Puta merda, — eu expiro em um murmúrio baixo. Os cenários que ele está pintando na minha cabeça se formam como uma destruição negra.

—Eu sei que é um momento difícil, Aurora, mas precisamos nos preparar para todas as possibilidades.

—Oh meu Deus! E quanto a H&H e Layla?

—Harris está cuidando disso. Eu atualmente possuo H&H, então Layla deve ficar bem, mas não posso garantir que eles não assediem ela ou sua família. Eles deveriam ficar em outro lugar. Pedi a Harris que providencie um hotel seguro para eles. Você pode pedir a ela para ir com ele?

—Uh... sim. — Eu puxo meu telefone e estremeço quando encontro cerca de dez chamadas perdidas de Jonathan e cinco dela.

A atenção de gavião de Jonathan não perde o que está na minha tela e seu tom endurece. —E da próxima vez, atenda minhas malditas ligações, Aurora.

—Eu sinto muito. Eu... não estava pensando. — Eu ainda não estou, não em linha reta, de qualquer maneira.

—Você estava com Ethan.

—Estou grata por ele estar lá.

O aperto de Jonathan aumenta em torno do meu pulso, mas ele não diz nada. Ele também reconhece que eu não deveria estar sozinha no meio de pessoas que provavelmente teriam colocado minha cabeça em um pedaço de pau.

Eu ligo para Layla e ela atende após o primeiro toque. —Mas que P, companheira! Não me abandone. Essas coisas me dão transtorno pós-traumático agora.

—Desculpe, Lay. Surgiu uma coisa.

—Sem brincadeiras. Harris está em nossa casa, dizendo que precisamos ir, ou algo assim.

—Sim, Lay, por favor, vá com ele. Eu... eu sinto muito por ter você, Kenza e Hamza envolvidos nisso. Eu sinto muito.

—Do que você está falando?

Todo o caso é público agora, e ela o verá eventualmente. No entanto, eu não quero que ela ouça sobre isso de estranhos. —Maxim Griffin, aquele que está atualmente em todos os noticiários?

—O que tem aquele psicopata?

—E-Ele é meu pai, Lay.

Não há resposta do outro lado. É a primeira vez que Layla fica sem palavras, e não é do tipo bom.

—V-Você vai dizer algo?

—Espere. Então você é, tipo, a filha que o denunciou?

—Sim.

—Oh.

—Eu sinto muito, Lay. Eu sei que deveria ter contado a vocês antes e lamento que vocês estejam envolvidos nisso quando minha nova identidade for revelada, então apenas diga a eles que você não sabia. Digamos que eu joguei com você, menti para você.

—Besteira. Onde você está?

—Estou saindo um pouco. Por favor, siga Harris. É para sua própria segurança. *Por favor.*

—Iremos para nossos parentes em Birmingham. Não se preocupe conosco. Você apenas cuida de você, certo? — Sua voz fica frágil no final e ela faz uma pausa antes de dizer. —Se lembre, você é meu correr ou morrer, companheira. Eu tenho você.

—Lay... — Eu engasgo com minhas lágrimas, segurando o telefone com força.

Quando termino a ligação, estou muito emocionada para falar. O fato de Layla estar do meu lado sem nem mesmo ouvir a história completa aperta meu coração. Eu não sabia que precisava do apoio dela até agora.

Jonathan tira o telefone dos meus dedos e o desliga.

—Por que você está levando embora?

—Os jornalistas vão começar a incomodar você.

O resto do caminho é passado em silêncio enquanto Jonathan segura minha mão em seu colo, ainda acariciando minha pele.

Se não fosse pelos meus pensamentos altos que não parecem que vão esfriar tão cedo, eu teria adormecido em seu colo, como costumo fazer quando estamos em uma longa viagem de carro.

Chegamos a uma área de pouso isolada de um aeroporto e um avião espera

por nós. Quando saímos, Jonathan coloca a mão nas minhas costas e me leva até lá. Moses carrega malas, que eu não sabia que já estavam embaladas e carregadas, do carro.

A comissária de bordo, uma ruiva com um sorriso deslumbrante, nos dá as boas-vindas. Jonathan não me solta até que estejamos dentro, e isso só porque a porta de entrada não acomoda duas pessoas ao mesmo tempo.

O luxo é claro nos móveis, desde o teto e piso escuros até os assentos de pelúcia caramelo claro que parecem feitos sob medida.

Os únicos voos que já fiz foram de Leeds para Glasgow, depois de Glasgow para Londres. E essas eram as classes mais baixas disponíveis. Não tenho ideia de como é a primeira classe, mas algo me diz que isso é um passo adiante.

Só quando estamos completamente dentro é que noto que ninguém além de nós está aqui.

—Você reservou o voo inteiro? — Eu pergunto a Jonathan.

—Não precisava. Este é meu jato particular.

Certo. Não que seja uma surpresa que Jonathan tenha seu próprio jato. Ele viaja muito ao redor do mundo. Ou foi o que ele fez antes de eu aparecer, como Harris gosta de me lembrar em seu tom esnobe.

Ele me deixa sentar perto da janela como se se lembrasse de quando eu disse a ele que nunca tinha saído do Reino Unido. Eu nunca tive a chance de olhar para fora de um assento na janela e sempre me perguntei como seria a sensação.

Jonathan aperta meu cinto de segurança, depois prende o seu enquanto uma suave voz masculina preenche o espaço.

—Bem-vindos a bordo, senhor King e senhorita Harper. Estaremos decolando em alguns minutos, então, por favor, apertem os cintos. Chegaremos ao nosso destino em aproximadamente treze horas. Desejo a você um voo

confortável.

A voz desaparece e estou prestes a perguntar a Jonathan para onde estamos indo, considerando o tempo que teremos que passar no avião. Antes que eu possa abrir minha boca, a comissária reaparece e acena com a cabeça quando ela se certifica de que os cintos de segurança estão no lugar.

—Posso pegar água para você? Uma bebida? — Ela se concentra em Jonathan e seu sorriso aumenta quando sua voz diminui. —Qualquer coisa?

Eu estreito meus olhos para ela enquanto ela flerta descaradamente com Jonathan. Ela é uma de suas ex-companheiras de merda? Não poderia haver outra explicação para a maneira como ela flerta abertamente.

A ideia de Jonathan tocar ela da mesma maneira que ele me toca, beijando, ou mesmo falando com ela como ele faz comigo, deixa meu sangue quente, depois frio.

—Estamos bem, — eu digo, feliz por não estourar.

Ela ainda está focada em Jonathan como se minhas palavras não importassem e eu quero arrancar seus olhos.

É apenas quando Jonathan a dispensa com um dedo que ela sai, mas ela o faz com um balanço deliberado dos quadris.

—Eu não sabia que ruivas eram o seu tipo, — digo antes de ter a chance de medir minhas palavras.

—Elas não são.

—Bem, você obviamente teve uma coisa com ela.

—Ela? — Ele repete, uma leve diversão brilhando em seus olhos.

—A comissária de bordo.

—Eu não tive.

—Você está me dizendo que as mulheres apenas flertam com você?

—Elas fazem. Não significa que eu lhes presto atenção.

Eu olho para ele através dos meus cílios. —Nem mesmo ela?

—Não. Não misturo negócios com prazer.

—Mas você fez comigo.

—Verdade, embora eu nunca tenha considerado você um negócio.

Meus dentes afundam em meu lábio inferior com suas palavras não ditas. O fato de ele me considerar um prazer.

O avião começa a se mover e depois sobe. Minhas unhas cravam no braço de pelúcia da poltrona. Mais uma vez, Jonathan segura minha mão e meus nervos lentamente se acalmam.

Eu me perco no céu do início da noite e nas luzes da cidade à medida que se distanciam quanto mais subimos. A vista é fascinante. Não posso acreditar o quanto estou perdendo na vida. Tenho vinte e sete anos, quase vinte e oito, mas me sinto como uma criança neste mundo.

—É tão lindo, — murmuro.

—De fato.

Minha atenção volta para Jonathan, e assim como da outra vez no parque, ele não está olhando para a vista, ele está olhando para mim.

—Certo, — eu brinco. —Você provavelmente já viu este cenário mil vezes.

—Parece a primeira vez com você.

Meus lábios se abrem, mas nenhuma palavra sai. Deus. Ele às vezes diz merdas que me deixam sem palavras e totalmente tocada. Como diabos ele faz isso?

—Você está confortável? — Ele pergunta.

—Mmm.

—Você pode querer descansar. Aqui. — Ele mexe em algo ao lado e as duas poltronas caem para trás em uma posição reclinada confortável. Jonathan remove os cintos de segurança e puxa o apoio de braço para que não haja nada entre nós.

Eu não hesito quando minha cabeça repousa em seu peito, metade do meu corpo cobre o dele como fazemos quando dormimos. Seus dedos acariciam meu cabelo e eu me inclino mais para o seu toque.

Pode ser seu batimento cardíaco calmante ou a atmosfera pacífica ou que eu estou colocando uma pausa no caos em casa, mas o sono vem quase imediatamente.

—Para onde estamos indo? — Eu pergunto em um tom meio sonolento.

—Para minha ilha.

Capítulo Dezenove

Aurora

Jonathan possui uma ilha.

Não brinca. Ele é dono de uma maldita ilha.

Estou atordoada durante toda a viagem, de onde o avião pousou até onde diabos ele está me levando.

O sol da manhã brilha nos galhos e nas folhas, quase como uma cerimônia de boas-vindas.

As estradas são estreitas e as árvores tropicais decoram as laterais até onde a visão vai. Moses dirige com facilidade, sabendo exatamente para onde estamos indo.

Isso faz de nós um.

—Como você conseguiu esta ilha? — Eu me aproximo de Jonathan. Por alguma razão, sua proximidade sempre me faz sentir segura em lugares desconhecidos. Na verdade, isso acontece em todos os lugares.

Ele está recostado no assento de couro do carro, com as pernas afastadas e todo o seu comportamento relaxado. Minha mão está aninhada na sua em sua coxa dura. Ele não me deixou ir, nem durante o voo e nem depois de entrarmos no carro. —Eu ganhei dez anos atrás de um príncipe saudita em um jogo de pôquer.

—Pôquer? — Eu quase grito.

—Sim.

—Ele deve estar arrasado por perder ela.

—Na verdade não. Ele tem mais algumas ilhas espalhadas pelo mundo.

—O que você apostou?

—Por que você quer saber?

—Se ele apostou uma ilha, você deve ter colocado algo de muito valor.

Ele levanta uma sobrancelha. —E quer saber o que considero mais valioso?

—Mais ou menos. O que foi isso?

—Meu filho.

—O-O quê? Você apostou Aiden?

Sua expressão permanece a mesma. —Foi o que eu disse.

—Como... como você pode apostar em uma pessoa?

—É mais comum do que você pensa.

—Eu... eu não posso acreditar que você aposta seu próprio filho, seu único filho. Acho que não quero falar com você agora ou nunca. E estou totalmente dizendo a Aiden para que ele saiba o que você fez. E se você tivesse perdido, hein? — Eu cutuco seu ombro. —Hã?

Um sorriso se abre nos belos lábios de Jonathan. —Não achei que você seria enganada tão facilmente.

—Você... você estava brincando? — Isso é tão raro quanto testemunhar um ser mítico.

—Você acha que eu apostaria Aiden? Ele é meu único filho.

Ufa. No fundo, eu não pensei que ele faria isso, mas ele também não brinca. Essa é a parte que me desconcertou. —Então, o que você apostou?

—Uma de minhas subsidiárias.

—Eu não sabia que você jogava pôquer.

—Eu não jogo.

—Você acabou de dizer que ganhou em um jogo de pôquer.

—Só jogo quando sei que posso vencer. Eu não gosto de apostas inseguras.

Considerando a personalidade controladora de Jonathan, isso faz todo o sentido.

Minha atenção volta para a estrada e a maneira como as árvores se separam quando passamos. —Qual é o nome da ilha?

—É da King Enterprises.

—Deve ter um nome próprio.

—O príncipe chamou isso de um nome árabe complicado. Está nos jornais. Se você insiste tanto em saber, posso ligar para Harris.

—Você deve nomear ela com algo especial para você. Afinal, nem qualquer pessoa pode ter uma ilha.

—Hã.

Não tenho certeza do que ele quis dizer com isso, mas parece que ele nunca pensou nessa possibilidade. Jonathan é o tipo que não se apega a coisas como humanos normais, e acho que isso torna toda essa sugestão sem sentido para ele.

Bem, pelo menos tentei. Ainda não consegui ver a maior parte da ilha, e ela já parece um pequeno espaço cortado do paraíso.

Pensamentos sobre o motivo de estarmos aqui tentam interferir. Penso na entrevista de papai e em suas acusações, sobre a acusação, a mídia e as famílias das vítimas.

A beleza ao meu redor começa a desaparecer, suas cores lentamente se

transformando em cinza. Isto não é férias.

Estou fugindo, é tão simples quanto isso.

Jonathan solta minha mão, deixando ela cair em seu colo, e agarra minha coxa. É como se ele soubesse exatamente para onde minha mente foi e está me trazendo de volta ao presente.

Um estranho tipo de calor me envolve quando caio em sua presença. Há algo em seu toque suave que, mesmo que suas características permaneçam ilegíveis, eu sinto o que ele está tentando transmitir.

Agora, parece que ele me quer confortável acima de qualquer coisa.

Paramos em uma casa nas colinas que está ligeiramente escondida de baixo por árvores altas.

É menor do que a mansão King e tem um toque moderno com sua arquitetura redonda de dois andares. As escadas interiores são visíveis do exterior através das brilhantes paredes de vidro.

—É diferente, — digo a Jonathan quando saímos do carro.

—É criação do príncipe, não minha.

A falta do toque grandioso de Jonathan faz sentido então. Se dependesse do meu tirano, ele faria parecer tão intimidante quanto é.

Em todos os sentidos da palavra.

O poder não é apenas uma tática para Jonathan, é sua filosofia de vida.

Pelo que eu entendo sobre seu passado, a maneira como ele perdeu seu pai o tornou impiedoso. Ver seu pai morrer de fraqueza o fez fazer uma promessa figurativa de nunca estar naquela posição.

De certa forma, ele domesticou o poder e fez dele seu melhor amigo. Eles estão tão interligados agora, como se fossem um só ser.

Jonathan me agarra pela cintura enquanto me leva para dentro. Moses permanece imóvel como uma pedra na frente do carro, os braços cruzados na frente dele, uma mão sobre a outra. Eu sorrio de volta para ele com um aceno de cabeça.

—Olhos à frente, Aurora. — A voz de Jonathan contém um aviso claro.

—Eu estava apenas reconhecendo ele. Eu não gosto de ignorar as pessoas.

Seus lábios se estreitam. —Você estava *sorrindo* para ele.

—Então agora eu não tenho permissão para sorrir para os outros?

—Não se você puder evitar.

—E se eu não conseguir evitar?

Paramos na entrada e ele levanta meu queixo com dois dedos longos. Olho para ele com os lábios entreabertos e ele passa o polegar sobre o inferior, para frente e para trás, criando um ritmo sensual.

—Seu sorriso, como tudo sobre você, é meu e só meu. Eu não compartilho.

Estou presa na intensidade de seus olhos cinzentos. Na tempestade que espreita por dentro, que ele não hesitará em lançar no mundo a qualquer momento. O fato de que ele está disposto a destruir o mundo por mim não deve me afetar tanto, mas um tipo estranho de tontura me domina.

Limpando minha garganta, eu me afasto de Jonathan para dar uma olhada na casa. Seu interior é tão moderno quanto seu exterior. Não há nada de controle preciso e majestoso que está claro em cada centímetro da mansão King.

Aqui, é minimalista, mas um pouco mais aconchegante. Eu caio no sofá de veludo, jogando minha cabeça para trás. —Isso é tão confortável.

—Podemos conseguir um semelhante para casa.

Casa.

Não tenho ideia se ele está chamando assim de propósito, mas em algum lugar bem no fundo, naquela parte errada da minha alma, eu acredito.

Quer eu goste de admitir ou não, a mansão King se tornou minha casa. A casa de Jonathan é minha casa.

Esse é um pensamento assustador.

Lembro vagamente que só me restam alguns meses do acordo que fizemos, mas parei de pensar nisso há muito tempo.

Eu mordo meu lábio inferior enquanto abro meus olhos. Jonathan está na minha frente, sua jaqueta pendurada no ombro, mangas enroladas até os cotovelos. Ele perdeu a gravata em algum lugar durante o voo. Alguns fios de seu cabelo preto estão despenteados e caindo sobre sua testa, fazendo ele parecer o mais robusto e bonito que eu já o vi.

Ele está me estudando atentamente. Ele está sempre fazendo isso, me observando, me puxando para o centro de sua atenção como se eu sempre tivesse pertencido a ele. —Você deveria ir descansar.

—Estou bem. — Descansar é a última coisa em minha mente agora. Eu aperto minhas coxas juntas, prendendo o formigamento. Não posso acreditar que estou excitada apenas por sua aparência.

Se Lay ouvir sobre isso, ela não vai me deixar esquecer.

—Você deve estar com o jet lag, Aurora.

—Eu não estou.

—Você pode não sentir isso agora, mas a exaustão logo tomará conta de você. Vai ficar melhor quando você dormir.

—Eu dormi bastante no avião.

Ele suspira. —Você deve ter uma objeção a tudo? Pare de brigar comigo por

sua saúde e vá descansar.

Aparentemente, estou fazendo um péssimo trabalho em mostrar meu interesse, então tento novamente, desta vez baixando a voz. —Você vai se juntar a mim?

Eu juro que algo brilha em seus olhos, mas a fachada em branco retorna muito em breve. —Eu tenho que fazer algumas ligações.

—Bem. — Eu bufo, ficando de pé. —Tanto faz.

Eu o ignoro e subo as escadas como uma criança zangada com problemas. Maldito seja.

No andar de cima, há apenas dois quartos, então vou para o primeiro. Com certeza, há uma cama grande com lençóis brancos e as cortinas estão fechadas, escondendo o sol.

Eu chuto meus sapatos, em seguida, despojo minhas roupas aos arrancos. A decepção gruda no fundo da minha garganta como um gosto ruim, mas eu me recuso a reconhecer isso.

Jonathan que se foda.

Eu entro no box de vidro e deixo a água fria me submergir. Um espelho de corpo inteiro está posicionado na minha frente, fazendo com que eu me observe tomar banho. Deve ser outra criação do príncipe, estranha como o inferno. Quem mesmo faz isso?

Eu fecho meus olhos e tento deixar o fluxo da água enxaguar meus pensamentos. Mas não importa quanto tempo eu fique lá, minha mente continua voltando para o show de merda que deixei para trás na Inglaterra. Esta ilha é apenas uma solução temporária.

Não há como escapar para sempre. Além disso, agora que Layla e sua família estão envolvidas, é mais um motivo para não escapar. Não é como se eu pudesse

levar todos eles e contrabandear para a Escócia ou para fora do Reino Unido comigo.

Um corpo quente me envolve por trás, seu peito duro se moldando às minhas costas molhadas. Ele puxa meu cabelo para o lado, expondo minha garganta antes de envolver ela com a mão.

Os lábios de Jonathan roçam a concha da minha orelha enquanto ele murmura. —É isso que você quis dizer com se juntar a você?

Minhas coxas apertam quando a onda anterior de excitação bate de volta em mim com uma vingança. Não há nada que eu ame mais do que a sensação do corpo de Jonathan colado à minha pele e sua respiração quente misturada com a minha.

Sua mão livre desce na minha bunda e eu grito, meus olhos se abrindo. Deus. Dói tanto com a água assim.

Meus olhos encontram os dele através do espelho. Está um pouco nebuloso agora com o vapor, mas posso ver a faísca naqueles tons de cinza escuro.

—Para o que foi aquilo? — Minha voz é tão luxuriosa que seria constrangedor se eu não estivesse tão excitada.

—Para chamar sua atenção. Precisa estar sempre comigo. — Ele me agarra com força pela bunda. —Ninguém mais. Eu.

—Por quê? — Eu pergunto na mesma voz, apenas para desafiar ele. Jonathan adora isso, desafios, quero dizer.

Seu aperto aumenta na minha bunda. —Isso é meu. Tudo o que você tem pertence a mim, e ninguém pode tocar ou te machucar sob minha supervisão.

Ele me bate de novo e eu bato a mão contra o espelho, a água formando um riacho que escorre pela condensação enquanto suas palavras deixam o confinamento de minha orelha e rastejam sob minha pele.

—Ninguém? — Minha voz é suave, pequena e cheia de todas as inseguranças que carreguei por anos intermináveis.

—Porra ninguém, Aurora. — Sua voz cai. —Nem mesmo você.

—Jonathan... — Eu o encaro através do pequeno espaço visível no espelho.

Ele dá um tapa na minha bunda mais uma vez, me fazendo estremecer de prazer e dor. —O que é isso?

—Ohh eu…

—Essas não são palavras. Use as reais. — Há uma ligeira diversão sob o pedido.

Eu coloco minha outra mão no espelho para me ancorar. Por algum motivo, parece que vou cair se não o fizer.

Meu olhar encontra o dele através do espelho. —Me leve.

Seus olhos brilham, e tenho certeza que o tom carente em minha voz não escapa dele.

—Te levar?

—Jonathan, por favor.

—Porra. — Ainda me segurando pela garganta, ele lentamente se move para dentro de mim, me enchendo até a borda.

Minha boca se abre enquanto a água escorre pela minha pele até onde estamos juntos. Eu vejo onde seu corpo encontra o meu, fascinada pela vista. Mas esse não é o único lugar ao qual nos juntamos. Está em toda parte, desde minhas costas até minha bunda até a mão que me agarra pelo quadril.

Jonathan aperta seus dedos em volta da minha garganta, puxando meu pescoço para cima. —Olhe para mim. Veja como sou seu dono.

Meus olhos claros se chocam com os seus mais escuros no espelho. Estou pega em um transe pela maneira como ele está empurrando para dentro e para fora de mim com golpes medidos. Mas isso não é a única coisa que me enche de admiração.

É o olhar de abandono total no meu rosto, juntamente com a possessividade completa em suas feições.

Oh Deus.

Eu sempre me pareço assim?

Seus lábios encontram a concha da minha orelha e ele morde antes de falar em um tom rouco. —Tudo o que você vê e não vê aí é fodidamente meu, Aurora.

Ele libera meu quadril e abre minha bunda com sua mão forte. Seu polegar encontra meu buraco traseiro e eu grito, ficando na ponta dos pés.

—O-O que você está fazendo?

—Eu disse tudo que você vê e não vê. — A ponta do dedo empurra para dentro e eu aperto contra seu pau. —Mmm, parece virgem.

Oh Deus.

Merda.

Eu não deveria gostar de ter o polegar dele, certo? Sempre pensei que negócios secretos não eram permitidos ou, pelo menos, era assim que eu pensava.

Se o sexo normal não resolvesse, eu não sentia a necessidade de me colocar no meio da dor anal. Mas isso foi antes de esse homem me dar o meu verdadeiro renascimento.

Há uma era pré e pós-Jonathan, e não quero admitir o quão gratificante é a segunda.

Seus dentes mordiscam a pele sensível da minha garganta, definitivamente deixando um chupão. —É virgem?

—Sim ... — Minha palavra gemida é quase inaudível no meio do derramamento da água, mas Jonathan parece ter ouvido desde que um grunhido sai de sua garganta.

—Eu vou foder e possuir cada centímetro de você, selvagem.

—A-Agora?

Uma risada sombria invade o ar. —Não, você precisa de preparação. Eu não quero te machucar com meu pau. Mas logo, no entanto.

Antes que eu possa pensar sobre a decepção estúpida que me atinge pela segunda vez hoje, Jonathan empurra o dedo um pouco mais fundo na minha bunda e aumenta o ritmo na minha boceta.

A sensação de ser preenchida é tão real, e há até mesmo aquela leve queimação de dor causada por seu tamanho. Não importa o quão molhada ou pronta eu esteja. Ele é tão grande e sempre dói muito ser socada por ele.

Meus olhos caem com a intensidade de suas estocadas e estou paralisada pela imagem no espelho. A propósito, eu pareço tão pequena em seu domínio, mas também pela forma como estamos unidos, como se nunca pudéssemos ser separados.

Essa visão me joga além do limite.

Jonathan me estuda com aquele foco usual enquanto eu me desfaço em torno dele. Minha respiração engata enquanto o prazer rola fora de mim, fazendo minhas pernas ficarem instáveis.

A maneira como eu olho para ele é mais do que prazer e luxúria.

É mais do que orgasmos e trepadas sujas.

É algo que pensei que nunca mais sentiria depois daquele dia negro há onze anos.

Capítulo Vinte

Aurora

Devo ter adormecido depois que Jonathan me carregou para fora do chuveiro, porque da próxima vez que eu abro os olhos, estou na cama.

Um lençol me cobre até o queixo e a toalha ainda está enrolada em mim.

Pisco para tirar o sono dos meus olhos e deslizo minha mão pela cama. Com certeza, Jonathan não está aqui. Meu peito cai com esse pensamento, e eu me amaldiçoo por isso. Desde quando a necessidade de ver ele ao meu lado quando eu acordo se torna um hábito?

O brilho sugere o sol da tarde, brilhando por entre as árvores. Eu me agito e me levanto para procurar meu telefone.

Preciso ligar para Layla e ter certeza de que ela e sua família estão bem instalados e protegidos. Então talvez eu possa dar uma olhada no que está acontecendo nas notícias. Ou seja, se houver uma conexão com a Internet aqui.

Eu procuro nas bolsas na cadeira e nas gavetas, mas não há sinal do meu telefone.

Urgh. Está com Jonathan, não é?

Uma dor tenra dói entre as minhas pernas cada vez que me movo, e traz de volta as memórias de Jonathan me levando no chuveiro. Não importa o quanto ele me fode, cada uma é uma experiência por si só, e eu me tornei tão sintonizada com esse sentimento. Para ele.

Demoro alguns minutos para colocar um vestido curto de verão que encontro na bolsa que ele arrumou para mim. Como ele descobriu isso? Comprei há anos

e nunca tive a chance de usar ele.

Solto o cabelo até o meio das costas, coloco chinelos e desço as escadas. Procuro na cozinha e na sala de estar e depois num escritório situado perto da entrada.

Não há nenhum vestígio de Jonathan.

Meus pés param quando um pensamento condenatório me atinge no rosto. Ele... me deixou aqui?

Corro para fora, meu coração martelando no peito. O carro e Moses também se foram. O som da brisa deslizando entre as folhas das árvores é a única presença ao meu redor.

É quase como uma ilha fantasma.

Um arrepio sobe pelo meu corpo e envolve seus dedos carnudos em volta da minha garganta. Eu instintivamente esfrego meus braços para afastar os arrepios.

Espere, não.

Também há um som fraco de... ondas. Eu sigo o cheiro do oceano, as pernas trêmulas e meu batimento cardíaco não para de aumentar. A ideia de estar sozinha traz de volta memórias de estar totalmente perdida. Embora eu devesse estar acostumada a ficar sozinha, não estou. Na verdade, não.

Principalmente agora.

Com certeza, há uma praia descendo o penhasco. Sua costa se expande no horizonte, criando um cenário pitoresco maravilhoso quando combinado com o céu. A água límpida e azul cintila sob o sol da tarde, mas não é isso que me faz parar e olhar.

É o homem sentado em uma espreguiçadeira, um tablet na mão.

Jonathan está vestindo apenas shorts e uma camiseta polo branca, o que

destaca sua estrutura alta e musculosa.

O sol brilha em seu cabelo preto, que, pela primeira vez, não tem estilo. Cai em sua testa de uma forma desgrenhada e despreocupada. Seus olhos estão cobertos por óculos aviadores pretos enquanto ele rola seu tablet com sua expressão séria de costume. Suas sobrancelhas estão ligeiramente franzidas, mandíbula e lábios em uma linha.

Estou tão acostumada com essas características, com a dureza e crueldade nelas.

Estou tão acostumada com ele.

Quando diabos eu me acostumei tanto com esse homem?

O fato de que ele não me deixou aqui sozinha me enche de alívio tão forte que quase caio com a força disso.

Meus pés me levam a ele por sua própria vontade. Os chinelos se perdem na areia branca, então eu os chuto para longe e ando descalço. Não está quente, mas está quente o suficiente.

Eu fico ao lado de sua cadeira, minha sombra caindo em seu rosto e peito, bloqueando o sol. Jonathan ergue os olhos de seu tablet, e assim, a expressão séria lentamente desaparece.

Ainda existe aquela aspereza usual, a dureza do homem por baixo. No entanto, suas feições relaxam e seus lábios se contraem em um sorriso de parar o coração.

Deus. Eu nunca vou me cansar de seu sorriso. Não ajuda que ele seja tão mesquinho com isso.

—Você acordou.

Ainda estou me sentindo aliviada por encontrar ele aqui. Adicione seu

sorriso, e eu não consigo encontrar minha voz agora, então eu aceno.

Ele levanta uma sobrancelha. —Você disse que não tinha jet lag.

—Eu estava cansada.

—É assim mesmo? Eu cansei você, selvagem?

—Um pouco.

—Um pouco? Precisamos cuidar disso da próxima vez para que seja mais do que um pouco.

—Tudo bem, muito. Feliz agora? — Eu não conseguia controlar a queimação em minhas bochechas, mesmo se quisesse.

—Venha aqui. — Mesmo que seus olhos estejam cobertos por óculos escuros, quase posso ver o escurecimento dessa cor cinza.

—Venha para onde? Não há espaço.

Ele me agarra pelo pulso e me puxa para baixo. Eu suspiro, esperando que nós dois tombemos da cadeira. Em vez disso, acabo meio deitada em cima dele, os dedos espalmados em sua camiseta.

—Você estava dizendo? Algo sobre não ter espaço?

Por um momento, estou perdida em seus olhos cobertos de óculos escuros, na maneira como eles me olham. A sensação estranha, mas avassaladora, que senti enquanto olhava para nosso reflexo no espelho durante o banho, me atinge novamente.

Fecho a porta a esse pensamento e pergunto o que vim fazer aqui. —Onde está meu telefone?

—Você não precisa disso.

—Eu tenho que ter certeza que Layla e sua família estão seguras.

—Eles estão. Harris me disse que eles chegaram a Birmingham.

—Eu mesmo quero falar com ela. Pelo menos me deixe ligar para Harris.

—Não haverá conversa com Harris. — Ele toca algumas coisas em seu tablet. —Aqui, ligue para Layla.

Eu sorrio, pegando o tablet de sua mão e ligo para Layla. Estou surpresa que esteja salvo em seu cartão SIM, mesmo que esteja sob 'Faixa Preta.' —Por que você tem o número de telefone de Layla?

—Ela é uma parte importante da sua vida, — diz ele, como se isso explicasse tudo.

Tento me sentar, porque deitar em cima de Jonathan é uma distração pra cacete, e espero ela atender. Toca algumas vezes antes de ela atender.

—Isso se chama perseguição, Johnny. Não vamos ficar em um hotel que você está pagando. Economize seu dinheiro para caridade.

Eu fico olhando para ele. Ele queria que ela e sua família ficassem em um hotel e até ligou para ela sobre isso? Por que não sei nada sobre isso?

As sombras cobrem sua expressão, mas duvido que haja uma reação ou um pedido de desculpas aí. Ele faz o que quer e geralmente está convencido de que é a coisa certa.

—Agora, me deixe falar com Aurora, — Layla exige. —Ou eu vou sair do telefone e estrangular você, espere. Não desligue. Eu realmente não vou fazer isso.

Eu rio. —Sou eu, Lay.

—Companheira! Você está bem? Você está ilesa, certo? Aquele bruto do Jonathan fez alguma coisa com você?

Ele fez muitas coisas, mas nenhuma delas foi brutal. Na verdade, elas

aqueceram meu coração como nada jamais fez.

Quão triste será minha vida se Jonathan for o destaque dela? Ou talvez seja triste porque esperei tanto tempo por algo assim e recebi mais do que esperava neste homem impossível.

Ele pode ser um tirano, mas é o melhor que já existiu.

—Estou bem, Lay. Estamos em uma bela ilha e gostaria que você estivesse aqui. Vocês estão bem?

—Enquanto você estiver segura, nós estaremos. — Ela suspira. —Mamãe e papai mandaram lembranças e disseram que todos ficaríamos com você.

—Lay ... — Minha voz falha.

—Ei, não fique bobinha comigo. Ainda precisamos conversar sobre como você escondeu seu passado de mim todos esses anos. Eu exijo uma compensação.

—Um abraço?

—Nos seus sonhos. Tudo bem, talvez desta vez.

Eu sorrio. —Vocês estão confortáveis?

—Totalmente.

Meu olhar segue para Jonathan, que pode estar olhando para mim ou para o oceano. —Talvez você devesse aceitar a oferta de Jonathan.

—Não. Não vai acontecer.

—Você está com seus parentes em Birmingham?

—Decidimos contra isso. Não queríamos realmente causar problemas a eles.

—Então onde você está?

—Em algum lugar melhor do que o hotel de Johnny.

—Onde?

—Ele veio assim que chegamos aqui e nos disse que éramos bem-vindos em sua mansão. Eu te disse, ele é papai. Espera aí.

Oh Deus. Não, ela não fez.

Ouve-se um farfalhar do outro lado da linha antes de uma voz suave e familiar entra. —Olá, Aurora. Como você tem estado?

Antes mesmo que eu possa tentar cumprimentar Ethan de volta, Jonathan se senta, seus braços me envolvendo por trás enquanto ele arranca o tablet dos meus dedos. —Que porra você está fazendo, Ethan?

—Oh, Jonathan. Que surpresa. — Ele não parece surpreso. —Convidei Layla e sua família para ficar em minha residência em Birmingham o tempo que quiserem. É o mínimo que posso fazer para ajudar Aurora nessas circunstâncias difíceis.

—Obrigada, — digo, embora esteja secretamente planejando matar Layla.

Os olhos de Jonathan se fixam em mim antes de voltar a se concentrar no tablet. —Harris irá para levar a senhorita Hussaini e sua família ao hotel.

—Não posso fazer. Estamos bem aqui! — A voz de Layla vem do fundo.

—Você a ouviu, — Ethan diz. —Eu vou te ver quando você voltar. Você também, Aurora.

Ele desliga antes que Jonathan possa dizer outra palavra. Ele segura o tablet com mais força e suspeito que de alguma forma ele o dobrará em dois.

A tensão que irradiava dele poderia quebrar algo. Ele não gosta que Ethan esteja se intrometendo, e acho que Jonathan sempre o verá como algum tipo de ameaça, mesmo se ele estiver ajudando.

—Estamos sozinhos aqui? — Peço para desviar sua atenção quando uma ideia selvagem vem à mente.

—Sim.

—E quanto a Moses?

—Ele fica perto do hangar do avião. — Ele faz uma pausa. —Por que você está perguntando sobre ele?

Eu me levanto e puxo o vestido pela cabeça. Eu fui ousada, então quando deixei o pano cair na cadeira, estou completamente nua.

Meus mamilos endurecem instantaneamente, tem menos a ver com o ar e mais a ver com a maneira como Jonathan se endireita, todo o seu foco voltado para mim.

Sua mandíbula aperta quando ele remove os óculos, descobrindo seu olhar escurecido. —Isso é um convite, Aurora?

—Não. — Eu ando de costas em direção à praia. —Eu vou dar um mergulho.

—Um mergulho?

—Me pegue se puder, velho.

—Velho? — Ele repete lentamente.

—Sim, me mostre sua resistência.

—Sim, não faz muito tempo, e você estava tão exausta que adormeceu em cima de mim, lembra? — Ele se levanta de qualquer maneira, puxando sua camiseta pela cabeça, então puxa seu short.

Ele também foi ousado.

Meus pés vacilam na areia com a visão dele inteiramente nu, mas eu não consigo olhar por muito tempo quando ele vem em minha direção.

Eu grito enquanto me viro e corro na direção da praia. A água envolve meus dedos dos pés e panturrilhas em segundos. Está um pouco frio e eu estremeço quando chega acima dos meus joelhos, mas não evito minha fuga de Jonathan.

Uma estranha sensação de excitação toma conta de mim. É como aqueles tempos em que eu costumava caçar e perseguir, mas agora, eu não sou o predador, sou a presa de um jogo.

Quando olho para trás, não há vestígios de Jonathan. Eu paro quando a água chega à minha cintura e procuro ao redor. Onde ele foi?

Ele saiu? Mas tenho certeza de que o ouvi vir atrás de mim...

Meus pensamentos são repentinamente cortados quando algo agarra minha panturrilha e eu grito no momento em que sou puxada para baixo. Então o choque frio desaparece quando mãos fortes me agarram pelos braços e me levam de volta à superfície.

Eu engulo uma grande ingestão de ar, ofegante, meus dedos segurando um ombro musculoso. Pisco para afastar a água dos meus olhos para ver o rosto encharcado de Jonathan e seu cabelo grudando nas têmporas. —V-Você!

—Você disse algo sobre resistência, selvagem?

—Isso não é justo.

—Eu nunca jogo limpo. — Seus lábios roçam meu nariz. —Jogo para ganhar, lembra?

Eu lembro, e mesmo que a ideia me assuste um pouco, não posso deixar de querer mais agora.

Atirando água no seu rosto, escapei de seu aperto e nado na direção oposta.

Ele me pega em um piscar de olhos, mas também me deixa ir quando sente minha necessidade de um desafio.

Sempre esteve lá, não importa o quanto eu tentei sufocá-lo. Os desafios são o que me faz prosperar, e Jonathan me oferece isso da melhor maneira possível.

Ele ainda sentirá o mesmo se descobrir que sou tão monstro quanto meu pai?

Capítulo Vinte e Um

Jonathan

—O que você quer dizer com é nulo e sem efeito? — Pergunto a Harris pelo telefone.

Aurora está tomando banho no andar de cima e eu vim para o escritório em casa então ela não pode ouvir a conversa.

Durante os últimos dias que passamos na ilha, ela exige constantemente falar com a faixa preta. Se dependesse dela, estaria farejando detalhes sobre as notícias da Inglaterra.

Não que eu fosse deixar. Sempre que ela tenta perguntar a Layla, ou pego o telefone ou digo que não haverá mais ligações. Ela parou de tentar me contornar depois disso.

Eu a trouxe aqui por vários motivos, e o mais importante de todos é não permitir que ela veja os artigos escritos sobre ela.

Seu nome e rosto estão em toda a mídia, e algumas das famílias das vítimas se manifestaram para dizer que ela tem a mesma expressão dos olhos de seu pai. Que eles sempre pensaram que ela era perturbada como ele.

Pedi a Harris para fazer algum controle de danos, bloquear artigos e desviar a atenção da vida pessoal de Aurora, mas não há muito que ele possa fazer. A mídia sempre foi obcecada por Maxim Griffin e seus assassinatos horríveis. O fato de que ele finalmente está falando está dando a eles a chance de trazer de volta o passado e investigá-lo completamente.

Agora, Harris está me dizendo que meu advogado, que está trabalhando na construção de um caso forte para Aurora, diz que todo o interrogatório da

promotoria, e até mesmo o julgamento, será fumaça e espelhos.

Correção, ele não é meu advogado. Eu nunca precisei de um advogado criminal antes. A maioria dos meus melhores advogados é especializada em direito corporativo. Mas pedi ao meu escritório de advocacia principal que me escolhesse o melhor advogado criminal de todo o Reino Unido. Além de ser conhecido por ter vencido todos os processos criminais que aceitou, Alan Sheldon fez o exame da ordem ao mesmo tempo que Stephan Wayne, o advogado de Maxim e também já o acusou algumas vezes.

Olhando de fora, esse fato pode parecer trivial, mas não é. Alan é o melhor, não só por causa de seu recorde imbatível, mas também porque ele está familiarizado com Stephan e seus jogos antes dos testes.

E Alan não obteve o registro perfeito por ser um santo. Ele é conhecido por usar todos os métodos sob o sol para obter suas vitórias, morais ou imorais. É por isso que ele se encaixa bem.

Embora eu não confie nas pessoas, confio em sua necessidade de manter suas vitórias em série. Quando alguém tem o ego como força motriz, nada os detém.

—Alan me disse que a acusação não tem absolutamente nenhuma evidência contra Aurora, — Harris continua em sua voz meio entediada, meio sonolenta. É meio da noite lá, não que ele se importe, eu não acho. Ele é um workaholic com zero de vida fora da King Enterprises. —Eles a investigaram minuciosamente onze anos atrás. Não havia nada que indicasse que ela sabia ou participou dos crimes de Maxim.

—Você está me dizendo que o advogado de Maxim está indo atrás dela como uma manobra?

—Provavelmente. Alan diz que Maxim quer arrastar ela para baixo, apenas para mostrar seu poder.

—Não. Tem mais do que isso. — Tomo um gole do meu conhaque, saboreando a queimadura. —Se ele apenas quisesse arrastar ela para baixo, ele já teria feito isso há muito tempo. Algo o despertou. Olhe para isso.

—Eu ouvi uma história há algum tempo.

—E por que você esperou tanto para me dizer? Você está perdendo seu toque, Harris.

—Não achei que fosse importante na época. — Ele entra em modo de defesa. —Ainda não sei, mas pode ser valioso.

—Continue.

—Quando Aurora entrou pela primeira vez em sua vida, me encontrei com alguns dos internos da prisão de Maxim.

—Porque você fez isso?

—Eu não confiei nela, certo? Ela veio do nada e poderia ter tocado aquela coisa toda com Ethan só para chegar perto de você.

—Que bobagem é essa? Você honestamente acha que alguém pode me usar?

—Não. Mas eu não confio nas pessoas, especialmente nas pessoas novas. Melhor prevenir do que remediar.

—E? O que a sua jornada de desconfiança trouxe?

—Havia um dos internos da prisão com Maxim que mais tarde foi transferido para um instituto mental. Robert Hill. Ele foi condenado por matar sua esposa e sogra com uma faca de cozinha. Ele esfaqueou sua esposa vinte vezes e sua sogra cinquenta vezes, depois foi à delegacia e se entregou. De qualquer forma, Robert me disse que Maxim tem uma musa, e quando perguntei o que ele quis dizer com isso, ele disse que Maxim se inspira ao ver sua musa e, quando não a vê, sente que está perdendo alguma coisa. Robert disse que Maxim mantém sua

foto com ele o tempo todo.

—É Aurora?

—Nenhuma pista. Robert disse que não permite que ninguém veja e, como Maxim está em confinamento solitário, nenhum outro detento conseguiu dar uma olhada. Ele também disse que Maxim está orgulhoso de sua musa, dizendo que é por causa dela que ele encontrou seu verdadeiro eu depois de anos tropeçando sem um caminho claro. Sua musa é sua liberdade. Robert se relacionou com isso, a parte da liberdade, porque matar sua esposa e sogra deu a ele sua chamada liberdade.

Eu coço meu queixo. Deve ser Aurora. Achei que Maxim estava fazendo barulho e pedindo liberdade condicional para se vingar dela, mas se é porque ele quer ver ela, há um problema.

Ele não iria apenas querer ver ela. Alguém como Maxim sempre vai querer mais. Ele e eu somos semelhantes nesse aspecto. A necessidade de mais não é um luxo, é uma necessidade biológica que não pode ser interrompida.

É poder.

Para ele, é o falso poder divino que vem com o controle da vida de outra pessoa antes de acabar com ela.

Para mim, é a pressa de controle e o fato de que tenho muito pela frente, em vez de atrás de mim. Quanto mais eu adquiro, mais portas se abrem no meu caminho.

—Você ouviu alguma coisa do seu contato com Tristan? — Harris pergunta.

Bebo metade do meu copo de uma vez. —Ainda não. Tristan diz que Kyle faz tudo do seu jeito. É um jogo de espera agora.

—Quanto tempo devemos esperar para que este Kyle traga resultados?

—Por quanto tempo for necessário.

—Não temos o tempo necessário.

—Sua impaciência é sua fraqueza, Harris. Aprenda isso.

—Temos trabalho a fazer. Cancelei três reuniões importantes desde que você saiu.

—Três reuniões não são o fim do mundo.

—Com todo o respeito, sim, senhor. Eu nunca tive que cancelar reuniões tão importantes antes.

—Você não as cancelou, você as reagendou.

—Mesmo efeito. Estou tendo ataques de ansiedade.

—Você nem sabe o que significa um ataque de ansiedade.

—Eu faço agora. Eu pesquisei.

—Pare de choramingar, Harris.

—Se você voltar, podemos esconder Aurora e…

—Não.

—Você não me ouviu.

—Qualquer opção que inclua colocar sua vida e estado mental em risco é recusada.

—Levi está certo em dizer que você está apaixonado, — ele murmura baixinho.

—Desde quando você é amigo daquele punk?

—Ele me dá ingressos grátis para jogos de futebol.

—Você nem gosta de futebol.

—Eles ainda são ingressos grátis.

Eu balancei minha cabeça. —Me avise se houver alguma alteração.

—Me avise quando decidir finalmente voltar.

—Não acontecerá em um futuro próximo. Você tem alguma coisa sobre Jake?

—Estou perto.

—Bom. Eu preciso que ele pague. Eu não me importo com quais métodos você usa. — O contador que roubou o dinheiro suado de Aurora não consegue viver sua vida como se nada tivesse acontecido.

Ele pode ter me dado a abertura para entrar furtivamente em sua vida, mas ele, como qualquer pessoa que a machuca, não vai escapar da minha ira.

A porta se abre e eu paro com minha bebida a meio caminho da boca. Aurora entra com um vestido de verão azul claro. Seu cabelo está solto e cai sobre seus ombros e costas. A julgar pelas pontas de seus mamilos, ela não está usando sutiã.

Essa é uma visão com a qual posso me acostumar.

Ela tem estado mais livre ultimamente, vestindo o menos possível e se livrando das roupas sempre que ela achar conveniente.

Não que eu esteja reclamando.

Nos últimos dias, eu a fodi em todas as posições possíveis. Não importa se ela está tentando ler um livro ou cozinhar ou se exercitar, sempre que posso, eu agarro.

Então, às vezes, ela pega minha mão e fazemos longas caminhadas ao anoitecer ou amanhecer. Ela está revisitando sua paixão por caminhadas e descobertas. Eu nunca vou me acostumar com a maneira como seus olhos brilham sempre que ela testemunha um cenário pitoresco. É como se ela parasse

de respirar e se perdesse no momento.

Eu nunca achei as coisas bonitas, por si só. A primeira e única coisa que penso sobre o mundo exterior é se é útil para o meu objetivo final ou não.

Aurora é diferente. Ela para e fica olhando. Ela aprecia as pequenas coisas e não considera nada garantido. E, de certa forma, sua forte paixão por viver a vida em sua plenitude tem passado para mim.

Ou talvez seja porque eu consigo ver o brilho em seus olhos e o brilho em seus traços que não foram ofuscados por seu passado.

As contradições em sua persona são fascinantes. Por um lado, ela está tão segura de si que começou seu próprio negócio. Mas, por outro lado, parece que ela ainda é uma criança quando se trata do mundo.

O número de coisas que ela disse são ‘as primeiras’ é maior do que eu pensava. Eu uso isso a meu favor, porém, e faço todas as primeiras acontecerem para que eu possa ver seu rosto se iluminar de admiração.

Como o avião, a ilha e tudo mais. Estou levando essa mulher para todos os cantos do mundo para que ela possa viver sua vida como sempre foi destinada.

Mas, por agora, estou mantendo ela ocupada aqui com as vistas exóticas e caminhadas. Aurora também adora nadar à noite, mas se agarra a mim com medo de que algo a pegue no escuro.

Apesar de sua natureza aventureira, Aurora ainda se revira durante o sono. Ela ainda treme sempre que toco sua cicatriz e tatuagem. Ela ainda não consegue limpar o passado de sua cabeça, não importa o quanto tente.

—Não vai acontecer no futuro próximo, — digo a Harris e desligo.

Aurora para na minha frente e eu viro a cadeira para ficar de frente para ela. —O que não vai acontecer?

—Nada com que você deva se preocupar.

Se esconder a verdade vai manter ela temporariamente segura, então estou pronto para ganhar mais tempo.

—Me conte.

—Prefiro fazer algo melhor do que falar. — Eu envolvo a mão em sua bunda e a puxo para que ela fique entre minhas pernas.

Um sorriso roça seus lábios carnudos enquanto ela me agarra pelos ombros. —Jonathan, pare com isso.

—Você está usando o plug? — Eu a tenho feito usar plugue anal diferentes nos últimos dias, e enquanto ela reclama, ela não tirou nenhum deles, a menos que eu mande.

Ela morde o lábio inferior. —E se eu não estiver?

—Então eu vou punir você.

—Me punir? — A sutil excitação em sua voz quando ela diz a palavra ‘punir’ deixa meu pau duro contra minhas calças.

—A desobediência te coloca em apuros, então sim, Aurora. Eu vou.

—Como?

—Como você acha?

—Você vai me bater?

—Entre outras coisas. — Minha voz cai. —Quando eu terminar com você, você vai gritar a casa toda abaixo.

Sua respiração engata visivelmente e seus mamilos ficam duros como seixos contra o vestido. Eu afundo meus dentes em torno de um sobre o pano e puxo. As unhas de Aurora cavam em meus ombros enquanto ela geme, seu peito

empurrando em meu rosto.

—Se curve,— eu ordeno.

Ela se afasta e engole algumas respirações. —J-Jonathan, e-espere...

—Não haverá espera. Se curve e me mostre essa bunda. Me deixe ver se você foi uma boa garota hoje.

—Jonathan. *Por favor.* — Suas unhas afundam mais profundamente em minha pele, e é óbvio que ela está lutando contra sua excitação.

O desespero e a ansiedade em seu olhar azul escuro me param. Essa é uma expressão que eu não quero ver em seu rosto novamente.

A necessidade de devastar ela lentamente se dissipa, substituída pelo desejo de limpar aquela expressão. —O que é isso?

—Do que você estava falando antes de eu entrar? — Embora ela ainda esteja me tocando, o olhar em seu olhar é entorpecido, como o que ela tinha nas filmagens do julgamento de Maxim onze anos atrás. Recentemente, assisti a eles depois que Harris os enviou e não consigo apagar a expressão do meu cérebro. Ela parecia alguém tão danificada, eles estavam fartos da vida.

—É sobre meu pai, não é? — Ela pergunta em voz baixa.

—Ele não tem caso. É a palavra dele contra a sua e todas as evidências apontam para ele.

—Só porque não cometi os assassinatos daquelas mulheres, não significa que não seja cúmplice.

Eu levanto minhas mãos para que elas estejam descansando em sua cintura. —Do que você está falando?

A faísca que sempre brilha em seu rosto diminui lentamente até que não existe mais. —Nós caçamos juntos, papai e eu, quero dizer. Eu comecei, e estava

ansiosa por isso. A razão pela qual o segui naquele dia foi porque pensei que ele estava caçando sem mim. Verdade, eu não gostava de matar os animais, mas de perseguir, seguir trilhas e bloquear suas saídas? Eu amei tudo isso. Eu devo ter amado um pouco demais. E daí se eu não machuquei aquelas mulheres? Eu tenho a natureza sádica do meu pai e sou... um monstro como ele. Eu nunca tive a chance de crescer totalmente em meu personagem. Então, talvez eu mereça isso, o julgamento, a mídia, a atenção indesejada. Já passou muito tempo.

—Absurdo.

Aurora pisca para afastar a umidade acumulada em suas pálpebras. —O-O quê?

—Você não é uma assassina. A caça é permitida por lei. Pensar que você é igual a Maxim porque gostava de caçar com ele não faz de você um monstro, mas sim uma filha. Ele era seu único pai, e é natural que você se apegasse a ele e aprendesse seus hobbies. O fato de você não gostar de matar os animais e de ter denunciado ele significa que você foi feita de um tecido diferente dele. Não deixe seus jogos de mídia bagunçarem sua cabeça. Esse é exatamente o seu propósito por trás de toda esta mascarada.

Ela pisca novamente e, desta vez, a luz retorna lentamente. Aqueles azuis escuros que não deveriam perder sua centelha. Não há onze anos, e certamente não agora.

Meus dedos traçam sobre o pano onde eu sei que sua cicatriz e tatuagem estão. Ela estremece, as pálpebras ligeiramente fechadas.

—Por que você fechou o olho sobre a ferida?

—Quando fui esfaqueada, caí na oitava sepultura a mesma de onde você me tirou. Eu estava delirando quando finalmente recuperei a consciência e saí. Quando olhei pela primeira vez para o ferimento, parecia que estava olhando nos olhos de Mari Jane, aquela que testemunhei sendo arrastada. A ferida parecia

com seus olhos, junto com os de todas as outras vítimas. Na época, eu não conseguia dormir porque seus olhares vazios sempre me visitavam. Eu ainda não consigo às vezes.

Então essa é a razão por trás de seus pesadelos. Eu não paro de acariciar sua cicatriz e Aurora se inclina para mim, suas unhas cravando em meu ombro de novo como se ela estivesse com medo de perder o equilíbrio.

—Depois de suturar aquela ferida, fiz a tatuagem do olho fechado. Achei que... depois que papai fosse condenado, elas poderiam descansar em paz, sabe? — Sua voz falha. —Não agora, entretanto. Elas não podem ficar em paz se ele sair.

—Ele não vai. Ele não tem provas contra você.

Sua atenção muda para o bloco de livros atrás de mim, para a janela e até mesmo para a mesa. Ela olha para qualquer lugar, menos para mim.

—Aurora, olhe para mim.

Seu olhar lentamente encontra o meu, e é só quando ela está totalmente focada em mim que eu digo. —Você não fez nada de errado. Você me ouve?

Seus lábios tremem e ela deixa seus dedos se entrelaçarem na minha nuca. —Nunca pensei que alguém me diria isso.

—Eu vou, todos os dias se eu precisar, até você acreditar.

—Deus. — Ela sorri, mas não é exatamente alegre. A dor ainda permanece lá como um fantasma pronto para atacar. —Você não é nada parecido com o que era no passado.

—Como eu estava no passado?

—Eu não sei. Quando te conheci no casamento, pensei que você estava muito distante e muito intocável. Você ainda é, de certa forma.

—O casamento não foi a primeira vez que te encontrei.

—O que você quer dizer com o casamento não foi a primeira vez que nos encontramos? Eu nem morava em Londres.

Eu poderia contar a ela sobre aquele tempo no cemitério, mas isso só vai trazer a memória de Alicia e eu não a quero triste, então mudo de assunto. —Você não fez. Você tinha um sotaque de Yorkshire.

A nostalgia cobre suas feições. —Eu tinha.

—Você perdeu. Por quê?

—Eu... — Ela limpa a garganta. —Eu tinha que fazer para não ser identificada. Foi tão difícil no começo.

Posso imaginar ela lutando para perder o sotaque. Ela sempre foi uma nortista orgulhosa, mas porque ela precisava se livrar de tudo que tinha a ver com Maxim, ela se livrou dessa parte de si mesma também.

A cabeça de Aurora parece estar indo nessa direção, considerando como seu olhar se perde ao longe.

Eu não vou permitir que isso aconteça.

—Se curve. — Meu pedido, embora falado com calma, chama sua atenção imediata.

O calor floresce em suas bochechas. —Por quê?

—Não me faça repetir, Aurora. Eu odeio isso e você será espancada mais por isso. — Minha mão desce e agarro sua bunda, fazendo ela gritar. —Mas você gosta disso, não é?

—Não sei do que você está falando. — Sua voz está ofegante.

—Você vai fazer o que lhe foi dito?

Ela levanta o queixo, aquela linha desafiadora correndo de volta. —Me. Faça.

Puxando seu pulso, eu a viro para que seu peito encontre a mesa e sua bunda esteja no ar bem na minha frente enquanto eu fico de pé.

Eu puxo seu vestido até a cintura e meu pau estica contra minhas calças quando a encontro nua. Completamente, totalmente nua e aberta para mim.

Ela veio preparada. Aurora raramente fica sem calcinha e, quando o faz, é porque quer que eu tenha acesso fácil. Ela confessou isso depois de nosso mergulho na praia.

Sua pele de porcelana está avermelhada por minhas marcas de mão da noite passada. Eu não bato nela com força suficiente para causar um hematoma, mas sempre deixo minha marca.

Minha mão desce em sua carne e Aurora fica na ponta dos pés, seu gemido ecoando no ar.

—Quando eu digo se curve, você se curva, porra. — Meus dedos acariciam sua pele, admirando minha marca de mão nela, então eu a espanco mais algumas vezes até que ela está choramingando e implorando por mais.

—J-Jonathan…

—Fique parada. — Eu separo as bochechas de sua bunda e ela fica tensa quando meu polegar conecta com o plug preto em sua bunda. —Você o colocou.

—Mmm.

—Foi difícil? Você lutou como da primeira vez? — Eu a fodi então para deixar ela excitada o suficiente para o brinquedo caber dentro dela.

—N-Não. Mas gostei mais da primeira vez.

—Por que foi isso, selvagem? — Minha mão envolve sua nuca. —Porque sua boceta foi preenchida no processo?

Ela libera um som carente, mas não diz nada.

—Me responda e você poderá refazer.

—Sim. — Sua voz é quase inaudível, mas é a única resposta de que preciso.

Eu uso minha outra mão para desafivelar meu cinto e não me preocupo em tirar a roupa. Assim que meu pau está para fora, eu enfio até as bolas dentro dela, fazendo ela se mover contra a mesa. Mesmo que eu vá com calma, eu sei que sou muito grande para ela, considerando como ela me estrangula todas as vezes.

—Puta merda, — ela geme, seu corpo se movendo em sinergia com o meu.

Para alguém que estava morto há tanto tempo, seu corpo se desfaz ao meu redor em um momento.

Minha mão a mantém presa contra a madeira enquanto empurro dentro dela. Meus dedos livres provocam o plug em sua bunda, puxando um pouco antes de colocá-lo de volta. Os movimentos do meu pau combinam com os do brinquedo, fazendo ela se contorcer contra a mesa

—Oh, Jonathan ... Aahh!

Ela desmorona ao meu redor, sua boceta apertada estrangulando meu pau e arrancando minha própria liberação.

Eu esvazio dentro dela com um grunhido, minha semente enchendo sua boceta e pingando entre suas coxas.

Uma onda de possessividade me atinge com a maneira como ela continua apertando em torno de mim, me ordenhando até que não haja mais nada.

Ela é minha.

Porra minha.

E sempre será.

Eu vou continuar sendo seu dono até colocar a porra de um bebê dentro dela.

No passado, Aiden era a única criança de que eu precisava, mas agora estou acorrentando Aurora a mim, e se um bebê é o que levará a isso, então é o que será.

Capítulo Vinte e Dois

Aurora

—Eu não estou entediada de jeito nenhum, companheira. Eu fico com o papai.

Eu rio com o tom de Layla. Ela quase parece ofendida por eu sugerir que ela pode estar entediada demais na casa de Ethan. Como já se passou mais de uma semana, estou começando a ficar inquieta, então pensei que ela poderia sentir o mesmo.

—Além disso, também tem o Agnus, — ela sussurra. —E ele é, tipo, totalmente material para papai, também. Eu vou coletar todos eles.

—Você precisa de ajuda, Lay.

—Cale-se. Você tem seu papai na prática.

—Eu não. — Minhas bochechas esquentam quando digo as palavras. Jonathan está sentado no sofá à minha frente e, embora sua atenção esteja no tablet, não tenho dúvidas de que ele também está focado na conversa.

Não há como eu perguntar a Layla sobre o estado das coisas na Inglaterra. Ele não hesitará em roubar o telefone e encerrar a chamada.

Ele é um tirano nisso, entre outras coisas.

Eu coloco meu cabelo atrás das orelhas. —Então está tudo bem? Você está confortável?

—Absolutamente. Isso é como um feriado e a mansão do papai é a melhor.

—Isto é?

—Totalmente. Ele está cuidando bem de nós.

—Estou tão feliz. Agradeça a Ethan em meu nome.

—Ele está lá fora. Você quer falar com ele?

—Sim claro. — Mal terminei a frase quando Jonathan se levantou e se ergueu sobre mim, estendendo a mão.

Eu suspiro, olhando para ele. —Pensando bem, vou agradecer ele pessoalmente, Lay. Falo com você mais tarde.

Assim que desligo, coloco o telefone na mão de Jonathan, fervendo por dentro.

Ele enfia no bolso e se senta ao meu lado, ainda segurando seu tablet. —Você não vai agradecer a Ethan, por telefone ou pessoalmente. Na próxima vez que o vir, você caminhará na direção oposta.

E assim, ele retorna ao seu tablet. Agora que ele emitiu seu pedido, seu trabalho está feito.

Bem, que se dane ele.

Eu levo alguns momentos para respirar fundo, porque se eu falar enquanto estiver agitada, o tiro vai sair pela culatra em mim. O nível de inteligência conivente de Jonathan não hesita em usar as emoções das pessoas contra elas.

—Se eu for grata a Ethan, vou expressar isso.

Ele não levanta a cabeça. —Você não vai.

—Bem, você não saberia se eu o encontrasse pelas suas costas.

Eu percebo a gravidade do que acabei de dizer tarde demais. A atenção de Jonathan se concentra em mim, sua mandíbula apertando sob sua sombra de barba de cinco horas. —O que você acabou de dizer?

—Eu disse que sou livre para encontrar quem eu quiser. — Eu mantenho minha posição, mas meus dedos tremem. Dizer que Jonathan parece assustador agora seria um eufemismo.

—Repita suas palavras exatas, Aurora.

Quando fico quieta, ele abandona o tablet. Eu não noto até que ele me agarra pelo pescoço e me puxa para o seu lado. Seu toque é firme, impiedoso e, embora geralmente me excite, a expressão em seu rosto me apavora como o inferno.

—Você acabou de dizer que vai encontrar Ethan pelas minhas costas? É isso?

—Bem, se você não me deixar...

—É uma pergunta sim ou não, — ele me interrompe.

—Eu não vou fazer isso, — eu sussurro. Mesmo que eu goste de desafiar Jonathan, agitar seu lado feio é uma coisa totalmente diferente.

Ele fica estranho com qualquer coisa que inclua Ethan, e eu com certeza não quero ficar no meio disso.

—Você não vai fazer o quê? — Seu aperto aumenta na minha garganta e, desta vez, a excitação se expande pela minha pele.

Durante os dias que passamos nesta ilha, eu me acostumei com seu toque mais do que nunca. Pode ter a ver com os diferentes brinquedos que ele continua enfiando na minha bunda. Sempre que ele me fode com um dentro de mim, sinto que meu orgasmo me atinge de uma dúzia de lugares diferentes ao mesmo tempo.

Mas, no fundo, sei que não é apenas por causa dos brinquedos, punições ou posições exóticas. É por causa dele, Jonathan. A maneira como ele me ouve, a maneira como fica me dizendo que o passado não é minha culpa. Eu nunca soube que precisava ouvir essas palavras dele até que ele as disse.

Sempre que caminhamos ou relaxamos na praia, conversamos sobre tudo. Nossas vidas, nossas visões e nossos objetivos. Para Jonathan, é sua busca pelo poder. Para mim, está provando minha veia artística. A capacidade de compreender de alguma forma o tempo inacessível por meio do design. Ele ergueu uma sobrancelha quando eu disse que era parte da razão pela qual escolhi relógios. Pode ter começado com o presente que Alicia me trouxe, mas foi meu fascínio pela noção de tempo que se tornou minha força motriz.

Quando eu era pequena, achava o tempo garantido. Mas depois que minha vida virou de cabeça para baixo, eu queria comemorar cada segundo possível. Quando eu disse a Jonathan isso depois de perder minha inibição devido ao álcool, ele disse que estava orgulhoso de mim. E eu poderia ter escalado ele e exigido que ele me levasse ali mesmo.

O fato de que ele está se tornando mais do que eu jamais pensei que precisava é apertar botões que eu não sabia que tinha.

Eu não sei como isso aconteceu ou por que, mas Jonathan se tornou sem esforço uma parte integral da minha vida. Eu não poderia me livrar dele, mesmo se quisesse.

Isso é assustador e emocionante.

Em vez de responder a sua pergunta, eu desvio. —Por que você odeia tanto Ethan?

—Você sabe.

Eu balanço minha cabeça em seu aperto. —Não é só por causa da morte de Alicia. Na verdade, ele também perdeu sua fábrica, esposa e nove anos de sua vida. Se você comparar as coisas, Ethan sofreu mais danos do que você.

Ele traça meu queixo com um polegar aparentemente terno. —Você está do lado dele, selvagem?

—Estou apenas relatando fatos. Eu... eu quero te conhecer.

—E você acha que decifrar meu relacionamento com Ethan faria isso?

—Quer você queira admitir ou não, ele é o único que você considera um rival digno.

—Digno não é a palavra que eu usaria. Tente irritante.

—Vamos lá, me diga do que se trata.

Seu polegar continua deslizando para cima e para baixo na minha pele, criando uma fricção enlouquecedora. —Tudo que você precisa saber é que não gosto dele perto de você.

—Por quê?

—Porque.

—Isso não responde à minha pergunta.

—Não era para isso.

—Espere. É por causa de sua atração pelo mesmo tipo de mulher? — Não posso acreditar que não pensei nisso antes. Faz todo o sentido que Jonathan me queira longe de Ethan porque ele acha que Ethan também me vê do jeito que ele me vê.

Seu polegar para quando ele estreita os olhos. —Como você sabe disso?

—Ethan me contou.

—Ethan disse a você, — ele repete com um tom letal. —O que mais ele disse a você?

—Ele disse que você costumava ter sexo a três e dividir mulheres, e que você se sente atraído pelo mesmo tipo.

—E então ele disse que poderia ser melhor do que eu, não disse? Eu vou

assassinar ele, porra.

—Ele não disse isso.

—Ele sempre dizia isso para as mulheres. — Seus lábios se torcem. —Na verdade, ele não precisava. Elas gravitaram em torno dele de qualquer maneira.

—O que você quer dizer?

Ele faz uma pausa e eu suspeito que ele não vai responder minha pergunta, como de costume, quando se sente pressionado, mas então ele fala baixinho. —No passado, eu sempre fui aquele com quem as mulheres queriam foder, mas aquele com quem elas imaginaram um relacionamento era Ethan.

Oh. Jonathan sente que eu seria como elas. Longe disso. É uma loucura, mas eu não escolheria ninguém acima dele.

—Caso você não tenha percebido, você é intimidante, Jonathan.

Ele estreita os olhos em mim novamente. —Certo.

—Quero dizer. Você tem uma presença divina da qual ninguém se atreve a se aproximar.

—Você fez.

—Eu sempre escolheria você.

—Sempre?

—Sempre.

Ele sorri um pouco antes de controlar sua expressão. —Ethan ainda está morto por colocar a ideia em sua cabeça.

—Pare com isso.

—Não tente proteger ele. Sua vida acabou.

—Eu não estou. — Eu sorrio timidamente. —Ele realmente não fez essa sugestão.

E se ele tivesse, eu definitivamente o teria protegido. A julgar pela reação de Jonathan, ele realmente não hesitaria em machucar ele.

—Ethan é culpado até que se prove o contrário.

—Deveria ser o contrário, Jonathan.

—Não está no meu livro. — Sua expressão facial é dura como granito. — Sobre o que mais ele falou isso? Não deixe nada de fora.

—Só isso e o fato de que você prefere mulheres quebradas. Por que vocês dois se sentem atraídos pelo mesmo tipo?

Ele permanece em silêncio por um momento antes de sua voz calma flutuar ao meu redor como um halo. —É um desafio.

—Um desafio?

—Ethan e eu não gostamos de coisas normais. Normal é chato. De volta à universidade, não tínhamos nenhum problema com as meninas caindo aos nossos pés, mas o barato logo desapareceu. As mulheres quebradas, por outro lado, eram interessantes. Tivemos que explorá-las e levar elas a alturas mesmo que elas não achassem que seria possível. Era emocionante para nós três.

Minha garganta seca com a imagem de Jonathan e Ethan adorando uma mulher. Eu não gosto disso, não que eu não deva. Foi há muito tempo. Eu ainda não gosto disso, droga.

O fato de Jonathan também me considerar um desafio é o que me deixa mal.

Isso é tudo que sou para ele?

—Você não deveria estar com raiva de Ethan, então, — murmuro. —Ele deve pensar que haverá compartilhamento como no passado.

Num momento eu estou sentada, no próximo, Jonathan me arrasta. Eu caio em seu colo com um suspiro. Seus dedos ainda estão em volta da minha garganta enquanto seus olhos escurecem para uma cor assustadora.

Eu estou olhando para ele e presa naquele olhar que é capaz de não apenas me dissecar, mas simultaneamente chegar dentro de mim.

—Isso não vai acontecer, porra. — Sua voz é dura com um tom que deve cortar aço.

—N-Não?

—Ninguém além de mim pode fodidamente tocar em você. Se alguém tentar, eles desaparecerão e nunca mais voltarão.

Sua possessividade masculina pura pode ser assustadora em algum nível, mas por alguma razão, esfria o fogo queimando em meu peito.

—Você faria isso?

—Eu faria mais do que isso, Aurora. Você acha que eu estava brincando quando disse que você é minha? — Seus dedos seguram meu short, provocando uma onda de prazer. —Vou colocar um bebê em você para provar isso.

Meu sorriso cai com suas palavras.

Tudo faz sentido agora, o fato de que ele nunca usou camisinha e que em algum momento, ele começou a gozar dentro de mim e muitas vezes fode sua semente dentro de mim. Ou o fato de que ele acenou com a cabeça em aprovação quando eu disse a ele que não uso nenhum método anticoncepcional.

O tirano tem tentado me engravidar todo esse tempo.

Isso deveria me deixar com raiva ou algo assim, mas eu não consigo superar o gosto amargo persistente no fundo da minha garganta.

—Você não pode, — murmuro.

—Eu não posso o quê?

—Você não pode colocar um bebê em mim. Eu sou estéril, Jonathan. — Minha voz engasga com seu nome e eu me sento, precisando de distância.

Ele me solta, e sou grata por ele estar me permitindo respirar algo diferente de seu cheiro amadeirado. Talvez ele me odeie agora que não posso dar a ele o bebê que ele quer. No começo, eu juro que ele era contra, o que fazia sentido, considerando que ele tinha Aiden e Levi, e até certo ponto, isso me deixou confortável.

O fato de ele ter mudado de ideia para desejar bebês está bagunçando minha cabeça. Eu odeio essa sensação, o fato de eu ser defeituosa de várias maneiras. O fato de que não posso fazer nada para consertar.

—Como isso aconteceu? — Sua voz é a mesma, com aquele toque de controle e firmeza e, de certa forma, estou grata por isso.

—Eu nasci assim. Descobri isso no final da adolescência, quando fui ao médico para fazer o controle de natalidade. Ela fez alguns testes e me disse que nasci com um ovário geneticamente danificado, então nunca poderei ter meus próprios filhos.

Silêncio.

Isso se estende entre nós por um segundo antes de eu dar uma olhada em Jonathan. Ele está me observando com a mesma intensidade de sempre.

Antes que ele possa dizer qualquer coisa, eu deixo escapar. —Então, isso não vai acontecer, crianças, quero dizer. Se você quiser, deve pesquisar em outro lugar e encontrar outra pessoa...

Eu sou interrompida quando ele me agarra pelo pescoço novamente e me beija com uma intensidade que rouba minha respiração, pensamentos e palavras. Eu caio em Jonathan, meus dedos segurando sua camiseta, e meus olhos se

fecham com o poder cru e sensualidade em seu beijo.

É como se ele estivesse acertando um ponto com a boca, e embora eu não possa identificar exatamente, eu sinto isso. Eu caio nisso. Eu me torno um com ele.

Seus lábios se afastam dos meus enquanto nós dois ofegamos, sugando o ar um do outro. —Foda-se isso. Que se foda qualquer um que não seja você, selvagem.

Uma sensação avassaladora explode em meu peito com tanta força que é quase doloroso. Mas, ao mesmo tempo, é o alívio que eu nunca pensei que precisava. —M-Mas você disse que queria um bebê.

—Eu só queria colar você a mim com isso. Agora, vou apenas encontrar outro método.

—S-Sério?

—Eu já menti para você?

—Não, mas…

—Eu já tenho Aiden e praticamente criei Levi, então ele é basicamente meu filho também. Acredite em mim, ter aqueles dois punks é como ter uma dúzia de filhos.

Um pequeno sorriso roça meus lábios. Eu posso ver isso muito bem.

—Mas se você quiser ter filhos, eu farei acontecer. — Sua expressão fica determinada. —Não me importa qual médico devo ameaçar.

—Pare com isso. — Eu sorrio. —Eu não os quero.

—Por que não?

—Porque a psicopatia é genética e eu nunca vou correr o risco de um filho herdar as qualidades do papai.

—Você não tem.

—Só porque eu escapei desse destino, por pouco, não significa que minha prole não vai, ou a geração seguinte, ou a próxima. Nascer sem a capacidade de procriar é uma bênção neste caso, não uma maldição.

—É o que você faz que seja, Aurora. — Ele acaricia meu cabelo para trás. — O mundo está na ponta dos seus dedos.

—Não isto.

—É agora. Vou colocar o mundo de joelhos na sua frente. Tudo que você precisa fazer é pedir.

—Por quê? — Eu sussurro.

—Porque o que?

—Por que você faria isso por mim?

—Porque o mundo precisa dobrar os joelhos para minha rainha.

Minha *rainha*.

Minha boca se abre e meus olhos quase saltam.

Puta merda. Acho que Jonathan acabou de me chamar de sua rainha. Eu não ouvi isso incorretamente, certo? Não é um jogo sádico da minha imaginação.

Certo?

—Agora. — Seus dedos se esgueiram sob meu short e minhas pernas se abrem de boa vontade. —Você tem sido uma boa menina?

—O-O quê?

—Você está usando o plug?

Não.

Merda.

Eu estava tão animada com o telefonema com Layla que desci sem colocar o brinquedo idiota.

—O que você fará se eu disser não? — Eu murmuro.

—Se eu bater em você, você vai gostar, então darei um passo adiante. — Seus dedos afundam em minhas dobras e eu arqueio minhas costas contra ele.

—Um passo adiante? — Eu gemo.

Seus lábios encontram o lóbulo da minha orelha e ele sussurra. —Não haverá orgasmo.

—Jonathan! — Eu protesto.

—Só as boas meninas têm orgasmos.

—Não vou fazer de novo. — Eu embalo seu rosto com meus dedos e escovo meus lábios contra sua mandíbula, sabendo o quanto ele gosta quando eu o beijo. —Por favor?

—Tente mais.

Eu planto beijos em toda a sua bochecha, lábios, mandíbula esculpida e até mesmo seu nariz e suas pálpebras. É a primeira vez que falo tanto sobre beijá-lo, mas Jonathan não me impede. Se qualquer coisa, ele afrouxa seu aperto um pouco para me dar espaço para adorar ele.

Para me fartar dele como nunca antes. Enquanto eu continuo minhas ministrações, ele me toca lentamente até que eu estou me contorcendo em suas mãos, implorando por mais.

—Jonathan…

—O que?

—Mais…

—Mais o que? — Ele torce os dedos dentro de mim e eu arqueio minhas costas contra ele.

—I-Isso... isso... por favor...

Ele puxa os dedos e eu gemo contra seu rosto, mas não tenho que esperar muito enquanto ele desabotoa o cinto e desliza seu enorme pau latejante dentro de mim. Nós gememos ao mesmo tempo em que ele me preenche por inteira. Seus dedos deslizam minha umidade para minhas costas usando-os em vez do plug enquanto ele empurra lento e medido. Seu olhar metálico nunca deixa o meu enquanto ele fode minha boceta e minha bunda.

Mas essas não são as únicas coisas que ele possui. Ele está reivindicando meu corpo, coração e alma, e isso está completamente fora do meu controle. Eu não posso parar, mesmo se eu quisesse.

Jonathan pode ser temido pelo mundo, mas quando olho em seus olhos sombrios, encontro segurança, pertencimento, sentimentos que nunca pensei que encontraria novamente. E porque isso está fora do meu controle, me assusta pra caralho. Ao mesmo tempo, não quero fugir disso.

—J-Jonathan... — Eu gemo, agarrando seu pescoço como se fosse uma tábua de salvação.

—O que, selvagem?

—Mais duro.

Ele obedece, sua mão envolvendo minha garganta enquanto me leva até a borda. Ele não para, no entanto. Não quando grito seu nome.

Não quando me contorço contra seu corpo.

Não quando eu imploro, não tenho ideia se é para mais ou para ele parar.

Ele me leva em inúmeras posições como se ele não se cansasse de mim. Como se perderíamos a conexão no momento em que ele sair de mim, e eu não ficaria surpresa se fosse esse o caso.

Quando ele finalmente goza dentro de mim, estou tão deliciosamente exausta e dolorida.

Enquanto estou deitada inerte em seus braços, um gemido satisfeito deixa meus lábios e, antes de dormir, murmuro. —Quero ir para casa.

Ele afasta meu cabelo do rosto, sua voz baixa enquanto ele repete. —Você quer ir para casa?

—Estou farta de fugir. — Um arrepio percorre meu corpo. —É hora de finalmente ficar de pé na frente do monstro do meu passado.

Capítulo Vinte e Três

Aurora

Decidir ir para casa e realmente fazê-lo são duas coisas totalmente diferentes. Tudo o que quero fazer é cavar um buraco e me esconder nele.

No entanto, a ideia de fugir como no passado me paralisa. Eu não posso mais fazer isso. Não posso começar de novo, fingir que renasci e seguir em frente com minha vida.

As memórias de noites solitárias, tremendo sob os cobertores, me fazem estremecer.

Além disso, não posso desistir da vida e do equilíbrio que encontrei. Não se trata apenas de Layla e H&H. É também sobre Aiden, Levi, Astrid e Elsa. É sobre Moses, Margot, Tom e até mesmo Harris. É sobre o senso de família que reencontrei. E no topo dessa cadeia, está Jonathan.

O homem que segurou minha mão durante tudo e não me julgou, mesmo quando ele pensou que eu tinha perdido minha cabeça. No mínimo, ele prometeu me proteger, inclusive de mim mesma.

Desde que me lembro, eu só tive a mim mesma para contar. A proteção só poderia ter sido fornecida por mim. Ter Jonathan lá traz uma certa paz que eu nunca experimentei antes.

Mas não se trata apenas da sensação de proteção que ele traz. Não. É também sobre como ele não permite que eu me perca no labirinto da minha cabeça. É quase como se ele soubesse o quão escuro fica e me puxa para fora o tempo todo.

Não tenho certeza do que há sobre ele que permite que ele me leia tão bem.

Duvido que seja por causa da diferença de idade, na qual, ironicamente, não penso mais, e quando penso, é mais com admiração do que qualquer outra coisa.

Jonathan não apenas me conhece, mas também reconhece minhas necessidades antes de eu mesma chegar a um acordo com elas. Ele me ensinou que reconhecer as próprias forças e fraquezas é o que faz você se esforçar mais.

Com ele, me sinto vulnerável e poderosa. Eu posso vencer o mundo, mas ao mesmo tempo, estou com medo que ele vá puxar o tapete debaixo dos meus pés um dia.

Porque agora? Sério, não consigo imaginar minha vida sem ele. O fato de que ele já foi o marido da minha irmã mal me faz pensar.

Sinto muito, Alicia. Eu sou a pior irmã que já existiu.

Nossa primeira parada assim que chegamos à Inglaterra é Birmingham.

—Eu poderia ter vindo para verificar Layla por conta própria, — digo a Jonathan enquanto o mordomo nos dá as boas-vindas na mansão de Ethan em Birmingham ou palácio. É muito maior que o de Londres, e Moses teve que dirigir muito antes que pudéssemos chegar à entrada com suas majestosas estátuas de leões e altas torres.

—Você acha que eu deixaria você ir para a casa de Ethan sozinha? — A pergunta é claramente retórica, já que Jonathan continua naquele tom arrogante. —Absurdo.

—Não seja um idiota com ele, tudo bem? — Eu sussurro no caso de alguém estar por perto. —Estamos na casa dele, afinal.

—Depende.

—De que?

—Se ele olha ou não em sua direção.

Eu rio. —Você não pode estar falando sério.

Ele me encara com um de seus olhares tensos. —Estou falando sério, e se você quiser que eu prove na frente dele, eu vou.

—Eu não vejo qual é o grande problema. Afinal, você costumava compartilhar mulheres no passado. — E não, ainda não superei isso.

—A frase-chave da sua frase está 'no passado.' Eu nem mesmo compartilharia uma mesa com ele por vontade própria.

—Então, eu estive pensando... se vocês não estivessem brigando, vocês ainda estariam compartilhando mulheres?

Ele me agarra pela cintura, seus dedos cavando na minha lateral. —Por que diabos você está fazendo essas perguntas? Já estabelecemos que Ethan, ou qualquer outra pessoa, está fora da porra da mesa. Eu não compartilharia você pelo resto da sua vida.

—Você quer dizer sua vida?

—*Sua* vida. A morte não vai me parar, selvagem. Eu vou encontrar um jeito, mesmo como um fantasma.

—Não tenho dúvidas sobre isso. — A voz masculina vinda de nossa direita interrompe nossa conversa.

Em vez de me deixar ir, Jonathan me mantém plantada ao seu lado com uma mão possessiva na parte inferior das minhas costas.

Ethan está na base da escada, colocando a mão no bolso da calça e sorrindo amigavelmente. —Bem-vinda a minha residência em Birmingham, Aurora. Jonathan, já se passou muito tempo desde que você veio aqui. Mais de vinte anos, acredito.

— Não o suficiente.

Dou uma cotovelada nele e sussurro. —Seja bonzinho.

—Ele está olhando para você, então isso é um não, — Jonathan diz em voz alta o suficiente para Ethan ouvir.

—Sempre um encantador, Jonathan. — Ethan sorri para ele, mas não há boas-vindas nisso.

O último o devolve com uma carranca.

A quantidade de testosterona por aqui é alta como o inferno. Quase posso sentir o gosto na minha língua.

—Onde estão Layla e seus pais? — Peço para dissipar a tensão.

—O Sr. e a Sra. Hussaini foram dar um passeio, e quanto a Layla...

As palavras de Ethan são cortadas quando uma porta se abre do outro lado da sala, e entra Layla carregando uma cesta de rosas, jogando as pétalas em um Agnus de rosto solene. Ele não parece gostar nem um pouco, mas permanece em silêncio enquanto ela sorri. —Eu poderia totalmente te transformar em uma princesa, Agnus. Se alguém pode fazer isso, sou eu.

Ethan ri, e até mesmo Jonathan está prestes a sorrir antes de selar sua reação, como de costume. Estou começando a ver um padrão entre Ethan e Jonathan. Um está mais aberto e o outro está fechado. No entanto, eles têm muitos traços em comum o mais importante de todos, sua fome de poder. Quanto mais eles têm, mais eles querem. É por isso que clicaram há muito tempo.

Jonathan é apenas mais direto sobre isso. Ethan não mostra tanto, mas isso não nega seu desejo por isso.

Ao me ver, Layla empurra a cesta de rosas no peito de Agnus e corre em minha direção.

Abro os braços e ela me abraça sem protestar. —Eu senti tanto a sua falta,

companheira. Não se atreva a me deixar de novo.

—Eu também senti sua falta, Lay.

—Vamos. — Ela me agarra pela mão. —Nós temos muito para colocar em dia.

Ethan aponta para as escadas e levanta a sobrancelha para Jonathan. —Meu escritório?

—Jogue bem, — eu murmuro para Jonathan.

—Não, — ele murmura de volta e eu balanço minha cabeça enquanto Agnus abandona a cesta de rosas em uma mesa e os segue.

Com os três lá, só posso imaginar o que vai acontecer naquele escritório. Definitivamente, não é algo que eu queira testemunhar.

Layla e eu sentamos em um banco no jardim. As árvores aqui são tão altas que bloqueiam o horizonte.

—Então? — Ela pergunta impacientemente. —Detalhes.

—Promete que não vai me odiar?

—Nunca. Correr ou morrer, lembra?

Eu deixei tudo sair e conto a Layla sobre minha vida desde que fui criada em Leeds, e todo o caminho para testemunhar aquele crime, perder minha irmã e todo o pesadelo do julgamento.

Enquanto eu falo, a expressão de Layla cai e acho que ela me odeia quando eu termino, mas ela me abraça novamente. Dois abraços em um dia é a primeira vez.

—Eu sinto muito que você teve que passar por tudo isso sozinha. Você era tão jovem.

Eu a seguro e solto as lágrimas. É a primeira vez que falo sobre a coisa toda e estou muito grata que Layla é quem eu tenho que contar tudo o que aconteceu.

Ela se afasta e enxuga minhas lágrimas com as costas das mangas. —Johnny ganha pontos por tirar você daqui para que você pudesse limpar a cabeça. Seu status de papai foi restabelecido.

—Você é horrível. — Eu sorrio em meio às lágrimas.

—Posso te perguntar uma coisa?

—Claro, Lay.

—Qual nome você prefere? Clarissa ou Aurora?

—Quando eu era Clarissa, era feliz, mas às custas do sofrimento de outras pessoas. Eu não gosto mais de ser ela. Eu não gosto das memórias associadas a ela ou dos medos pelos quais ela passou.

—Então é Aurora. Seria muito estranho chamar você de outra coisa. — Ela sorri timidamente. —Por que você escolheu esse nome?

É a minha vez de sorrir enquanto as memórias do verão e do cheiro de marshmallow voltam a ser filtradas. —Alicia disse que se ela tivesse uma menina, ela a teria chamado de Aurora. Eu acho que ficou comigo.

—Estou tão orgulhosa de quão longe você chegou, companheira.

—Você está sendo sentimental agora?

—Quem? Eu? Nunca! — Nós rimos e ela chega mais perto, sua expressão se transformando em uma de seriedade. —O que você vai fazer agora?

—Ainda estou pensando nisso. Ei, Lay, você não sente falta do trabalho?

—Honestamente? Eu estou ficando louca aqui. Você sabe que odeio ficar parada, mas está tudo bem. Eu aguento.

—Bem, eu não posso.

—O que você pretende fazer?

—Vou me manter firme como deveria há dezesseis anos.



No dia seguinte, vou à promotoria. Eu não digo a Jonathan, porque ele iria me impedir.

Eu me recuso a viver minha vida com medo, com medo de quando eles virão bater na minha porta, ou quando eles vão me pegar enquanto eu estou andando pelas ruas.

Embora eu não compartilhe meus planos com Jonathan, faço meu caminho através do prédio, armada com suas palavras para mim.

Você não fez nada errado.

Ele tem razão. Eu não fiz. E agora, eu vou confessar isso.

Eles me levam para uma sala branca com uma mesa cinza no meio. Eu mantenho a calma enquanto o promotor tenta me intimidar com suas perguntas.

O promotor, que se apresentou como Joffrey Dale, é um homem mais velho com algumas décadas de experiência em seu currículo. Faz sentido que eles o estejam designando para um importante caso nacional como este.

Suas sobrancelhas espessas estão unidas como se fossem feitas para julgar as pessoas. Seu terno é um tamanho muito grande e sua cabeça é meio careca com algumas mechas de cabelo penteadas no meio. Mas isso não tira o olhar penetrante em seus olhos castanhos claros.

Após um longo silêncio, que passa lendo o arquivo à sua frente, Joffrey finalmente levanta a cabeça. —Vamos começar com o básico. Qual o seu nome?

—Aurora Harper.

—Seu legal, senhorita.

—Aurora Harper. Eu registrei.

Ele balança a cabeça como se a informação fosse nova para ele, quando provavelmente é uma tática. Até o quarto branco em que estamos, que parece esterilizado, deve ser algum truque psicológico. A polícia brincou muito comigo naquela época, mas eu era muito jovem para reconhecer isso.

—Por que você veio aqui, Senhorita Harper?

—Questionamento voluntário.

Ele me fixa com seus olhos brandos. —Por quê?

—Audiência da liberdade condicional de Maxim Griffin. — Minhas mãos se agarram no meu colo, mas eu as forço a se soltar.

—Qual é a sua relação com o Sr. Griffin?

—Ele é meu pai.

—E você é a Clarissa que ele está acusando de ser sua cúmplice?

Eu concordo.

—Você está admitindo as acusações dele?

—Estou admitindo ser filha dele que costumava se chamar Clarissa. Isso é tudo. Suas acusações são totalmente falsas.

Ele volta a focar no arquivo, recupera imagens das mulheres assassinadas, também da cena do crime, e as coloca na minha frente. Eu me forço a olhar para seus rostos, embora as lágrimas comecem a correr.

—Você se lembra delas, Senhorita Harper?

—Claro que eu lembro. Eu sonho com elas o tempo todo.

—Quem são elas?

—Vítimas do meu pai.

—Você se lembra da causa da morte?

Eu engoli uma respiração profunda, o ar preso na minha garganta. —Sufocamento por fita adesiva.

—Você sabe quanto tempo leva para a morte por asfixia? — A pergunta é claramente retórica, já que ele continua em seu tom monótono. —Normalmente, são vinte minutos, mas em seus casos, ele deixou uma pequena abertura na fita adesiva para retardar o processo. Seus processos de morte variaram de quatro a vinte horas. Elas passaram todas aquelas horas implorando por ar, apenas para encontrar a morte.

—Eu sei disso! Eu também sei que ele as perseguiu e as fez sentir como se ele fosse o sonho delas na terra antes de atrair elas para a cabana. Também sei que ele cortou seus braços, brincou com seus corpos enquanto elas sufocavam, depois guardou a fita adesiva como troféu antes de enterrar elas. Também sei que essas sete vítimas denunciadas não foram as únicas e que muitos outros casos foram encerrados por falta de provas. Então, por que você não olha para elas, em vez de toda esta farsa? Por que diabos você está permitindo que aquele bastardo doente tenha direito à liberdade condicional?

Apesar da minha explosão, a voz e a expressão de Joffrey permanecem frias. —Porque, Senhorita Harper, podemos ter evidências de que ele não foi o único envolvido nesses assassinatos.

—Que evidência? — Eu rio com um tom amargo. —Eu testemunhei contra a porra do meu próprio pai. Eu o trouxe para você no dia em que perdi minha irmã. Se você tem algo contra mim, mostre, mas eu sei que não tem. Todos vocês

estão jogando em suas mãos.

—Então por que você escapou do Programa de Proteção a Testemunhas?

—Eu não confiava na polícia. Eles eram agressivos e descuidados, e eu não me sentia segura na companhia deles.

—Ou você queria correr e se esconder.

—Se eu quisesse fugir e me esconder, por que viria aqui por minha própria vontade?

Ele abre a boca para dizer algo, mas uma batida na porta o interrompe. Antes que ele possa se levantar, ela se abre e entra um homem que parece ter cinquenta e poucos anos. Ele é magro e baixo, vestindo um terno listrado elegante e carregando uma pasta de couro.

—Quem é você? — Joffrey pergunta.

—Alan Sheldon. Sou o advogado da Senhorita Harper. O questionamento voluntário acabou, com efeito imediato, Dale.

Espera. Eu tenho um advogado? Quando isso aconteceu?

—Senhorita Harper estava pronta para responder a mais perguntas. — Joffrey não esconde a irritação em seu tom, mas também se mantém firme.

—Não mais. Minha cliente precisa descansar antes do julgamento. — Alan gesticula para mim e eu me levanto.

Eu estava farta de qualquer maneira. Vim aqui para exortá-los a investigar as outras vítimas e alertar eles sobre a natureza manipuladora de papai, mas se eles preferirem fazer o jogo dele, então é tudo culpa deles.

—Senhorita Harper, — diz o promotor quando estou ao lado de Alan. —O Senhor Griffin disse que você nunca foi inocente. Qual é a sua resposta para isso?

—Você não precisa responder a essa pergunta, — Alan me diz.

—Está bem. Ele deve saber que papai nem sabe o significado de inocência. Ele passou a vida inteira manchando ela.

E com isso, estou fora da sala. Alan caminha perto de mim. Temos quase a mesma altura, mas como estou de salto, sou um pouco mais alta do que ele.

—Não apareça mais para nenhum questionamento voluntário e, se de alguma forma acontecer, por favor, me ligue com antecedência, Senhorita.

—Me desculpe, mas quem te contratou?

—Senhor King.

—Oh. — Claro, é Jonathan. Eu mencionei que ele está sempre um passo à frente?

—Disseram que você estava aqui. — A voz de Alan se torna crítica. —A imprensa está lá fora.

Merda. Porra.

O suor escorre pela minha espinha com o pensamento de enfrentar eles. Tenho certeza de que as famílias das vítimas também estão lá. Apesar da minha conversa estimulante, não consigo reiniciar o pesadelo novamente.

—Podemos esperar e depois passar pelos fundos, — sugere Alan.

—Fugir significaria admitir que fiz algo errado. Eu não fiz.

—Se lembre, você não precisa responder a nada.

Eu aceno, mas não estou no espaço certo. Meus pés hesitam nas portas giratórias enquanto as memórias sombrias do julgamento voltam.

Está bem. Eu posso fazer isso. Eu não sou mais aquela garota de dezesseis anos.

Colocando minha coluna em uma posição reta, eu marchei para fora.

Como Alan já havia avisado, a imprensa está esperando. Assim que eu saio, uma horda de pessoas corre em minha direção. Câmeras piscam em meus olhos enquanto telefones e microfones são enfiados em meu rosto.

É um show de merda completo e eu sou pega bem no meio disso. Alan tenta me proteger, mas ele sozinho não consegue afastar todos eles. Corpos esbarram em mim e olhos ansiosos e levemente julgadores se fixam nos meus.

As perguntas chovem sobre mim de todas as direções.

—Senhorita Harper, é verdade que você escapou?

—Por que mudar para Aurora Harper? Você apagou sua história familiar junto com Clarissa Griffin?

—É verdade que você escolheu as vítimas para o seu pai?

—Por que você começou a questionar?

—É verdade que você escapou do Programa de Proteção a Testemunhas para se juntar a um grupo jihadista extremista?

—Qual é o seu comentário sobre as acusações do seu pai?

—Você manterá sua declaração inicial ou vai mudar ela?

—Você foi diagnosticada com um distúrbio antissocial quando era jovem?

Suas palavras se abafam, e leva tudo de mim para ficar no presente. O piscar das câmeras continua me levando de volta a onze anos atrás.

—Assassina! Assassina! — Um grupo de pessoas protesta à beira da estrada. Eles estão segurando fotos de mulheres que perderam a vida por causa do papai.

Eu reconheço seus rostos, mesmo que tenha sido há muito tempo. As famílias. As pessoas que ficaram para trás.

Sarah está com eles, carregando a criança com quem a vi no evento de caridade. Ela está olhando para mim e gritando com os outros. —Assassina! Queremos justiça!

Um deles joga tomates podres em mim e eu fecho meus olhos, deixando-os atingir meu rosto. Pego um guardanapo da bolsa e tento limpá-lo, mas eles me acertam com outro.

Lágrimas ardem em meus olhos, mas me recuso a deixá-las sair e me forço a permanecer completamente imóvel.

Eu me forço a um estado entorpecido. Essa é a única maneira de passar por essas cenas.

No terceiro tomate, alguns homens musculosos vestidos de preto cercam a mim e a Alan. Estamos em um círculo tão pequeno que suas alturas e físicos desenvolvidos bloqueiam a imprensa e as famílias das vítimas.

Eles bloqueiam tudo.

Eu fico olhando com uma expressão atordoada enquanto Jonathan caminha para o meu lado com aquela confiança inata dele. Um alívio como eu nunca senti antes me envolve enquanto ele envolve um braço em volta da minha cintura e me puxa para a curva de seu corpo. Eu inalo seu perfume amadeirado, usando ele como uma âncora para nos dissociar do inferno que nos cerca.

Jonathan encara a imprensa e diz em voz alta para que todos possam ouvir. —Este é meu primeiro e último aviso. Se alguém assediar minha noiva novamente, vou processá-lo e destruí-lo no tribunal.

Ele então me leva em direção a um carro que me aguarda. Minhas pernas mal me sustentam e ele quase me levanta. Apenas uma palavra fica presa na minha cabeça.

Não estou ficando surda, certo? Porque eu acho que Jonathan acabou de me chamar de sua noiva na frente do mundo inteiro.

Capítulo Vinte e Quatro

Aurora

Minha noiva.

Minha noiva…

Minha. Noiva.

Talvez se eu disser essas palavras mais uma vez na minha cabeça, elas de alguma forma façam sentido. Mas elas vão realmente?

Não consigo parar de olhar para Jonathan enquanto ele usa os guardanapos molhados que Moses passa para ele para limpar meu rosto e minhas roupas.

Sua mandíbula está rígida e ele parece zangado. Nem mesmo é dirigido a mim, mas de alguma forma eu sinto isso em meus ossos.

—Aurora!

—O-O quê? — *Ele estava falando?*

—Eu perguntei se você está bem. — Ele está me estudando atentamente, como se isso fosse conseguir me tirar do meu torpor.

Não importa.

Como não vou conseguir falar de jeito nenhum, eu aceno.

—Eu preciso de palavras, selvagem.

—E-Eu estou bem. — Mas eu estou? Acho que não. Não depois da bomba que ele simplesmente soltou para toda a imprensa ouvir.

—Por que diabos você entrou aí? Por que você não me contou primeiro?

Porque pensei que ele faria algo assim. Quer dizer, não exatamente, mas sim, algo semelhante.

Eu li sobre as maneiras brutais de Jonathan com a mídia. Ele não mostra misericórdia quando eles ultrapassam seus limites ou tentam meter o nariz em sua vida privada ou na de sua família. Quanto mais ele os bloqueia, mais eles ficam obcecados por ele.

Ele envolve a mão em volta da minha garganta e me empurra para que minhas costas fiquem presas ao assento de couro. Seu cheiro amadeirado corre para meus pulmões e é tudo que posso respirar. Sua presença é tudo que posso ver. Seu toque é tudo que posso sentir.

Eu adoro quando ele faz isso.

—Estou esperando uma resposta, — ele insiste, e sei que sua fase suave está chegando ao fim. Jonathan pode ser protetor, mas ele também tem uma veia rude e implacável que exige ser obedecido.

—Eu cansei de fugir, — murmuro. —Não tenho razão para me esconder. Eu não sou ele. Eu não sou meu pai.

Seus lábios puxam nos cantos no que eu suponho que seja aprovação. —Ainda assim, você não vai atrás da porra das minhas costas nunca mais. Se Alan não tivesse conhecidos no escritório, poderíamos não ter chegado aqui a tempo. Você sabe o que isso significa, Aurora? Você poderia ter sido atacada.

Eu engulo em seco. —Não teria sido a primeira vez.

—Porra. — Ele bate na lateral do assento. —Isso não vai acontecer sob minha supervisão. Nunca. Isso está entendido?

Eu acredito nele.

Não tenho ideia do porquê, mas acredito nas palavras que saem de sua boca com a mesma força que Layla acredita em sua religião. *Ele* é minha religião.

Quando ele apareceu mais cedo, tudo que eu conseguia pensar era em segurança. É estranho, não é? Que o homem que chamo de meu tirano também é meu lugar mais seguro.

—Eu disse, porra, isso está entendido, Aurora?

Eu concordo.

—Não haverá mais se rebaixar pelos outros, sejam as famílias das vítimas ou seja lá o que for. Eles não são suas vítimas e você não aceitará suas merdas.

—Certo.

—Ninguém machuca a porra de um fio de cabelo em sua cabeça, Aurora. Ninguém toca em você além de mim. Você me ouve? Vou queimar todos eles antes que eles a colocassem no inferno de onze anos atrás novamente.

—Jonathan, não os machuque. Eles estão apenas com dor. — Não tenho dúvidas de que ele vai esmagá-los sob os sapatos, se quiser.

—E quanto a você? Você não está com dor? Você não sentia dor há onze anos? Você tinha dezesseis anos, pelo amor de Deus. Eles não tinham o direito de te culpar pelos crimes de Maxim, e se continuarem a fazer isso, não terei misericórdia. Vou queimá-los até não sobrar ninguém.

—Jonathan…

—Isso é final, Aurora. Você pode ter tolerado isso e sido apunhalada por causa disso, mas eu nunca vou deixar isso acontecer. Eu vou proteger você.

Meu coração se aquece com suas palavras, com a força por trás delas, porque não tenho dúvidas de que ele fará o que diz. Mas eu preciso esclarecer o ponto. —Você não tem que me proteger. Só porque sou mulher não significa que não posso me proteger.

—Não estou protegendo você porque você é mulher. Estou protegendo você

porque você é minha mulher.

Puta. Merda.

Minha boca está aberta pela segunda vez hoje, mas desta vez, meu coração está quase acelerando. Jonathan acabou de me chamar de sua mulher.

Sua. Mulher.

Isso deveria me ofender de certa forma, mas essa é a última emoção que aperta meu coração.

O carro para em frente à mansão antes que eu possa dizer qualquer coisa. Jonathan libera minha garganta, apenas para que ele possa me carregar em seus braços para fora do veículo.

Eu agarro seu ombro. —Eu posso andar.

—E eu posso carregar você.

Este homem é um tirano sério.

Passamos por Margot e ela nos observa por um segundo, provavelmente por causa das manchas de tomate em minha jaqueta. —Posso pegar alguma coisa, senhor?

—Comida Margot,— Jonathan diz enquanto passa por ela. —Deixe na frente do meu quarto.

Ele não espera pela resposta dela enquanto sobe as escadas, sem se importar com o peso que está carregando. Ele realmente não tem a resistência de um homem velho. Eu só posso imaginar como ele era jovem.

Ou não.

Isso significa imaginar ele com Alicia, e me sinto muito culpada por ela agora. Eu me sinto tão culpada por querer seu marido para mim. Por me sentir segura com ele como nunca me senti com outro ser humano.

Ele é como a fortaleza dentro da qual eu sei que nada vai chegar perto de mim, muito menos me machucar.

No quarto, Jonathan me põe de pé e tira o paletó de cima de mim, depois joga atrás dele. —Esses filhos da puta.

—Jonathan…

—Nem uma palavra, Aurora. Eu não vou ficar parado enquanto eles fazem isso com você.

—Não, eu quis dizer... o que você disse antes. Por que você fez?

—Que parte?

—A parte sobre como eu sou sua noiva?

Ele levanta uma sobrancelha. —Não é?

—O-O quê?

Sua expressão permanece em branco, e odeio não conseguir ver além disso. —Você é, de certa forma.

—Não. Tínhamos um acordo, lembra? Eu só tenho mais algumas semanas aqui, então cada um de nós seguirá seu próprio caminho. Certamente não havia cláusula de noiva lá. — Mesmo enquanto eu digo as palavras, minha garganta fecha em torno da parte onde nos separaremos.

Jonathan me observa por um segundo a mais, o que me deixa inquieta. Quando ele finalmente fala, sua voz é letal. —É isso que você acha?

—É isso que é. É o que combinamos. — Não sei por que continuo enfatizando o que odeio. Tudo que eu quero é uma explicação para a coisa toda da noiva e por que diabos ele trouxe isso à imprensa.

Pode ser uma tática de camuflagem recomendada por seu advogado, ou mesmo Harris. Não faço ideia do por que estou mencionando o acordo

esquecido. Talvez eu queira a confirmação disso, porque tenho certeza que estou começando a esquecer que existe. E quando eu me lembro disso, meu estômago afunda com o pouco tempo que resta.

Jonathan continua seu estudo ilegível do meu rosto. Eu odeio suas feições fechadas muito agora. De todos os tempos, ele não pode se proteger de mim agora.

—Hã.

É isso aí? *Hã*. O que isto quer dizer?

Eu vejo?

Concordo?

Não é nada?

Devemos conversar sobre isso?

Antes que eu possa perguntar exatamente isso, ele aponta para o banheiro. —Tome um banho, então coma. Você precisa começar a se preparar para o julgamento com Alan a partir de amanhã.

Então ele se vira e caminha até a saída com seus passos confiantes de costume. A porta se fecha atrás dele com dolorosa finalidade.

Meu coração cai quando vejo onde ele estava há apenas alguns segundos. Ele vai voltar, certo? Ele apenas fará ligações, como de costume, ouvirá a voz esnobe de Harris e voltará.

Certo?

Me recusando a pensar na alternativa, arrasto meus pés pesados até o banheiro e tomo uma chuveirada em vez de um banho de banheira. Parece errado tomar banho sem ele fazer isso por mim.

Margot me traz o jantar e eu mal consigo comer algumas colheradas de sopa.

Novamente, é estranho comer sem Jonathan me sentar em seu colo ou me encarar do outro lado da mesa com aquela sobrancelha levantada, então eu comerei.

Quando termino, deito na cama e leio os textos de Layla para me distrair do cheiro de Jonathan que está me envolvendo como um vício.

O fato de ele não estar aqui ainda faz meu estômago embrulhar.

Layla: *Companheira! Adivinha? Jake, o pedaço de M, se entregou.*

Meus olhos se arregalam.

Eu: *Jake, como o contador Jake, que roubou nossos fundos e fugiu para a Austrália?*

Layla: *Uh-huh. Esse Jake. Jessica foi notificada há algumas horas sobre como ele se entregou. Ele gastou o dinheiro, mas pelo menos teremos nossa justiça.*

Eu: *Mas…como?*

Layla: *Nenhuma pista, mas ouvi dizer que ele foi coagido a isso. Seja quem for, eu o amo.*

Jonathan.

Isso tem suas impressões digitais por toda parte. Deve ser sobre isso que ele fala com Harris em particular, sem querer que eu ouça.

Meu coração dói com essa percepção. Ele está procurando por Jake todo esse tempo e finalmente o fez pagar.

A necessidade de ir até ele e agradecer, beijar, abraçar ele, me atinge como uma tonelada de tijolos.

Layla: *Enfim, chega do otário. Não pense que não vi a notícia. Desde quando você está noiva de Johnny?*

Layla: *Preciso detalhes, companheira. E eu não estou com ciúmes porque você tem um papai e eu não. *emoji chorando**

Eu sorrio, mas é triste na melhor das hipóteses. Layla não sabe que eu posso ter arruinado tudo isso com ele de uma vez.

Depois que terminamos de enviar mensagens de texto, me viro na cama a noite toda.

Jonathan não retorna.

Capítulo Vinte e Cinco

Jonathan

Um acordo.

Ela disse que tínhamos um acordo.

Uma porra de um *acordo*.

Eu agarro meu telefone com tanta força que estou surpreso que não se partiu em pedaços. Estou ainda mais surpreso por ser capaz de funcionar depois de toda a porra do show que aconteceu hoje.

Enquanto eu estava planejando o futuro que Aurora e eu teremos juntos após o fim do drama com Maxim, ela estava pensando sobre a porra do negócio.

Tipo, durante todos os meses que passamos juntos, seu único propósito foi me deixar.

Correr é constantemente a primeira coisa em sua mente, não importa o que eu faça.

Não importa se eu pinto o mundo de ouro para ela ou se eu arranco as estrelas sangrentas do céu e as espalho a seus pés. Ela simplesmente vai passar por cima delas e correr.

Como ela sempre faz.

Como ela tem feito nos últimos onze anos.

Mas aqui está o problema. Ela não me teve no passado. Ela não pertencia a mim de corpo e alma. Eu não me importo com o quanto seu coração luta contra mim, ele acabará desmoronando como o resto dela.

Será que sim?

Nunca fui de receber carinho. Ser incapaz disso me transformou em uma parede sólida contra ele. Mesmo minha própria mãe não achava que eu precisava de uma coisa dessas. Para piorar ainda mais, Alicia se afastou completamente de mim e meu próprio filho se preocupa mais em me desafiar do que qualquer outra coisa.

Por que Aurora seria diferente?

Mas esse não é o problema. O problema é que quero que ela seja diferente quando nunca desejei isso em toda a minha existência.

—Para onde, senhor? — Moses pergunta do banco da frente.

—A sede, — Harris diz em meu nome. Ele nos seguiu até aqui depois do programa de mídia e estava prestes a sair para uma reunião quando eu disse a ele que iria entrar.

Ele mal olhou para o tablet no último minuto. Isso é um recorde.

—Você não disse que vai ficar hoje? — Ele pergunta lentamente, quase com cautela. Devo parecer que estou prestes a entrar em combustão, e Harris é inteligente o suficiente para perceber as mudanças externas.

—Você não reclama sempre que estou constantemente ausente? Você deveria estar feliz por eu estar indo junto. — Minha voz está calma, mas é o tipo enganoso que sugere uma porra de uma tempestade se formando por baixo.

—Eu estou, mas... você normalmente não sairia do lado de Aurora. Especialmente depois do que aconteceu hoje.

—Ela é Senhorita. Harper para você.

—Não posso chamar ela de Senhorita. Harper agora. Isso é como chamar a vovó de Senhora Willis.

Eu solto um suspiro, mas não digo nada.

Harris reajusta seus óculos com o indicador e o dedo médio. —Problemas no paraíso?

—Cale-se.

—Eu estava me perguntando quando ela iria estourar.

—Ela? — Eu dou a ele um olhar de soslaio. —Eu sou aquele que deve estourar.

—Com todo o respeito, senhor, você não é aquele que foi arrastado para um mundo estranho de repente e forçado a lidar com... bem, alguém exigente, por falta de melhores termos.

Não. Mas também posso ser.

—Ela estava fadada a se rebelar contra você.

—Você tem razão, Harris?

—Você quer meu conselho?

—Desde quando você é um especialista?

—Tenho pesquisado coisas no Google para ficar à frente.

—Procurando no Google?

—Você ficaria surpreso com o que pode encontrar lá. De qualquer forma, tudo que estou dizendo é, dê um tempo a ela, senhor.

—Isso não vai acontecer.

—Como quiser.

—O que diabos isso quer dizer?

—Isso significa que você pode perder ela de uma vez por todas.

Minha respiração fica difícil e áspera enquanto eu resisto à vontade de socar o rosto esnobe de Harris. —Isso também não vai acontecer.

—Vai, a menos que...

Eu fico olhando para ele. —A menos *que*?

—A menos que você dê espaço a ela. Se você quer que ela volte para você de boa vontade, então você deve deixar ela sozinha por um tempo.

—Quanto tempo?

—Por quanto tempo for *necessário*.

—E se ela nunca mais voltar?

Ele suspira e reajusta os óculos novamente. —Então é melhor deixar ela ir.

Deixar ela ir.

Eu sei o que isso significa e, apesar do meu mau humor, reconheço que é provavelmente a melhor opção para ela.

Mas como diabos posso me livrar do pedaço de mim que finalmente encontrei?

Capítulo Vinte e Seis

Aurora

A semana seguinte passa como um borrão.

É o período mais longo da minha vida.

Parte disso se deve ao julgamento que se aproxima e à condenação iminente de enfrentar meu pai novamente. Alan e eu temos praticado o que devo ou não dizer, como devo reagir e até o que devo vestir.

Meu advogado tem certeza de que a promotoria não tem nada a me derrubar, mas posso dizer que ele está desconfiado que o outro advogado está puxando algo de suas mangas.

No entanto, essa não é a parte que mais me perturba. A razão de eu estar fora de controle é principalmente por causa da frieza que Jonathan tem me dado ultimamente.

Ele não me senta mais em seu colo, embora me dê aquele olhar severo, então eu comerei. Ele me prepara banhos, mas não fica quando eu os tomo. Ele me traz comida, mas não se demora. Ele sabe de todas as minhas reuniões com Alan, mas não fala comigo sobre o julgamento.

Jonathan não fala comigo. Ponto final.

Quando nós jantamos em família outro dia, ele permaneceu completamente em silêncio, ouvindo Aiden e Levi jogando ataques um no outro. Ele não ficou para o jogo de xadrez habitual e, assim que a refeição terminou, foi direto para o escritório.

Elsa e Astrid me perguntaram se algo estava errado, e Aiden disse que elas

estão recuperando o Jonathan que todos reconhecem.

Ele não voltou naquela noite inteira e passou a noite em seu escritório. Ele faz muito isso agora, passando a noite inteira em sua companhia, com Harris e um Moses, geralmente cansado.

No começo, achei que a fase iria passar e ele eventualmente voltaria a ser o Jonathan que eu conheço, o homem com quem me acostumei. Ele não fez.

Agora, sempre que Ethan está à vista, ou um dos meninos diz algo sobre mim ou para mim, ele não hesita em repreendê-los, mas sua atenção nunca está voltada para mim.

Eu odeio como eu mal consigo dormir mais, se é que nunca. A cama parece tão fria e desolada sem ele. Antes, a noite costumava ser minha favorita, mas agora, eu temo como nada mais. Isso significa que vou para casa e durmo sem ele. Isso significa que vou continuar observando a porta, esperando que ela se abra, então durmo com lágrimas nos olhos quando isso não acontece.

As únicas vezes que Jonathan fala comigo é para me dizer para comer ou não sair de casa sem segurança.

Eles me seguem por toda parte agora, especialmente para H&H. Normalmente há muitos repórteres esperando lá e fazendo da vida de todos um pesadelo. Layla ameaça dar o inferno neles, mas eu consigo impedir ela dizendo que só vai piorar as coisas.

No final da semana, estou tão exausta mentalmente que quero me enrolar em uma bola e desaparecer.

Mas eu não faço isso. Em vez disso, dou um passo adiante em uma última tentativa de trazer Jonathan de volta. Embora falar com ele provavelmente fosse uma opção melhor.

Mas você viu Jonathan? Não é como se eu pudesse andar até ele e ele me

ouviria. Ele é tão cabeça quente, e quando ele apaga você, é difícil até mesmo olhar para ele nos olhos, quanto mais falar com ele.

Então convidei Ethan para o chá da tarde. Quer dizer, é aqui que eu também moro e Layla tem vindo o tempo todo. Eu também considero Ethan um amigo, então ele deve ser bem-vindo onde eu moro.

Ou, pelo menos, essas são as desculpas que digo a mim mesma.

Margot nos observa com peculiaridade enquanto nos serve chá perto da área externa da piscina. Quase como se ela estivesse me perguntando se eu perdi minha cabeça.

Talvez eu tenha, mas estou tão enjoada e cansada do tratamento silencioso de Jonathan. Se Ethan for o necessário para que ele fale comigo de novo, que seja.

É uma rara tarde de sexta-feira ensolarada, e Jonathan ainda está no escritório, então talvez ele consiga outra noite inteira.

Eu tomo um gole do meu chá enquanto Ethan gira o gelo em seu scotch. Há um pequeno sorriso em seus lábios desde que ele entrou.

—O que? — Eu pergunto de cima da borda da minha xícara.

—Estou imaginando a reação de Jonathan. Diversão.

—Você sabe que antagonizar ele não é a maneira de voltar às suas boas graças, certo?

Diga isso para si mesma, hipócrita.

—Isto é. Jonathan vive para desafios em vez de emoções sentimentais. No dia do funeral de seu pai, poucos dias depois do de sua mãe, seu irmão mais velho, James, ficou arrasado. Adivinha o que Jonathan fez?

Eu me inclino mais perto da minha cadeira, o pensamento dele perdendo seus pais tão próximos espalha uma dor incomum no meu peito. A dor que sinto por

ele é incompreensível, considerando que ele não tem emoções sob seu radar. — O que?

—Ele planejou como derrubar o homem que causou a morte de seu pai. Essa foi a sua forma de luto.

—Pai de Alicia.

Ele faz uma pausa com o copo a meio caminho da boca. —Você sabe disso.

—Jonathan me contou.

—Isso é... interessante. Afinal, você não é a substituta dela.

—O que você quer dizer?

—No começo, eu pensei que ele trouxe você para aliviar sua culpa por perder Alicia, já que vocês duas são muito parecidas. Agora, tenho certeza de que não é o caso.

Meu coração acelera e a coisa não desacelera, não importa o quanto eu tente não ser pega nas palavras de Ethan. —Como você sabe?

Ele toma um gole de sua bebida, suas feições relaxadas e ele parece completamente em seu elemento, apesar de estar na casa de outra pessoa.

Mas, considerando sua história com Jonathan, ele provavelmente veio muito aqui no passado. A mansão do rei não é um lugar estranho para ele.

—Jonathan nunca se abriu com Alicia. Em sua mente, era desnecessário preocupar ela e, embora pensasse que a estava protegendo, estava apenas se fechando. O fato de ele mostrar suas emoções livremente para você é, como eu disse, interessante.

—Ele se abriu com você também no passado, não?

—Não por escolha. Eu o irritei por isso e geralmente acabava sendo amaldiçoado.

Um sorriso involuntário roça meus lábios, imaginando uma de suas cenas de briga. —Estou feliz por ele ter você.

E eu quero dizer isso. Ethan tem a habilidade de lidar com as emoções, ao contrário de Jonathan, que propositalmente as mantém em um cofre.

—Sou eu que estou feliz por *você* estar aqui, Aurora.

—Você ficará menos feliz quando eu te afogar na piscina.

Nós dois congelamos com a voz forte de Jonathan. Minha mão segurando a xícara treme e tento segurar ela sem sucesso.

Planejar isso era uma coisa, mas torná-lo realidade é totalmente diferente.

Ele dá um passo ao meu lado, todo alto e poderoso em seu terno preto elegante. Arrepios explodem em toda a minha pele só de ver ele. Haverá um dia em que eu não me enredarei na presença dele?

—Jonathan. — Ethan sorri. —É sempre um prazer ouvir suas ameaças.

—Saia da minha propriedade.

—Temo que não posso. Eu sou o convidado de Aurora.

A mandíbula de Jonathan aperta, mas ele não olha para mim. Merda. Se mesmo essa tática não funcionar, estou completamente perdida aqui.

Eu estou em uma tentativa frágil de dissipar a tensão. Num momento eu estou de pé, no próximo, Jonathan envolve uma mão em volta da minha garganta e bate sua boca na minha.

Um suspiro me deixa, mas ele engole o som e tudo o que eu tinha a dizer. Seus lábios reivindicam os meus em um beijo possessivo que me deixa sem respiração, pensamentos ou equilíbrio. Não adianta tentar acompanhar os golpes poderosos de sua língua. Eles são muito rápidos e dominantes para eu retribuir.

Um gemido débil é a evidência de minha rendição enquanto eu livremente

dou as rédeas a ele. Jonathan me devora no beijo mais apaixonado e profundo que já me deu.

Ainda não consigo respirar quando seus lábios deixam minha boca. Minhas terminações nervosas formigam na minha pele com a necessidade de mais.

Jonathan não libera minha garganta, segurando ela com firmeza, mas não dolorosamente. Sua voz áspera é dirigida a Ethan enquanto ele fala. —Aurora e eu não estamos aceitando convidados. Você sabe onde está a porta.

Eu não consigo me concentrar na expressão de Ethan, ou no fato de que Jonathan acabou de me reivindicar na frente dele. Todo o meu ser está focado na pele de Jonathan na minha, no fato de que ele está me tocando, me beijando. Passou apenas uma semana, mas pareceu uma década.

Estar tão acostumada com seu toque, apenas para ser retirado abruptamente, é o pior tipo de tortura que ele poderia ter me infligido.

Jonathan libera minha garganta e me agarra pela cintura. Ele praticamente me arrasta para o seu lado até a área de estar e bate as portas da varanda francesa.

Assim que saímos da vista de Ethan, ele me apoia contra a parede, seus dedos encontrando minha garganta novamente.

Eu fico olhando para ele, minha visão invadida por sua presença selvagem e a tempestade se formando em seu olhar metálico.

—Você quer ser fodida na frente de Ethan, Aurora? É isso?

—O que? Não.

—Então o que diabos foi aquele show? Seu convidado? Sua porra de convidado? — Se foi o Jonathan que me ignorou com uma expressão calma. Agora, ele parece prestes a queimar tudo em seu caminho e deixar cinzas para trás.

Por que diabos estou animada com isso?

Mesmo que seu domínio me tenha como refém, eu consigo dizer. —Ele é meu amigo.

—Que se foda isso. Ele não é seu amigo. Ele não é nada seu.

—Por quê?

Ele estreita os olhos. —Você está fazendo isso de propósito, selvagem? É porque você sabe que Ethan e eu somos atraídos pelo mesmo tipo de mulher?

Eu não pensei sobre isso, mas desde que ele mencionou, sua reação faz sentido agora.

—Este é o seu aviso final. Me provoque com Ethan ou qualquer outro homem novamente, e eu vou te foder na frente deles. Depois de matar eles, é claro, porque ninguém consegue ver você nua além de mim.

Eu engulo porque não tenho dúvidas de que ele faria isso. Jonathan não tem limites como todo mundo. Sua bússola moral é confundida em mais de uma maneira.

E eu sei que esta é minha chance de finalmente irritar ele depois de tanto tempo de tratamento silencioso.

—Por que você se importaria? — Eu levanto meu queixo. —Você fingiu que eu nem existia na semana passada.

—Não é isso que você quer?

—O-O quê? O que eu quero?

—Você quer sair, não? Você só está pensando no negócio e em quanto tempo pode ir embora, lembra?

Eu mordo meu lábio inferior. —Eu só estava perguntando.

—Só perguntando?

—Esqueça.

—Não consigo esquecer. — Seus dedos traçam meu lábio inferior e ele se abre involuntariamente. —Aqui está a questão, Aurora. Você não vai embora.

—Eu não vou?

—De jeito nenhum eu vou deixar você ir.

Meu peito estremece. —Mas o acordo...

—Que se foda o acordo. O que *você* quer?

—Eu... se eu quiser ir, você me deixa? — Acho que é isso que realmente quero saber. Eu preciso da confirmação de que Jonathan respeita minha necessidade de ter minha própria escolha, que ele não vai forçar suas opiniões sobre mim por causa de sua natureza maníaca por controle.

Embora eu não me canse dele, não sou sua propriedade nem seu brinquedo. Eu quero ser igual a ele.

Sua expressão permanece a mesma, dura como granito e ilegível. Seu tom é calmo, composto. —O que você acha?

—Eu não sei.

Nós nos encaramos por um segundo a mais, nossas respirações se misturando. Seu perfume amadeirado preenche minhas narinas e se arrasta sob minha pele. Toda a sua presença envolve dedos imaginários em volta do meu coração.

Apenas Jonathan tem a capacidade de alcançar minha caixa torácica e entrar como se ele fosse sempre destinado a estar lá.

Ele me levanta e eu grito quando ele me deixa cair na beirada do sofá. O couro range debaixo de mim quando meus seios encontram a superfície e meus

joelhos caem no chão.

Jonathan se ajoelha atrás de mim, enrola minha saia até a bunda e puxa minha calcinha para baixo, deixando cair nos joelhos.

O som da fivela de seu cinto vem atrás de mim enquanto ele enfia dois dedos dentro de mim de uma vez.

Um gemido alto deixa meus lábios e eu abafo contra o couro frio. Uma onda passa por mim com velocidade supersônica. Talvez seja porque faz muito tempo sem seu toque enlouquecedor, mas no momento em que ele dá um tapa na minha bunda, eu gozo.

Apenas o menor estímulo e estou no limite.

—Você não sabe? Você deveria saber, selvagem. A resposta deve vir facilmente para você. — Sua voz está dura, mas há algo mais por baixo que eu não consigo identificar.

Seu pau desliza entre minhas nádegas e eu fico tensa. Apesar de todos os preparativos e brinquedos, Jonathan é grande, mais parecido com enorme. Sempre há uma deliciosa pontada de dor sempre que ele me fode. Imaginar esse tamanho na minha bunda causa arrepios incontroláveis na minha pele.

—Relaxe. — Ainda movendo seus dedos dentro da minha boceta, ele circunda meu clitóris com o polegar. Pequenas explosões de prazer me agarram e eu me deixo cair frouxa contra o couro. —Boa menina.

Eu gemo ao som dessas palavras de sua boca. Depois da confusão da semana passada, pensei que nunca mais os ouviria.

—Você vai conseguir me levar, não vai?

—Mmm.

—E se meu pau for muito grande para essa bunda apertada?

—Eu aguento.

—Você pode, hein?

—Mmm.

—Você quer que eu confisque sua última virgindade para mim?

Minhas coxas se contraem com o pensamento, e estou tão excitada que não consigo ver direito. —S-Sim.

—O que é que foi isso?

—Me foda Jonathan.

—Foder você onde?

—Na bunda. Me foda na bunda.

Um grunhido baixo enche o ar enquanto Jonathan usa meus sucos como lubrificante natural. Ele leva seu tempo me preparando para que eu mexa minha bunda contra ele para que ele siga em frente.

Ele então empurra seu pau um centímetro dentro de mim e, embora ele esteja me preparando desde a ilha, a sensação de alongamento é real.

—Oh... D-Deus... — Minha voz está quebrada por prazer e dor. Eles sempre andam de mãos dadas com Jonathan, e eu fiquei tão acostumada a isso que a simples ideia de ter um sem o outro me deprime.

—Eu vou possuir cada centímetro de você.

Podem ser suas palavras ou a maneira como ele está estimulando meu corpo, mas eu relaxo ainda mais, minhas unhas cravando no sofá até que ele esteja totalmente dentro.

Com seus dedos profundamente em minha boceta, me sinto totalmente cheia, como nunca tinha experimentado antes. Seu pau não se compara aos plugues. É

muito mais real, e as faíscas de prazer parecem estar disparando de todos os lugares ao mesmo tempo.

O simples roçar dos meus mamilos duros contra minhas roupas e o couro envia um raio adicional de excitação ao meu núcleo e bunda. Tudo em mim está sintonizado com a sensação dele dentro de mim, nas minhas costas e ao meu redor.

Mas não se trata apenas da conexão física. Estar com Jonathan é como uma queda livre sem aterrissar. É encontrar a si mesmo depois de anos perdido. É paz depois de uma guerra. E é tudo por causa dele.

Ele me chamou de sua rainha uma vez, mas o que ele não sabe é que não há nenhum rei em meu reino além dele.

Pode ser um pequeno reino comparado ao seu império, mas o meu é mais íntimo, e ele é a única pessoa que eu permitiria entrar na minha bolha.

Ele é a única pessoa que me faz sentir segura, embora o mundo esteja com medo dele.

Meu tirano calculista e amante habilidoso.

—Porra, você é tão apertada. — Jonathan se move lentamente, tanto na minha boceta quanto na minha bunda, permitindo que eu me acostume com ele.

Um gemido rasga no ar e eu percebo que é meu enquanto ele acelera o passo. Faíscas de prazer como eu nunca conheci aglomeram em minhas terminações nervosas com uma força paralisante.

—J-Jonathan... Eu-Eu...

Ele envolve dedos fortes e masculinos em volta da minha nuca, me dando a âncora de que preciso. —É isso aí. Goze em mim, selvagem.

Eu viro minha cabeça para ele e ele mantém meus olhos como reféns

enquanto o orgasmo me rasga com uma força que eu nunca experimentei. É uma quebra. Uma queda sem chance de atingir o fundo.

Jonathan continua seu ataque, investindo contra mim, e como ele prometeu, ele possui cada fodido centímetro de mim. Seu pau encontra seus dedos através da barreira fina e minhas pálpebras caem para absorver a sensação. Não consigo parar de ver ele me enchendo, mesmo com o ângulo desconfortável.

Seus ombros ficam tensos sob a jaqueta quando ele para. Em seguida, um grunhido escorre de seus lábios sensuais enquanto seu esperma aquece minhas entranhas e escorre pelas minhas coxas.

Eu choramingo com a perda dele quando ele puxa para fora de mim, seu pau e dedos deixando rastros molhados na minha coxa e bunda.

Mas antes que eu possa refletir sobre a perda, Jonathan me vira, me encosta no sofá e toma meus lábios em um beijo lento e faminto que rouba meu fôlego mais do que o anterior.

É como se ele estivesse cimentando a conexão que acabamos de ter e selando ela com um beijo. Eu suavizo contra ele, meus dedos cavando em seu peito duro para manter o equilíbrio.

—Caso você não tenha descoberto a resposta, ouça com atenção, Aurora, — ele sussurra em palavras sombrias contra minha boca. —Eu *não* vou deixar você ir.

Capítulo Vinte e Sete

Jonathan

Eu carrego uma Aurora adormecida em meus braços do banheiro para o quarto.

Fico dizendo a ela que adormecer na banheira é perigoso, mas ela resmunga que estou lá.

É verdade. *Eu* estou lá. Eu não considero o fato de que ela confia em mim o suficiente para adormecer em meus braços.

Desde que a levei há alguns dias, tenho tentado passar o máximo de tempo com ela fisicamente possível.

Não ter ela dormindo ao meu lado todos os dias tem sido uma tortura. Desnecessário dizer que tenho tido bolas azuis todas as vezes que não a fodi ou bati até que ela me implorou para gozar.

Mas aqui está a parte mais estranha. Não se trata apenas da conexão física, mesmo que tenha começado dessa forma. Embora eu ame como ela se desfaz sob meu toque, gosto mais de como ela se enrola em meu abraço. Como ela envolve seus braços e pernas em volta de mim enquanto dorme. Como ela se agarra a mim quando tem pesadelos. Como meu nome é a primeira coisa que ela sussurra quando acorda. Como ela agarra meu braço e me convida para os banhos que preparo para ela.

Acima de tudo, gosto de como ela me conta sobre seus dias e seu trabalho. Como ela reconta uma de suas aventuras com Layla com um enorme sorriso no rosto. Como ela continua me incentivando a entrar em contato com Aiden e Levi porque eles são minha família.

Aurora invadiu minha vida, causou estragos em minha ordem e interrompeu meu tabuleiro de xadrez. No início, os movimentos que ela fazia eram insignificantes, mas continuavam aumentando com o tempo. Quando percebi as mudanças, já era tarde demais para expulsar ela.

Não que eu fosse.

Se qualquer coisa, eu estou mantendo ela.

Tudo dela.

Ela cheira a sua loção de maçã, na qual me tornei um viciado discreto. Não é nem mesmo sobre o cheiro de maçãs é sobre o calor natural de seu corpo misturado a ele. É uma marca registrada que nenhum outro ser humano seria capaz de reproduzir.

Eu não me canso, não importa quanto tempo eu encho minhas narinas com isso.

Ela geme baixinho quando a coloco na cama. Eu a cubro com um lençol sobre o roupão e passo alguns minutos observando ela.

Não importa quantas vezes eu vejo seu rosto suave com traços minúsculos, lábios carnudos e cílios longos. Não importa se ela está dormindo ou acordada.

Não me canso de observar ela, de querer chegar tão perto que ela não conseguirá mais ir embora.

Estou sendo autoritário? Provavelmente.

Mas, honestamente, não consigo imaginar minha vida sem ela. Se qualquer coisa, eu esqueci como eu costumava viver antes de ela aparecer.

Eu escovo meus lábios contra sua testa antes de, relutantemente, deixar seu lado e entrar no meu armário.

Depois de colocar um smoking, fico na frente do espelho para fazer minha

gravata borboleta. Embora eu odeie sair do lado de Aurora, tenho um banquete para participar.

Ela apagou para à noite após a foda completa e a massagem no banho.

Além disso, se eu tentar faltar esta noite, Harris vai aparecer aqui e reclamar por uma hora sobre reuniões como o viciado em trabalho que ele é.

É estranho que eu costumava ser exatamente como ele, se não mais exigente, mas agora, a ideia de sair exige todo o meu autocontrole.

Mãos minúsculas envolvem meu peito por trás enquanto seu calor gruda nas minhas costas.

A cabeça de Aurora espia de lado e ela encontra meu olhar no espelho. — Indo para algum lugar?

—Trabalho.

—O que aconteceu com ‘vamos ficar na cama o dia todo?’ — Ela tenta esconder sua decepção de seus olhos excessivamente expressivos e falha. Ela pode ser tão adorável às vezes.

—Não está bom, selvagem?

—Bem, na verdade não.

—Eu acho que sua bunda e sua boceta testemunhariam o contrário.

Ela esconde o rosto no meu paletó para camuflar as chamas de suas bochechas. Eu tenho o desejo de agarrar e beijar ela pra caralho.

Então, eu faço exatamente isso.

Girando, eu envolvo minha mão em torno de sua garganta. Seus olhos azuis escuros encontram os meus, largos, expectantes, e eu atendo essas expectativas quando bato meus lábios nos dela.

Eu perdi a conta de quanto eu a beijei, mas cada vez que ela derrete contra mim, seus pequenos dedos envolvendo meu bíceps ou nuca, parece a primeira vez.

E como tudo no primeiro, eu me deleito em seus lábios deliciosos, agarrando ela pela bunda e puxando contra minhas calças.

Estou duro como pedra de novo. Porra.

Me afastando, eu respiro contra sua boca sem liberar nem sua bunda nem garganta. —Volte a dormir.

—Você não me quer com você?

—Que porra é essa bobagem?

—Bem... — ela olha para os pés. —Você não me leva com você para eventos e nem mesmo me convida.

Coloco dois dedos embaixo de seu queixo, forçando ela a olhar para mim. —Você não disse que não queria participar de nada que tenha a ver com ‘meu mundo?’

—Isso foi antes. Eu pensei…

—Você pensou o quê?

—Eu pensei que você estava com vergonha de me ter em seus braços.

—Por que eu ficaria envergonhado?

—Você não é do tipo que fica envergonhado, mas, você sabe.

—Não, não sei. Você não é meu segredinho sujo, Aurora. Gritarei para o topo do mundo que você é minha, se for necessário.

Sua garganta delicada sobe e desce com um engolir. —Mas as pessoas vão falar sobre a minha semelhança com Alicia.

—Que se foda as pessoas, e Alicia está morta há onze anos. Eu não acho que ela se importe.

—Então você não está mantendo isso em segredo?

—Por que diabos eu iria anunciar na frente do mundo que você é minha noiva se eu estava mantendo isso em segredo? Pare de ter esses pensamentos, tudo bem?

—Tudo bem. — Um sorriso roça seus lábios enquanto ela fica na ponta dos pés e me beija no rosto. —Se divirta.

Eu a agarro pelo braço antes que ela possa sair. —Onde você pensa que está indo?

—Voltando a dormir.

—Esqueça aquilo. Você está vindo comigo.

—Eu estou?

—Se você quiser. Eu ficaria feliz se você viesse comigo e tornasse a noite menos chata. — Eu reformulo para que não pareça como se eu estivesse mandando nela.

Aurora é uma mulher forte e independente e precisa de suas escolhas. Acho que parte da razão pela qual ela agiu da outra vez foi porque eu tirei completamente essa vontade.

É difícil dar uma escolha quando estou acostumado com minhas ordens sendo cumpridas, mas com ela, vou aprender. Eventualmente.

—Eu adoraria. — Ela envolve seus braços em volta do meu pescoço e sela seus lábios nos meus.

Enquanto eu a beijo, eu sei, só sei que há apenas uma escolha que eu nunca daria a ela.

A escolha de me deixar.

Capítulo Vinte e Oito

Aurora

Algo parece errado no momento em que chego ao meu escritório e recebo um telefonema de um número desconhecido.

Desde que a atenção da mídia começou, Jonathan mudou meu número de telefone para que apenas ele, sua família e Layla o tivessem.

Ele até excluiu o número de Ethan quando eu o adicionei. Sem brincadeiras.

Jonathan tem sido mais severo com sua possessividade desde que me colocou contra o sofá, uma semana atrás. Ele também tem sido mais terno, quer estejamos sozinhos ou com outras pessoas. Eu ainda não perguntei a ele o que ele quis dizer sobre todo o negócio de noiva, mas prefiro não estragar tudo.

Pelo menos não agora.

Eu preciso de sua proximidade mais do que qualquer coisa enquanto lido com toda essa situação fodida. Preciso dormir em seus braços e me sentir como se estivesse em um castelo e ninguém jamais será capaz de me machucar.

É estranho como eu lidei com tudo sozinha há onze anos, mas não quero pensar nessa opção agora. Ter Jonathan, Layla e até mesmo Aiden e Levi e suas esposas me traz uma sensação de paz há muito perdida pela qual estou pronta para lutar com todas as minhas forças.

No início, não atendo o telefone, pensando que é um repórter. Eles não param. Em absoluto. Eles continuam me incomodando, Layla e até mesmo nossos funcionários por histórias sobre mim.

Jonathan não estava brincando quando disse que iria esmagá-los, no entanto.

Além da segurança que cerca a H&H diariamente, Harris está mantendo os advogados da King Enterprises ocupados, fazendo-os entrar com inúmeros processos judiciais e ordens de restrição.

Minha tela se ilumina com um texto.

Número desconhecido*: Olá, Senhorita Harper. Aqui é Stephan Wayne, advogado do Senhor Griffin. Tenho uma mensagem final para transmitir do meu cliente. Há uma ameaça à sua vida e o Senhor Griffin pode te proteger disso. Seu pai está pronto para retirar as acusações se você o visitar.*

Sento no sofá, olhando para o texto. Ele está disposto a me deixar em paz?

Não. Eu balanço minha cabeça internamente. Este é um dos jogos do papai. Ele amava aqueles, jogos, quero dizer. Há uma razão pela qual nunca o visitei. Além da dor e do trauma que sinto sempre que penso nele.

Papai é um mestre da manipulação e, embora eu pudesse ver através disso, não sou completamente imune a isso. Se eu o visitar, não tenho ideia de que tipo de pessoa serei quando sair de lá.

No dia em que o tribunal o sentenciou com pena de morte, nossos olhos se encontraram e eu não conseguia parar de chorar. Toda a dor e decepção que experimentei naquela época se traduziram em lágrimas que não consegui conter.

Enquanto os policiais o levavam embora, papai parou na minha frente e sussurrou as palavras que nunca consegui esquecer. —Da próxima vez que nos vermos, ou eu mato você ou você me mata.

Meu telefone acende com outra mensagem de Stephan e eu abro com dedos trêmulos.

Número desconhecido*: Você deve receber um presente de seu pai.*

Uma batida soa na porta e eu olho para cima enquanto minha assistente, Jessica, entra carregando algo na mão. —Isso veio para você, Senhorita Harper.

Meus olhos se arregalam quando vejo a caixa de madeira. É tão parecida com as que recebi as mensagens de Alicia.

Oh Deus.

Não.

Todo esse tempo, cheguei a um acordo de que todo o desastre com as mensagens foi uma alucinação. Fiquei paranoica e tive que verificar as coisas duas vezes e até tirar fotos para que esse tipo de incidente nunca aconteça novamente.

Se houver outra caixa, então... é real. Afinal, não era minha imaginação.

Esse era o jogo do meu pai o tempo todo?

—Você me viu com a caixa, Jessica, certo? — Eu pego de seus dedos, e ela acena com uma expressão interrogativa antes de sair.

Meus dedos tremem quando abro a caixa e, com certeza, há um pen drive. No entanto, o que é diferente desta vez é a nota cuidadosamente dobrada por baixo dele.

Eu o abro e leio a escrita que eu reconheceria mesmo daqui a cem anos. A escrita elegante e sua maneira de curvar seus S e C ainda são os mesmos de quando ele me ajudou com meu dever de casa.

Querida Claire,

Você deve ter recebido pacotes semelhantes a estes no passado com a voz de Alicia neles. Eu também tenho. Provavelmente ao mesmo tempo que você. É por isso que estou quebrando meu silêncio.

Eu não gosto de ser empurrado para um canto, como tenho certeza que você gosta. Alguém está atrás de nós, minha pequena musa. Se você quer evidências, ouça minha própria gravação daquele dia.

Depois a gente conversa.

Se eu tiver alguma dúvida, eles desaparecem depois de ler a carta de papai. Ele recebeu as mensagens de Alicia também? Mas por que ele iria? Elas foram direcionados a mim.

Não preciso perder um minuto para conectar o pen drive no meu laptop. Logo depois de apertar o Play, há um farfalhar de sons, como um carro ganhando vida ou algo assim. Em seguida, há o som de um estrondo, um estrondo que ensurdece meus ouvidos.

—Porra.

Papai. Essa é a voz do papai. O som da porta de um carro se abrindo e depois se fechando ecoa no ar. Presumo que seja a caminhonete dele.

O farfalhar de correr e o deslizar violento contra uma superfície é a única coisa que pode ser ouvida. É como se ele estivesse deslizando pela sujeira ou uma superfície áspera.

Mais farfalhar vem antes que a voz estrondosa de papai preencha o ar. *— Alicia! Me dê sua mão!*

Alicia? Minha irmã?

—Alicia!

—N-Não... — Sua voz é frágil e ela parece distante e com dor. *—Você é a razão por trás disso.*

—Eu não sou, porra. Eu nunca machucaria você ou Clarissa.

Uma pequena risada vem dela antes de tossir, e sua respiração distante para como se ela estivesse borbulhando sangue. *—Por quê? Porque somos filhas da mamãe? Sua musa original? Eu sei, ela deixou para mim em seu testamento. Ela me disse para cortar todos os laços com Clarissa por sua causa. Minha própria*

mãe queria que suas filhas se separassem por causa de ninguém além de você! Ela disse que algo se desbloqueou dentro de você depois que você a conheceu e que ela criou um monstro. Você disse a ela que amava o desafio de matar pessoas que se pareciam com ela porque você não poderia machucar ela. Você não pode machucar a mim e a Claire também, porque nos parecemos com ela, mas te inspiramos a matar, não é?

—E, no entanto, você continuou voltando. — A voz de papai está fria como uma pedra. *—Você vinha para Leeds o tempo todo quando poderia ter ficado longe.*

—Eu não queria que você usasse Clarissa como uma musa em vez de mim.

—Me dê a porra da sua mão, Alicia. Você vai morrer lá.

—Talvez seja melhor se eu fizer, assim como mamãe fez. Eu pensei que ela se matou por causa do papai, mas foi por causa de você, Maxim, — ela rosna. *— Ela voluntariamente deixou este mundo para não carregar seus pecados com ela.*

—Então, você vai deixar seu papel para Clarissa? — Sua voz fica calma de uma forma quase maníaca.

Um soluço sai de sua garganta. *—Deixe ela só. Ela é sua filha. Pelo menos ela é sua filha.*

—O que a tornará uma musa melhor do que você e sua mãe já foram. Afinal, ela compartilha o meu DNA e o de Bridget.

—M-Maxim... deixe ela...

—Então me dê a porra da sua mão, Alicia. Assuma a responsabilidade por Bridget e ela.

—Eu não posso. — Ela parece derrotada, quase entorpecida. *—Meu próprio marido acha que sou louca, e até meu filho às vezes acredita. E agora, ele me*

deixou. Aiden e Clarissa são as únicas coisas brilhantes na minha vida, mas eu não sou deles.

—Você não é louca, foi feito para você acreditar nisso. Acho que sei quem está por trás disso.

—E-E Jonathan?

—Você não quer que seja ele?

—Me conte. P-Por favor.

—Me dê a porra da sua mão primeiro.

—V-Você vai deixar Claire em paz?

—Eu vou.

—E Aiden?

—Eu não dou duas fodas para ele. Ele não se parece em nada com você e Bridget.

—B-Bem. — Há o som de um gemido de dor quando um farfalhar de roupas vem de papai.

—Oh... — Alicia respira pesadamente. *—Não consigo me mover. T-Tem tanto sangue...*

—Porra! Porra!

—M-Maxim... eu... eu n-não me sinto tão bem...

— Não se atreva a ir! — Ele grita com ela, a voz mais enfurecida do que preocupada.

—C-Claire... n-não faça isso com ela... n-não faça dela eu e mamãe ... p-por favor... por favor ...

—Cale a boca, Alicia. — Mais atrito de roupas vem do lado do papai.

—D-Diga a Aiden e C-Claire que eu os amo muito e eu sinto muito por não ter podido levar eles para longe e p-protegê-los. — Ela está chorando agora, sua voz ficando mais fraca a cada segundo. *—Diga a J-Jonathan que o perdoo se ele fez isso. Diga a ele que ele deve pegar sua vida e seguir em frente.*

—Eu disse para calar a boca. — Papai geme enquanto parece tentar levantar o carro ou ela.

—Deve ser assim que aquelas mulheres se sentiram... — Sua voz está distante, quase inaudível, mas soa serena. *—O desamparo. O fim. Estou pagando para ficar em silêncio e participar de suas mortes. Não é irônico que você, entre todas as pessoas, me veja partir? Estou com frio, Maxim. Tão frio...*

Papai pragueja mais algumas vezes, mas a voz de Alicia desaparece e, logo, a gravação termina.

Lágrimas escorrem pelo meu rosto enquanto olho para a tela com os olhos embaçados.

O som da voz de Alicia toca na minha cabeça como uma canção assustadora em repetição. Suas palavras, seu desamparo, seus momentos finais.

É onde papai esteve naquela manhã. Ele estava perseguindo Alicia antes dela cair, então ele voltou para enterrar sua sétima vítima.

Ele estava lá com ela enquanto ela cuspia seus últimos suspiros.

Pego minha bolsa e estou no piloto automático quando saio do escritório.

Esta gravação confirma algumas coisas.

Um, eu não sou louca. Alicia disse que Jonathan a estava envenenando.

Dois, isso é muito maior do que eu pensava.

E só há uma maneira de descobrir tudo.

Capítulo Vinte e Nove

Aurora

Este é o último lugar que eu esperava entrar com meus próprios pés.

Mas agora que penso sobre isso, o reencontro deveria acontecer mais cedo ou mais tarde.

Há muita água negra entre nós, e eu nunca iria seguir em frente sem ter esse confronto.

O segurança que Jonathan tem me seguindo está esperando do lado de fora. Não tenho dúvidas de que eles o chamaram, então não tenho muito tempo antes que ele invada aqui e me arraste de volta para casa.

A sala em que estou é estéril, com paredes cinzentas suaves. Alguns guardas armados estão nos cantos e as câmeras piscam de todos os ângulos possíveis. Antes de entrar, fui revistada exaustivamente e até fui farejada por cães. Essa é a sensação de ser filha de um criminoso perigoso e carregar seus pecados nos ombros.

Um grande vidro com alguns buracos me separa dele enquanto sento de frente para o homem que uma vez chamei de papai. O homem que me segurou e me criou sozinho. O homem que me ensinou tudo e cuidou de meus resfriados. O homem que me levou a festivais e em caçadas e caminhadas.

O homem que era meu super-herói, mas o monstro de outras pessoas.

Ver ele naquela entrevista não diminui o impacto de encontrar ele cara a cara. Ou, mais precisamente, através do vidro.

Ele está vestindo calças elegantes e uma camisa listrada combinando. Sua

barba loira é aparada curta, mas não desapareceu. Seus olhos têm algumas rugas por baixo, mas ele não parece muito mais velho do que da última vez que o vi no tribunal, onze anos atrás.

Ele ganhou alguns músculos, e considerando que ele é alto, ele sempre pareceu como um campeão de fisiculturista de algum tipo.

Maxim Griffin ainda é o mesmo homem de minhas memórias. Outrora um pai, agora uma cria do diabo. Ou talvez ele fosse uma cria do demônio antes mesmo de ser pai?

Um pequeno sorriso pinta seus lábios, fazendo ele parecer normal, acessível até. O cara da porta ao lado, que eventualmente vai sequestrar você, coloca fita adesiva em seu rosto e vê você morrer lentamente enquanto ele o corta.

Afasto essas imagens porque, se me perder nas memórias daqueles olhos vazios, não serei capaz de manter a calma e abordar o motivo pelo qual estou aqui.

—Clarissa. Há quanto tempo. — Sua voz ainda é a mesma, suave, elegante, acolhedora. Ele raramente falava com o forte sotaque de Yorkshire. Sua mãe, minha avó, era uma londrina e ele de alguma forma manteve aquele sotaque. No entanto, ele muda para um sotaque do Norte sempre que sente que pode aproximar ele das pessoas. Sua habilidade de se misturar com os outros e atraí-los com o poder de seu carisma é a coisa mais assustadora sobre o assassino da fita adesiva.

—Não estou aqui para uma reunião. — Estou surpresa que minha voz esteja calma, considerando as emoções nervosas que afundam no fundo do meu estômago.

—Então por que você está aqui?

—Você sabe. Você me enviou aquela gravação de propósito.

—Foi a última tentativa de trazer você para mim. E aqui está você.

—Por que você não enviou antes? Porque agora?

—Porque você é teimosa. Você me parece, nesse aspecto. Compartilhamos DNA, Claire, eu sei como mexer nos seus botões. Achei que a entrevista e a atenção da mídia seriam suficientes para fazer você desmoronar, mas você não é mais aquela garota de dezesseis anos, você é mais forte. — Não perco o orgulho em sua voz quando ele diz a última palavra.

—Não, graças a você.

Ele ri, o som é longo e um pouco perturbado. —É tudo graças a mim, Claire. Eu te criei, e você só foi capaz de crescer porque se rebelou contra o seu criador.

—Eu contei a verdade. Eu salvei pessoas.

—E como se sentiu, minha pequena musa? — Seu humor desaparece quando ele se inclina mais perto da mesa, seus dedos entrelaçados enquanto ele me observa de perto com olhos confusos que combinam com a minha cor. —Eles adoraram em seu altar ou morderam a mão que os alimentava? Eles atacaram você, amaldiçoaram sua existência e estão atualmente planejando sua morte. Eu não disse a você que os humanos só existem para serem usados?

—Eu *não* sou você. — As palavras obstruem minha garganta antes de saírem.

—Você é de muitas maneiras. É por isso que você me entregou, Claire. Você fez isso porque tinha medo de se tornar como eu, e esse tipo de liberdade assustou você. Ainda faz. Admita, nós somos um, minha pequena musa. Sempre fomos.

Meus dedos tremem e eu os aperto no meu colo. —Eu não fiz nada de errado. Você fez. Portanto, não se atreva a me colocar na mesma categoria que você.

—Mas nós somos. É por isso que você está aqui. Você sempre deveria vir me ver e se desculpar pelo erro de julgamento que você cometeu ao me entregar.

—A única razão pela qual vim aqui é por causa da gravação dos últimos momentos de Alicia. Você disse que alguém estava tentando fazer ela acreditar que era louca. Quem foi?

—Oh aquilo. É a mesma pessoa que nos enviou as gravações das mensagens de Alicia. Ele também sabia da minha fixação por Bridget e Alicia. Veja, a primeira vez que conheci sua mãe, eu estava... experimentando, mas não importa o que eu fizesse, sempre ficava aquém. Bridget veio a Yorkshire para um festival e estava sentada sozinha em um pub. No momento em que a vi, foi como se eu tivesse encontrado propósito, inspiração, beleza e loucura. Ela foi a musa que eu passei tanto tempo procurando. Eu planejava sufocar ela depois que a fodesse naquela noite, mas não consegui. A luz em seus olhos me manteve indo e indo e... indo. Passamos o fim de semana juntos, depois ela voltou para o marido. Eu a seguia de longe, e ela era diferente em Londres, quase chata. Ela não se parecia em nada com a mulher que jogou fora todas as suas inibições e mostrou suas verdadeiras cores naquele festival. No entanto, ela me inspirou e, por isso, a mantive viva. Minha obsessão por ela se transformou em mulheres que se pareciam com ela e, digamos, ela suspeitava disso. Quando ela deu à luz você, ela a deixou na minha porta e desapareceu na noite. Eu estava tão ocupado com você que não fiz muitas visitas a ela. Então Alicia veio atrás de você por sua própria vontade. Ela era uma cópia carbono de Bridget, então quando sua mãe se matou, eu me segurei em Alicia para me inspirar. Ela se tornou minha nova musa, e presumo que quem a envenenou sabia disso.

Meus lábios tremem e eu os coloco em uma linha enquanto absorvo o que ele disse e ouço a confirmação de que ele é um monstro com suas próprias palavras. — Quem é esse?

—Eu tenho minhas teorias.

—Quem?

—Por que você quer saber, minha pequena musa? Você suspeita que ele está

atrás de você agora?

—Eu quero justiça para Alicia. — Meu coração afunda em sua cavidade enquanto murmuro. —É Jonathan?

Uma parte de mim já começou a lamentar o fato de que poderia ser Jonathan. Afinal, Alicia deu um nome para ele, e ele me fez sentir como se eu fosse louca quando mencionei os pen drives. Ele poderia facilmente ter subornado Paul, o concierge, para que ele mentisse e dissesse que não recebeu nenhum pacote.

Se ele machucou Alicia de alguma forma, não serei capaz de perdoar ele. Eu não me importo com o que ela fez. Eu não sou ela e, no fundo, sempre vou odiar ele.

Isso vai me destruir no processo, mas não poderei confiar nele nunca mais.

—Jonathan. — Papai levanta uma sobrancelha. —O que há sobre ele que deixou vocês duas confusas? Eu não te criei para pegar as sobras de outras pessoas, Claire.

—É ele? — Eu insisto.

—Peça desculpas primeiro e eu posso considerar te perdoar e dizer a você.

—*O que?*

—Você me ouviu. Diga, *sinto muito por ter denunciado você, pai. Me desculpe por ter traído você.*

—Eu não te traí, pai. Você me traiu. Você pintou o mundo para mim, depois tornou tudo preto. Você se tornou meu herói apenas para puxar o tapete debaixo dos meus pés. O mundo se despedaçou diante dos meus olhos no momento em que te vi arrastando um cadáver com total indiferença. Eu tinha dezesseis anos, pai! Fodidos dezesseis. Eu nem tinha vivido ainda e você me matou. Eu não tinha respirado ainda e você me sufocou. Passei os últimos onze anos procurando por ar e encontrando fumaça. No momento em que começo a juntar

minhas peças, a memória de você as espalha novamente. Então não ouse sentar aí e dizer que eu te traí. Você me traiu. Você era meu mundo, mas metaforicamente me enterrou viva naquela oitava sepultura. Estou finalmente cavando meu caminho para fora e não vou permitir que você me empurre naquele buraco novamente.

Lágrimas encharcam meu rosto quando termino, mas não são lágrimas tristes ou fracas. São lágrimas de raiva. Lágrimas de injustiça. Porque finalmente fui capaz de dizer a ele o que penso, o que sempre pensei.

O motivo pelo qual me senti tão culpada por essas vítimas foi porque, embora eu o odiasse pelo que ele fez, não conseguia parar de considerar ele como meu pai. A garotinha em mim ainda o amava. Ela ainda o via como o pai que a pegou, depois que sua mãe a jogou fora, e a criou como se seu mundo girasse em torno dela.

Mas ele manchou aquele mundo. Ele o quebrou em pedaços.

Talvez seja por isso que eu, aos dezesseis anos, achava que precisava levar os socos e os golpes. Ela até pensava que ser esfaqueada era carma por não ser capaz de odiar meu pai tanto quanto deveria. Por secretamente ainda amar ele. Por sentir falta dele secretamente.

Eu precisava aceitar o fato de que não há problema em considerar seu pai um pai, apesar de ele ser um monstro. Eu só tenho que seguir em frente com aquelas memórias onde eu o considerava meu mundo.

Ele não é.

Ele é apenas um monstro que não merece respeito.

Papai permanece imóvel. Sua expressão não muda, mas sua mandíbula aperta. —Você não receberá nada de mim a menos que se desculpe, Claire.

—Eu nunca vou me desculpar por te denunciar, pai. Essa foi a melhor

decisão que tomei na minha vida, mesmo que tenha virado de cabeça para baixo.

Eu me levanto porque é inútil tentar extrair informações dele. Ele tem razão. Nós dois somos teimosos e ele não vai me dar nada a menos que eu cumpra sua condição.

—Eles só estão atrás de você porque você é minha musa agora, Claire. Eles estão atrás de mim, não você.

—Então espero que eles te peguem. — Uma lágrima escorre pela minha bochecha enquanto eu o encaro nos olhos que são idênticos aos meus e, de certa forma, parece que estou me despedindo da garotinha que sempre vi naqueles olhos. Para mim do passado. —Este é nosso adeus oficial, pai. Eu nunca vou te visitar novamente. Se você ainda quiser continuar com o processo de liberdade condicional, vou ficar lá novamente e dizer a eles que você merece cada segundo que passa na prisão.

Dou uma última olhada em seu rosto, nas sobrancelhas franzidas e na barba e cabelos dourados e, finalmente, choro meu pai.

Quando saio do prédio, inalo um gole profundo de ar.

Ar real.

Ar real.

A sensação de estar viva me atinge diretamente no peito e é tão forte que tenho que me apoiar contra a parede por um segundo.

Estou finalmente viva.

Finalmente respirando.

Eu finalmente saí daquele túmulo. Literalmente e figurativamente.

—Você está bem, senhorita? — Um dos meus seguranças me agarra pelo cotovelo.

Eu me endireito, limpando minha garganta. —Eu estou perfeita. Obrigada.

—O Senhor King tem telefonado sem parar, — diz ele enquanto me leva para o carro que o espera.

Claro que sim.

Quando estou no banco de trás, verifico meu telefone e, com certeza, há uma dúzia de chamadas e e-mails perdidos.

De: Jonathan King

Para: Aurora Harper

Assunto: Atenda a porra do telefone

Consulte o assunto. Não me faça ir te procurar na porra de Oxford.

Em seguida, outro.

De: Jonathan King

Para: Aurora Harper

Assunto: Estou no meu caminho

É melhor você estar pronta para esse traseiro ficar vermelho.

Eu desligo meu telefone. Papai não negou que Jonathan poderia ser o responsável pelo envenenamento de Alicia. Se ele for, isso vai ficar feio.

—Senhorita. — O guarda-costas me entrega seu telefone com uma expressão suplicante. —Por favor, responda ou ele vai demitir todos nós.

O maldito tirano.

Eu passo o botão verde.

—Se você não a colocar na porra do telefone agora, considere seu futuro arruinado.

Meu coração acelera com o som de sua voz, e eu quero matar esse coração. Quero enterrar ele com Alicia para que nunca mais bata.

—Estou voltando para casa, — digo com uma voz suave que nem mesmo reconheço. —E pare de ameaçar as pessoas.

Eu desligo antes que ele possa dizer qualquer coisa.

Quando chegamos em casa, Jonathan ligou para os telefones dos guardas mais algumas vezes, mas eu os peguei e desliguei.

—Diga a ele que fui eu, — digo aos homens enquanto saio do carro e entro em casa.

Eles acenam com a cabeça, mas suas expressões permanecem inseguras.

Meus passos são longos e confiantes. É melhor Jonathan estar pronto para o inferno que vou trazer no momento em que ele entrar pela porta.

Ele vai me contar tudo, e é melhor ele ser convincente, porque não estou com vontade de brincar com isso hoje.

Uma sombra passa pela minha visão periférica e eu congelo. O som estridente dos meus saltos ecoa no silêncio.

Ah não.

Não, não, não.

Eu corro para a entrada. Os seguranças estão lá e...

Um corpo me atinge por trás e nós dois caímos no chão. Eu grito, me debatendo e arranhando. Uma mão cobre minha boca por trás, silenciando qualquer som que eu tenha que fazer.

Eu consigo rolar de costas e agarro a máscara que cobre seu rosto. Eu a removo, minhas unhas puxando seu cabelo, então eu congelo. A tatuagem do dragão. Como é que eu não vi isso antes?

—V*ocê*, — a palavra sai de mim em um murmúrio.

Energia renovada corre através de mim e eu o bato na virilha. Ele geme e eu aproveito a chance para ficar de pé. A adrenalina aperta meus músculos e estou prestes a correr novamente quando algo pinica minha nuca.

Eu caio nas mãos da sombra, os olhos rolando para a parte de trás da minha cabeça.

—J-Jonathan... — Eu choramingo enquanto o mundo fica preto.

Capítulo Trinta

Jonathan

—Porra!

Eu agarro o telefone com força enquanto meu segurança desliga na minha cara.

Aposto que é Aurora de novo, não ele. Ela tem aquela porra de atitude que me deixa louco.

Mas ela não tinha nenhum negócio visitando o filho da puta do Maxim. Se ele contar a ela qualquer coisa que vá piorar seu estado de espírito, vou matar ele em sua cela.

—Mais rápido, Moses.

Meu motorista acelera, sem se importar se conseguiremos algumas multas no processo. Enquanto eu chegar a Aurora, nada mais importa.

Tento ligar para o meu segurança novamente. Desta vez, Arnold atende. Porra, finalmente.

—Onde ela está? — Eu lati.

—Ela acabou de entrar na casa, senhor.

—Não a deixe sair. Eu não me importo se você tiver que acorrentar ela a uma porra de árvore.

—Sim senhor.

—Não a machuque, no entanto. Deixe um arranhão na pele dela e eu corto suas bolas.

—Sim senhor.

Eu desligo, soltando um suspiro. Às vezes, não sei o que se passa na cabeça daquela mulher. Não importa o quão submissa ela fique embaixo da minha mão ou na cama. Fora disso, ela é uma tigresa pronta para rasgar o mundo por um novo, eu incluído.

Talvez seja isso que torna o desafio de domesticar ela ainda mais emocionante. A sensação de total controle e poder que tenho por possuir ela é algo que nunca experimentei antes.

Mesmo os sentimentos que tenho por essa mulher são totalmente diferentes do que eu conheço. É aquela sensação estranha que se apodera de você e depois se apodera de você completamente.

Ao contrário do que todos pensam, eu sinto. Eu amava meus pais e meu irmão à minha maneira. Aiden e Levi também. Mas todos eles são uma família, são pessoas que têm o nome King e meu sangue.

Aurora é diferente.

Não é nem mesmo um senso de dever e compreensão mútua como era com Alicia. Não há porra de entendimento mútuo com Aurora. Ela faz o que sua cabeça manda e testa meu controle a cada passo do caminho.

No entanto, ela é a única mulher adequada para ser a rainha do meu império.

Com Aurora, é... pertencer. Sim, acredito que essa é a palavra certa. Ela é a primeira pessoa que fala com minha alma sem palavras. O que é estranho pra caralho, já que sempre pensei que não tinha uma alma, quero dizer.

No começo, eu não entendi como ela trouxe essa parte de mim, mas quanto mais tempo eu passo com ela, mais certo tenho de que ela está lenta, mas seguramente, se tornando uma parte indispensável da minha vida.

O pensamento de viver sem ela abre um buraco no meu peito antes

impenetrável.

É por isso que sua sugestão de terminar com o acordo me irritou pra caralho. Ainda traz uma raiva incomparável na frente da minha cabeça.

Não há como eu deixar ela ir, ou pior, ficar parada para ver ela seguir em frente. Vou matar até o último filho da puta antes que isso aconteça.

O carro rola para a mansão e eu solto um longo suspiro.

O confronto com ela vai ser fácil? Provavelmente não, mas essa é a coisa sobre Aurora, estou pronto para seus acessos de raiva e provocações e tudo mais.

Inferno, eu até me esforço por eles agora.

Meu telefone vibra na minha mão e espero que seja um dos guardas que vai me dizer que ela está tentando sair ou que já saiu.

Vou perseguir ela até os confins da terra, se for preciso.

O número desconhecido que pisca na minha tela me dá uma pausa.

Eu respondo com meu tom curto. —Jonathan King.

—Kyle Hunter.

—Certo, Kyle. Você descobriu a identidade do invasor?

—Eu fiz mais do que isso e estou no meu caminho. Me dê acesso até lá dentro. — Sua voz fria é filtrada pelo telefone com facilidade.

—Quem é esse?

—Ele não apenas está sob seu teto, mas seu jogo é muito maior do que você pensa.

Eu paro de respirar enquanto Kyle continua falando. O nome que ele diz, as datas e os eventos que ocorreram estão todos conectados. Mas não são as palavras dele que me fazem sair do carro antes que ele pare corretamente.

É a mulher lá dentro.

A vida de Aurora está em perigo.

Capítulo Trinta e Um

Aurora

Vozes me alcançam como se eu estivesse no fundo do mar e em algum lugar na superfície. Distorcida, distante e quase inaudível.

Minha língua gruda no céu da boca seca e preciso de uma quantidade considerável de energia para engolir.

Minhas pupilas se movem atrás das minhas pálpebras, mas eu não estou vendo nada... eu não acho. É como se eu estivesse de volta ao túmulo. Meu lado está aberto, sangue jorra de mim e não consigo me levantar para sair.

Lágrimas aparecem nos cantos dos meus olhos. Não. Eu não sou mais aquela garota de dezesseis anos. Eu disse adeus ao meu pesadelo. Eu chorei por ele.

Devagar, devagar demais, meus olhos se abrem. As paredes estão girando e estou prestes a cair.

Apenas... eu não caio.

Estou amarrada a uma cadeira por cordas grossas em volta do meu torso e outras cordas esticam meus braços atrás das costas.

Piscando duas vezes, começo a registrar meu entorno. O balcão, o piso branco limpo, a mesa no meio.

A cozinha. Eu estou na cozinha em casa.

Meus olhos se arregalam quando vejo o homem atrás de uma câmera que está sentado em um tripé. O homem que tem uma máscara pendurada no pescoço. As marcas de arranhões que deixei antes correm diagonalmente em seu rosto.

O homem que me esfaqueou onze anos atrás e me atacou algumas semanas

atrás.

Tom.

A razão pela qual não peguei na tatuagem do dragão é porque ele tem cabelo agora. Ele era careca naquela época, onze anos atrás, quero dizer.

Apesar do gosto de ácido e medo no fundo da minha garganta, eu mantenho minha posição. Não tenho dúvidas de que ele planeja me machucar, e essa câmera provavelmente é uma forma de registrar isso.

Merda.

Porra.

Durante minha estada aqui, achei que ele ficou em silêncio porque isso faz parte de sua personalidade. Ele realmente cresceu em mim por sua natureza gentil, mas eu não tinha ideia de que ele estava planejando minha morte.

Mas não foi ele quem me drogou antes... certo? Eu o arranhei e estava correndo... então de alguma forma fui perfurada por uma agulha e caí de volta em seus braços.

Alguém mais estava lá.

—A princesa finalmente acordou.

Eu pulo com a voz vindo da minha direita. Meus olhos quase saltam das órbitas quando ela se junta a Tom.

—M-Margot?

—Sim senhorita? — Seu tom é neutro, seus olhos verdes são frios.

—M-Mas como? Por quê? — Eu fico olhando entre ela e Tom. —Foi ele quem me atacou.

—Com a minha ajuda. — Seu sotaque irlandês se torna mais proeminente. —

Quanto ao motivo, talvez você devesse ter perguntado a seu pai durante a visita de hoje.

—V-Você é um membro da família da vítima? — É difícil falar, e não é por causa de quem está parado na minha frente. Minha língua está pesada e meus membros também, provavelmente devido às drogas.

—A primeira, — diz Margot. —Aquela que é esquecível, porque ela não foi sufocada e enterrada em uma cova. Minha irmã, Megan, foi a primeira vítima do assassino da fita adesiva, mas isso aconteceu há mais de vinte anos. Ela foi sequestrada, mas como tinha problemas com drogas, a polícia a classificou como fugitiva. Seu pai fez a morte dela parecer uma overdose e a jogou sob uma ponte imunda. Ele nunca admitiu aquele assassinato, e quando Shelby, o namorado da minha irmã na época, foi para a prisão alguns anos atrás, ele perguntou se havia alguma mulher que ele nunca tinha mencionado. Maxim disse que nunca falou sobre os que aconteceram antes de sua musa aparecer. Aquelas eram esquecíveis, mera prática, como ele as chamava. Os que aconteceram depois que ele conheceu Bridget e Alicia foram suas verdadeiras obras-primas. Ele nem se lembrava do nome dela. Minha irmã e única família não eram ninguém para ele. Ele a chamou de *prática*!

A voz de Margot aumenta no final, antes que ela solte um suspiro e o suavize.

—Então, Tom e eu decidimos fazer ele pagar da melhor maneira que conhecíamos. Tom é meu sobrinho e eu o criei depois que Megan morreu, quando ele tinha apenas dez anos. Já havíamos rastreado Maxim antes de você entregar ele. Aprendemos seus padrões e sua obsessão por suas lindas musas. Bridget já havia se matado na época, então prestamos atenção especial a você e a Alicia. Íamos fazer ele sofrer e matar ele não teria bastado. Ele tinha que perder as duas pessoas mais preciosas para ele.

Eu suspiro quando as peças do quebra-cabeça se encaixam. —V-Você... foi você quem envenenou Alicia?

—A mente dela era frágil de qualquer maneira. Foi moleza deslizar algo para ela aqui e outra ali. Em um momento, todos, Jonathan e Aiden incluídos, acreditaram que ela estava perdendo o controle. A cadela até pensou que Jonathan a estava envenenando desde que ela decidiu ser esperta e testar o chá que ele trouxe para ela. Ela nunca suspeitou de mim ou de como eu a fazia pensar que estava perdendo a noção de tudo. Suas alucinações foram causadas principalmente por tramas elaboradas que Tom e eu planejamos ao longo dos anos. Gravamos vozes sussurrantes e a fizemos pensar que estava ouvindo coisas. Um livro perdido aqui, um item perdido ali, e ela começou a falar sozinha para manter a sanidade. O que, é claro, só a deixou mais louca. Foi o pagamento dela por ser a musa disposta de Maxim.

Lágrimas de raiva enchem meus olhos ao pensar no que Alicia passou. Deve ser isso que eles fizeram comigo também. Aquelas vozes que ouvi na manhã seguinte que pensei que estava sofrendo de alucinações eram dela e de Tom. Esses monstros fizeram minha irmã acreditar que ela era louca. —Ela fez isso para me proteger.

—Ownn. E o que há de tão especial em você, Clarissa? Além do fato de que você é a fenda final na armadura de Maxim? Eu admito, você não é tão fácil de quebrar quanto Alicia era. Shelby pagou o seu antigo porteiro para fechar os olhos a todos os pacotes que enviamos, mas você ainda não desistiu.

Porra. Shelby. Eu deveria saber que havia algo estranho no velho reservado que morava ao meu lado.

—Por que você não me matou onze anos atrás? — Eu olho para Tom. —Ela tem que responder isso para você, também?

—Você não sofreu o suficiente, — diz ele em uma voz monótona. É provavelmente a primeira vez que o ouço falar, e seu tom é tão baixo quanto seu silêncio.

—Além disso, sem ofensa, mas você não é importante. O papel que você desempenha na vida de Maxim é. — Margot clica na câmera. —Vamos gravar você sendo morta por Tom. Será ao vivo e um insider mostrará a filmagem para Maxim. Quando ele perder sua musa final, será sua ruína e a melhor vingança que Megan poderia ter obtido.

Apesar do peso da minha cabeça e da minha língua, encontro os olhares de ambos. —Lamento que você tenha perdido uma irmã e uma mãe, mas isso não lhe dá o direito de colocar a culpa em mim. Eu também sou uma vítima. Eu o entreguei, embora ele fosse tudo o que eu tinha.

—Cale-se. — Tom me alcança em poucos passos e me dá um tapa com tanta força que giro na cadeira. —Ela era o meu mundo. Ele a levou e eu vou levar você.

—Use a faca, Tom. — Margot aponta para a lâmina cintilante no balcão e ele a pega.

Meu queixo treme e começo a ver o final, mas não abaixo o olhar.

Eu não fiz nada de errado.

Mas quando ele leva a faca à minha garganta, um arrepio desce pela minha espinha. Arrependimentos vêm à tona em minha mente. A maioria deles é sobre como eu realmente não vivi, e agora que estou pronta para isso, será levado embora.

É sobre como eu não posso dizer adeus a Lay, sua família e minha família. Porque, de certa forma, Aiden, Levi, Elsa e Astrid entraram na minha vida e se tornaram minha família.

Mas acima de tudo, pensei, é sobre Jonathan.

Lamento não ter dito as palavras que senti por tanto tempo, mas neguei ou pensei que não era mais digna de sentir.

É necessário fechar os olhos, mas não. Eu vou morrer com meu queixo erguido.

Uma lágrima desliza pela minha bochecha quando percebo que acabou antes mesmo de começar.

Demorou onze anos, mas finalmente acabou.

Justamente quando estou prestes a me render ao meu destino, a porta se abre.

Capítulo Trinta e Dois

Aurora

Jonathan está aqui.

No momento em que meus olhos caem sobre ele, uma vontade repentina de chorar me atinge do nada.

Eu não sabia o quanto eu precisava ver ele em meus momentos finais até agora.

Seu corpo alto quase bloqueia a entrada enquanto ele respira com dificuldade, e assim como quando eu era criança, ele se parece exatamente com um deus. Só que não estou com medo dele agora. Eu estava com medo dele naquela época?

Uma memória esquecida me atinge direto no peito.

Minha pequena mão puxa o vestido de noiva completo de Alicia. Ela sorri para mim, seus olhos escuros quase fechando com o movimento. —Você não tem que se esconder de Jonathan, Claire. Ele é família agora.

—Família?

—Sim.

—Porque você vai se casar com ele?

Ela concorda.

Eu puxo seu vestido um pouco mais, que é nosso sinal secreto para ela descer ao meu nível.

Alicia é tão alta e eu mal consigo alcançar suas coxas. Ela diz que um dia vou crescer e ser alta como ela, mas isso obviamente não está acontecendo.

Ela se agacha e me escuta para que eu possa sussurrar. —Quando eu crescer, posso me casar com ele também?

Ela ri, o som fazendo Jonathan olhar para nós, e eu me escondo atrás de Alicia novamente, minhas bochechas em chamas.

Minha irmã bagunça meu cabelo e sussurra de volta. —Se eu não estiver aqui, você tem minha permissão.

Eu sou empurrado de volta ao presente com lágrimas caindo em meus cílios. Oh Deus. Não acredito que perguntei isso a Alicia. Jonathan está certo em me chamar de selvagem.

Meu olhar o segue enquanto ele se aproxima lentamente da cena, sua atenção fixa na faca que Tom está segurando na minha garganta.

Ele pode ter aparecido, mas é tarde demais. Margot e Tom não se importam com as consequências de suas ações. Isso é o que acontece quando você vive apenas para a vingança. Se torna o seu início e o seu fim. Todo o resto é colateral, suas próprias vidas incluídas.

Eles não se importam se morrerem no final disso.

—Deixe ela ir. — A voz de Jonathan é clara, dura e não deixa espaço para negociação.

Margot está na frente dele. —Isso não tem nada a ver com você, Senhor King. Saia e não vamos te machucar.

Os guardas de Jonathan seguem atrás dele, seus altos e largos quadros preenchendo a entrada. Alguns deles têm armas, mas não farão nenhuma diferença para o meu destino, considerando que a faca de Tom já está cortando minha garganta. Um líquido quente escorre pelo meu pescoço.

O rosto de Jonathan se transforma em granito enquanto seus olhos tempestuosos se fixam em Tom. —Você vai morrer.

—Não antes dela. — A voz de Tom é tão inexpressiva quanto seu rosto. É como se ele tivesse perdido a capacidade de sentir quando era jovem.

—Vá, — eu sussurro em uma voz quase inaudível para Jonathan. —Aiden e Levi precisam de você.

—Cale a boca, Aurora.

—Tive sorte de ter encontrado você de novo ou você me encontrou. V-Você deu um significado diferente para minha vida e me ensinou como me elevar acima de mim mesma, e eu sou muito grata por isso, Jonathan.

—Pare de dizer adeus, — ele se encaixa.

—Tente elogiar os meninos com mais frequência. Eles não demonstram, mas adoram sua aprovação. Tente perdoar Ethan. Eu sei que você precisa da amizade dele tanto quanto ele precisa da sua. Cuide de Layla e diga a ela que a amo e que tenho muita sorte em ter encontrado ela. — Minha voz falha no final, enquanto as lágrimas caem sem controle pelo meu rosto. O sangue encharca a bainha da minha jaqueta e tento ignorar como estou tremendo. Como pequenos choques de medo envolvem meu coração como fios espinhosos.

Não importa o quão corajosas minhas palavras sejam, eu não quero morrer.

Lutei contra a morte por onze malditos anos. Por que ela consegue vencer agora, quando estou tão perto de vencer ela?

Jonathan se aproxima de mim, sua mandíbula apertando sob a barba por fazer. Tom aperta o punho da faca e Jonathan para no lugar, seus lábios se estreitando em uma linha.

—Você não vai morrer, — diz ele com tanta convicção que quase acredito nele.

Quase penso que vou sair desta cadeira e serei capaz de segurar ele novamente. Serei capaz de dizer a ele o que não fui capaz durante todo esse

tempo.

—Você vai ver ela morrer. — Margot o encara com seu olhar arrogante. — Assim como Maxim.

—Meus homens estão a caminho de Shelby. — O olhar de Jonathan vai de Margot para Tom. —Se você não remover essa faca agora, não hesitarei em matar seu pai, Tom. Então, o que vai ser?

—Ele está na prisão, — diz Tom. —Ele vai acabar com Maxim depois que Aurora morrer.

—Vou acabar com ele de qualquer maneira. — A postura de Jonathan está calma, apesar da tensão em seus ombros. Eu não sei como ele permanece tão calmo nessas circunstâncias. Estou à beira de um colapso.

—Pequeno preço a pagar. — Margot sorri. —Você acha que a morte nos assusta?

—Então você não me deixa escolha. — Jonathan dá um passo para o lado e uma parte de mim está feliz por ele estar colocando sua vida em primeiro lugar. Sua família e o sustento de muitas pessoas dependem dele.

Eu ignoro o gosto amargo grudando no fundo da minha garganta e tento reunir o fluxo de pensamentos que se espalham pela minha cabeça.

—Jonathan... — murmuro. —Eu am...

Minhas palavras são cortadas quando algo perfura a janela da cozinha. A faca que antes estava presa à minha garganta fica jogada no meu colo e o corpo atrás de mim desaparece. Ouve-se um baque forte e gritos de Margot, o som assombrado ecoando no espaço.

Meus olhos se arregalam quando vejo Tom deitado no chão, seus olhos olhando para mim ou melhor, para lugar nenhum. Um buraco se instala no meio de sua testa.

Margot cai de joelhos diante dele, soluçando e chamando seu nome. Não há resposta. Nenhum movimento.

Puta merda. Acho que vou vomitar.

Uma sombra aparece na janela e eu recuo contra a cadeira, as cordas apertando minha pele. Por alguma razão ilógica, acho que a sombra de Tom voltou como um fantasma e que ele vai terminar o que começou. As explosões contínuas de adrenalina parecem estar extraindo energia da minha essência de vida.

A sombra lentamente se torna visível. Ele está vestindo calças elegantes e uma camisa azul escura que combina com a cor hipnótica de seus olhos. O resto de seu rosto está coberto por uma máscara. Ele acena para Jonathan, que acena de volta. O homem mascarado pisca para mim, linhas de riso aparecem sob seus olhos enquanto ele encara o cadáver de Tom, e com isso, ele desaparece.

Ele acabou de matar Tom e sorrir sobre isso?

Ainda estou focada na janela quando mãos fortes cortam as cordas com a faca. Meu coração bate forte e voa para a vida quando Jonathan se ajoelha na minha frente, seu olhar duro e focado.

Ele corre os dedos sobre a ferida no meu pescoço e eles saem com sangue. —Porra!

—Estou bem.

—Eu não estou. Porra, Aurora. O que eu teria feito se algo tivesse acontecido com você?

No momento em que estou livre de minhas amarras, envolvo meus braços trêmulos em volta do pescoço dele. Minha primeira inalação de seu perfume amadeirado traz novas lágrimas à tona, mas desta vez, são lágrimas de felicidade. Lágrimas de gratidão. —Obrigada.

Jonathan beija minha testa e minhas bochechas, então roça seus lábios contra os meus em um beijo breve e de partir a alma. Com cada toque de sua boca na minha pele, é como se ele estivesse me revivendo para a vida que quase foi roubada de mim.

Ele me carrega em seus braços, e eu não protesto, já que minhas pernas não seriam capazes de me segurar de qualquer maneira. Eu aconchego meu corpo em seu abraço tão facilmente, como se eu fosse sempre destinada a estar lá.

E eu era.

Não tenho dúvidas de que sempre fui.

A segurança de Jonathan arranca Margot de cima do cadáver de Tom. Eu não quero olhar para ele ou o olhar vazio em seus olhos.

—T-Tom! — Margot soluça. —Volte, querido. Você não pode sair.

Ainda me carregando em seus braços, Jonathan para na frente dela e a nivela com um de seus olhares indutores de ira. O olhar de um Deus prestes a destruir tudo em seu caminho. —Você o criou com uma vingança inútil e acabou matando ele, Margot. Você vai apodrecer na prisão pelo resto da vida pensando nisso. Você vai se arrepender no segundo em que nasceu. Agora, essa é minha vingança.

Ele não espera pela resposta dela enquanto sai da cozinha, seus soluços e lamentos de dor nos seguindo como flechas.

Meus olhos mal conseguem ficar abertos e minha cabeça parece errada. O que eles injetaram em mim, afinal?

Achei que o peso na minha cabeça iria afrouxar depois de ser liberada das cordas, mas está piorando.

—J-Jonathan... eu... n-não me sinto tão bem...

—Aurora.

Sua voz fica vazia e distante.

—Aurora!

Meu aperto em sua camisa diminui enquanto minha cabeça rola para trás e tudo fica preto.

Capítulo Trinta e Três

Aurora

A vida nunca mais foi a mesma depois daquela noite.

Eu acho que é um dado adquirido, considerando como o 'homem' de Jonathan atirou em Tom como se ele fosse uma mosca. Quando perguntei a Jonathan quem era o atirador, ele disse que não era ninguém com quem eu precisava me preocupar. Algo me diz que seu tipo pode ser ainda pior do que o monstro com quem passei minha infância.

Levei alguns dias para recuperar as forças com a quantidade de propofol que Margot e Tom injetaram em mim.

Jonathan, sendo Jonathan, me internou em uma clínica particular. Quando eu disse a ele que não havia necessidade, ele me lançou aquele olhar, aquele que diz 'você não pode discutir comigo quando se trata de sua saúde,' e eu eventualmente mantive minha boca fechada.

Layla veio, me trouxe o cuscuz de sua mãe e me abraçou até a morte. Eu brinquei, dizendo a ela que talvez eu devesse me machucar mais vezes para que ela me abraçasse. Isso me rendeu olhares duros tanto dela quanto de Jonathan.

Ethan e Agnus apareceram também e, pela primeira vez, Jonathan não expulsou Ethan. Pode ter algo a ver com como eu implorei a ele que não o fizesse, mas acredito que este seja um começo para reacender a amizade deles. Eu falei sério quando disse a Ethan que ajudaria.

Aiden, Levi, Elsa e Astrid visitaram também. Os meninos ficaram chocados com o envolvimento de Margot, considerando que eles a conheciam desde sempre, mas depois de uma conversa individual com Jonathan, eles pareciam ter

aceitado.

Meu sobrinho a contragosto disse que está feliz por eu estar segura, e a contragosto, quero dizer, todo mundo disse isso primeiro, depois olhou para ele para que ele o seguisse.

Aiden e eu podemos ter começado com o pé errado, mas tenho fé no futuro. Afinal, somos as pessoas que Alicia mais amava. Cortei o clipe de seus últimos momentos e enviei a ele a parte em que ela disse que o amava muito.

Os olhos de Elsa se encheram de lágrimas enquanto ele ouvia e ouvia novamente aquela parte. Acho que tanto ele quanto eu precisávamos daquele adeus de Alicia. Jonathan sabia qual era a opinião de minha irmã sobre ele antes de sua morte, a parte em que ela pensava que ele a estava envenenando, e que ela o perdoou. Eu poderia dizer que ele não gostou que ela tivesse esses pensamentos sobre ele, mas por outro lado, o encerramento deu a ele e Aiden um recomeço muito necessário.

Eles estão revisitando o relacionamento entre pai e filho que era basicamente inexistente após a morte de Alicia.

As pequenas partes cortadas são a única coisa que Jonathan e Aiden ouviram eu nunca os deixaria ouvir o clipe inteiro de sua morte. Vou enterrar essa experiência dolorosa entre mim e Maxim.

Meu pai foi atacado naquela noite por Shelby. Ele foi salvo no último minuto por um guarda e está atualmente em um coma do qual pode nunca acordar.

Quando soube da notícia, não fiquei aflita ou triste. Eu também não senti alívio. Eu já estava de luto por meu pai, então se ele continua vivo ou morre não faz muita diferença para mim.

É irônico que ele torturasse pessoas até que morressem lentamente e agora, ele pode receber o mesmo tratamento. Ele não está morto nem vivo, apenas

flutuando no meio.

Devido a esse fato, o caso de liberdade condicional foi arquivado e eu não tive que ir a julgamento. A atenção da mídia diminuiu lentamente após o ataque de Maxim. As famílias das vítimas que estavam sedentas de justiça todos esses anos pararam de protestar também.

Estou lenta mas seguramente voltando à minha vida. Layla e eu finalmente lançaremos nosso novo produto no próximo mês e, até agora, estamos recebendo grande atenção de pré-lançamento. Também pode ter algo a ver com toda a interferência da imprensa.

Layla diz que qualquer publicidade é boa publicidade e é justo usarmos os idiotas que nos assediaram.

Respirando fundo, seguro a caixa na mão e bato na porta do escritório de Jonathan. Eu não espero antes de entrar.

Desde a morte de Tom e a prisão de Margot, três semanas atrás, nós dois estamos sozinhos na casa. Harris organiza a vinda de uma equipe de limpeza, mas eles são supervisionados pela equipe de segurança. Desnecessário dizer que Jonathan não confia mais em ninguém. Não que ele já tenha feito isso no passado.

Ele se senta atrás de sua mesa, se concentrando em seu laptop. Eu paro e fico olhando para a forma como sua camisa está enrolada até os cotovelos, revelando seus antebraços fortes. Ele não está usando gravata e os botões de sua camisa estão abertos, sugerindo seu peito esculpido e a masculinidade crua que ele exala apenas por sentar em sua mesa.

Duvido que haja um dia em que não pare e olhe para ele. Ele me possui em todos os sentidos, assim como eu o possuo. E é o melhor tipo de pertencimento que já senti.

Jonathan e eu podemos não ter começado como um conto de fadas, considerando seu comportamento tirano, mas eu não teria desejado um começo diferente. Se ele não tivesse me encurralado da maneira que fez, se ele não tivesse me perseguido depois que eu corri, não estaríamos onde estamos hoje.

Durante as últimas semanas, ele tem me tratado como sua rainha, me dando banho, me alimentando e até mesmo me levando para o trabalho porque ele não confia em nenhum outro 'filho da puta.' À noite e pelas manhãs, ele possui meu corpo em todos os sentidos da palavra. Ele me domina e me agrada. Ele incendeia minha pele com cada toque até que eu me transforme em uma viciada completa.

Ele levanta a cabeça quando dou a volta na mesa e fico na frente dele. Ele olha para o relógio. —Você está aqui.

—Isso é um problema?

—Você deveria voltar em uma hora e eu ia pegar você.

—Eu posso dirigir sozinha.

—Não.

—Pare de ser um tirano.

Ele levanta uma sobrancelha. —Você gosta disso em mim.

—Não, eu não. — Certo, talvez eu goste, mas ele nunca vai saber disso. — Me dê sua mão.

Ele não protesta quando eu removo seu relógio, abro a caixa e recupero o cinza escuro em que venho trabalhando há meses. Provavelmente tive a ideia desde o primeiro dia em que entrei nesta casa.

Seu design e tamanho masculinos se ajustam perfeitamente ao pulso de Jonathan enquanto eu o prendo no lugar. Olho com admiração para o meu

trabalho, mas então percebo que não pedi sua opinião.

—É único, então é melhor você gostar. Ou finja, — eu deixo escapar. —Não, não finja. Você *tem* que gostar.

Ele sorri, suas feições suavizando com o movimento. —Você vai produzir em massa para outros?

—Não, é feito especificamente para você. Quer dizer, só pensei em você quando estava trabalhando nisso.

—Então eu não vou removê-lo para o resto da vida.

Eu mordo meu lábio inferior. —Isso significa que você gosta?

—Gosto de tudo que você faz, mas como isso é especificamente para mim, digamos que é o seu melhor trabalho até agora.

Eu envolvo meus braços em volta do seu pescoço, os dedos se perdendo em seus cabelos enquanto dou um beijo em sua testa.

—Eu também tenho um presente para você.

Eu recuo em suas palavras. —Que tipo de presente?

—Eu transferi totalmente as ações da H&H de volta para você e Layla.

Um sorriso enorme aparece em meus lábios. —Você fez?

Ele concorda.

A alegria avassaladora é esmagada por uma compreensão condenatória. Meu sorriso cai tão rápido quanto apareceu.

Nosso acordo dizia que ele só transferiria as ações de volta no final do período de seis meses.

Esses seis meses estão quase acabando.

Não tenho ideia de por que pensei que isso não importava mais. Eu juro que é porque aquela idiota da Layla está aumentando minhas esperanças. Duas semanas atrás, quando voltei ao meu apartamento para pegar algumas coisas minhas, descobrimos que Jonathan agora é o dono do prédio. Na verdade, ele comprou a coisa logo após o início do nosso acordo.

O fato de ele ter conseguido entrar valsando no meu apartamento naquele dia em que desmaiei fazia mais sentido. Então Layla me disse que se ele comprou a porra do prédio em que moro, Jonathan tem planos de longo prazo para mim.

Aparentemente, não é o caso.

—E agora? — Meus lábios tremem quando eu largo minhas mãos em volta de seu pescoço. —Esta é a minha passagem para sair?

—Sua passagem?

—Bem, você não está me devolvendo o negócio, então eu vou?

—É isso que você acha?

—Não foi por isso que você fez isso? — Minha voz está quebrada e magoada, até mesmo para meus próprios ouvidos.

Ele me agarra pela cintura e me puxa para que eu acabe sentando em suas coxas duras. A posição se tornou muito familiar. A ideia de nunca ter isso de novo é mais doloroso do que ser esfaqueada.

Os dedos de Jonathan cavam em meu quadril, tenros, mas firmes. —É o contrário.

—O contrário?

—Devolvi as ações para que você não ficasse só porque estou segurando isso sobre sua cabeça.

Uma respiração profunda sai dos meus pulmões enquanto seus olhos

cinzentos me prendem como refém. —Isso significa que você está me dando a oportunidade de escolher se vou embora ou fico?

Ele dá um aceno rápido. —Mas se você decidir ir embora, posso não jogar limpo.

—Quando você já fez isso?

—Você já conhece meus métodos, então escolha sabiamente. Vou te dar algum tempo para pensar sobre isso.

—Eu não preciso de tempo.

Ele estreita os olhos, os dedos apertando meu quadril. —Se você está com vontade de ser perseguida, terei todo o gosto em te ajudar.

Eu me inclino e sussurro em seu ouvido. —Eu não vou a lugar nenhum.

—Não?

—Eu meio que me acostumei com você. Seria estranho conseguir um colega de quarto diferente.

—É assim mesmo?

—Acho que sim. Amo você, Jonathan.

Ele sorri, um sorriso genuíno que ilumina seus olhos cinzentos e ameaça parar meu coração. —Você faz, não é?

—Eu faço. Eu pensei que era incapaz de amar depois de perder papai e Alicia, mas você arrancou isso de mim com tanta facilidade. No começo foi assustador, mas logo se tornou emocionante. Estou tão feliz por ter conhecido você, ou melhor, reencontrado você.

Sua mão envolve minha garganta e minha respiração engata como cada vez que ele faz isso. —E eu estou feliz por ter mantido você, selvagem. Você virou meu mundo de cabeça para baixo e eu aproveito cada segundo disso. Eu não só

te amo, estou obcecado por tudo sobre você e vou passar o resto da minha vida provando o quanto a sua presença significa para mim.

—Jonathan... — Minha voz se quebra com adoração e paixão absoluta por este homem. Meu tirano. Meu amor. Minha vida.

—Você vai ficar. É final.

—Vou ficar. Afinal, tenho a permissão de Alicia.

—Alicia?

Eu levanto meu queixo. —É um segredo entre mim e minha irmã.

—Fascinante. — Ele balança a cabeça. —Eu sabia que você era selvagem desde os cinco anos.

—Desde que eu tinha cinco anos? Eu te conheci quando tinha sete anos.

—Mmm. Talvez.

—Jonathan. O que você quer dizer?

Um brilho sádico cobre seus olhos. —Um segredo.

—Você é horrível.

—Você ainda me ama.

—Eu faço.

—Diz.

—Eu te amo, Jonathan. — Eu suspiro. —Eu te amo muito.

Ainda me agarrando pelo pescoço, seus lábios encontram os meus em um beijo que sela meu destino.

Epílogo Um

Aurora

Seis meses depois

Você sabe quando pensa que tem tudo e tem uma sensação incômoda no fundo da sua cabeça de que talvez algo de errado aconteça e leve embora tudo de bom?

Nunca parei de pensar nessa possibilidade desde o ataque. Nem mesmo depois que papai entrou em coma, levando com ele a maior parte das lembranças de minha infância.

Mas, de outra forma, aprendi a seguir em frente.

Meus pesadelos começaram a desaparecer lentamente, e tudo graças ao homem que dorme ao meu lado todas as noites.

Jonathan me segura perto dele ou acima dele, e no momento que me perco em seu calor, o mundo deixa de existir, pesadelos incluídos.

Saímos para longas caminhadas e eu voltei a fazer caminhadas. Adoro a emoção de escalar e saber que chegarei ao topo no final da jornada. O fato de Jonathan estar presente a cada passo do caminho me dá uma sensação de poder que eu não teria encontrado de outra maneira.

É por isso que estou aqui hoje. Um ano atrás, se alguém tivesse me dito que eu estaria usando um enorme vestido branco e caminhando em direção ao homem que uma vez pensei ser um deus, eu teria interpretado isso como outra alucinação.

Agora, está longe disso.

Todos os olhos se voltam para mim conforme a música muda. Estamos na ilha particular de Jonathan para nosso casamento. A ilha que ele chamou de Aurora logo depois que ele me disse que eu ficaria com ele e ponto final.

Ele pode ser tão despreocupado, apesar de sua natureza tirana.

Para ele, a proposta era simples. Ele deslizou o anel no meu dedo e disse. — Você concordou em ficar, o que achou que seria?

Não que eu tivesse dito não. Desde o início, Jonathan nunca foi um caso. Ele era um lindo desastre esperando para acontecer e eu simplesmente caí nele. Então eu mudei ele tanto quanto ele me mudou.

Eu coloquei minha marca nele tão profundamente quanto ele colocou sua marca em mim.

Ethan me leva até o altar, conforme minha sugestão. Ele e Jonathan estão aos poucos reconstruindo seu relacionamento, então, se meu tirano vir que considero Ethan uma figura paterna, um amigo, ele baixará a guarda. Não será fácil, mas vale a pena tentar.

Todos que amo e me importo foram trazidos aqui pelo jato particular de Jonathan. Layla está sentada entre seus pais e irmãos, com lágrimas nos olhos. Aiden e Elsa estão entrelaçando os dedos enquanto estão sentados na primeira fila.

Jonathan e eu os levamos para o túmulo de Alicia assim que ficamos noivos para obter sua permissão, de certa forma. Aiden disse que Alicia não teria objeções, então ele também não.

Levi e Astrid estão ao lado deles, sorrindo, e Levi fica piscando para mim. Ele pode ser tão encantador, o que é uma coisa King, eu acho.

Harris, Moses, Agnus e Jessica estão todos aqui. Existem também alguns dos associados mais próximos de Jonathan, como o duque, Tristan Rhodes, o conde,

Edric Astor e o primeiro-ministro, Sebastian Queens.

Eu não me concentro muito nos convidados, no entanto. Minha atenção é roubada pelo homem parado no final do corredor. Ele está vestindo um smoking preto elegante que combina com a cor de seu cabelo estilizado e reflete o calor em seus olhos cinzentos. Ele está me observando com tanto amor, obsessão e adoração que faz meus dedos do pé se curvarem.

É como se o mundo tivesse desaparecido e fôssemos as únicas pessoas que ficaram nele. Jonathan sempre tem esse efeito em mim. Mas desta vez é diferente, quase como se nossas vidas fossem se tornar uma.

No momento em que paro na frente dele, ele encara Ethan, que sorri ao colocar minha mão na de Jonathan. —Cuide dela ou você vai ter que lidar comigo.

Eu posso dizer que Jonathan quer cortá-lo, mas ele deixa ir quando meus dedos estão entrelaçados com os dele. O enorme anel de noivado brilha sob o sol da tarde.

Dizemos 'sim' no meio de nossa família e amigos, e eu sinto que tomei a melhor decisão da minha vida ao escolher este homem.

Meu amor.

Meu tirano.

Meu tudo.

Ele levanta o véu, os olhos escurecendo com o calor. —Você é oficialmente minha agora, Senhora King.

—E você é meu, Senhor King.

Epilogo Dois

Jonathan

Três anos depois

—O que você disse sobre resistência, selvagem? — Pego Aurora pelo pescoço enquanto ela segura minha mão. —Que tal um refazer?

—Eu retiro o que disse, — Aurora arfa, puxando para rastejar no meu colo.

Seus lábios se abrem enquanto eu a deixo se aninhar em mim enquanto nos sentamos na areia quente. Nós dois ficamos nus depois que eu a peguei de quatro, então com suas pernas sobre meus ombros e minha mão em volta de sua garganta até que ela me implorou para parar.

Isso lhe rendeu mais algumas palmadas antes de gozar pela terceira vez.

Suas longas pernas se enroscam no meu colo enquanto beija ao longo da linha da clavícula, avançando para roçar os lábios no meu queixo.

Ela agora tem o hábito de me beijar em qualquer lugar possível. Não tenho ideia de por que ela o desenvolveu, mas não estou reclamando.

—Você tem que sempre provar que estou errada? — Ela sussurra contra a minha pele, sua voz ofegante e o cheiro de sexo persistente no ar.

Eu amo marcar ela como minha e ter seu cheiro como em mim. Este será seu perfume até o fim de nossas vidas.

— Se você me chamar de velho de novo, fico tentado a retaliar, e sim, Senhora King, provar que você está errada é um prazer.

—Aiden e Levi também chamam você de velho.

—Pelas minhas costas porque eles são covardes. — Eu levanto seu queixo. —Além disso, não preciso provar nada para eles.

—E você tem para mim?

—Absolutamente porra. O tempo todo.

Uma pequena risada sai de seus lábios enquanto o azul de seus olhos se torna mil megawatts. — Você nunca irá mudar.

—Isso é bom ou ruim?

—Ambos. — Ela suspira, escondendo a cabeça na curva do meu pescoço. — Eu amo isso aqui.

É nosso tempo de inatividade depois de trabalhar por longos meses, e sempre viemos para a ilha para uma desintoxicação. Eu tive que expulsar Aiden porque ele estava planejando trazer Elsa aqui.

Aurora disse que poderíamos ter férias em família, mas dificilmente os tolero durante os jantares semanais. Não gosto de compartilhar Aurora com eles, e desde que Aiden e Levi descobriram isso, eles se tornaram idiotas sobre isso de propósito.

Ethan também faz isso, e ainda estou planejando secretamente seu assassinato. Não importa que tenhamos ressuscitado nossa estranha amizade transformada em rivalidade.

Eu não gosto de ninguém nas proximidades de Aurora. Ponto final. Até Layla brinca com fogo quando rouba seu tempo de mim.

Esperei tanto por essa mulher e agora que a encontrei, não posso deixar ela ir.

Agora não.

Nunca.

Desde que Aiden se formou na universidade, ele tem se envolvido cada vez

mais na empresa. Harris gosta do nível de desafio que ele traz para sua carga de trabalho, e eles se dão mais bem agora do que quando Aiden costumava considerar ele meu lacaio.

Eu afrouxei um pouco meu aperto em favor de Aiden. Ele ainda tem um longo caminho a percorrer, mas ele é como eu quando eu era mais jovem, e não tenho dúvidas de que a King Enterprises prosperará sob seu governo.

Além disso, preciso de mais tempo livre para ficar com minha esposa. Quer sejam escapadelas como esta ou as caminhadas que ela voltou a fazer ou mesmo jantares no restaurante Hussaini.

Aurora corre seus dedos sobre meu peito, liberando um suspiro suave que se arrasta direto sob minha pele e naquele lugar que ela esculpiu para si mesma em meu coração. —Devíamos ter deixado Aiden e Elsa se juntarem a nós.

—E eles arruinaram nosso tempo? Não.

—Eles não teriam arruinado nosso tempo. Além disso, sinto falta de Eli.

Aurora é tão obcecada pelo filho de Aiden, e ele usa seu amor por seu filho a seu favor, jogando ele em nossa direção sempre que quer um tempo a sós com sua esposa. Sempre que ele decide trazer Elsa para cá, ele liga para mim ou para Aurora e diz. —Ei, que tal a hora do neto?

Não que eu me importe. Ser avô trouxe um novo significado para minha vida e, embora Aurora não possa ter filhos e não terá, de acordo com sua decisão, ela está contente em criar os de Aiden e Levi.

Na noite em que Eli nasceu, Aurora me levou a um armário no hospital e me disse que o fato de eu ter me tornado avô era 'excitante,' se atrapalhou com meu cinto e não parou até que eu estava dentro dela. Tive que colocar a mão em sua boca para abafar seus gritos.

—Podemos trazer Eli, mas não seus pais.

Ela ri. —Eu tenho o presente perfeito para ele.

—E quanto a mim?

—Você está com ciúmes de uma criança, Jonathan?

—Eu não gosto de ficar de fora.

—Você é meu mundo. — Ela dá um beijo na minha boca. —Como você pode ficar de fora disso?

—E você é o meu.

Eu a pego e ela grita, se segurando em mim com toda a força enquanto eu a carrego para o oceano.

É hora de provar minhas palavras.

Fim

Sobre a Autora

Rina Kent é autora de best-seller internacional de tudo que é romance de inimigo para amantes.

A escuridão é seu playground, o suspense é seu melhor amigo e as reviravoltas são o alimento de seu cérebro. No entanto, ela gosta de pensar que tem um coração romântico de alguma forma, então não mate suas esperanças ainda.

Seus heróis são anti-heróis e vilões porque ela sempre foi a esquisita que se apaixonou por caras por quem ninguém torce. Seus livros são polvilhados com um toque de mistério, uma dose saudável de angústia, uma pitada de violência e muita paixão intensa.

Rina passa seus dias privados em uma cidade tranquila no Norte da África, sonhando acordada com a próxima ideia do enredo ou rindo como um gênio do mal quando essas ideias se juntam.